

Os Nossos Almirantes

Pelo Contra-Almirante

Henrique Botelho

Socio correspondente dos Institutos Historicos e Geographicos do Ceará,
de Sergipe, da Bahia, de S. Paulo, de Paraná, de Santa Catharina,
do Instituto Archeologico de Pernambuco.

Reviver factos de passado glorioso para que se não gastem
e fiquem esquecidos nos embates e estreptos da vida quotidiana
é cuidar da segurança do futuro. Esta missão compete não só
aos mestres de escola, como aos officiaes: uns têm o im-
prescindivel dever de preparar a educação moral do povo, os
outros a da força armada da Nação.

H. B.

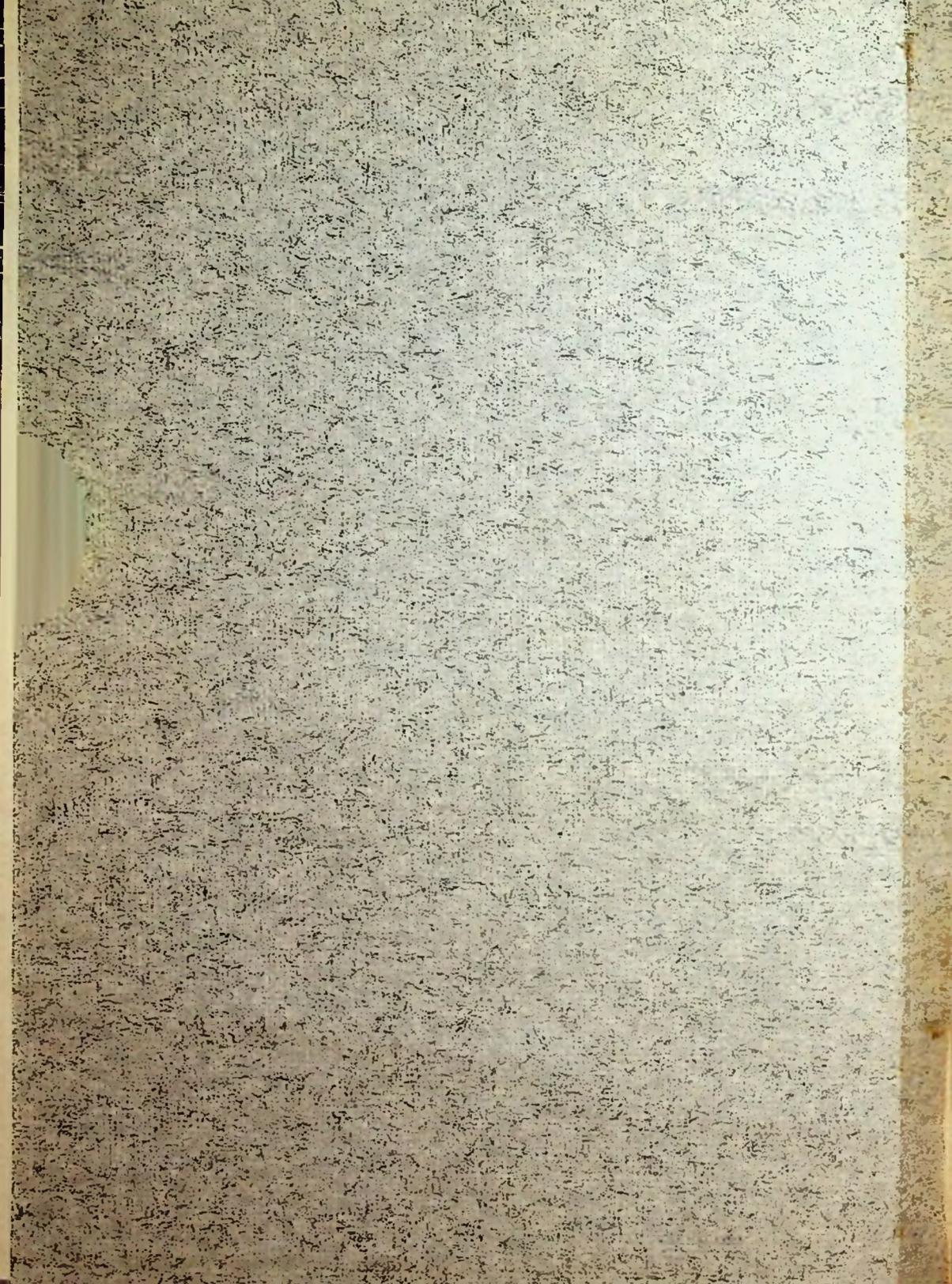
Os governos que se descuidam de preparar os meios de de-
fesa e de repressão ao nivel dos perigos exteriores e interiores
que os possam ameaçar, perdem: Uma nação que perde suas vir-
tudes militares, fica á mercê dos seus inimigos.

Stutzkullberger, publ. francez

TERCEIRO VOLUME



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NAVAL
1930



Os Nossos Almirantes

Pelo Contra-Almirante

Henrique Boiteux

Socio correspondente dos Institutos Historicos e Geographicos do Ceará,
de Sergipe, da Bahia, de S. Paulo, do Paraná, de Santa Catharina,
do Instituto Archeologico de Pernambuco.

Reviver factos de passado glorioso para que se não gastem
e fiquem esquecidos nos ambientes e estrepitos da vida quotidiana
é cuidar da segurança do futuro. Esta missão compete não só-
mente aos mestres de escola, como aos officiaes: uns têm o im-
prescindivel dever de preparar a educação moral do povo, os
outros a da força armada da Nação.

H. B.

Os governos que se descuidam de preparar os meios de de-
fesa e de repressão ao nível dos perigos exteriores e interiores
que os possam ameaçar, pereçam. Uma nação que perde suas vir-
tudes militares, fica à mercê dos seus inimigos.

Shutzemberger, publ. francez

TERCEIRO VOLUME



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NAVAL
1920

7102

905.591

8695w

v. 2

INDICE

PUBLICAÇÕES DO MESMO AUTOR

Annita Garibaldi (A heroína brasileira).
Descrição e uso de um Escaphandro Photographico.
Instruções nauticas para a entrada da bahia de Guaratuba.
Madeiras de construcção do E. de Santa Catharina.
Descrição e uso de uma Regoa Cryptographica.
Quadros muraes contendo as ephemerides navaes (24 quadros).
Santa Catharina na Marinha.

27 fasciculos contendo as biographias.

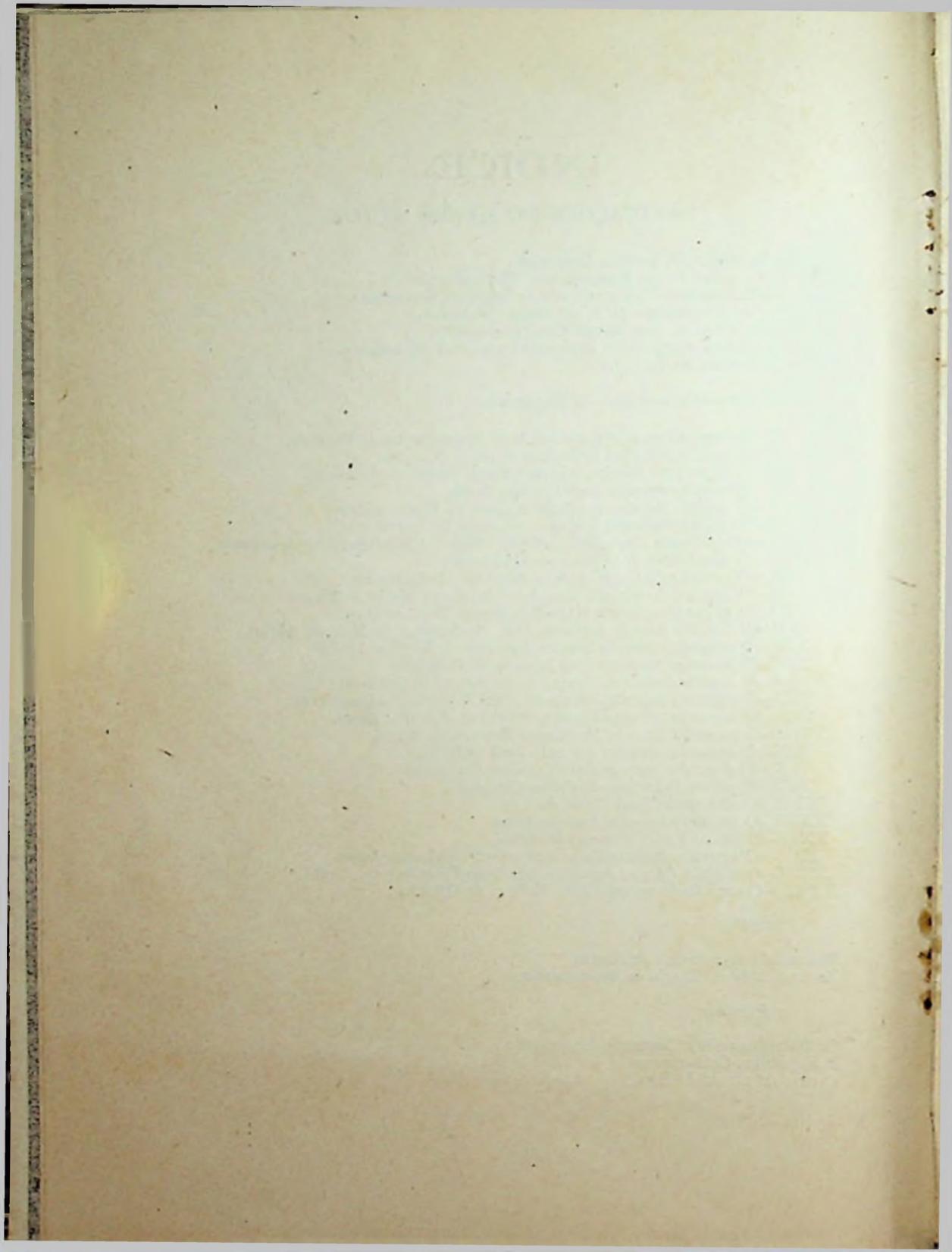
- I—O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes.
- II—O capitão-tenente Francisco Pereira Machado.
- III—O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna).
- IV—O capitão-tenente José Lamego Costa.
- V—O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes.
- VI—O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho.
- VII—O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy).
- VIII—O almirante José Marques Guimarães.
- IX—O primeiro tenente Alvaro Augusto de Carvalho.
- X—O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim.
- XI—O primeiro tenente Miguel de Souza Mello e Alvim.
- XII—O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim.
- XIII—O primeiro tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim.
- XIV—O primeiro tenente José Ignacio da Silveira.
- XV—O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt.
- XVI—O segundo tenente honorario José Francisco Alves Serpa.
- XVII—O segundo tenente Damaso Pinto de Araujo Corrêa.
- XVIII—O segundo tenente Domingos Moreira da Silva.
- XIX—O segundo tenente Antonio José da Silva.
- XX—O segundo tenente João da Silva Fernandes.
- XXI—O piloto Francisco de Salles Cardoso.
- XXII—O almirante José Pinto da Luz.
- XXIII—O segundo tenente José de Jesus.
- XXIV—O piloto José Poluxeno da Silva.
- XXV—O segundo tenente Luiz Antonio de Andrade Costa.
- XXVI—O capitão de mar e guerra Quintino Francisco da Costa.
- XXVII—O capitão de corveta João Velloso de Oliveira:

Inéditos

Manual do marinheiro artilheiro.
Evoluções de artilharia de desembarque

a Publicar

Os Barrigas verdes. (Memoria historica)
A Republica Catharinense
Causas do atraso do Brasil



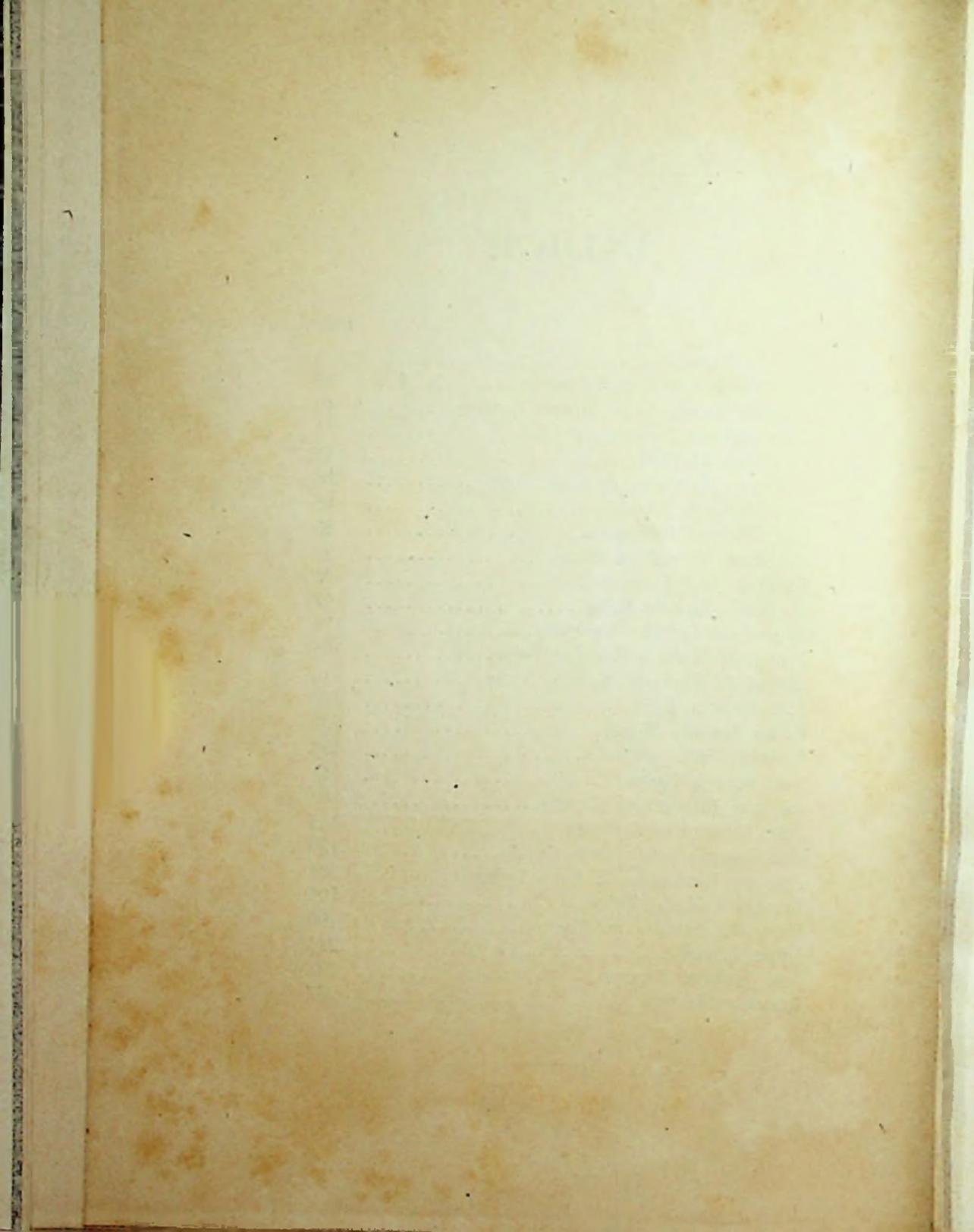
Os Nossos Almirantes

Biographias publicadas:

- 1.º VOLUME — Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Rodrigo Antonio de Moraes de Lamare. Lord Cochrane (Marquez do Maranhão). Rodrigo José Ferreira Lobo. Luiz da Cunha Moreira (Visconde de Cabo Frio). Theodoro Alexandre de Beaurepaire. João Pascoe Grenfell.
- 2.º VOLUME — Rodrigo Pinto Guêdes (Barão do Rio da Prata). Miguel José de Oliveira Pinto. Manoel Antonio Farinha (Conde de Souzel). Diogo Jorge de Brito. Braz Cardoso Barreto Pimentel. José Maria de Almeida. Paulo José da Silva Gama (Barão de Bagé). Francisco Antonio da Silva Pacheco. Tristão Pinto dos Santos. David Jewett. João Taylor. Jacintho Roque de Senna Pereira.
-

INDICE

	Pags.
James Norton.....	1
João Antonio de Oliveira Bottas.....	29
Joaquim Raimundo de Moraes Lamare.....	49
João Baptista Lourenço e Silva.....	51
Frederico Mariath.....	55
Francisco Rodrigues de Lima Pinto.....	83
José Maria de Almeida.....	85
José Thomaz Rodrigues.....	89
Desiderio Manoel da Costa.....	93
Joaquim José Pires.....	95
Fernando José de Mello.....	97
Manoel de Siqueira Campello.....	101
Francisco de Assis Cabral e Teive.....	105
Miguel de Souza de Mello e Alvim.....	113
José Ignacio Maia.....	129
Pedro Antonio Nunes.....	133
Faustino José Schültz.....	153
José Pereira Pinto.....	157
Antonio Joaquim do Coutto.....	167
João Bernardino Gonzaga.....	173
Felis Joaquim dos Santos Cassão.....	179
Augusto Wenceslão da Silva Lisboa.....	183
Francisco Maria Telles.....	195
Francisco Bibiano de Castro.....	199
Jorge Broom.....	211
José Joaquim Raposo.....	227
Joaquim Martins.....	237





James Norton
Chefe de Divisão

James Norton

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Newark-upon-Trent Nottingham, Inglaterra, a 9 de Junho de 1789. Filho de Richard Norton, Sq., pertencente ao ramo collateral da familia de Lord Grantley (Brinsley Norton) e D. Elisa Norton, Falleceu a 29 de Agosto de 1835.

Havia a familia real portugueza regressado para a capital do reino na Europa, desafogada agora da quasi totalidade dos fidalgos, desembargadores, mosenhores, conegos, officiaes de terra e mar, lacaios, etc., que em numero de quinze mil a haviam acompanhado na sua fuga para o Brasil, onde, á custa do erario publico quaes locustarios, se haviam accomodado.

D'essa gente, e não de gente industriosa, com habito de trabalho, como disse, com muita razão, o preclaro estadista patricio, o conselheiro Manoel José de Souza França, no seu precioso e patriotico opusculo publicado em 1848 e intitulado — *Retrospecto sobre os Erros da Administração do Brasil, desde sua descoberta, como causa principal do atrazo de sua prosperidade politica* — foi que principalmente se compoz o sequito da Côte de Lisboa transferida para o Brasil, e accrescia ainda a essa chusma de cavalleiros de industria que, abrigados, sem meritos, á sombra do patronato, pretendiam o pão do Estado, como uma recompensa publica de sua fugida para as nossas praias.

Desde então começou o Brasil, onde nunca existira a justiça, a supportar a carga d'esse *peso morto* que já havia esmagado a gloriosa terra portugueza, fazendo apparecer a carconia que ainda nos afflige e depaupera, « representada pelos exactores immoraes a quem a impunidade de seus furtos tornára incorrigiveis ». De facto, para dar logar a que todos os apaniguados tivessem collocação foi mister a criação de apparatusas e superfluas repartições, enchameadas de empregados inuteis cuja responsabilidade por demais subdividida, a ninguem cabia.

Viver da folha era a mais alta das aspirações de então ; por esse motivo os impostos cresciam em proporção ao numero de empregados publicos creados. As verbas destinadas para attender ao desenvolvimento dos serviços existentes e que diziam respeito á propria existencia de taes repartições, eram absorvidas pelo pessoal que augmentava sempre.. Esse proceder que ainda hoje, um seculo depois, tem pleno vigor, chegou á perfeição de fazer-se d'esses empregados e dos militares, pelo imposto que se lhes cobra sobre os seus vencimentos, uma fonte de renda, quando justamente aquelles que d'ella dispõem estão isentos de contribuição.

Era esse o espectáculo que administrativamente apresentava o nosso paiz, quando com a retirada da familia real levantou-se o espirito nacional decidido a decepar os liames que por demais duros o prendiam á Metropole.

Bem comprehendiam, na sua proposital obtusão, os homens de governo da Metropole que a Marinha seria a unica força na qual se poderiam apoiar os filhos da colonia para o seu ideal de independencia ; por essa razão e pela carencia de recursos foram pouco a pouco restringindo as construcções navaes n'esta parte do reino, não só por calculo, como tambem pela politica britanica, que, tomando Portugal á sua tutela, gradativamente ia nullificando o poder maritimo do tutelado.

Firmados, do seu lado, os filhos do paiz na verdade de que para ter o senhorio da terra era preciso possuir o dominio do mar, procuraram oppôr as mesmas armas ás que faziam forte a oppressor. Das velhas carcassas que tinham ficado a apodrecer no porto do Rio de Janeiro, escapas ainda ás ordens para que depois de reparadas fossem enviadas para Lisboa, levando em seu bojo a artilharia das fortalezas, as madeiras, ferramentas e melhores operarios dos arsenaes, surgiu a força primacial de nossa independencia e unidade. Coube á marinha, assim formada, a missão de executar o pensamento dos mentores de nossa nacionalidade e cortar as peias materiaes que nos prendiam á Metropole unindo as provincias em um só elo para constituição de nossa patria.

Não apellou em vão o Brasil para o patriotismo de seus filhos ; appareceram capitaes e recursos para a aquisição e armamento dos navios que se achavam nos portos. As proprias filhas do paiz levaram á futura imperatriz as suas joias para auxiliarem a compra de outros. Embora velhos uns, e improprios outros ao fim a que se destinavam, ainda assim foram aproveitados.

Precisavamos d'elles, para enfrentar as esquadras que Portugal, como senhor dos mares, mantinha em alguns dos nossos portos e outras que de momento poderia enviar para a conservação do predominio maritimo, uma vez o terrestre já perdido.

Se fôra conseguido o material, havia carencia de pessoal apto e de cuja lealdade não se duvidasse ; para dirigi-lo, e para em outros moldes vasar a sua constituição foi preciso recorrer alhures, pois o nascido no paiz, pelas condições de limitação a que a Metropole tinha submettido a colonia, excepcionalmente existia. Os poucos escapos á joieira não haviam chegado a altos postos.

Foi principalmente a legendaria Albion e depois a França que nol-o forneceram, e do melhor. Muitos de seus officiaes acudiram pressurosos ao convite que lhes fôra feito ; uma pleiade brilhante, tendo á frente o glorioso Almirante Lord Cochrane, veio alistar-se nas nossas forças e constituir o nucleo d'onde mais tarde surgiram rebentos que illustraram e continuam a môstrar-se dignos de seus antepassados.

De Cochrane já nos occupámos, procurando, com a publicação de documentos e de factos historicos, auxiliar o movimento operado entre nós em pró para o seu devido julgamento e rehabilitação.

Justiça completa lhe será feita, como já lhe fez a propria Inglaterra, uma vez estudado o seu proceder á luz da imparcialidade.

As causas determinativas que o forçaram, a contra gosto, a abandonar o serviço de nossa marinha, isto depois de feita a nossa independencia, para acceptar o da Grecia, em lucta tambem pela sua, já foram expostas.

Já passaram tambem Grenfell, Taylor, Jewett, galharda pleiade: vem agora James Norton.

No Brazil cuja patria adoptou com verdadeiro amor, mais veio illustrar o brazão de seus antecessores, constituido por uma manga de arminho, em campo azul, e o todo atravessado por uma banda de goles sobre-posta a corõa de Barão e tendo por divisa — *Avi numerantur avorum* (Georgicas, 4209) — «contam-se numerosos avós de avós».

Brilhante official de Marinha Ingleza, distincto em tres differentes combates, um contra os hollandezes o dois no Cabo de Boa Esperança, quando servio sob ás ordens de Lord Exmouth, abandonou muito moço a marinha de guerra para se dedicar á mercante.

Seus meritos deram-lhe destaque na companhia das Indias Orientaes onde passou a commandar navios, gosando sempre do maior credito entre os antigos camaradas da marinha Real, como dos directores da compahia, cuja organisação militar em nada differia da outra.

Em uma das viagens a Bombay, em 3 de Novembro de 1819, casou-se com D. Elisa Bland Erskine, senhora de admiravel belleza e grande instrucção, filha de um official inglez, o tenente-coronel Smith, e viuva, desde 26 de Agosto de 1817, do tenente-coronel Esme Stewart Erskine, 4.º filho do celebre Lord Erskine, primeiro do titulo e um dos mais eloquentes oradores do parlamento britanico da epoca. Sendo já coronel e deputado do ajudante general na batalha de Waterloo, esse official foi gravemente ferido, perdendo um braço.

Trouxe ella do seu primeiro consorcio, realisado em 1809, tres filhos Thomas, Esme Stewart e Harry, que foram educados por Norton.

O segundo entrou para a nossa marinha frequentando a academia e chegou a segundo tenente.

Convidado em Março de 1823 pelo nosso encarregado de negocios em Londres, o Marquez de Barbacena, para entrar na nossa marinha de Guerra, promptamente acceitou; a elle entregou o nosso representante a missão de contractar pessoal e adquirir o material que havia sido encommendado.

Não podendo consentir o governo inglez, em consequencia de tratado com Portugal, na sahida de pessoal e navios armados para nações que estivessem em guerra com a sua alliada, foi preciso usar-se de subterfugio qual o de sahirem os marinheiros contratados, como *agricultores* e os officiaes como *capatazes*.

Deste modo haviam sahido o *Atice*, com 102 marinheiros, o *Alexander* com mantimentos, maccas, colchões, pipas etc.; o *Bergantin Elswick* levando 1720 quintaes de cabos, poleames, lonas etc., o *Dart*, com officiaes etc., e por fim a 4 de maio James Norton, com o posto de capitão de Fragata. Preferio elle embarcar-se no *Mary*, guarnecido com 147 *cultivadores*, para durante a viagem, desde logo exercital-os no respectivo mister a que se iam entregar qual o de colher glorias para o Brazil.

Dando conta o Marquez de Barbacena de seu ajuste com James Norton, dizia a José Bonifacio em 23 de Abril: «na relação inclusa transmitto a V. Ex. o nome e gradações dos officiaes de mar que vão entrar no serviço do S. M. I. e o bom ou máo resultado da escolha deve récahir sobre o capitão de fragata James Norton, ainda que, por todas as averiguações que pude fazer, estou completamente satisfeito da referida escolha.

«Havendo o sobredito James Norton servido por algum tempo com Lord Exmouth e se distinguindo em tres acções differentes, uma contra os Hollandezes e duas no Cabo da Boa Esperança, passou depois a commandar os navios da Companhia da India, aonde o regulamento e disciplina, é, como V. Ex. sabe, igual ao da marinha de guerra e goza maior credito tanto entre

os antigos camaradas da Marinha Real, como entre os directores da Companhia. He casado com a filha do Lord Erskine, e não duvidará estabelecer-se, e mudar sua familia para o Brazil, se o clima e o governo convierem. Para qualquer expedição aos mares da India é o mais proprio e creio ter feito uma bella acquisição para a causa do Imperio. seja considerando o merecimento pessoal do individuo, seja a politica vantagem de fazer um amigo em Lord Eskine, um dos mais eloquentes oradores do Parlamento.»

Ao chegar ao Rio de Janeiro James Norton, teve a validade do seu contracto pelo Decreto de 23 de Agosto de 1823, contando antiguidade de posto de nove de Abril do mesmo anno. O mesmo decreto concedeo-lhe direito á percepção ao meio soldo de sua patente, logo que completasse cinco annos de serviço, ainda mesmo que se quizesse retirar do Imperio.

Acabava a *Nictheroy* de regressar de sua gloriosa epopcia, qual a de perseguir isoladamente a esquadra portugueza desde as costas da Bahia até a fôz do Tejo e para recompensa do valente commandante João Taylor já o esperavam sentenças condemnatorias do tribunal de presas, composto na sua maioria de portuguezes natos. Havia, em pouco tempo o imperador D. Pedro I posto á margem o titulo com que a magnanimidade brasiliense o havia condecorado, para tomar a defesa de seus pessoas interesses. Dominavam já em quasi todo o Brasil os adhesistas.

Mal abafadas as difficuldades existentes entre o Brasil e Portugal, sobre assumptos referentes á nossa independencia, já começavam a explodir mal contidos odios pessoas pelas competencias geradas por predomínio.

Ainda não tinham de todo abandonado as tropas portuguezas a Cisplatina, que Pernambuco se agitava em lucta provocada por questões de administração e extremada pela dissolução violenta da Constituinte. De um lado o morgado do Cabo, nomeado por ultimo, presidente e do outro o antigo intendente de marinha Manoel Paes de Carvalho, cada qual a impôr-se, um por vontade imperial, outro ochloatricamente.

Degenerou por fim a contenda de competições pessoas para principios politicos e assim appareceu a *Confederação do Equador*, como já antes tinha apparecido a idéa, que se procurou pôr em pratica, de ir a Santa Helena buscar Napoleão que lá se achava exilado, para collocar-o no throno brasiliense, cousa a que não eram estranhos altas personalidades francezas que estavam a serviço no Brasil.

Na divisão mandada a Pernambuco, depois do regresso de Taylor, official esse que a diplomacia portugueza conseguira, momentaneamente, fazer deixar o nosso serviço, por exigencias do governo inglez, no commando da fragata *Ipiranga*, seguiu o capitão de fragata James Norton, levando um reforço de 811 homens, destinados á pacificação daquella provincia e de outras do Norte, que se haviam confederado.

Alli chegado foi o seu navio incorporado á divisão ás ordens do Chefe de Divisão David Jawett.

O ataque levado á effeito á cidade do Recife pelo general Lima e Silva, commandante das forças imperiaes, desembarcadas em Alagoas, deu ensejo a evidenciar-se as qualidades militares de James Norton.

Combinado o ataque simultaneo das forças de terra e mar á cidade que era então o baluarte dos revolucionarios, foi antes iniciado o bombardeio ás fortalezas e ás embarcações armadas que se achavam no porto.

Dispostas as forças de desembarque, dellas tomou o commando o capitão de fragata James do Norton. No dia 6 de Setembro iniciado ás 4 horas da

tarde novo bombardeio, prolongou-se até meia noite, quando os escaleres largaram de bordo, rumo á terra, foram abicar junto á Alfandega, levando trzentas praças de marinha.

Tão rapidamente executou Norton o desembarque, como dispoz sua gente para o assalto: as cerradas descargas que recebiam dos revolucionarios não serviram para abater-lhe o animo, que, mais avigorado pelo auxilio trazido pelas forças do exercito, deu logar a que ás 8 horas da manhã já estivessem abandonados diversos pontos da cidade e a cidade de Olinda.

Em 9 de Agosto foi promovido ao posto de capitão de mar e guerra graduado.

Do general Francisco de Lima e Silva, a confidencial de 18 de Setembro de 1824, dirigida ao Ministro da Marinha, fez a seguinte referencia sobre Norton... O capitão de mar e guerra Norton é digno de especial attenção. Elle desembarcou da Esquadra á testa da Maruja e Tropa destinada ao assalto do Bairro do Recife; effectuou o desembarque, e teve uma importante parte em sua restauração... »

Terminada a revolução e occupada a cidade do Recife pelas forças do exercito regressou a divisão do Chefe Jewett para a Bahia, enquanto Lord Cochrane com outros navios seguiu para o norte.

Este sentindo-se magoado em ter o governo confiado o mando da expedição a uma patente inferior á sua, retirou-se para a Bahia, não sem fornecer todos os elementos para que o general chegasse ao resultado final. Antes procurára por meios brandos chamar Paes de Andrade a bom caminho.

Em campo mais vasto veio James Norton affirmar o seu prestigio; não em lucta contra irmãos, mas sim na desaffronta dos nossos brios que a solercia de D. Alvaro de Macedo havia, hypocrita e deslealmente preparado, de combinação com Rivadavia, governador supremo das Provincias Unidas do Prata.

A negativa do nosso governo em fazer entrega da Provincia Cisplatina para que entrasse na communhão daquella Confederação, deu logar a abertura de hostilidades entre os dous paizes, fatal consequencia da politica pessoal iniciada por D. Pedro I, depois da queda de José Bonifacio, e animada por despeito não occulto pelos partidarios dos antigos tempos.

Forçoso foi ao Brasil enviar forças para o Rio da Prata afim de pôr paradeiro ao arrojio dos inimigos, que haviam posto todo o empenho em hostilisar as existentes naquellas paragens.

No commando da fragata partio James Norton para o Rio da Prata, onde chegou a 2 de Abril de 1826. Não levou muito a mostrar ao almirante argentino os seus meritos.

No intuito de apresar as nossas embarcações de commercio que se dirigiam para Montevidéo e outras que lhe passassem ao alcance, foi postar-se, com a 25 de Maio, o *Republica* e o *Congresso*, fazendo uso da bandeira franceza o almirante Brown em frente áquelle porto.

Para não despertar outras suspeitas deixou a cruzar entre a colonia do Sacramento e a ponta de S. Juan o *Independencia*, *Balcarge* e *Sarandi*. Seu plano era, caso fosse descoberto, e em caso de perseguição, encontrarem-se de sorpresa os navios nacionaes com a divisão de reserva.

No dia 10, graças ao uso indebito do pavilhão francez, conseguiu aprisionar a nossa pequena escuna *Isabel Maria*, armada com cinco canhões de pequeno calibre. Pretendendo o capitanea inimigo, no dia seguinte, fazer outro tanto a uma outra escuna nossa, approximou-se demasiadamente do porto, sendo desde logo reconhecido.

Fez logo James Norton signal para suspender e velejar. Souvram onze horas da manhã, quando a *Nitherohy*, seguida pelas escunas *Conceição*, de 4 canhões, *Itaparica* de um; *Maria da Gloria*, de um, e *Maria Thereza*, de 4 canhões, se puzeram a caminho. A *Nitherohy*, montava 28 canhões e estava guarnecida por 400 praças.

Não contando talvez o inimigo que os nossos navios se atrevessem a atacal-os ou melhor, esperando atrahil-os para então serem esmagados, se afastaram dispersos. A's 12 1/2 horas arriando a bandeira franceza, fez signal de *unido* e arvorou a capitanea a insignia de Brown. Com amuras a bombordo, seguiu barlaventeando a reunir-se ao *Republica*, de 18 canhões, que se achava a seis milhas a sotavento d'ella, isto é, um ao Sul e outro a SSO.

Norton, porém, que não era homem de desprezar combate, mandou largar todo o panno e forçar de vela vendo que suas escunas não o poderiam acompanhar; nas aguas da capitanea inimiga seguiu afoito.

A's 3 horas em ponto abriu certo fogo a *Nitherohy* contra a *25 de Mayo* que vio-se desamparada do *Congresso*: comprehendendo desde logo o inimigo com quem tinha de se haver. Cada vez mais distantes as nossas escunas, não impediram que Norton se emparelhasse com a capitanea inimiga, agora auxiliada pelo *Republica*, que lhe despejou todo o seu fogo, sempre a bater-lhe pelo travéz de barlavento. Tres horas haviam decorrido já de duro combate, disputando cada qual a victoria; quando pretendo o inimigo abandonar o campo da lucta, para o que arribou; executando essa manobra julgava o almirante Brown tomar a *Nitherohy* de enfiada; comprehendendo-a o bravo capitão de mar e guerra James Norton que não perdia o menor movimento do inimigo, metteo em cheio rapidamente e com essa manobra despejou tremenda banda sobre o inimigo que, desarvorado do mastareo de gavea, escapou-se á força de vela perdendo-se na noite escura, sempre perseguida pela *Nitherohy*.

Accusou a capitanea inimiga 9 mortos e 15 feridos; o mastaréo grande partido e graves avarias no costado e no aparelho.

Teve o *Republica*, um morto, dois feridos e diversas avarias. Sofreu a *Nitherohy* a perda de cinco mortos e nove feridos entre os quaes o primeiro tenente João da Silva Lisboa e pequenas avarias no aparelho.

Dando parte o almirante Rodrigo Lobo deste combate disse: «... devendo assegurar a Vossa Exc. que faz honra ao commandante da fragata o Capitão de Mar e Guerra James Norton e ao Capitão Tenente Grenfell, que o acompanhou o valor com que se bateram tanto tempo, assim como dos commandantes das escunas, a promptidão com que seguiram o inimigo, e todos se comportaram muito briosamente, sendo este successo de mais importancia, por ter sido á vista de todos os habitantes de Montevidéo que bem presenciaram como as nossas embarcações souberam desenvolver-se no combate.»

Jurou o almirante argentino aos seus deuses que Norton, lh'o pagaria de tel-o feito soffrer diante das populações montevidéanas, a humilhação d'uma derrota. Para vingar-se, architectou o plano de abordar o seu navio e aprisional-o.

Com seis dos seus melhores navios, fez-se de vela no dia 26 de Abril e foi fundear junto ao banco Ortiz, onde começou a adestrar o seu pessoal para execução do plano que havia ideado. Começou por vestir as guarnições com camisetas brancas para distinguil-as das nossas na occasião da abordagem; determinou que o pessoal das gaves fosse armado com pistolas e granadas de mão, como designou caldeireiros para o serviço de picar as amarras e carpinteiros para pregarem as escotilhas da *Nitherohy*, logo que se desse a abordagem. A todos, emfim, detalhados para a execução do audacioso projecto,

foi dada a senha que era *Santa Maria*. No dia seguinte, pelas duas horas da tarde, fez signal o almirante Brown para suspender, e vagarosamente poz-se a caminho até a altura do Cerro, onde pairou, a espera que cahisse a noite e e rompesse a lua. No porto estavam fundeados, além dos nossos navios a corveta ingleza *Tweed*; durante o dia havia suspendido a fragata americana *Doris*, em cujo logar se achava a fragata *Imperatriz*, chegada de Maldonado e fundeada mais fóra e distante dos demais: refrescava o apparelho.

A's onze e meia da noite, valendo-se da pouca vigilância, e ainda mais da certeza em que se achavam os nossos de que seria impossivel um tal atrevimento, tal o de atacar os navios dentro do porto, fez prôa para dentro do ancoradouro, cortando a linha dos nossos navios e foi avisjnhar-se da *Imperatriz*, julgando-a a *Doris*.

Notando o cabo de quarto de vigia da *Imperatriz*, a approximação d'aquelles navios, communicou o facto ao official de quarto o Primeiro Tenente Lucio de Araujo; este vendo que nenhum movimento se manifestava nos demais, pouca importancia deu ao facto.

Por felicidade nossa havia a bordo da *Imperatriz* um prisioneiro argentino chamado Ivadish que logo reconheceo os navios como sendo os de Brown.

Approximou-se Brown da *Imperatriz* e em inglez perguntou onde se achava fundeada a *Nietherohy*; com grande calma respondeu-lhe no mesmo idioma o voluntario Roquellas, indicando-lhe a posição da *Tweed*, em vez da *Nietherohy*. Para ella aprou Brown, seguido pelos seus.

Ao chegar junto a ella reconheceo a burla; furioso então virou de bordo vindo atacar a *Imperatriz* pela pôpa, despejando-lhe a bateria inteira. A' postos já estavam na nossa gallarda fragata; seu heroico commandante o Capitão de Fragata Luiz Barroso Pereira, á frente. A seu immediato o então Capitão Tenente Francisco Rabello da Gama, recommendou-lhe "*Cuidado com a bateria; mas de vez em quando olhae para cima. Hei de começar o combate, mas não terminal-o*" e foi para o seu posto no catavento, pois pretendia receber o inimigo sobre vela; manobra essa que se tornou impossivel, porque logo ás primeiras descargas do inimigo muitos dos cabos de laborar foram partidos e cortadas muitas das velas. Só escaparam a bujarrona e a mezena que rapidamente foram caçadas.

Emquanto isto se dava, a *25 de Mayo* pela pôpa conseguia enfiar o páo da bujarrona pela almeida da pôpa da *Imperatriz*, tentando o *Independencia* abordal-a pela prôa e a *Sarandi* por um dos bordos. Não descansavam no entretanto com admiravel calma os nossos valentes e briosos marinheiros na sua faina de combater.

Pelo páo da bujarrona preso á pôpa da *Imperatriz* pretendeo Brown deitar no tombadillo d'ella um golpe de gente de abordagem; mas os guardas lemes, com nutrido fogo, fazem-no arripiar. Por meio da vela ré, ora caçando, ora carregando, conseguiu a *Imperatriz* dar successivas guinadas e assim burlar a faina do *Independencia*, que de momento a momento recebia tiros de coxia.

Vendo Brown que nada podia fazer, procurou desvencilhar-se da pôpa da *Imperatriz*, afastando-se; mas o gageiro da gata do nosso navio, passando o chicote do braço grande pelo gurupés do navio inimigo, amarrou-o nos cunhos de ré, impedio que tal fizesse.

D'essa feliz lembrança aproveitaram-se para com furiosas descargas castigal-a com merecida metralha.

Ia-se realizar o funesto presentimento do illustre homem do mar o heroico filho de Minns Geraes: uma certa bala desferida do cesto de gavea do navio inimigo atravessou-lhe o mamello esquerdo, fazendo-o cair desfallecido nos braços do Mestre do navio Moreira da Rocha, que dirigia os homens do leme.

Naquelle supremo momento, ainda lembrou-se o intemerato official de animar os seus camaradas. Por um esforço, commandado pelo brio, ergueo-se por um instante e gritou: '*Não se assustem camaradas, não foi nada*'. Levado para a camara, pouco depois falleceo. (*)

Não diminuiu com este desastre o animo dos nossos; mais se avultou o esforço para derrota do inimigo e vingar a morte do denodado filho do Brasil que tanto honrou sua Patria. Não descansou o segundo tenente Antonio Lopes da Silva, commandante do reforço de abordagem em levar-o onde se tornasse necessario e o tenente Lucio de Araujo, de pé na mesa do traquete, desafiava o *Independencia* para que se atrevesse a contrabordeal-o.

Não se sentindo com coragem bastante para auxiliar os esforços da *25 de Mayo* e *Independencia*, não ousaram os demais navios de Brown aproximar-se da *Imperatriz* que vomitava fogo incessante de seus 62 canhões, cada vez que se lhes apresentava alvo.

Já se moviam os nossos para auxiliarem a *Imperatriz* da pressão inimiga. A primeira a acudir, embora sem receber ordens, foi a *Nitherohy*; intelizmente o pouco vento e a difficuldade em fazer-se de vela, na posição em que se achava não deu tempo a que James Norton, entrasse na liça.

Embora chegasse tarde, não deixou, comtudo, de demonstrar em que pé tinha sempre o seu navio e o animo que o alentava.

Já se retirava o inimigo quando a *Imperatriz*, por despedida, descarregou um certo tiro no *Independencia*, fazendo-o desarrancar do mastaréo de joanete de prôa e não largou a *25 de Mayo*, sem que esta lho deixasse o pão da bujarrona. A nossa perda n'esse combate, que durou uma hora e quarto, foi, além da morte do idolatrado e brioso commandante; de tres mortos e dez feridos. Accusou o inimigo a perda tambem de tres mortos e alguns feridos; occultou porém os que pereceram precipitados ao mar no momento em que pelo seu gurupés pretendio fazer a abordagem e os que já se achavam dentro do escaler içado á pópa da *Imperatriz* e que despedaçado tambem foi ao mar.

Para as proximidades do banco Ortiz se foram os navios de Brown descobertos no dia 28 á barlavento, excepção do *Independencia* que estava sotaventado, procuraram os nossos navios approximar-se d'elles.

A calma que reinava impedio que se empenhasse combate; houve apenas troca de tiros, quando a contra-bordo uns dos outros.

Ao escurecer desapareceram nas trevas da noite os inimigos. A 3 de Maio o almirante Brown, que havia velejado até a altura de Maldonado e n'aquelle ponto apresado dous navios mercantes voltava ao seu ponto de espera, o banco Ortiz, seguro de que d'alli não poderiam passar os nossos navios de grande calado.

(*) Em tumulto ignorado, em Montivideo, dorme esse heroe que ja vinha pelo seu talento, caracter e conhecimentos descrevendo brilhante trajectoria, desde a marinha portugueza, onde servira.

Reviveo sua personalidade o patriotismo do inesquecivel brasileiro barão do Rio Branco; ainda assim as preocupações mesquinhas não souberam honral-o.

Não contava elle encontrar a divisão do almirante Rodrigo Lobo, que o esperava. Ao fazer signal o nosso almirante para atacar o inimigo, ordenou este virar de bordo. De facto, forçando de vela procurou as visinhanças do banco Ortiz para evitar o ataque.

Ali estava James Norton, que ousado, forçando de vela, começou de perto a perseguir a *25 de Mayo*, e tanto se approximou do banco que encalhou, o mesmo acontecendo a capitanea inimiga, na ponta oriental do mesmo banco.

Os demais navios, pelo seu calado, conseguiram salvar o obstaculo e puzeram-se a recato da perseguição, que lhes faziam a *Maria da Gloria*, a *Liberal* e *Macció*. Nobremente a *Sarandi* veio collocar-se ao lado da sua capitanea. James Norton então, no desejo ardente de castigar o inimigo, para mais approximar-se d'elle, mandou largar todo o panno e assim arrastando-se por sobre o banco conseguiu approximar-se mais e despejar-lhe as suas baterias. Para auxiliar-o veio a pequena escuna *D. Paula* collocar-se á sua pópa desempenhando-se galhardamente da sua missão. A *Macció* que conseguira approximar-se, retirou-se pouco depois, por falta de munições o que impedio a destruição do inimigo. Desencalhando por fim a *25 de Mayo* safou-se a bom correr.

Ao anoitecer, determinou o almirante Rodrigo Lobo, que fôsse suspensa a perseguição, dando fundo no dia seguinte em frente a Montevidéo.

Substituido pelo almirante Pinto Guedes no commando das nossas forças navaes no Rio da Prata o vice-almirante Rodrigo Lobo, seguiu este no dia 19 e em chegando ao Rio de Janeiro foi mandado retolher preso á Ilha das Cobras, para responder pelos erros commettidos no commando da esquadra.

Pela organização dada á esquadra, pelo almirante Pinto Guedes, ficou no commando da segunda divisão das quatro em que a dividio, o capitão de mar e guerra James Norton.

Constituida pela fragata *Nitherohy*, capitanea, de 38 canhões; corvetas *Maria da Gloria*, de 30 canhões, commandante capitão tenente Theodoro Alexandre Beaurepaire; *Liberal*, de 22 canhões, commandante capitão tenente Bartholomeu Hayden; *Itaparica*, de 20 canhões, commandada pelo capitão tenente Guilherme Eyre; *Macció* de 18 canhões, commandada pelo capitão tenente Frederico Mariath; Brigue *Pirajá*, de 18 canhões, commandante primeiro tenente Estevão Carlos Cleuley; *Cabocto*, de 18 canhões, commandante capitão tenente João Pascoe Grenfell; *Independencia ou Morte*, de 14 canhões, commandada pelo primeiro tenente João Francisco Regis; *29 de Agosto*, de 18 canhões, commandante João Evangelista de Souza Pitada; *D. Januario*, de 12 canhões, commandante primeiro tenente Antonio Alberto dos Santos Lopes; escunas *Providencia*, de tres canhões commandada pelo segundo tenente Augusto Wencesláu da Silva Lisboa; *Itaparica*, de um canhão, *Sete de Março* de um canhão e *Conceição*, de um canhão, commandadas respectivamente pelos primeiros tenentes Joaquim Leal Ferreira, Francisco de Paula Osorio e segundo tenente Thomaz Thompson.

A 15 de Maio já se achavam á postos as divisões da nossa esquadra; não tardou que mais actividade demonstrassem os seus commandantes em vista dos antecedentes e das ordens do novo chefe, que trazia instrucções formaes do governó para que desse ás operações navaes o maximo vigor possivel para accelerar o seu desfecho.

Do seu lado os argentinos, que haviam mandado comprar diversos navios no Chile por intermedio do coronel Velasquez, se preparavam para maiores empresas.

Na tarde do dia 23 de Maio de 1826 sahio do porto a esquadra de Brown aproveitando-se da brisa fresca de NE que então soprava.

Apercebidos pela nossa segunda divisão, não esperou James Norton, que se approximassem; em demanda d'elles foi o primeiro a velejar seguido pelos demais.

Vio desde logo Brown qual a disposição de seu infatigavel emulo e sem mais detença manobrou de accordo com o seu já conhecido plano, afim de interpôr entre os seuse e os nossos os bancos do estuario

As 5 horas da tarde rompeo o fogo entre os contendores e, embora arrastando-se pelos baixios, poem-se a *Maria da Gloria* e *Itaparica* em perseguição d'elles. Mais felizes são o *Caboclo*, *Independencia* ou *Morte* e *29 de Agosto*, que, de meos calado, podem valorosamente acossal-os até á entrada do porto, onde se refugiaram, levando seis mortos e 22 feridos. Os nossos tiveram dois mortos e dois feridos.

Novo combate sustentou James Norton no dia 25 com as forças de Brown; o resultado d'elle é o que damos, extrahido da parte official: «No dia 24, depois de ter acompanhado o brigue Inglez a Colonia vim fundear a meio canal entre aquella e a enseada, conservando-me á vista de ambas as margens do Rio. No dia 25 fiz-me de vela para cruzar; ás 3 horas estando ao pé da enseada dirigi-me a Buenos Ayres para observar se a esquadra inimiga estava na mesma posição; logo que cheguei á vista ella se fez de vela: virei de bordo para atrahil-a em logar onde houvesse bastante agua para podermos manobrar livremente (pois ella para ter abrigo nos baixos recebe ração diaria e não tem nem lastro nem aguada e enche os toneis, quando quer fazer alguma sortida); porém apezar da resolução que tenho participado a V. Ex., vendo que elles não faziam força de vela e não querendo dar a cidade de Buenos Ayres o espectáculo da esquadra imperial fugindo, mandei virar sobre o inimigo.

«As 4 horas elles diminuíram de panno e principiarum a fazer fogo a esta fragata.

Virei em roda, puz em cheio para me approximar e abri fogo; ao mesmo tempo signal geral de seguirem a minha manobra. Esta ordem foi tão depressa reconhecida como executada pela corveta *Itaparica*, brigue *Caboclo*, *Independencia* ou *Morte* e escuna *Haparica*.

«Continuamos o fogo durante meia hora, porem vi-me obrigado a retirar, pelos mesmos motivos do dia 23, de se metter a noite, estando muito perto dos bancos. N'este combate dão as partes argentinas um Piloto, seis mortos e sete feridos».

Os navios argentinos que se achavam dentro do porto empavezados para celebrarem o anniversario da independencia argentina, não cantaram como queria Dorrigo que *el 25 de Mayo de 1826 se cante el himno patrio sobre las murallas de Montevideo*.

Do porto de Buenos Ayres sahio no dia 6 a esquadra de Brown, afim de comboiar alguns transportes com munições de bocca e de guerra para os revolucionarios cisplatinos. Pela manhã do dia seguinte appareceo ella em frente á Ilha de Hornos, seis milhas a barlavento da divisão de Norton. Ao serem avistados pela terceira divisão que sob ás ordens do capitão de fragata Senna Pereira, que se achava na Colonia do Sacramento, puzeram-se os navios d'esta em movimento.

Julgando-se Brown pouco seguro, porque poderia ficar entre os fogos d'essas duas divisões, forçou de vela para recolher-se ao porto, justificando-se como o diz no «Memorandum da las campanas navales argentinas» que esse gran numero de buques se habia concertado para algum intento decisivo, resolvio prudentemente entrar á Los Pozos.

Conseguio-o; o vento que nos era contrario não permittio alcançal-o; ás quatro horas da tarde, chegaram os nossos em frente ao porto onde deram fundo.

Diz o citado *Memorandum*, referindo-se aos Pozos: esta parte do porto de Buenos Ayres, com muita propriedade chamada Pozos, porque está semeada de escolhos ou pequenos bancos, com uma profundidade muito desigual, está situada ao N. da cidade, em distancia de 3 a 4 milhas e não tem outra vantagem, debaixo do ponto de vista militar, senão ser inaccessivel a fragatas e navios de grande calado.

Entra-se n'elle por um canal de $3/4$ de milha de largura, formado pelo banco Camarones e o banco da Rada interior.

No dia 11 de Junho, ao amanhecer, fez signal de suspender o capitão de mar e guerra Norton ás duas divisões, segunda e terceira, que se achavam fundeadas em Quilmes. Ao meio dia estavam já nas balisas exteriores, máo grado o pouco andar das embarcações que compunham a terceira divisão, na maioria composta de hiates, escunas e barcaças, velhos e sem valor militar algum, tanto assim que foi preciso mandar rebocar as mais ronceiras.

Segundo communicou o chefe Norton, «mandei a minha lancha sondar pela prôa, e continuei com esta fragata a *Nitherohy* até quasi chegar a distancia de tiro de bala do inimigo que estava fundeado em meia lua, sendo collocadas as canhoneiras nos intervallos dos navios maiores e com regeiras passadas; a falta d'agua para a fragata me obrigou a dar fundo, assim como a corveta *Maria da Gloria*: as mais embarcações seguiram; fiz signal de atacar o inimigo e o fogo principiou.

«Passei immediatamente para bordo da corveta *Itaparica* (que demanda 14 pés d'agua) e continuei n'ella, até que quasi tocando o fundo, fui obrigado a virar. As covetas *Liberal* e *Macció*, os brigues *Pirajá*, *29 de Agosto*, *Independencia* ou *Morte* tiveram que fazer o mesmo:

«Deixei a *Itaparica* e passei a bordo do *Caboto* e de lá a bordo da escuna *D. Paula*, onde estava o Sr. Jacintho, para combinar com elle atacar o inimigo com as embarcações pequenas; porém vendo que parte d'ellas, se achavam atrasadas e sotaventeadas, julgamos que o exito era ao menos duvido, e portanto mandei as embarcações de pouca agua dar a caça à barlavento no resto da esquadra de Buenos Ayres, vindo das ilhas de Hornos, atravessando a banco das Palmas; o pouco andar das barcas fez ainda infructuoso o ataque, e apezar de bastante fogo, de uma e outra parte, as embarcações entraram em Buenos Ayres. Durante esse tempo, as embarcações inimigas que estavam fundeadas, julgando provavelmente que esta fragata estava encalhada (quando dei fundo, a cathedral de Buenos Ayres demorava SW $4\ 1/2$ S) aproximaram-se a remos e fizeram algum fogo, porém foram obrigadas a retirar-se.

«A' noite mandei reunir e incorporar as nossas forças e fui dar fundo com ellas nas Balisas exteriores, na distancia de $2\ 1/2$ a 3 milhas do inimigo. No dia 12 pela manhã consultei com o Sr. Jacintho e os commandantes das embarcações maiores, Beaurepaire, Grenfell, Mariath, Hayden e Eyre e estivemos de unanime opinião que não se podia atacar o inimigo na posição que tinha tomado.

«Ao tratar d'esse combate o benemerito brasiliense Barão do Rio Branco, orgulho de nossa patria, em suas *Ephemerides*, diz: «A acção começada á

tarde, não passou de uma naumachia, na qual, sem nenhum resultado, foram consumidas de parte a parte munições de guerra, como succedeu na tentativa de ataque de Lord Nelson contra a frotilha franceza de Boulogne em 4 de Agosto de 1801.

Diz o capitão tenente Lucas Boiteux, na sua preciosa e detalhada «Historia da Marinha de Guerra nos reinados de D. João VI a D. Pedro I»: Norton partio de Quilmes com trinta e um navios, mas quasi todas as escunas e canhoneiras atrazaram-se e não puderam tomar parte no fogo.

«Os navios argentinos fundeados nos Poços eram onze a principio e dezeseite pouco depois, com o reforço de seis, chegados de Martin Garcia por cima dos bancos das Palmas.

«A grande distancia que separava os combatentes em consequencia da largura do banco entre o canal das Balisas Exteriores em que estavam os nossos navios, e o ancoradouro interior dos Pozos, tornava inuteis as caronadas (195 na esquadra Brasileira, 38 na argentina) e só permittia o emprego das peças, isso mesmo com a maxima elevação e, portanto, com tiro incertissimo. Os navios brasileiros (contando os distanciados fóra de combate) só tinham 77 peças; os 17 argentinos montavam 88.»

«Na esquadra argentina houve um morto, na brasileira nenhum ferido ou morto, e nenhuma avaria. Os navios que mais se puderam approximar foram as escunas *D. Paula* (Norton e Senna Pereira) *Providencia* (Wenceslau Lisboa) *Itaparica* (Petra de Bittencourt) o brigue *Caboto* (Greenfell) e o brigue escuna *Januaria* (A. P. de Carvalho).

«O sol entrou as 4 horas e 51 minutos e Norton fez o signal de reunir, desistindo da sua tentativa. O almirante Brown transformou esta inutil canhonada em um renhido combate, dizendo que com forças muito inferiores repellira um ataque dos Brasileiros.»

«O povo de Buenos Ayres acudio ás praias para apreciar, assombrado, a temeridade d'aquelle ataque. Como vimos, foi devido unicamente ao grande calado de nossos navios que a Argentina não teve que chorar a perda total de sua esquadra no memoravel dia 11 de Junho, data gloriosa, que trinta e nove annos mais tarde, em 1865 — na batalha de Riachuelo — veio dar mais fulgor ás paginas de nossa historia naval.

«A confusão foi tal entre os argentinos deante da impetuosidade do nosso ataque, que a pequena escuna de guerra *Isabel Maria*, tomada dois mezes antes por Brown, poudo escapar-se, apresentando-se aos nossos no dia 13 em Montevidéo.»

«Apezar das senhoras argentinas, considerando o combate de 11 de Junho como uma victoria nacional terem offerecido a Brown uma bandeira de seda, com a data do combate, bordada a ouro, este não se animou durante longos mezes a abandonar o porto, para mostrar aos seus concidadãos que fóra de facto senhor do mar.

«*Tal fué la famosa accion del 11 de Junho. ...!*»

Depois deste combate deixou-se a esquadra argentina ficar dentro do do porto; bem sabia ella que Norton não a deixaria escapar, pois ao largo estava a espreital-a.

No dia 29 de Julho, pelas 8 horas da manhã, foi pela esquadra argentina avistada a nossa, nas Balisas Exteriores, onde fundeou em frente á cidade como a desafia-a.

Era James Norton para Brown um pesadelo. Por isso resolveo ás 11 horas reunir um conselho de commandantes a bordo da *25 de Mayo*, commandada pelo valente Thomaz Espóra, ao qual expôz o seu plano: que era suspender

durante a noite; abordar a *Nitherohy*, cortar a nossa linha, envolver depois em dous fogos sua vanguarda e batel-a antes que pudesse ser soccorrida pelos navios pesados da retaguarda. Para isso em caso de necessidade, as embarcações maiores rebocariam as barcas canhoneiras e que ao cair da tarde toda a esquadra suspenderia.

Ao anoitecer entre seis e sete horas suspendeo Brown, favorecido por bõa brisa de NNE, seguindo em direcção ao canal.

Nas Balizas Exteriores estavam a *Nitherohy*, arvorando o pavilhão de James Norton, commandada pelo capitão tenente Guilherme Parker, as corvetas *Liberal*, *Itaparica* e *Maceió*, commandadas respectivamente pelos capitães tenentes Bartholomeu Hayden, Guilherme Eyre, e José Ignacio Maia; brìgues *Cabocto*, 29 de Agosto e *Pirajá*, sob o commando do capitão tenente João Pascoe Greniell e primeiros tenentes Raphael José de Carvalho e David Carter; escunas *Conceição*, *D. Paula* e *Itaparica*, commandadas respectivamente pelos segundos tenentes Thomaz Thompson, Antonio Leocadio de Oliveira, e Angelo Petra de Bittencourt, todos estes da Segunda Divisão e mais a escuna *Leal Paulistana* arvorando a insignia do chefe, capitão de fragata Senna Pereira, commandada pelo segundo tenente Antonio Carlos Teixeira o Hiates 9 de Janeiro, 12 de Outubro, e 7 de Março, commandados pelos segundos tenentes, Germano Maximo de Souza Aranha, Roberto Steel e Francisco de Paula Osorio.

Não contava o almirante Brown encontrar na boca do canal as escunas *D. Paula* e *Conceição*, mandadas ali postar por Norton, para darem aviso da sahida da sua esquadra. As 11 horas abalroou a 25 de Mayo com a *D. Paula*, desarvorando-a de um mastro; immediatamente fez a *Conceição* o signal conven ionado. Rompeo então o fogo, iniciando-se desde logo a perseguição com amuras a BB. Vendo Brown que sua capitanea a 25 de Mayo era unicamente seguida pela escuna *Rio de la Plata*, commandada por Leonardo Rosales, um dos mais valentes officiaes argentinos, conseguiu arribar indo reunir-se aos demais que se haviam sotaventeado. N'essa arriscada manobra que lhe poderia ser fatal n'aquella noite, ainda assim escapou-se apezar dos fogos do *Cabocto* e de outros. Por sua vez comprehendendo Norton que não era prudente iniciar a perseguição ao inimigo, pois com a escuridão da noite, facil era haver confusão, pela difficuldade de reconhecer com precisão os navios inimigos, fez signal de «União» ao chegar a altura de de Punta Lara.

Bem razão teve Norton de assim proceder, pois ao amanhecer do dia seguinte, reunidos á *Nitherohy*, só se achavam a *Itaparica*, *Maceió*, *Pirajá*, 29 de Agosto e *Leal Paulistana* e a corveta *Maria da Gloria*, commandada pelo capião tenente Beaurepaire que accidentalmente veio partilhar da lucta; mais distanciada a leste se encontrava a *Liberal* e a sotavento, quasi de cascos alagados os demais navios.

Teve o commandante James Norton a summa satisfação de nesse dia abraçar sua digna esposa D. Elisa Bland que de Montevidéo na *Maria da Gloria*, viera visital-o. Veio ella assistir o bello triumpho que ia ter seu marido: do convez da *Nitherohy*, tão brava como o chefe, compartilhou de sua alegria. Foi a primeira a tremer pela sua vida e honra como foi a primeira a recompensal-o de seu heroismo.

A' barlavento em linha, fundeada estava a esquadra ás ordens de Brown. Iam os dois figadaes inimigos, em campo appropriado, decidir de uma contenda tantas vezes esperada. Para vencer o seu inimigo, a quem não perdoava, empregára Brown, por vezes a astucia, porem sem resultado. Tinha comsigo o almirante argentino os seguintes navios: corveta 25 de Mayo, de

36 canhões, commandada por Thomaz Espôra, barca *Congresso*, de 18 canhões, commandante Fisher; brigues *Independencia*, de 22 canhões, commandante Bathurst, *Republica*, de 16 canhões, commandante Clark; *Balcarce*, de 14, commandante Nicolai Jorge; *Oriental Argentino*, de 13, commandante Pedro Dautant; escunas *Sarandi*, de 9 canhões, commandante José Maria Pinedo; *Pepa*, de um canhão, commandante D. Andreys, e mais nove barcas canhoneiras, mais distantes.

A's 6 1/2 da manhã suspenderam ambas as esquadras; soprava fraca brisa; impellidos assim começaram os nossos a navegar parallelamente à linha argentina ao rumo de ESE.

Coube ao *Pirajé*, que navegava entre as duas linhas, o inicio do combate: Ao inimigo mandou uma banda inteira.

Procurando cada qual vantagens, attentos aos menores movimentos e signaes dos seus respectivos chefes, seguiam os navios; continuavam avançar os nossos. Norton, depois de ganhar barlavento, aproveitando-se da occasião em que a linha inimiga virava de bordo em roda e procurava orçar com a muras a BE, ordenou virar por d'avante e com esta rapida e accertada evolução tactica, cortou a linha inimiga.

Estava senhor do campo de acção; ia ter razão a artilharia. Vio-se desde logo a *25 de Mayo* rudemente acoçada pelo fogo da *Nitherohy* e do *Cuboco*; apezar de sua defeza heroica; atordoadá pelo fogo deitou a fugir.

Com o que succedia a *25 de Mayo* se apavoraram os demais navios inimigos; para a Punta de Lara approaram o *Congresso* acompanhado do *Republica*; para os Pozos seguiram o *Independencia*, o *Oriental Argentino* sempre perseguidos pelos nossos.

Mettida a *25 de Mayo* entre os fogos da *Nitherohy* e da *Maria da Gloria*, seguida de perto pela *Liberal*, *29 de Agosto*, mais veleiros e de menor calado e pela *Leal Paulistana*, que pelas suas qualidades nauticas não lhe deixava a pôpa, servio de alvo aos certos tiros que a crivavam. Eram 11 e 1/2 horas e ainda o combate continuava.

La carniceria espanta, no dizer de um escriptor bounairense.

Apenas hay bravos para retirar los muertos y los heridos de que estan sombrados los puentes que, rebozando en sangre, principian já a derrama-lo por los embornales.

Não mais podendo avançar a *Nitherohy* devido ao seu calado, deixou no entretanto que os outros terminassem a gloriosa faina, não sem perlas.

A *Liberal* de pouca marcha, distanciava-se aos poucos- e o *Pirajé* por uma falsa manobra, ficou fóra do canpo de acção; veio a vez da *Maria da Gloria*, não ter mais agua para seu calado.

O *Cuboco* teve que suspender a caça, pois foi o seu bravo commundante gravemente ferido e do mesmo modo a *29 de Agosto*, por identico facto.

A *Macció* e *29 de Agosto* continuaram a bater os brigues inimigos.

Não podendo os nossos ir mais além na perseguição da *25 de Mayo* que metteo-se por entre os hancos, velejando unicamente com o traquete, velacho e rabeca, por estar por demais avariada a mastreação e o velame cortado, pôde por aquella razão, cercada por suas canhoneiras, escapar-se, indo encalhar dentro do porto, no banco da Cidade.

Outros foram encalhar nos bancos de Camarones.

A *Sarandi*, como sempre dando heroico exemplo de lealdade militar, não abandonou o seu capitanea; do mesmo modo procedeo o *Rio de la Plata*.

A's 11 horas fez James Norton signal para suspender a caça e de reunião.

«A perda que os nossos adversarios tiveram no pessoal não é bem conhecida, diz ainda o illustre Barão do Rio Branco. Sabe-se apenas que foi muito grande á bordo da *Veinte y Cinco de Mayo*.

«O Correo Nacional» de Buenos Ayres, disse no 1 de Agosto. . . : «por las relaciones particulares parece que no excede de 30 muertos e 70 heridos». O «Mensagero Argentino» de 3 de Agosto, e o «British Packet» (Nº 1 de 4 de Agosto) reduziram a quarenta e oito mortos e feridos, mas, depois, este ultimo (nº 46 de 17 de Junho de 1827) dava outro algarismo (55 mortos e feridos). Segundo outras versões tiveram elles 136 mortos e 158 feridos.

Nas «Acciones Navales», diz Brown: La perdida del 25 de Mayo en esta accion fué la de piloto Lapsley y 14 hombres muertos, contando-se 23 heridos, entre elles el capitán Espóra; de estos, quatro succumbieron:

A communicação ao seu governo sobre os combates de 29 e 20 de Julho redigida laconicamente é assim escripta por Brown: Exmo. Sr. Provocado para sahir, temos batido mas não rendido os inimigos; permitta V. Ex. informar que os navios da nação estão livres. E'-me sensível assegurar que são *muitos os mortos e feridos*; e entre os ultimos o meu capitão Espóra. A 25 de Mayo está completamente destroçada; far-se-ha uma lista dos mortos e feridos e se enviará com a promptidão possível. Sou etc.

De facto a 25 de Mayo, tão arruinada ficou que nunca mais pôde velejar, pois o pampeiro que logo em seguida cahio, fel-a sossobrar.

De nossa parte tivemos pequenas avarias materiaes; de lamentar foram os ferimentos dos commandantes João Pascoe Grenfell que perdeu o braço direito. Raphael José de Carvalho e do segundo tenente James Taylor, official da *Nitherohy*. Ao todo, segundo a parte do almirante Pinto Guedes, foram 6 mortos e 24 feridos.

Sabendo o almirante Pinto Guedes que era intento do almirante Brown já que este não tinha navios para affrontar os nossos, fazer com que os que vinham do Chile fôssem directamente da Patagonia ao porto do Rio de Janeiro, para o que seguira por terra com um destacamento em direcção ao cabo Corrientes, resolveo fazer um cruzeiro até o Cabo Frio. Reforçou para isto o bloqueio do estuario do Prata com a fragata *Thetis* e fez-se ao mar com a *Ipyranga*, sob o commando de James Norton, *Paraguassú*, *Imperatriz* e *D. Paula*.

O desastre acontecido aos navios adquiridos, ao dobrarem o cabo de Hornos, fez com que regressasse Brown a Buenos Ayres, onde soube que um dos navios havia escapado, a *Chacabuco*, e se achava em Cabo Corrientes.

De regresso a Montevidéu conservou-se o capitão de mar e guerra graduado James Norton no commando da *Ipyranga* até 2 de março de 1827, quando passou a commandar a fragata *D. Paula*, incorporada á 2.ª Divisão, sob o mando do capitão de mar e guerra João Carlos Pedro Pritz.

Compunha-se então esta divisão da fragata *Imperatriz*, capitanea, corveta *Liberal*, brigues *Pirujá*, 29 de Agosto, *Real João*, *Rio da Prata*, escuna *Maria da Gloria* e mais tres outras.

A 6 de Abril suspendeo do porto de Buenos Ayres, ás 8 horas da noite, o almirante Brown, tendo sob suas ordens os bergantins *Republica*, capitanea, *Independencia*, o brigue-barca *Congresso* e a escuna *Sarandi*, com destino a Patagonia, afim de conduzirem os navios tomados a Shepherd. Percebido este movimento fez logo a *Macció*, signal a esquadra que se achava fundeada nas Balizas Exteriores de que: *Appareceram navios demais*. A's 11 horas

havia suspendido toda a esquadra e desde logo começou a manobrar afim de procurar posição para cortar a retirada do inimigo, o que foi conseguido às 2 horas da madrugada. Com vento fresco de NE. começou então a caça, ordenada pelo almirante Pinto Guedes.

Como sempre procurava Brown o auxilio dos bancos para por sobre elles passar e assim obstar a perseguição; d'esta feita porém, não lhe sorrio a sorte, porque estonteados os seus navios pelo fogo dos nossos não puderam manobrar á geito e foram encalhar nos bancos de Santiago, salvo o *Congresso* que foi refugiar-se na Ensenada.

Varados o *Republica* e o *Independencia*, veio nobremente a *Sarandi*, collocar-se ao lado dos seus matelotes. Não podendo os nossos navios, pelo grande calado, approximarem-se d'elles, contentaram-se de canhoneal-os, porém á grande distancia, até ás 4 1/2 horas do dia 7.

Veio a divisão do Almirante Guedes juntar-se aos demais navios e por sua ordem entraram em acção os brigues *Pirajá*, *Independencia ou Morte*, *29 de Agosto*, escunas *D. Paula*, *Conceição*, *Itaparica* e hiate *29 de Agosto*.

James Norton, commandava a divisão composta das escunas *Conceição*, *Maria Thereza* e brigues *Independencia ou Morte* e *29 de Agosto*, arvorando seu pavilhão na fragata *D. Paula*.

Aquilatando da intrepidez e valor d'aquelle illustre official, ordenou o almirante que viesse dirigir a acção.

Na corveta *Liberal*, que o conduzio, chegou elle ao meio dia e depois de ter combinado com o almirante, ficou resolvido mandar cessar o fogo e vigiar de perto os movimentos do inimigo, visto como devido ao muito mar era impossivel praticar-se a abordagem e haver muito pouca agua e ter escasseado o vento.

Sob as ordens de James Norton ficaram então as corvetas *Liberal* e *Maceió*, brigues *Caboclo*, *29 de Agosto*, *Rio da Prata* e Lugar *Principe Imperial* e escunas *D. Paula*, *Conceição*, *Rios*, *Itaparica*, e *Maria Thereza*.

Durante á noite com afan trabalharam os navios argentinos para desencalhar, sendo porem improficuos os esforços. A vigial-os alerta estavam todos. Havendo abonança do mar e do mesmo modo o vento, ás 8 horas da manhã do dia 8 desfraldou o chefe o signal — *Preparar para combate*, — e logo as escunas, á tiro de pistola do inimigo, se collocaram em duas columnas no lugar designado pelo chefe Norton, enquanto mais ao largo estacionavam os demais, alguns d'elles com a missão de vigiarem o *Congresso*.

Em linha de fogo só entraram oito navios.

Com furia, ás 11 horas empenharam-se os navios na refrega.

Caro queria o inimigo vender a vida e salvar a honra do pavilhão e é justiça dizer que o fizeram. Contra elles atirou-se cheio de ardor o *29 de Agosto*, cujo commandante mostrando aos seus o seu bello espirito de alevantado patriotismo, despejou-lhes uma banda inteira e quando manobrava para dar-lhe outra, emmudeceo; era que seu bravo commandante fóra attingido por uma bala que lhe arrancára o braço esquerdo e lhe abriera o ventre.

As bellas palavras de Barroso Pereira na *Imperatriz* tiveram echo, e como elle, antes de expirar, com stoicismo, aos que o cercavam, disse: *Isto não é nada, vão continuando o fogo!* Dava-se isto ás 11 horas; meia hora mais tarde, por falta de munição e estar a fazer muita agua, sahio da linha a *Liberal*, bem como o *Rio da Prata*, chamado pelo almirante que se achava na *Ipyranga* a grande distancia.

A's 2 horas, com a enchente da maré, ordenou Norton que fôsse rebocada para mais perto a sua capitanea, mas pelo seu grande calado antes de chegar a alcance de imberciar encalhou; só podiam trabalhar, suas duas peças de prôa. Eram duas horas quando serenou o mar. Havia chegado o momento da abordagem; arriados e guarnecidos as lanchas e escaleres, com enthusiasmo dirigiram-se elles para o inimigo, embora sob uma chuva de metralha e fusilaria.

Um dos primeiros a dar o exemplo, em approximar-se do inimigo, foi o Primeiro Tenente Victor Santiago Subrá, que, embora tendo uma bala inimiga levado a prôa de sua embarcação, conseguiu atracar ao *Republica*. A's 4 horas arriava elle a bandeira, sendo substituida pelo proprio Tenente Subrá, pela nossa, aos vivas das nossas guarnições.

Acutilados pelos nossos, haviam os restantes marinheiros inimigos, se lançado ao mar, recolhendo-se á bordo da *Sarandi*.

Pouco depois chegando a vez do *Independencia* que foi incendiado por não se poder desencalhar-o.

Safou a *Sarandi*, e pôde escapar-se, apesar de suas muitas avarias; levando ferido em uma perna, o almirante Brown, ferimento este que o tornou côxo para sempre.

Cahiram prisioneiros 98 pessoas, entre elles dois tenentes, tres guardas-marinha, um cirurgião e um commissario, cujos nomes são Roberto H. Ford, Prudencio Morguiano, William Atwell, William Hall, Patricio Dury, Dr. Phillips e José Celidonio Elordi.

A perda entre mortos e feridos, foi bastante grande, apesar de propositalmente reduzida; assim no *Republica*, no dizer das partes officiaes, houve; ram tres mortos e quatorze feridos, incluindo Brown e o Capitão Grainville e no *Sarandi*, cinco mortos e doze feridos; no *Independencia*, 17 mortos, entrelles o traidor Henrique Drummond e 26 feridos. Eram o *Independencia* armado com 24 canhões e o *Republica*, com 18 peças.

A nossa perda constou de 8 mortos e 22 feridos e algumas avarias nos cascos e na mastreação.

O grande desastre que soffreo a marinha argentina, levou um escriptor portenho a dizer, para consolo. *La gloria maritima de la Republica no quedó sepultada com los muertos de su esquadra en el banco funesto del monte Santiago.*

Diremos nós, repetindo o poeta, mais uma vez:

« . . . E o auri-verde pendão
sobre os lenhos de Brown o firma Norton».

Depois d'este glorioso combate, no dia 12 assumio novamente James Norton o commando da Segunda Divisão.

O desastre soffrido pela esquadra argentina e outras difficuldades interiores, accrescido do temor de ver bombardeada a cidade de Buenos Ayres, levou o governo d'aquelle paiz a *propôr a paz*, para o que mandou ao Rio de Janeiro, como emissario, o Dr. Manoel Garcia, com instrucções datadas de 27 de Abril para *acelerar a terminação da guerra e o restabelecimento da paz entre a Republica e o Imperio do Brazil, conforme exigem imperiosamente os interesses da nação.*

Aproveitando-se d'essa suspensão d'armas, conseguiu James Norton uma licença de dois mezes, de que só gosou em Montevidéo de 3 de Maio a 29 de Junho, assumindo novamente o commando da Segunda Divisão.

Havia regressado Garcia com o tratado, que não fôra accêito pelos partidarios da guerra, oppostos á Rivadavia que, por essa razão deixou o governo a 27 de Junho, antes que d'elle fôsse apeiado.

La portanto continuar a guerra, agora entregue a filibusteiros acoroçados pelo governo argentino, que, não mais possuindo navios para medir-se contra os nossos, usou do recurso de a elles entregar a empresa, qual a de fazer ao nosso commercio o maior mal possível.

Os poucos que lhe restavam serviam para proteger-lhes a entrada ou a sahida do porto de Buenos Ayres. N'esse serviço não descansava Brown. Audazes corsarios andavam mar em fôra na sua afanosa missão de destruir o nosso commercio.

• Pretendendo Brown ir ao encontro d'um d'elles, de Martim Garcia a bordo da *Sarandi*, partio no dia 4 de Agosto, aventurando-se até a altura de Montevidéo; dias depois, vendo que não appareciam, resolveo retroceder; ao passar em frente á Colonia foi apercebido e em seu encaço velejaram uma escuna, duas barcas canhoneiras e uma lancha, que o obrigaram a procurar refugio em San Juan, onde permaneceu encurralado durante oito dias, depois do que chegou a Martim Garcia.

Alli reunido á 11 de Junio, fez-se de vela para Buenos Ayres, porém atacado pelos navios de Norton, teve que fugir, encalhando mesmo na bocca do Riachuelo a 11 de Junio. Infelizmente es bancos e a maré muito baixa impediram a approximação dos nossos que se tiveram de contentar em hostilizar-a de longe. Brown, para levar recursos ao seu companheiro, embarcou-se em uma baleeira enquanto o faziam Granville e Fournier em uma barca canhoneira e até á noite responderam o fogo dos nossos. Com a escuridão da noite deixaram os nossos, pela impossibilidade de visal-os.

A 23 de Agosto, perseguindo um brigue fel-o encalhar e não podendo tiral-o da posição em que se achava mandou incendial-o.

Em fim de Setembro, ainda no proposito de auxiliar a entrada da *Juncal*, que tinha ido ao Chile em busca de munições, sahio Brown com a *Sarandi*, *Maldonado*, 8 de Febrero e *Balcarce*. No intuito de fazer um reconhecimento, usou Brown de um expediente muito seu predilecto, qual o de içar bandeira estrangeira; içou para isso na *Sarandi* a bandeira norte-americana para se confundir com muitos d'aquella nacionalidade que demandavam aquellas paragens em commercio illicito e approxinou-se de Montevidéo. Não lhe surtio bem o estratagem, pois reconhecido, foi perseguido pelo brigue 29 de Agosto, do commando do Primeiro Tenente José Lamego Costa, enquanto os demais navios, sob as ordens de James Norton, suspenderam ao encontro dos outros inimigos que se avisinhavam no intuito de proteger o seu almirante.

Emquanto porém tinham os nossos que barlaventear, para ganhar posição, para depois arribarem sobre elles, estes, de vento a feição fugiram, embora perseguidos até a noite.

A 30 de Setembro regressou a *Juncal* do Chile, trazendo as munições tão ardentemente esperadas pelo inimigo; devido ao seu pequeno calado e condições vellicas, apesar de perseguida, no dia dois de Outubro, salvou-se por sobre os bancos.

No dia 18 de Outubro, na *Sarandi*, Brown e na *Juncal* John Coé, estavam a espreita de occasião favoravel para protegerem a entrada do brigue neutro *Assumpta*, que lhes deveria trazer canhões e munições.

Para apresal-o, fizeram-se de vela alguns navios da Divisão de Norton. Avançaram então os navios argentinos, mas encontraram tal opposição que se viram obrigados, debaixo de tremendo fogo, a se refugiarem em Pozos, dei-

xando em nossas mãos a presa, que foi incorporada á nossa esquadra com o nome de *Constança*. Nada soffreram os nossos durante a pelega que durou uma hora; teve, no entretanto o inimigo, um morto na *Sarandi* e dois feridos na *Juncal* e ambos o apparelho bastante avariado.

No dia 6 de Dezembro, tendo sahido James Norton, comboiando 18 embarcações de commercio, trazendo sob suas ordens a fragata *Principe Imperial*, escunas *Grenfell*, *D. Paula*, *Bella Maria* e *Rios* e canhoneiras *Victoria da Colonia*, 1º de *Dezembro* e *Esperada*, avistou ao pôr do sol, nas proximidades de Punta de Lara, dois bergantins.

Reconhecendo-os como inimigos vigiou-os toda a noite e ao amanhecer passando-se para a barca *Grenfell*, onde arvorou o seu pavilhão, deixando o comboio á guarda da *Principe Imperial* e das canhoneiras e seguido pelo *D. Paula*, *Rios* e *Bella Maria*, atirou-se ao inimigo que não eram senão o brigue barca *Congresso*, o melhor navio argentino, armado agora com vinte canhões, commandado pelo audaz e astucioso corsario Fournier e o brigue mercante *Harmonia de s Anjos*, tomado pelo corsario na altura de Santa Catharina, já armado com seis peças de grosso calibre e commandado pelo americano João Baptista Thorn.

Norton, cujas qualidades de homem do mar eram superiores e inegalaveis no arrojio com que sabia atacar, de tal forma se houve na perseguição dos dois navios que, por mais que fizessem, tiveram que ir encalhar nas proximidades de Punta de Lara, em frente á casa de Wright, talvez para poderem salvar algo do producto de suas rapinagens.

Ao amanhecer recommçou a artilheria dos nossos a batel-os.

O *Congresso*, cheio de avarias e com 35 praças feridas, dos quaes 24 mortalmente, não mais resistio. A's 11 horas, abandonado foi por Fournier, bastante ferido e pelos sobreviventes, deixando a bordo o cirurgião e os feridos, indo todos em escaleres refugiar-se em terra.

Salvos os feridos pelas nossas embarcações; recolhidos muitos trophéos, taes, bandeiras, chronometros e o pavilhão de Fournier «que era um guião formado com as côres argentinas, tendo na facha central branca o nome do commandante», ordenou Norton que fossem incendiados os navios, o que foi feito.

Quando Brown soube do que se passava e o perigo a que estava exposto o melhor e o mais veleiro navio de sua esquadra, apezar de achar-se entregue a valente marinheiro, fez-se de vela a todo o panno para levar-lhe soccorro em dez embarcações; esbarrou com a divisão do denodado capitão de mar e guerra João das Bottas que o obrigou a virar de bordo e recolher-se ao porto.

Depois d'este triumpho, pedio James Norton nova licença para gosnar em Montevidéo, que lhe foi concedida.

Reassumio o commando de sua Divisão no dia 12 de Fevereiro de 1828, içando o seu pavilhão na corveta *Carioca*.

Tres dias depois, ainda no proposito de proteger a entrada do brigue norte-americano *Sicil*, que andava a tentar forçar o bloqueio, sahiram de Buenos Ayres os brigues *Balcarce* e *8 de Febrero* e escunas *Maldonado* e *9 de Febrero*.

Alerta estava Norton com a sua divisão, composta da *Carioca*, capitanea, 1º de *Dezembro* e barca canhoneira *19 de Dezembro*.

No dia 17 appareceu o enterlopo e desde logo começou a ser caçado. Para protegê-lo sahiram de Buenos Ayres doze embarcações, montando 36 peças, eram ellas *18 de Enero* (capitanea) sob o commando de Nicolas Jorge; *29 de Diciembre*, sob o mando de Guilherme Mendez; *11 de Junio*, sob o de Manoel

de la Rosa; 30 de Julio, commandada por Maximin; Uruguay, sob as ordens de Agustin Erescano; Guanaco, commandante Peppere; Canhoneiras n.º 1, 7, 8, 10, 11 e 12 commandadas respectivamente por Sulpiche, Noguera, Roberts, Calixto José da Silva, Cartello e Balcarce.

Não podendo escapar-se de ser aprisionado, preferio encalhar o *Sicilis* entre La Boca e Quilmes. Atacados, foram em seguida tanto o navio neutro como a divisão inimiga; o chefe Norton, para bem dirigir o ataque, passou-se de sua capitanea para bordo do brigue *Caboclo*, e em seguida para a escuna *D. Paula*. Não continuou a 29 de Agosto, por ter encalhado, safando-se com avarias.

Ordenou James Norton que fôsem armadas as embarcações miudas e fôsem aprisionar o navio neutro, o que foi feito, apesar do fogo dos protectores. Quanto ás embarcações inimigas, foi a canhoneira n.º 4 aprisionada e incendiada, tirando-se d'ella um canhão; a n.º 10, crivada de balas, procurou fugir, mas foi a pique quando procurava refurgiar-se na boca do Riachuelo. Tendo por completo acalmado o vento, foi temporariamente suspenso o combate, para proseguil-o até a noite, caso refrescasse, o que não aconteceu.

Não nos aproveitou a captura do *Sicilis*, porque tendo sido mandado um Piloto e um escanseiro para o seu bordo não se acautelaram.

Durante a noite foi o inimigo a bordo, prendeo-os e deitou fogo no navio. Nessa renhida lucta recebeu James Norton um ferimento em uma perna; tivemos dois mortos e dez feridos. Disse o inimigo que teve dez feridos, entre os quaes o capitão Calixto Silva e os officiaes do exercito Refegos e Diaz.

O governo argentino, em vista d'aquelle combate, que lhe trouxe a perda de tres canhoneiras e do material que vinha no *Sicilis*, mandou prender os commandantes.

A divisão de Brown, que sahira a 15, regressava de seu pequeno cruzeiro á espera do brigue *Niger*, quando avistou a divisão de Norton, que estava nas proximidades de Punta de Lara.

Não se atrevendo a medir com ella, procurou o abrigo dos baixos, para o que mandou aproar para o monte de Santiago; d'esse modo estava segura que a maioria dos nossos navios lá não conseguiria ir, devido ao seu calado. Os nossos porém enquanto lhes permittio o fundo e a maré, foram castigando com ardor, dentre elles sobresahindo o *Caboclo*, com seus certos tiros. Cada vez mais cosidos com a terra, crivados de avarias se conservaram até a noite, durante a qual conseguiram velejar e porem-se a salvo.

Dia a dia affirmava Norton o seu ardor na lucta e mais do que nenhum, no estuario do Prata, dando provas da mais alta capacidade manobreira, de mais espirito de iniciativa e de mais valentia; no entretanto nenhuma recompensa lhe era dada.

No dia 12 de Abril, sabendo que se achava fundeado nos Poços um navio americano carregado de contrabando de guerra, resolveo de lá tiral-o.

Presentido o intuito, para oppôr-se a elle mandou Brown sahira a sua flotilha composta da *Sarandi*, 8 de Febrero, 9 de Febrero, Maldonado e as barcas canhoneiras. Dos nossos adiantaram-se o 29 de Agosto commandado pelo Primeiro Tenente José Lamego Costa e uma escuna, que desde logo se empenharam em lucta, enquanto os outros procuravam acercar-se do navio neutro.

Para evitar a realisação do premeditado, procurou o inimigo attrahir os nossos para sotavento, isto é, para sobre os baixos.

Perseguiu-os o *29 de Agosto*, quando a 1 1/2 horas depois de meio dia encalhou, sendo então cercado pelo inimigo. O bravo commandante Lamego, com o intuito de alliviar o seo navio, mandou por um momento cessar o fogo, enquanto fazia transportar da pôpa para a prôa a artilharia. Com furia atacou o inimigo, aproveitando-se d'esse incidente e já pensava o valente commandante da *29 de Agosto* em fazer voar o seu navio, quando a barca *Grenfell*, commandada por João Nepomuceno de Menezes, por ordem de Norton, veio em seu soccorro.

Ella que estava a barlavento, metteo em cheio e collocou-se pela pôpa do *29 de Agosto*, abrindo nutrido fogo contra os assaltantes que, estonteados, deram tempo a que o nosso brigue desencalhasse e se aprumasse.

Atacados com furia a *Sarandi* e *9 de Febrero*, retirou-se do combate a primeira desarvorada e a segunda com um largo rombo no costado. Levaram os nossos a cubiçada presa e foram fundear fóra do porto ás 4 horas.

Não foram maiores os estragos soffridos pelos inimigos, em vista do pouco alcance das peças que guarneciam os nossos navios.

Dissè Brown: «A personnas no informadas de la mala artilleria de los brasilenos, parecerá increíble que tantos buques tirassem por tan dilatado espacio, frecuentemente á tiro de metralla, sin causar considerable estrago».

Veio o mez de Julho, chefiando James Norton a divisão naval, composta da *Bertioga* (capitanea) brigues *Niger*, *Dous de Julho* e brigue escuna *9 de Janeiro* e escuna *19 de Outubro*, achava-se vigilante no seu posto de bloqueio, quando foram avistadas duas embarcações que se tornaram suspeitas.

Ao seu encalço mandou Norton sahir o brigue *Niger*, que fóra apresado ao inimigo, agora armado com 11 canhões e commandado pelo Primeiro Tenente Thomaz Craig.

Os navios suspeitos não eram mais do que o corsario *General Brandzen*, armado com 12 canhões, 2 caronadas de 8 e quatro de 22, commandada pelo Capitão George C. de Kay, equipado por 60 norte-americanos e inglezes, e o *Cacique*, navio nosso, apresado que vinha com agua aberta, devido aos temporaes e combates.

Havia um anno que no corso andava o *General Brandzen*.

Diz o Capitão Tenente Lucas Boiteux «O *Cacique*, ao notar a manobra dos brasileiros, arribou logo e deitou a fugir, abandonando o *Brandzen*.

«Na vanguarda dos nossos, como mais veleiro, destacava-se o *Niger*, batendo o corsario argentino, com os seus cachorros de prôa.

«A lucta ia encarniçada... Desesperado com a perseguição tenaz que os nossos lhe faziam, impossibilitado de ganhar na louca fuga o mar largo, procurou o corsario collocar-se sob a protecção de um pequeno forte, levantado mezes antes, na Punta de Lara (Forte Brown).

«Na veloz carreira que levava, fustigado de perto e terrivelmente pelo *Niger* e pelo *9 de Janeiro* o commandante George de Kay não dava attenção aos bancos e n'elles encalhou. O *9 de Janeiro*, de menor calado, seguiu-lhe na esteira e foi encalhar a seu contrabordo.

«Terçaram armas os dois valentes contendores, enquanto as tres pequenas embarcações, *2 de Julho*, *19 de Outubro* e *União*, batiam o fortim inimigo, que contra os nossos abria nutrido fogo.

«A *Bertioga*, de maior calado, quedou-se ao largo com o *Niger*; mas o bravo Norton não se coadunava com o papel de mero espectador e, embarcando-se em um escaler, dirigido pelo guarda marinha Elisiario Antonio dos Santos, futuro Barão de Angra, seguiu para bordo do *9 de Janeiro*, a dirigi

a acção. O fogo era tremendo e o convez dos lenhos brasileiros banhava-se já no sangue dos bravos. A guarnição do corsario luctou durante vinte minutos; mas, desde que sentio o navio encalhado e alvo inermes das balas brasilienses, arriou a bandeira e procurou em escaleres e á nado ganhar a costa, perecendo afogados alguns marujos.

«Continuou o combate entre os nossos e a bateria inimiga, enquanto se faziam esforços para desencalhar os dois navios. Os nossos fizeram calar o fogo do reducto argentino e incendiaram o corsario *Brandzen*. Alijavam já parte da artilharia do *9 de Janeiro* para alivial-o quando os naufragos do corsario guarneceram o forte e de novo abriram vivo fogo.

«Recrudescceu o combate, tombando o bravo Norton ferido no peito e com o braço direito quasi decepado.

«Apezar dos graves ferimentos que recebera, o valente chefe continuou a dar ordens, recolhendo-se pouco depois, á *Bertioga*, onde lhe fizeram a amputação do braço. Não sendo possível desencalhar o *9 de Janeiro*, foi elle mandado abandonar e incendiar, cahindo então prisioneiros do inimigo o seu commandante João William e tres marinheiros, por não terem cumprido fielmente as ordens do chefe.

«Tivemos a bordo do *Niger* um official e sete marujos feridos e cinco mortos; a bordo do *9 de Janeiro*, mortos o segundo Tenente Diogo Lolhet, o praticante Felipe Clapeton e 4 marinheiros; a bordo da *União* feridos o commissario Souza e cinco marinheiros.

«Esta perda está bem longe dos 35 mortos e feridos que nos dá Brown nas «*Acciones Navales*». E' falso, tambem, que tivessem tomado parte n'este encontro 21 navios brasileiros. A perda no inimigo foi de oito mortos 12 feridos e 14 prisioneiros».

«Vem aqui o logar de citar as heroicas palavras do denodado chefe James Norton, que por isso só definem o character de tão glorioso militar. Ao terminar o encarniçado combate e depois de ter soffrido a amputação do braço direito e pensado os demais ferimentos no ventre, com a mão esquerda assignou a parte official do combate, findo o que, disse: «*Perdi o meu braço direito, porém estou contente por ter sido pela causa do Imperador e do Brasil que defendo; e esto, prompto a voltar e arriscar a vida pelas mesmas causas, a penas possa fazer mais algum movimento que espero não tardará muito*».

Ainda não estão gravadas no bronze os seus feitos: já o fez a poesia:

«Sim, oh Norton, se firme em vosso abono
Acosando dos mares a escória
Perdeste um braço de que eras dono,
Maior é, do que a perda, a tua gloria.
Perdeste um braço, mas ganhaste um throno.
No indelevel templo da memoria!»

Dava-se a coincidência para D. Elisa Norton de ter para segundo marido um novo e glorioso mutilado. O primeiro buscou-o no exercito; pela sua bravura em Warteloo perdera o braço. Viuva, teve o segundo; este escolhido na marinha e que, por sua vez, perdera o braço direito, em um dos ultimos lances de sua bravura, demonstrada tantas vezes naquella longa guerra.

A parte do almirante Pinto Guedes, já Barão do Rio da Prata, publicada no *Diario Fluminense*, diz: O *Niger* teve cinco marinheiros mortos e feridos um official, um soldado e seis marinheiros (levemente) e quatro d'estes gravemente. Nas diligencias de quererem desencalhar as embarcações, como estavam a tiros de metralha da fortaleza, tivemos a bordo do *Nove de Janeiro*

mortos o 2º Tenente Diogo Lolhet, praticante Felippe Chapeton (que se haviam feito credores de elogios) e dois marinheiros. O Capitão de Mar e Guerra James Norton que se achava, ali mandando a faina, perdeu o braço direito; mas, tauto ali, como de bordo da *Bertioga*, onde se fez logo a amputação, continuou a dar todas as providencias para salvar a guarnição do *Nove de Janeiro* vindo no escaler para isso mandado, porque trazia mais gente e não cabia a sua bagagem, esperando que lhe enviassem outro, em que o conduzisse; não podendo as nossas embarcações pequenas (que eram tres, por terem ido algumas para o Rio Grande e estarem outras em Montevidéo a concertar) continuar a bater a fortaleza (que tinha feito calar) por haverem recebido estragos na mastreação, recomeçou a bateria de terra um vivissimo fogo, quando d'ella se apossaram os marinheiros desembarcados do *Brandzen*, não sendo possível que algum escaler voltasse a bordo do *Nove de Janeiro*, de baixo da metralha. Por tal motivo o commandante o capitão tenente John William, dois marinheiros e um soldado que mandou ficar para lhe tirarem os moveis, foram prisioneiros, e os inimigos se aproveitaram de duas peças, uma de 24 e outra de 9, de tres caronadas (tres tinham sido lançadas ao mar, e não foi mais nada pela tenção de o queimar) e dos sobresalentes, o que se evitava; tendo o commandante sahido quando Norton lhe mandou escaler e ordem para isso e para pegar fogo na embarcação, que já estava sem mastro e com o costado arruinado, pelo fogo da fortaleza sobre os escaleres e embarcações pequenas, que a bateram; tres marinheiros perderam cada um, um braço e outro uma perna e o commissario da escuna *União*, José Francisco de Souza, tendo o hombro direito maltratado de metralha, é considerado com risco de vida, e foram feridos mais cinco homens.

As tres pequenas embarcações que bateram a fortaleza e a fizeram calar, o que deu occasião a salvar a guarnição do *Nove de Janeiro* e a queimar o *Brandzer* foram a *Deseuove de Outubro*, commandada pelo Primeiro Tenente Augusto Leverger (*), a escuna *União* (ha pouco tomada aos inimigos), commandada pelo primeiro tenente Cecil Browning, que se recommenda o segundo tenente Francisco Manoel Barroso da Silva (**), e o voluntario Thomaz Bettem, o brigue escuna *Dous de Julho*, commandado pelo segundo tenente Wm. Mac-Erving, que se recommenda o seu voluntario Adolpho Felix Flechkenk; estas embarcações e o *Niger* que commanda o primeiro tenente Thomaz Craig, tiveram occasião de poder distinguir mais, este pelo seu muito andar e aquelles por demandarem menos agua. O commandante do *Niger* recommenda muito o segundo tenente Brown e o voluntario Basilio Martins Ferreira de Almeida. Norton, acabada a amputação, deu-me parte de todo o successo, assignando com a mão esquerda e acabara dizendo: «Perdi o meu braço direito, fui ferido no peito e em outros logares, mas estou contente por ter sido pela causa do Imperador e do Brasil, que defendo; e estou prompto a voltar e arriscar a vida pelas mesmas causas apenas possa fazer algum movimento que espero não tardará muito». Este valente official commandava a divisão em 30 de Julho de 1826, quando os inimigos perderam a corveta de 30 peças a 25 de Mayo, e o resto das embarcações inimigas fugiram para o porto maltratadas, successo que deu principio a aniquilação da esquadra de Buenos Ayres; queimou o *Congresso*, agora a *Brandzer*; foi mesmo dentro de Buenos Ayres tirar embarcações, queimar outras e entre estas uma de guerra; no mesmo dia em que perdeu o braço deu com acerto todas as providencias necessarias, participando todos os successos; anhela voltar ao mesmo effectivo serviço ainda antes de total restabelecimento, e eu que poderei dizer para o abonar e recomendar depois de contar factor taes? Se eu fizer exacto relatorio de muitos

(*) Futuro almirante Barão de Melgaço.

(**) Barão do Amazonas.

outros, que, posto sejam de menor importância, mostram sempre o excellento homem de mar e o militar valoroso. O brigue *Cacique*, que veio com o *Brandzer* até a bocca do Rio da Prata, recebeu entrar.

Dizem os prisioneiros que tomara rumo para o sul, e que fazia tanta agua, que custava a esgotal-o e por isso vinham no *Brandzer* quanto tinham de bom das prezas.»

Foi finalmente depois de tantos relevantes serviços promovido a capitão de mar e guerra effectivo, e elevado ao grão de dignatario da Ordem Imperial do Cruzeiro; já possuía a de cavalleiro e a medalha da Boa Ordem. Norton padecia do mesmo mal que seus companheiros. Trazia comsigo o estygma de ter sido contractado para expulsar as tropas luzitanas. Não o perdoavam por isso os adhesistas dominantes nas altas espheras.

Por decreto de 11 de Julho foi-lhe concedida pelo Imperador uma pensão vitalicia de 800\$000 annuaes, em *contemplação aos importantes serviços por mais de uma vez prestados e especialmente no combate que teve lugar no dia 16 de Junho do mesmo anno com o brigue «General Brandzer» e com as baterias de terra inimigas no qual dando provas de distincto valor e pericia naval, perdeu o braço direito.*

A 5 de Setembro tão prompto se restabeleceu, assumio o commando da sua divisão.

Exhausta a Argentina, não desesperava contudo o seu Almirante em procurar meios de prolongar a guerra. Com sua patriótica proclamação, na qual dizia: *Ansiioso de obtener ocasiones en que acreditarvos mis sentimientos y desengañado de que las fuerzas navales de la Republica no pueden imponer respecto al enemigo como debería ser, he meditado un plan que hará eziquible aquel objecto, se encuentra acajida y merece la aprobacion de vuestro heroico patriotismo*, conseguiu dinheiro para obter e armar alguns navios.

Foi o ultimo lampejo do esforço. Fez-se a paz: a convenção foi rectificada pelo Imperador em 30 de Agosto e pelo Governador das Provincias Unidas do Prata, D. Manoel Dorrego em 20 de Setembro.

Tinha vencido a politica partidaria e derrotado o brio nacional; o exercito e a marinha iriam em breve pagar os gloriosos feitos de que haviam enchido as paginas de nossa historia, que a todo transe e por todos os modos pretendiam borrar-as, com o fel de odios, a politicalha sem entranhas.

Seria o executor o regente Feijó, que aproveitando-se do estado de depressão que dominava no espirito nacional, deu o golpe de morte nas forças militares.

Foram os dirigentes que desde a nossa independencia criaram lendas e versões deprimentes ao nosso character, e que são ditas e repetidas desde a escola publica dos visinhos que nos cercam. Diz Oneto y Vianna na «*La Diplomacia del Brasil en el Rio de la plata*, pag, 26 «As derrotas de 1825 e 1826, vão dizer mais tarde um escriptor oriental, soffridas pelas tropas imperiaes em Rincon, Sarandy, Ituzaingo, tinham dado origem a versões absurdas, alimentadas pelo patriotismo platino sobre a covardia brasileira,

No Rio da Prata diz Rio Branco (Notas a Schneider pagina 49) procura-se systematicamente persuadir o povo que somos d'uma raça despida de brio e de valor, e isso não obstante um sem numero de feitos brilhantes que registra a nossa historia militar, desde o tempo das luctas com os francezes, hollandezes e hespanhões até as nossas contendidas do Sul, a partir do Seculo XVII. Em geral não conhecem os nossos visinhos a historia do Brasil, e emquanto as nossas operações militares do Rio da Prata, adulteram os factos para apresentar-nos sempre sob um aspecto desfavoravel. Julgam que nos insultam

fallando sempre em Sarandi e Ituzaingo, como se houvesse vergonha em não alcançarem as nossas tropas a victoria, pelejando em numero muito inferior, como succedeu no primeiro d'esses combates, onde 1414 milicianos brasileiros atacaram imprudentemente 2.500 homens das tres armas, e na tão fallada batalha de Ituzaingo, onde a 10.000 homens, pouco mais ou menos, oppuzemos apenas 5.576.»

Dir-se-ia que tendo sido até hoje o nosso empenho, em vez de illuminar os feitos de nossa historia militar, fazel-os desapparecer no pó dos archivos. Como protesto a isto tenho procurado, embora desordenadamente e de modo desalinhavado, retiral-os ao pasto dos papirophagos, para dal-os aos poucos leitores de nossa vida nacional, esperando que esses se lembren de enquadral-os em placas de ruas, até que por fim sejam fundidas em bronze ou mesmo representadas em telas.

Se o nome do nosso heroe ainda não honra um logradouro publico, quanto mais os seus feitos!

A 29 de Setembro, a *Sarandi*, com a bandeira parlamentar, veio communicar ao chefe Norton a assignatura da paz. De bordo da *Nitherohy*, communicou o chefe da esquadra nacional, fundeada em frente a Buenos Ayres a alviçareira noticia. A salva dada pela *Sarandi*, responderam empavezados a *Nitherohy* (capitanea) corvetas *Liberal*, *Dorrego* brigues *Rio da Prata*, *Niger*, *Pirajá*, *Feliz*, *Caboto*, *Maranhão*, *Constança*, *D. Januaria* e 2 de *Julho*, escunas *Haparica*, *Bella Maria*, *Rios*, *D. Paula* e a canhoneira 19 de *Dezembro*. Coube a *Bella Maria* levar a Buenos Ayres a notificação do levantamento do bloqueio.

Continuou James Norton em Montevidéo até 6 de Dezembro no commando do *Carioca*, quando se fez de vela para o Rio de Janeiro.

Poucos dias antes chegava de Genova a fragata *Isabel* e qué no regresso tocara nos Açores devido á questão da successão portugueza, e necessitando o governo de um navio para ir á Inglaterra, resolveo que de novo fosse a *Isabel*.

Para o commando d'essa fragata foi escolhido o capitão de Mar e Guerra James Norton, assumindo-o a 15 de Janeiro de 1829; n'ella ia o Marquez de Macció. Durante a sua viagem que durou cincoenta dias, encontrou a esquadra portugueza que bloqueava a Ilha Terceira, nos Açores, baluarte então dos partidarios de D. Pedro.

Tratava n'esse tempo D. Pedro I de organisar elementos para assegurar o Throno de sua filha, d'elle espoliada por seu tio e futuro marido, D. Miguel, irmão de seu pae.

O Marquez de Barbacena, que dentro em pouco ia acabar na desgraça, devido ao seu nobre gesto, em afastar da camarilha imperial os sequazes do Imperador, o celebre Chalaça e outro, assim aconselhava a D. Pedro I sobre a organização dos elementos navaes. «Os navios brasileiros, quer sejam fretados ou vendidos á rainha, quer sejam fornecidos em consequencia de tratado de aliança, devem ser commandados por Norton, Beaurepaire, Grenfell, João das Bottas e outros officiaes já experimentados no Rio da Prata, e devotadissimos a V. M. Imperial, com o menor numero possivel de officiaes de marinha portugueza, e nenhum absolutamente dos que tem sido admittidos de poucos annos a esta parte, da classe dos pilotos e contra-mestres de navios mercantes.»

De Plymouth no dia 30 de Agosto partio James Norton, na sua fragata acompanhando a fragata *Imperatriz*. N'esse navio haviam embarcado a segunda *Imperatriz* do Brasil e a rainha de Portugal a 27 de Agosto. O Marquez

de Barbacena que havia acompanhado D. Maria da Gloria á Portugal, levara tambem á missão secreta de nas côrtes europeas escolher uma noiva para D. Pedro. Depois de varias e infructuosas tentativas conseguiu a mão da princeza D. Amelia de Leuchtenberg.

Sob o mando do vice-almirante conde de Souzel chegou a divisão ao Rio de Janeiro a 16 de Outubro.

Para perpetuar a memoria de seu consorcio creou por decreto no dia seguinte D. Pedro I, a Ordem Civil e Militar da Rosa. Com o grão de comendador d'ella, foi agraciado o capitão de mar e guerra James Norton, e no dia seguinte graduado em chefe de divisão. Já brilhavam em seus punhos as estrellas de almirante quando começaram os successos que iam servir de epilogo a lucta desde muito travada entre o interesse pessoal do imperador e o geral da nação.

Nomeado em 1831 inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Em 30 de Dezembro d'esse anno entrou no gozo de uma licença até 14 de Julho de 1833.

A 3 de Dezembro de 1834, tendo sido encarregado de uma commissão á Nova Zelandia, partio elle. De regresso na galera *Waterloo*, a 29 de Agosto de 1835, dous dias depois do seu embarque, veio a fallecer o illustre official que tanta gloria tinha dado ao seu paiz de adopção. Recebeo o mar, theatro de suas façanhas, os despojos de quem tanto n'elle se distinguio.

O amor que tinha ao Brasil demonstrou-o nos nomes dados aos seus filhos de seu consorcio; traziam elles ligados uma particula da terra que os vio nascer; assim: Marina, Indiana Isabel; Fletcher Carioca, Frederico de la Plata, William Slavter e Maria Brasilia.

Era casado com uma senhora de distincto merito, Eliza Bland, viuva de um filho do celebre Lord Erskine, que tendo perdido um braço na batalha de Waterloo, servio como deputado do Ajudante General na India.

«Conhecio-o de perto. Era incontestavelmente perito homem do mar, bravo e cheio de zelo; mas faltava-lhe experiencia para dirigir uma esquadra ou divisão. Em combate não conservava o sangue frio e a sua acção era absorta pelo navio que commandava ou, antes, pelo navio em que se achava, pois ás mais das vezes passava-se, com a sua insignia, para navios de menor calado, em que mais de perto pudesse tomar parte na acção.»

«Outra informação, recolhida em Londres pelo Sr. Barão do Rio Branco, que n'aquella capital conseguiu descobrir em 1838 a morada de um filho, Fletcher Carioca Norton e Maria Brasilia e dada por outro contemporaneo de Norton, o velho Branley Moore que, depois de haver sido negociante no Rio de Janeiro, onde fundou uma importante casa commercial, que ainda perdura, filial da de Liverpool, foi membro do parlamento britanico e tanto na Camara dos Commons, como na imprensa, defendeu com calor e causa do Brasil, por occasião da celebre questão Christie (1862-1863):

«Assisti ao desembarque de Norton no Rio e conhecio-o muito. Era um valente e bello official. Lembro-me que desembarcou com uma casaca verde de botões amarellos. Sua mulher era lindissima e encantadora. Muito intelligente e muito dedicada a seu marido. Norton deixou tres filhas: Brasilia, Indiana e Marina.»

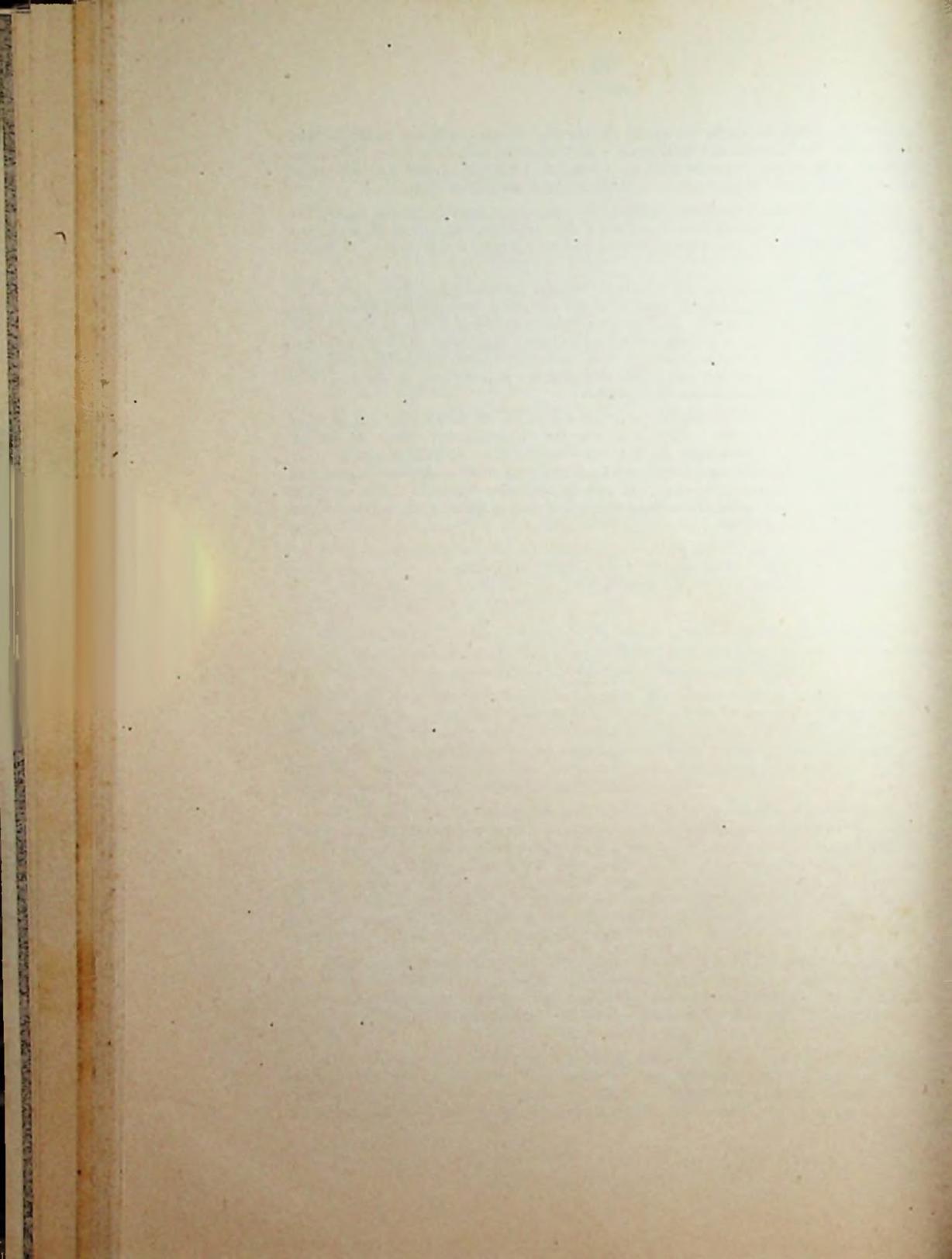
O retrato que damos do illustre official, é uma copia do que foi offerecido ao Club Naval pelo benemerito Sr. Barão do Rio Branco, a quem tanto deve a nossa Patria, bem como com seis gravuras representando os principaes feitos em que se achou o mesmo chefe no commando das nossas forças navaes.

As gravuras, segundo desenhos de Gastão Roulet, pintor do Ministerio da Marinha de França, são de Goupil e de Vacheron, como diz o Sr. Bernardo de Faria, em uma publicação feita no *Jornal do Commercio*, sob o titulo «*Um General d'Armada Brasileira — o chefe de Divisão James Norton*».

Tinha quarenta e um annos quando foi retractado na tela. A sua figura vigorosa, energica e sympathica apparece n'esse quadro, em que se desenha no fundo a barra do Rio de Janeiro, com o Pão de Assucar e a fortaleza de Santa Cruz.

Em notas do punho do Almirante Inhaúma, tomadas no archivo particular do eminente historiographo militar e naval que foi o inesquecivel brasiliense recorridas pelo Sr. Bernardo de Faria encontram-se estas linhas: «Norton era um habilissimo official e pertencêra à marinha da Companhia das Indias Orientaes. Era valente e de bella presença. Sua senhora (anteriormente Mrs Erskine) tratava a todos com muita amabilidade e assistio ao combate de 30 de Julho de 1826, com grande presença de espirito».

Nos apontamentos existentes no mesmo archivo offerecidos pelo almirante Augusto Leverger, barão de Melgaço, que foi ajudante de ordens de James Norton desde 11 de Novembro de 1824 até 8 de Outubro de 1827 e depois como commandante servindo na divisão sob suas ordens, vê-se: «James Norton era valente e perito homem de mar; de character justo e honrado, bom coração, genio um tanto assomado. Era mais idoneo para commandar um navio do que uma esquadra ou divisão.



João Antonio de Oliveira Bottas

CHEFE DE DIVISAO

O absolutismo ferrenho e as abominaveis explorações de todo o genero postos em pratica por Portugal, por intermedio de seus Capitães Generaes, Ouvidores e Juizes de Fóra na colonia que o acaso lhe déra, já duravam trezentos e oito annos quando, depois de exaurida em todos os seus recursos, anniquilada em todas as suas fontes de riquezas e vedadas todas as iniciativas, espavorida e acobardada diante das bayonetas napoleonicas, n'ella veio por fim em 1808, procurar refugio a côrte real.

Apezar de tudo, com carinho, ia a colonia acolher o Regente em nome da Rainha Nossa Senhora; as festivas demonstraões dispensadas mostrar-lhe-ia, que o refugio ironicamente apontado pela Inglaterra aos reinantes lusitanos, justamente a terra que tanto desprezo lhes merecia, mas que no entanto fructos lhes trazia, era digna de melhor quilate.

A's acclamaões succederam-se immediatamente as desillusões; o ouro levado do Brasil em tal abundancia que com elle se poderia formar uma pyramide de cinco metros de altura por oito de base, dera para tudo e para todos os caprichos, a contar de D. João V. nunca chegou, porém, na colonia, para se construir modestos edificios para a administração.

Sentiram desde logo, os habitantes da Capital, o peso do sequito real, composto de quinze mil pessoas; viram que garantia alguma tinha o particular de seus bens, quando fallava o interesse do rei.

Assim é que, para alojar tanta gente puzeram-se em acção os meirinhos acompanhados pelos que deviam ser albergados, os quaes, com arrogancia, em chegando á casa apetecida, diziam ao inquilino ou proprietario: *Precisamos d'esta casa*. Logo em seguida a esta notificação assignalava o giz do meirinho a porta da entrada com as maiusculas *P. R. (Principe Regente)*, que na sua ironica sabedoria traduzia o povo por: *Posto na Rua*. De facto era o proprietario ou locatario d'ella obrigado a retirar-se em vinte e quatro horas para dar entrada ao fidalgo aquinhoado que n'ella se aboletava, á espera do emprego publico que fosse creado ou vagasse pela dispensa do filho da colonia que o exercia.

A tanto chegava a extorsão que, para obter o proprio dono, um quarto, onde se alojar, tinha que pagar aluguel ao usurpador de seu predio. E' bem frisante o proceder do Almirante José Joaquim Torres.

Tiveram, os assim lesados, que recorrer á justiça real, mas os juizes não mais eram os mesmos; substituídos pelos que acabavam de chegar, só encontravam despachos favoráveis, os requerentes, se juntassem propinas e gorjetas para mais facilmente transitarem seus papéis.

Diz Armitage que desde então começou a ser vendida a justiça e a não dar-se andamento a papel algum sem a respectiva gratificação.

Era que taes empregados não se vinham estabelecer na terra, mas sim refazer fortunas abaladas.

Vinham de longe as queixas.

Varadas as florestas, na caça ao homem natural das selvas, chegaram as atrocidades e barbarias a ponto do padre Antonio Vieira reclamar ao rei em carta de 20 de Abril de 1657: "As injustiças e tyránias que se tem executado nos naturaes destas terras, excedem muito ás que se fizeram na Africa; em espaço de quarenta annos se mataram e se destruíram por esta costa e serções mais de dois milhões de indios e mais de quinhentas povoações, como grandes cidades, e disto nunca se vio castigo".

Mais tinham que fazer os padres com a cathechese dos proprios colonos do que com a dos selvicolas.

Depois de consentirem aos filhos do paiz a descoberta de minas, pois antes lhes era defeso, logo que estas começaram a apparecer e deslumbrar pelas suas riquezas, novamente se lhes prohibio. Começou desde então Portugal a colher fructos de trabalho não praticado. Batalhões inteiros de "caraibas" (*) vieram com a missão de revolver as entranhas do Brasil.

"Nunca menos de 57.120 arrobas de ouro e 50.000 cruzados de diamantes seguiam annualmente para Portugal desde 1730 a 1810.

Só no decurso de um anno e meio, de 1734 a 1735, deu o *quinto* á corôa 180 arrobas e que corresponde a uma remessa de 900 arrobas d'esse metal precioso".

Amortecêra a remessa do *pão brasil* o nosso ibirapitanga; devastadas as florestas, derribadas as arvores, queimavam-se-lhes propositalmente as raizes para não reproduzirem novédios. O exterminio era a lei geral.

D'esse commercio, que era monopolio da corôa, vieram a ser chamados de *brasileiros* aos que se entregavam á profissão de extrahir tal madeira de tinturaria, appellido esse que se estendeo aos nascidos no Brasil.

Tanto ouro enviava o Brasil que D. João V, no seu delirio de grandezas e faustos, teve-o á farta para mandar fazer bacios de ouro, tendo como azas, seraphins em adoração, até para construir essa phantastica mole, que é o convento de Mafra, para alojar frades e mais para elevar o patriachado de Lisboa ao cardinalato e possuir o titulo de *Fidelissimo* que lhe custou a somma de 426 mil contos.

Tanto soffrimento não podia deixar de ter um limite.

Começaram por comprehender os filhos dos magnatas, nascidos na Colonia e mandados a Lisboa, por conta das Camaras para estudarem, medida insi-

(*) Os nossos indigenas, devido a selvagem exercida pelos portuguezes, em crescente crueldade, chamavam os brancos de *Caraibas* ou *Carib*, cuja significação é animal feroz e ruim. *Car* e *iba*, raizes que trazem a idéa de dilaceração e maldade. (Couto de Magalhães — *O Selvagem*).

nuada para que sem despezas fossem educados, que tambem sobre elles pezava o estyigma de colonos. Se antes, para que não tivessem idéas subversivas ao dominio de El-Rei Nosso Senhor, era defeso aprenderem a ler e a escrever, agora era decreto que nenhum filho do Brasil occupasse cargo na terra de nascimento, principalmente o de desembargador e nem tão pouco exercesse o de artifice, para o que se mandou prender e assentar praças nos mestres e aprendizes de diversos officios; fechar lojas; demolir forjas; sequestrar as ferramentas de trabalho; arrancar as plantas de especiarias, taes como, canella, cravo, pimenta da India; prohibio-se o cultivo da vinha, da oliveira; restringio-se o plantio do trigo, que em tempos fôra abundante, como vedado o uso do sal nacional, o fabrico do sabão por ser privilegio de El-Rei Nosso Senhor.

Ordenou-se applicar surra e calceta a quem se dedicasse ao plantio do arroz; depois de defeso o curso de moeda, permittio-se, por fim, que na colonia se cunhassem moedas de ouro, meias moedas e quartos com o mesmo valor, quilates e fórmulas que tinham ás do Reino, porém que estas ficariam valendo como moeda *fraca* e finalmente mandou-se extinguir todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, seda, linho, algodão e lã existentes no Brasil, confiscando e queimando os teares na praça publica; prohibio-se a venda de navios aos filhos da colonia, e a estes a profissão maritima.

Esses filhos da terra engeitada, que já em Lisbõa haviam escolhido de preferencia para exercitarem o seu culto a igreja de Nossa Senhora do Desterro, se consideravam como expatriados; sentiam, sem o quercr, que lhes cabia velar pela terra que lhes fôra berço. As idéas emancipadoras distilladas por José Bonifacio, cujo saber e amor a terra de nascimento eram conhecidos, fizeram com que de 1819, a 1821 nenhum dos seus compatriotas que concluíram o curso na Universidade de Coimbra accitasse cargo na Metropole e que todos regressassem á Patria, para propugnar, animar e propagar o movimento libertador, promovendo associações onde, á pretexto de assumptos agrarios, se tratasse do primordial, a emancipação.

Desde 12 de Março de 1801 que estava de pé a recommendação do Príncipe Regente para que muito particularmente se examinasse com maior severidade a conducta de todos os individuos que passassem de Portugal para a Bahia e quaes fossem suas opiniões religiosas e politicas. Em 1817 em Pernambuco, começou o protesto por parte dos brasilienses. Cara pagaram elles; porém o sangue derramado fez fructificar o ideal.

A revolução operada em 1820, na cidade do Porto, veio avigorar as idéas de emancipação. Obrigado D. João VI a regressar para Portugal, pensaram, no seu delirio, as Côrtes Luzitanas que, com a ida do monarcha, levando tudo quanto podia caber nos navios, tambem seriam recolhidas as regalias conquistadas pelos filhos d'esta parte do reino, muito embora a contra gosto dos metropolitanos.

Com D. João foram os melhores navios, carregados com o melhor material dos arsenaes e a melhor mestranga.

O processo do governo lusitano em obter navios para a sua marinha, elemento esse de riqueza que, por ultimo, desprezou, consistia em fazel-os construir na sua inexgottavel colonia. Defeso era aos filhos d'esta possuil-os e serem marinheiros, mas á custa d'elles, que forneciam aos capitães generaes e madeiras e mão d'obra necessarias, sem nunca verem a paga, eram lançados ao mar dos estaleiros estabelecidos em diversos pontos da nossa costa, possantes e rijos navios de alto porte que iam fazer o orgulho da metropole.

Armados e depois tripulados com as equipagens mandadas em outros, velejavam para Lisbõa carregados de ouro extorquido sob toda a fórmula e pretextos, pelas captações, alvarás, ordens regias, fintas, quintos, derramas, contribuição ás camaras para reconstrução de Lisbõa, edificação de palacio para o rei e

principes e dotação destes quando se tinham de casar. Esse proceder chegou até 1804, já não como imposição, agora mendicante, pois vê-se pela carta regia de 6 de Abril desse anno, dirigida aos governadores das capitánias que isto não bastava por fim; n'ella já imploravam a familia real a caridade dos subditos da colonia americana: *determinava que convocasse os povos e lhes expuzessem as afflictivas condições da monarchia e os convencessem de soccorri-la com dinheiro.*

Só na capitania de Minas produzio 252:000\$000. "Pode-se quasi applicar a Portugal o que se dava com o rei Midas, que tendo o dom de converter em ouro tudo aquillo em que tocasse, sabe-se, morreo de fome, e figurado com orelhas de burro, pelos poetas".

A maioria d'esses navios construidos no Brasil, servio para transporte da mesma familia real, quando obrigada a expatriar-se.

Uma vez porém chegada á colonia, onde veio fixar-se, foi por completo abandonado o potencial maximo da grandesa da nação luzitana, aquelle que por muito a fez resplandecer. Atirados os navios no ancoradouro, junto ao Arsenal, não mais se tratou de refazer o material, que aos poucos, pela inacção, perdeo a vitalidade. A' espera de concerto, sem docas, expostos ás intemperies, sem meios de limpeza e conservação dos cascos, por falta de recursos materiaes e de pessoal, porque as verbas para taes serviços eram absorvidas pelos innumeros empregados, meramente nominaes, admittidos para, pela folha, viverem á custa do erario, levaram a verdadeira ruina á marinha, ruina essa que se accentuava, dia a dia, pelo processo de *despir um santo para vestir outro.*

Quando por qualquer circumstancia se tornava preciso armar um navio, não dispondo os almoxarifados de material, recorria-se a outro que estivesse em concerto; d'este, era levado não só o necessario, como muitas vezes o superfluo: quando chegava a vez d'este ser armado, nada mais existia do primitivo, e como não houvesse verba para adquirir o material, ficava no estado em que se achava até ter baixa por imprestavel.

D'este triste abandono, que reflectia-se sobre o pessoal, resultou, nas occasiões necessarias, só haver o recurso da marinha mercante, que então soube impôr-se. Navios velhos, ronceiros, sem qualidades nauticas e improprios para o mistér pela fraqueza de suas estruturas, eram adquiridos pelos preços impostos pelos seus proprietarios que, além de tudo, impunham a admissão como officiaes, dos pilotos e contra-mestres. Se isto já se tinha dado em 1809, quando se tratou da conquista de Cayenna, repetido em 1816, quando tocou a vez da Banda Oriental, accentuou-se em 1817, ao suffocar-se a rebellião de Pernambuco.

O Almirante Celestino Soares, official portuguez, com conhecimento de causa diz: Como vimos, sendo mistér reprimir a insurreição de Pernambuco, armou o Conde de Arcos alguns navios de praça, dando commissão e gradação temporaria aos officiaes d'elles, com expectativa de effectividade, reprimida que fôsse a revolta: o que se realisou, terminado o bloqueio, resultando d'este arbitrio o expoente d'aquella progressão, sendo a marinha militar invadida por paisanos inteiramente estranhos á sua disciplina, caracter e indole. Foram os intrusos para o Rio da Prata; relaxou-se o serviço pela impossibilidade de o fazer com pessoas que nunca o tinham sabido; deram-lhe os primeiros logares, preferiram-nos nos commandos, attendeu-se á pratica, e podou-se a theoria e tornou-se quasi nulla a officialidade academica. Da guerra e posse de Montevidéo resultou tambem qualhar-se o mar de piratas que apre-saram centos de navios de commercio, sendo necessario acudir a este imenso prejuizo armando-se e dando-se cartas de marca; os officiaes delles obtiveram gradações militares, ficando por fim alguns effectivos á imitação de Pernambuco; e d'aqui, a segunda invasão aniquiladora e interessada, como a primeira, em desacreditar a theoria dos militares engrandecendo a pratica dos rotineiros adquirida nos navios de praça.

D'este modo foi desaparecendo a marinha de guerra; seu material desfez-se atraz de S. Bento, na Prainha; seu pessoal passou para o estado maior e infantaria, entrevando o resto, que foi substituído por pilotos praticos".

Era esse, no geral, o estado da marinha, quando D. João retirou-se do Brasil.

Foi com grande parte d'este material que conseguiu o Brasil á força de patriotismo levantar a clava para esmagar a tyrannia de tres seculos, na falta de officiaes, do valor dos mestres de pequena cabotagem, que, no reconcavo da Bahia mourejavam, tiveram bem a prova os navios portuguezes, de que animo não lhes faltava para enfrentar um perigo que por demais se tinha feito sentir.

Adiantada no entretanto estava a idéa de emancipação; prodromos desse sentimento se haviam manifestado com a propria presença do Rei, tanto assim que um d'elles, em Pernambuco, provocado pelo odio dos officiaes metropolitanos contra os nascidos na colonia, demonstrou o cansaço do opprobrio de tantos annos. Sangraram por isso as carnes dos patriotas sob o azourague — o *bacalhão* — posto em pratica pelo Almirante Rodrigo Lobo, encarregado de abafar o movimento, enquanto outros, enforcados, pagavam por terem retardado a cerimonia da aclamação, unção e coroação do rei de Portugal, Brasil e Algarves.

Confrangida a alma dos bahianos, pelo que haviam visto praticar com os 434 patriotas remettidos, algemados do Recife e encarcerados depois nas casúas dos fortes da Bahia, onde para terem um bocado de pão foi preciso que as mulheres bahianas, o fossem implorar do governador, aguardava o momento para protestar, contra as salvas das fortalezas, á chegada d'elles, e á noite para celebrar a victoria, fogos de artificios e luminarias.

No Pará, pelo mesmo motivo, foram ferropcados e remettidos para Lisbõa, mais tarde, nos porões da *Audorinha do Tejo*, 270 patriotas.

Dous batalhões do Maranhão, seguiram para Portugal por não quererem combater os seus conacionaes.

Em signal de regosijo, no Pará, não illuminaram os portuguezes as fachadas de suas casas; penduraram em vez, em suas portas, palmatorias, azouragues, chicotes e outros instrumentos aviltantes, com os quaes, diziam, seriam castigados os filhos do paiz que ousassem ter idéas de independencia. Resolvido D. Pedro que ficára no Brasil, como regente, a não acceitar as algemas, que lhe queriam impôr as Cortes Portuguezas, acompanhou os destinos dos brasilienses, que pela força obrigaram as tropas luzitanas a abandonarem o Rio de Janeiro.

Na Bahia, onde, acirrados os odios entre brasilienses e portuguezes, lamente estava a lucta; bastava uma scintilla para fazel-a explodir.

A nomeação do Brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello para commandante das armas, pelas côrtes portuguezas, foi o estopim lançado no fornildo.

A junta governativa, sem consentimento da camara, reconheceo tal nomeação. Alarmada a facção brasiliense, oppôz-se a tal arbitrariedade; começaram então os motins, pelas ruas; as forças nacionaes ao mando do Brigadeiro brasiliense Freitas Guimarães, recolheram-se ao forte de S. Pedro.

Nos dias 17 e 18 de Fevereiro cevou a selvageria da soldadesca luzitana, dirigida por officiaes do mesmo quilate, o seu odio nos filhos do paiz; duzentos e tantos desses cahiram mutilados.

Para extorquirem dinheiro, não se lhes deu de empregar o incendio e o assassinato. Invadido, para esse fim, até o convento da Lapa, onde assassi-

naram a abadessa, sorôr Joanna Angelica e o velho capellão Daniel da Silva Lisboa, por serem brasilienses e se negarem a extorsão.

Depois de suffocados os motins, no dia 20 foi intimada a guarnição do forte de S. Pedro a entregar-se dentro de duas horas; o brigadeiro brasiliense Freitas Guimarães, sem meios de reagir, para não sacrificar-a, dissolveo suas forças, entregando-se elle e alguns officiaes no dia seguinte: foram recolhidos presos a bordo do *S. Gualter*.

A chegada de dois navios com tropas ás ordens do brigadeiro Carretti e que deviam seguir para Lisboa, depois do abandono do Rio de Janeiro, isto devido á connivencia com o commandante da corveta *Liberal*, que os devia escollar até á altura do cabo de S. Roque, foi motivo para mais se assanharem os luzitanos contra os brasilienses, produzindo um verdadeiro exodo nas familias destes. Para fugir aos sicarios dirigiram-se para o interior e para a illa de Itaparica.

O desembarque das tropas ao vozeiro dos mais feios insultos aos filhos do paiz, foi feita á noite, debaixo de luzes de archotes conduzidos pela multidão; prenunciava bem o que se ia seguir.

Soubes o povo bahiano que D. Pedro, em 15 de Junho exprobara ao general Madeira o seu proceder, responsabilizando-o pelos excessos e ordenando lhe o embarque; ainda mais teve conhecimento da calorosa proclamação, concitando-os a se reunirem aos demais nacionaes; para firmarem a independencia, na villa de Santo Amaro, onde exercia o cargo de Juiz de Fóra o Visconde Monserrate, deu-se o inicio ao movimento. Foi combinado o grito da liberdade para o dia 29 de Junho, na Villa de São Francisco.

Sciante o general Madeira do que se tramava no interior, mandou destacar para a villa da Cachoeira uma pequena escuna de guerra, a *Luzitania*, sob o commando do primeiro tenente Domingos Furtado do Valle, com o fim de vigiar os passos dos patriotas.

Não satisfeito o general portuguez com o proceder do commandante da *Luzitania*, determinou que outro o substituísse, e tratasse os patriotas como no seu entender deveriam ser tratados naturalmente nos mesmos termos que em Pernambuco: "*A todos é licito atirar-lhes á espingarda como a bandidos.* (Proclamação do Conde dos Arcos). A 10 de Junho deu-se a substituição. Determinou desde logo o novo commandante que a guarnição desembarcasse armada de espadas e pistolas, porém, que não admittisse a menor allusão aos factos que se desenrolavam.

Dessa ordem resultaram graves desatinos e pesados insultos aos indefesos e pacatos habitantes da localidade. Tanto se avolumaram os doestos que protestou indignado o povo e se não fóra o espirito sensato e calmo do ex-commandante da *Luzitania*, que procurou apaziguar os animos, desde logo romperia grande conflicto.

Servio no entretanto este facto para apressar ali a proclamação de D. Pedro, como Regente Constitucional, protector e defensor perpetuo do Brazil, o que se realisou no dia 25, tendo-se comprometido o commandante da *Luzitania*, sob palavra de honra, que não se opporia de modo algum a vontade dos patriotas bahianos.

Para festejar tão grande acontecimento no dia seguinte foi resado um *Te-Deum* acompanhado de sermão allusivo.

O commandante do *Luzitania* cheio de odio aos brasilienses só esperou a terminação da festividade religiosa, para pôr em pratica o que premeditára, fedifrago á sua segunda promessa. De terra seria dado o signal.

A's cinco horas ao retirar-se da igreja, cheio de alegria o povo, de uma casa de um portuguez, situada na praça partio, como signal, uma descarga sobre elle e logo em seguida secundados pela escuna-canhoneira, com a sua artilharia.

Vendo o commandante da canhoneira que, devido estar a baixa a maré seus tiros cravavam-se na barranca, ou então somente a tangenciavam, perdendo-se no espaço não causando destroços portanto, cessou o fogo, para continual-o ás oito horas da noite.

A junta governativa da villa, da qual fazia parte o futuro marquez de Abrantes, da villa de S. Francisco, reunio-se no dia seguinte officiendo ao commandante portuguez para que cessasse as hostilidades contra a villa e seus pacificos habitantes, afim de evitar represalias.

Em resposta teve a junta no dia 28, da parte do desleal commandante, a ameaça de ser arrazada a villa.

A longamidade nacional com tal resposta deixou de existir para dar logar a revolta do brio. A's oito horas da noite os patriotas lançaram-se ao ataque á canhoneira; depois de tres horas de dura refrega, abordaram-na e a tomaram. Prisioneiros ficaram o commandante, que se achava ferido, e 28 homens.

Mundas de sangue tiveram as mãos os vencedores que não quizeram sujal-as no d'aquelle desalmado official. Esse primeiro embate servio para mostrar aos bahianos qual era o elemento a combater e por onde deveria ser começada a destruição do inimigo. No mar estava elle e n'elle precisavam ser fortes!

A força naval sahida do Rio de Janeiro, sob o mando do chefe Rodrigo De Lamare, levando tropas de desembarque, afim de auxiliar os patriotas, só conseguiu desembarcal-as em Alagôas, não podendo dar cumprimento as outras determinações, isto é, bloquear o porto e obrigar as tropas portuguezas a abandonarem a Bahia. Se não tomasse a deliberação de regressar ao Rio, de certo teriam seus navios ficado em mãos do inimigo, visto como na maioria eram tripulados exclusivamente por portuguezes.

Cada vez mais afferrados os portuguezes, na sua ancía de não deixar escapar a presa, haviam accumulado na Bahia os seguintes navios alguns de guerra e outros mercantes, que foram armados: náó *D. João VI*, de 88 canhões e 750 praças; fragatas *Constituição*, de 55 peças e 350 homens; *Perola*, de 44 canhões e 300 homens; Charrúa *Anino Grande*, de 28 canhões e 220 praças; Corvetas *Dez de Fevereiro*, 26 peças e 180 praças; *Restauração*, com 24 peças e 160 praças; *Princesa Real e Regeneração*, de 22 peças cada e 160 praças; *Calypto*, de 22 peças e 180 praças; brigues: *Audaz*, de 18 canhões e 150 praças; *Promptidão*, de 16 peças e 100 homens; *Duque da Victoria*, de 16 peças e 120 praças; *Vinagre*, de 12 canhões e 100 praças; escunas: *Príncipe do Brasil*, de 12 peças e 80 homens; *Emilia*, de 8 canhões e 60 homens; *São Gualter*, de 26 peças e 180 homens; *D. Affonso*, *Flor do Tejo* e *Conde de Palma*, de 20 canhões e 140 homens; *Bizarria*, de 18 canhões e 180 praças e sumaca *Conceição Oliveira* de 6 canhões e 50 homens.

Independentemente d'estes navios, haviam numerosas barcas canhoneiras e lanchas armadas empregadas no cruzeiro de Itaparica, guarnecidas com cerca de mil homens.

Não servio esse grande poder maritimo de temor aos filhos da Bahia: ao contrario mais em suas almas avivou-se o sentimento da lucta.

Na ilha de Itaparica se achavam entrincheirados os patriotas, para onde se haviam transportado as familias fugidas da capital ás violencias das tropas de Madeira. Sabedores os chefes dos insurgidos de que pretendia o capitão-mór de Nazareth enviar presos para a capital alguns brasilienses e alguns portuguezes que haviam adherido a nossa causa, levantaram uma pequena trincheira na ponta do Fúmil e a guarneceram com alguns homens. Esta trincheira tinha por fim impedir o transito de embarcações que abasteciam a capital, aprisionando-as.

Para atacar a referida trincheira e depois receber os presos, mandou o general Madeira, sob ás ordens do capitão Taborda, duas embarcações. No dia

29 de Julho de 1822, pela madrugada, romperam fogo as canhoneiras contra a fraca trincheira, guarnecida apenas por doze homens; não se atemorizaram os valentes brasileiros; fiseram frente ao nutrido fogo, até que foram soccorridos por outros que acudiam aos troar do canhão. Depois de cinco horas de duro combate, retiraram-se as canhoneiras cheias de mortos, feridos e de rombos.

Essa victoria encheo de verdadeiro entusiasmo os patriotas que, em pouco tempo apresentaram na ilha de Itaparica 22 fortins, guarnecidos por 3257 homens, inclusive 710, tripulando uma flotilha, composta de garopeiras, hiates e escunas.

Aparece então a figura homérica do marinheiro heroico que se chamava João de Oliveira Bottas, que de então em diante ia maravilhar os seus conterrâneos pelas suas proezas, pela sua incomparavel actividade, como levar a avaria e o desespero aos tyranos que dominavam as nossas terras, concorrendo com o seu elevantado valor patriótico, para que deixassem a Bahia.

Sendo mestre da casa de Vellas do Arsenal de Marinha, da Bahia e servindo de ajudante de Patrão-mór d'aquelle porto, teve a graduação de Segundo Tenente em 14 de Março de 1818. Elle que presenciara a fórma pela qual foram castigados os patriotas que em Pernambuco em 1817, haviam protestado de armas na mão contra a oppressão e o despotismo e que tinha a nitida comprehensão do que ia dar-se com os seus patricios na Bahia pelas tropas de Madeira, não tripidou um só momento em esposar a causa nacional.

Cooperando com Tristão Pio dos Santos, nomeado a contra gosto de Madeira para o cargo de intendente interino de Marinha em 31 de julho de 1822 em proteger os patriotas teve que procurar asylo entre os seus.

Não surtindo o desejado meio de inutilisar pelo fogo a fragata *Duquesa de Goyaz*, que se achava no estaleiro, por a isto se oppôr o constructor, teve Tristão Pio de abandonar o seu posto, fuyendo a seis de Outubro em um navio inglez para o Rio de Janeiro e João Antonio de Oliveira para a ilha de Itaparica.

Resolvida a criação de uma frotilha, idéa do capitão Antonio de Souza Lima, para por todo o reconcavo fazer arriadas e aprisionar as embarcações que ainda abasteciam de victualhas a capital e dar combates às artilhadas e mandadas em protecção d'aquellas, com enthusiasmo entre a população foi acolhida essa idéa.

Os antigos pescadores de baleia, os escravos remadores e tripulantes das baleeiras e garopeiras, agora livres, aggrupados em um unico ideal, apresentaram-se para guarnecer taes navios.

Para consubstanciar a sua idéa offereceo o capitão Souza Lima á Junta de Cachoeira um barco armado com um rodizo á proa que tomou o nome de *Pedro 1.^o*

Ao chegar ao conhecimento dos itaparicanos a faustosa noticia da proclamação de D. Pedro, grandes festejos foram realizados; facto este que motivou, da parte do general Madeira, preparar uma expedição contra os insulanos para castigar-os de semelhante atrevimento.

Para isso o porto da Bahia suspendeo a 22 de Outubro uma divisão com posta do brigue *Audaz*, de 18 canhões, barca *Constituição* de 14 peças de calibre 12 e 15 lanchas canhoneiras para um ataque decisivo.

Depois de se ter approximado da ilha, e feito demorado reconhecimento aos pontos fortificados, ao amanhecer do dia seguinte, romperam os navios sobre elles nutrido fogo. Apesar de atacados simultaneamente, tão galhardamente foi respondido o ataque, que se vio obrigada a divisão inimiga a retirar-se com muitos feridos. Não deixaram contudo os nossos de soffrer alguns damnos.

Diga-se de passagem, que para mais enganar o inimigo alternadamente haviam sido collocados nas canhoneiras dos fortins, fustes de coqueiros fingindo peças de grosso calibre.

Aos esforços dos chefes portuguezes, redobraram os patriotas em actividade; assim é que sua esquadriha, já contava além de *Pedro 1.º*, com 50 tripulantes, a 25 de Julho, com 88; *D. Januaria*, com 65; *Presa*, com 70; canhoneira *D. Maria da Gloria*, com 20; escuna *Cachoeira ex-Lusitana*, com 109 praças, e mais 9 balceiras com 91 homens. Na fundição de peças de artilharia balas e outros petrechos, foram occupadas as fundições de cobre existentes, uma em Valença e outra no Cabrito, esta sob a direcção de Antonio Marques.

Sob o mando geral do intemerato e infatigavel João Antonio de Oliveira Bottas, commandante da *Pedro 1.º*, dirigiam as outras embarcações: Francisco da Silva Castro, Felipe Alvares de Oliveira, José Antonio Gonçalves, André Avelino, Placido José Maia, Manoel Pereira e Fortunato Alvares de Souza, que substituiu o segundo tenente da armada Balthazar Victor Boisson, quando passou este a commandar um brigue americano o *Atlanta* adquirido por 5:500\$000 pelo general Labatut, commandante das forças nacionaes para empregar-o no serviço de correios.

Chegou o mez de Dezembro; augmentada a frotilha dos patriotas com mais uma embarcação, armada com 5 peças de calibre 12; tomou ella o nome de *D. Leopoldina*, em honra á illustre Imperatriz, que politicamente alliada a José Bonifacio tanto cooperou para a nossa independencia.

Escassas de mantimento estavam as forças patriotas que operavam no rio Coagepe; de vigia a elles estava uma esquadriha inimiga, composta dos brigues *Andaz* e *Promptidão*, escuna *Emilia*, duas grandes barcas e oito canhoneiras.

Para abastecer-os não se entibiu João das Bottas; no dia oito de Dezembro comboiando 18 embarcações carregadas de mantimentos affrontou os fogos dos inimigos que o procuravam esmagar.

Habil manobra e perfeita comprehensão de seus commandados, que sobe-ran corresponder a sua confiança, realisaram o objectivo.

A' noite regressou João das Bottas á Itaparica, sendo delirantemente recebido. Essa primeira prova deu a João das Bottas conhecimento não só do valor de seus companheiros como do de combater dos inimigos. Como marinheiro, avaliou desde logo da fraqueza dos navios adversos, por isso, resolveo dar-lhes ataque.

Pelas 8 horas da manhã do dia 23 de Dezembro, suspendeo com sua canhoneira e foi procurar o adversario, que não estava longe.

Ao avistal-o, moveram-se logo os lusitanos e dentro de pouco tempo estava João das Bottas cercado por onze navios inimigos, qualquer delles sufficiente para por si só esmagal-o. João das Bottas, porém, confiando no seu navio e ainda mais nos seus commandados, qual corça veloz, ora atacando um, ora fugindo de outro, para arremeter sobre o que se lhe apresentava para cortar-lhe o rumo, sustentou durante 3 1/2 horas cruento combate. Vendo que seria impossivel qualquer vantagem proseguir em lucta tão desigual, forçou de vela, indo abrigar-se á sombra de uma bateria amiga, situada na praia das Amoreiras, então sob o commando do major Galvão.

Em difficuldades serias estava o ministerio com o que se passava em Montevideo, onde D. Alvaro commandando as tropas portuguezas se obstinava, de combinação com Madeira, em não abandonar aquella provincia.

Com incessante trabalho para organização de uma força naval capaz de medir-se com a inimiga, deixava aos patriotas a missão de alimentar o fogo sagrado que havia de destruir as veleidades dos oppressores.

Pensava o general Madeira dominar o reconcavo bahiano, antes que chegassem novos reforços aos patriotas que cada vez mais, animados pelos sucessivos triumphos obtidos, se tornavam mais ousados e mais fortes.

Para o fim proposto deu suas ordens para um ataque formal á ilha de Itaparica, o baluarte dos independentes.

Marcado foi o ataque para o dia 6 de Janeiro, dia escolhido a proposito, porque conhecedor dos folguedos a que todos os filhos do paiz se entregam na noite d'esse dia, em honra aos Reis Magos, contava seguro naturalmente que isso os levaria a afastarem-se das triñcheiras entregues á sua guarda, sendo, como eram elles todos civis, sem conhecimento da arte de guerra, e ignorantes dos deveres militares. Tão certos estavam os luzitanos do triumpho que o proprio almirante João Felix Pereira de Campos, tomou em pessoa a direcção da expedição e para que podessem contemplar a derrota dos brasilienses, convidou elle grande numero de pessoas gradas para acompanhal-o, o que foi feito por numerozo sequito.

Ao pôr do sol d'aquelle dia, deram vista os itaparicanos com 41 embarcações inimigas, que velejavam em direcção á ilha; o signal de alarme correu veloz em todo a ilha e á postos se collocaram os defensores. Com a sua flotilha a espreitar o movimento do inimigo estava João das Bottas, prompto a cahir sobre elle no ponto em que pretendesse desembarcar.

Ao romper do dia seguinte, formada em duas linhas, começou a approximar-se a esquadriha inimiga, trazendo as embarcações guarnições dobradas e gente escalada para desembarque. Em certo momento desenvolveram-se as linhas, seguindo uma pelo norte da praia das Amoreiras e a outra em direcção do Mocambo; essa manobra tinha por fim metter entre dous fogos o forte de S. Lourenço, artilhado com uma desena de canhões de varios calibres, e commandado pelo major Luiz Correia de Moraes.

A's 7 1/2 da manhã adiantaram-se as barcas *Constituição*, mais conhecida por *V'óvó* e um lanchão inimigo com o intuito de fazerem um reconhecimento; o vivo fogo do forte fel-as retroceder, indo reunir-se ao grosso das forças.

A's 9 horas da manhã moveram-se então os navios inimigos com o firme proposito de desembarcar, rompendo o fogo de todos contra o forte que, por seu lado, não cessava de responder. Foi esse o momento de que se aproveitou o 2.º Tenente João das Bottas para levar seu ataque.

Com violencia atirou-se sobre a *Constituição* abordando-a.

O vivo fogo de terra e dos navios de João das Bottas por um dos flancos, atordoou os atacantes que apezar do incitamento do almirante que em um escaler percorria a linha de seus navios, tiveram que afrouxar.

Percebendo o almirante um desastre retirou-se a uma hora da tarde com o subterfugio de que ia buscar mais elementos. Por fim ás 3 horas da tarde não podendo vencer os atacantes a heroica resistencia dos itaparicanos, retiraram-se com a perda de 200 homens entre mortos e feridos, a dar credito ás informações mais fidedignas.

Novos ataques foram levados á ilha nos dias 8 e 9 pelos portuguezes, que tiveram o mesmo insuccesso.

Para recompensar a galharda conducta do bravo 2.º tenente João das Bottas, promoveo-o a Junta da Cachoeira ao posto de Primeiro Tenente e ao de Segundo Tenente o Guarda Marinha José Antonio Gonçalves.

A 17 de Janeiro, foi içada no forte de S. Lourenço, depois de benzida, durante um grande *Te-Deum*, a primeira bandeira nacional, offerecida aos bravos itaparicanos pelo general Pedro Labatut, commandante das tropas das forças brasilienses.

Tiveram desde então os navios de João das Bottas o symbolo sagrado que os levaria a completa victoria.

Enquanto isto se dava na Bahia, preparava-se no Rio de Janeiro sob ás ordens do Lord Cochrane a divisão que iria bloquear o porto da Bahia. Sahida a 3 de Abril, chegava a 25 ás costas d'aquella provincia entrando em communição com o general Labatut.

Depois do combate de 4 de Maio, fez Lord Cochrane sua base de operações no morro de S. Paulo, onde foi expurgar da nossa esquadra o elemento portuguez n'ella contido e que nos ia sendo fatal n'aquelle combate.

A 9 de Maio declarava o general Madeira a cidade de S. Salvador praça de guerra bloqueada e com effeito sitiada.

Dentro do porto não estava inerte o 1.º Tenente João das Bottas; onde se apresentassem navios inimigos lá se achava elle a combatel-os. Para vencer atacava-os. Assim é que no dia 22 de Maio, avistando o 1.º Tenente João das Bottas sete embarcações da frotilha inimiga, em frente á Olaria, sobre ellas aproou na canhoneira 25 de Junho apoiada na *D. Januaria*, sob o commando de Felippe Alves dos Santos e na *Villa de S. Francisco*, sob o mando de Fortunato de Souza, atacando-as ás 2 horas da tarde.

Com ardor pelejavam os nossos contra o inimigo em maioria.

No entrevello em que se achava, escapou a *D. Januaria* de ser abordada e tomada por um dos inimigos; por felicidade d'ella um seu certo tiro pôz em baixo um dos mastros do atacante, dando esse desastre em resultado a que se safasse o nosso, para se oppôr a outros que atacavam, enquanto aquelle, abandonando a guarnição de sua artilheria para attender á reparação da avaria, por instante emmudecesse.

O 1.º Tenente João das Bottas notando esta circumstancia, d'ella promptamente se aproveitou; em rapida manobra, virou de bordo, e ganhando barlavento cahio em cheio sobre o inimigo, aprisionando assim a canhoneira.

Desanimados os portuguezes de qualquer vantagem, ás 5 horas da tarde, puzeram-se em fuga, perseguidos pelos nossos até a linha de sua esquadra. N'esse glorioso combate os nossos só tiveram quatro feridos.

Com a canhoneira apresada foram tomadas uma peça de calibre 12, duas, de 9, duas, de 3, vinte e tres êspingardas, 90 saccos de polvora, 80 balas de varios calibres, 100 lanternetas e outros petrechos.

Por este triumpho, pelo nosso almirante Lord Cochrane, foi o 1.º Tenente João das Bottas promovido ao posto de Capitão Tenente e a guarnição de sua canhoneira recebeu o premio de um conto de réis. Essa promoção foi confirmada por Decreto de 6 de Dezembro de 1823, contando antiguidade de 12 de Outubro.

Logo que chegou Lord Cochrane ao morro de S. Paulo, seu primeiro cuidado foi enviar para Itaparica o capitão de mar e guerra Tristão Pio dos Santos, que allí chegou a 6 de Junho, levando em sua companhia o tenente de engenheiros João Bloem para auxiliar-o. Tinha a missão de melhor organizar a frotilha ao mando do capitão tenente João das Bottas, como tratar dos brulotes, mandados confeccionar em numero de tres.

Vendo-se o general Madeira cada vez mais apertado, sem esperanza de receber soccorros, começou a alimentar a idéa de abandonar a cidade e ir reunir-se aos seus conacionaes no Maranhão ou Montevidéo. Reunido um conselho para decidir sobre o assumpto, trinta officiaes opinaram pela retirada, sómente quatro o foram pela resistencia a todo o transe.

Nada mais podendo fazer as tropas portuguezas, começaram a embarcar nos navios da esquadra e de commercio, em cujos porões já se achavam a recao todos os sinos das igrejas, alfaías, pratarias, ferramentos e utensilios dos arsenaes e tudo que fôsse de utilidade. Destruído aquillo que não podia ser transportado; postas á pique as lanchas, barcas d'agua e barcaças de transportes, encravada a artilharia dos fortes, levantou o ferro no dia 2 de Julho de 1823, um comboio composto de 86 velas e sahio em demanda da barra.

Emquanto fóra d'ella esperava Lord Cochrane, a esquadrilla de João das Bottas, accrescida com mais duas bombardeiras, e doze baleeiras, agora, sob a chefia do capitão de mar e guerra Tristão Pio dos Santos, fazia-se de vela do porto das Mercês, em Itaparica, com destino á cidade. Ao passar pelo forte do Mar, desfraldaram n'elle os patriotas a bandeira nacional e desde logo começaram a desencravar a artilharia d'elle.

Emquanto a nossa já gloriosa esquadra ia picando a retaguarda do inimigo, diminuindo sua força com constantes apresamentos, que foram feitos até a fôz do Tejo, pela *Nitheroy*, ia descansar de suas gloriosas vigillias no porto da Bahia o valente Capitão Tenente João das Bottas.

No commando dos pequenos navios, que constituíam a força naval da Bahia, continuou o Capitão Tenente João das Bottas conforme ordem do governo da Bahia em 23 de Dezembro de 1823 até que a guerra declarada ás Provincias Unidas do Prata veio reclamar os seus serviços.

Depois que o almirante Pinto Guedes, o futuro Barão do Rio da Prata, fóra substituir o vice-almirante Rodrigo Lobo, que tão poucas provas déra de sua capacidade no desenvolvimento das operações navaes no estuario do Prata, ordens foram dadas para que os pequenos navios que se achavam na Bahia sob o commando de João de Oliveira Bottas fôsses preparados e seguissem para o campo da lucta. Chamado ao Rio de Janeiro, em 6 de Fevereiro de 1826 foi promovido a Capitão de Fragata por Decreto de 8 de Maio desse anno com a antiguidade de 31 de Janeiro.

Nomeado para servir na esquadra do Rio da Prata, embarcou-se no brigue *Independencia ou Morte*, para servir de commandante das canhoneiras que o inimigo havia perdido no ataque da Colonia, conforme determinára o ministro da marinha Villela Barbosa, pelo conhecido prestino que tinha.

Em começo do anno de 1827, estava o capitão de fragata João das Bottas em Montevidéu, sendo nomeado commandante do brigue *Pirajá*, fazendo parte da segunda divisão bloqueadora que se achava fundeada em Quilmes.

O almirante argentino Brown envaidecido pelo triumpho que obtivera sobre os nossos em Juncal, depois de ter reparado as avarias soffridas n'aquelle combate e augmentado sua esquadra com seis dos pequenos navios tomados, fez rumo á Conchillas, onde fundeou. Ahi refez-se do que precisava em munições e gente. No dia 24 de Março suspendeo com a sua esquadra refeita e fez-se de vela em busca dos nossos. A's 4 1/2 horas da tarde, com grande violencia, de lado a lado rompeo o fogo, combatendo-se até ao pôr do sol. O capitão de fragata João das Bottas, no *Pirajá*, n'esse combate demonstrou que n'elle ainda não se tinha arrefecido as qualidades de audacia e valor.

Com seu navio praticou prodigios de valentia.

Retirou-se o inimigo, levando 7 mortos e 10 feridos, além de muitas avarias no casco e apparelho.

Já no final da lucta, quando ia o inimigo em retirada, approximava-se da nossa esquadra, vinda da Colonia do Sacramento, conduzindo trinta barris de polvora e 120 homens para a divisão, a pequena escuna — 2 de Dezembro, sob o commando do primeiro tenente José Narciso Brum; uma certa bala inimiga attingindo o seu paiol de polvora fel-a ir pelos ares. Do tremendo desastre só se salvaram tres marinheiros, que foram recolhidos pelo *Sarandi*.

Não fôra feliz a expedição mandada a Patagones pelo almirante Barão do Rio da Prata, e para aproveitar-se do effeito produzido ordenou o governo buénayrense que sahisse Brown com os navios apresados e os demais para atacar a nossa esquadra e mar em fôra depredar o nosso commercio maritimo.

Para dar cumprimento á ordem recebida, preparou o almirante Brown o *Republica*, onde arvorou seu pavilhão, o *Congresso*, o *Independencia* e a *Sarandi* e com elles pretendeo atacar a nossa divisão bloqueadora durante a noite.

Percebidos ás 11 horas da noite pela *Macció* fez esta logo signal aos nossos suspendeo em busca do inimigo para cortar-lhe a retirada.

A's 2 horas da tarde soprando vento fresco de NE, receberam os nossos ordem do almirante para perseguil-os, estando como já se achavam em posição conveniente.

Norton, commandante da 2.^a divisão, que não conhecia outro meio de vencer senão o de atacar, ao reconhecer o signal do almirante cahio logo sobre o *Republica* e sobre o *Independencia* e com tanta furia que os fez encalhar no banco do Monte de Santiago; refugiou-se o *Congresso* na Enseada e a *Sarandi*, comprehendendo o seu dever, veio collocar-se junto ao seu capitanea para auxiliá-la na defesa.

O almirante Rodrigo Lobo durante o tempo que havia commmandado a nossa esquadra no Rio da Prata, com a unica preocupação de que só navios de alto porte deveriam ser empregados no bloqueio, não cessou de pedil-os. Sem attender que o inimigo tinha seus pontos de apoio dentro do estuario, portanto á sotavento, que pelo facto do mesmo estuario estar coberto de bancos, que por isso lhes serviam de barragem, empregavam a proposito navios de menor calado, com os quaes em qualquer occasião podiam por elles passar. Além de tudo, contrapunham ao grande numero de canhões de nossos pesados navios, todos porém de pequeno alcance, todas armadas de peças de grande alcance.

Alliavam assim a leveza e mobilidade á maior effeito e justeza.

Foi devido a esse facto que n'esse combate, como em muitos outros, não poderam os nossos tirar proveito da vantajosa posição conseguida, ardente desejo de todos em aniquilar de vez o inimigo. Contentaram-se por essa razão em bombardeal-os até ás 4 1/2 horas da tarde do dia 7. Para dirigir a acção, por ordem do almirante Pinto Guedes, foi chamado o capitão de mar e guerra Norton, commandante da 2.^a Divisão bloqueadora, visto a capitanea, a *Ipiranga*, não se poder approximar pelo muito calado, haver muito pouca agua e escassear o vento, e pelo muito mar que havia tornar-se impossivel a abordagem. A meio dia chegou o chefe Norton. A's 5 horas da tarde fez o almirante Pinto Guedes signal para *cessar o fogo e vigiar de perto os movimentos do inimigo*.

Segundo as posições ordenadas por Norton haviam os navios menores da nossa esquadra formado em duas columnas, a tiro de pistola dos vasos argentinos e mais ao largo os de maior porte.

Haviam trabalhado durante á noite os navios inimigos a ver se conseguiam desencalhar; infructiferos porem foram os esforços. A' espera que os ventos se firmassem ficaram os nossos até que pelas 11 horas começou a soprar favoravelmente bonancosa. Com encarnçada furia recommeo então o combate que se prolongou até ás duas horas, quando foi resolvida a abordagem. Apesar porém de desesperada defesa, ás quatro horas da tarde, cahio aprisionado o *Republica* e pouco depois rendeo-se o *Independencia*, conseguindo escapar a *Sarandi* cheia de avarias, levando Brown ferido em um perna, que o tornou côxo para sempre, attestado de sua valentia.

Este combate, que foi um desastre para a esquadra argentina, pois além da perda do *Republica*, armado com 18 peças e do *Independencia*, armado com 24 canhões, tiveram 25 mortos 52 feridos e prisioneiras 58 pessoas, abateo as esperanças de qualquer vantagem sobre os nossos. Resolveo por essa razão o governo de Buenos Ayres propôr a paz para o que enviou como plenipotenciario ao Rio de Janeiro Dr. Manoel José Garcia.

Não tendo sido acceitas as bases do tratado subscripto no Rio de Janeiro, cuja ractificação se faria em Montevideo, foi renovada a lucta.

Começou então a guerra de corso.

Logo que entrou em convalescença o activo almirante argentino começou sem descanço a armar novos navios.

No dia 1 de Junho de 1827 embarcou-se no *Ocho de Febrero* fazendo de vela para Martin Garcia onde se encontrava o major Thomas Espôra, outro emerito batalhador, com uma divisão composta do *Balcarce*, *Maldonado*, *Nueve de Febrero*, *Once de Junio*, *30 de Julio*, *18 Enero*, *Sarandí* e mais tres canhoneiras.

Commandava a nossa segunda divisão o capitão de fragata Oliveira Bottas, na ausencia do chefe Norton que desde 3 de Maio a 23 de Junho esteve licenciado em Montevideo. Compunha-se das corvetas *Liberal*, *Carioca*, brigue *Pirajá* e de duas escunas.

A's 11 horas da manhã do dia 3 avistou a esquadra inimiga o *Pirajá* e contra elle iniciou o seu fogo. Em seu auxilio velejaram os nossos, e depois em perseguição foram-lhe batendo a retaguarda, até as 10 horas da noute, quando fundearam os argentinos perto da Ensenada.

A's 4 horas da manhã do dia seguinte recommçou o combate, suspenso pouco depois por ter encalhado a *Carioca*, sem no entretanto deixar de haver intermitente troca de tiros até a uma hora da tarde.

Por pouco que não foi aprisionada a *Nueve de Febrero* que afoutamente se havia adiantado.

Aproveitando-se do encalhe da *Carioca* afastou-se o inimigo, porem sempre á vista estiveram as duas esquadras de 6 a 10 de Junho, procurando cada qual occasião azada para com vantagem empenhar-se.

No dia 14, porém um dos nossos pequenos navios, sotaventeado, tornou-se cubiça do inimigo, que tentou inutilmente aprisional-o, pois foi soccorrido pelos demais. Servio no entretanto este facto para fustigar e perseguir a esquadra Argentina que se vio obrigada a recolher-se ao porto de Buenos Ayres, deante da caça feita pela divisão de João das Bottas.

As acções navaes iam-se se restringindo; mais, preoccupados os inimigos com os corsarios que mandavam á nossa costa, só sahiam á campo quando tinham que proteger a entrada d'elles com o producto de suas rapinagens.

James Norton, qual condor vigiava o estuario: mal avistava um d'elles, por experiencia, contava com a sahida do inimigo do esconderijo por detraz dos bancos, e prompto cahia-lhes em cima.

Assim aconteceu ao *Congresso*, commandando pelo atrevido corsario Cesar Fournier; afogou-os com seus tiros.

Em soccorro d'elle sahio Guilherme Brown no dia 7 de Dezembro dirigindo-se para Punta Lara, encontrando porem em caminho a divisão de João das Bottas, commandante da divisão do Salado, cuja capitanea era a *Nitheroy*. arripou carreira e vergonhosamente foi fundear nos Pozos, donde havia sahido.

Chegou a vez do corsario *General Mancilla*; aproximava-se elle ufano, no dia 25 de Dezembro de 1826, de sua proveitosa arriada, trazendo apresados o patacho nacional *Sol Dourado*, o sueco *Scralon* e o francez *General Foy*. A' postos os nossos, em pouco tempo foram retomadas as presas.

Cinco dias depois, protegendo um brigue de seis portas por banda a escuna norte americana *Shillelah*, que conduzia para Buenos Ayres um canhão e grande copia de munições de guerra, foram ambos pela nossa divisão avançada perseguidos e aprisionados. Passou a ser o brigue apresado o nosso *Rio da Prata*.

A escuna *Patagones*, que substituíra o brigue escuna do mesmo nome aprisionado em Agosto pelo *Imperial Pedro* ao sul da Bahia, tambem cahio em nosso poder, sendo feitos prisioneiros não só o commandante norte americano João Baptista Thorner, como os escapos da refrega.

Entrava o anno de 1828. A divisão do Salado ás ordens de João das Bottas novos triumphos ia obter. O corsario *General Mancilla* apresentou-se a 3 de Janeiro, procurando occasião mais feliz para forçar o bloqueio. Era desporto para todos os ousados filibusteiros e cada qual queria ser o campeão das empreitadas. D'esta feita porém não lhe valeram suas qualidades nauticas, nem tão pouco a pericia de seu commandante. Sem ter lazeira para fugir, acossado terrivelmente pelo fogo dos nossos, só teve salvação sua tripulação no encalhe; destruíram-n'o os nossos pelo incendio.

Enquanto estavam os nossos em caça ao *General Mancilla*, com onze embarcações, fez-se ao largo Brown, rumo á Colonia do Sacramento em cujas aguas capturou uma balceira, desarmada, *Mosquito*, que rebocava um saveiro carregado de lenha. Ao regressar no dia seguinte deu de face com os navios encarregados do bloqueio, a postos de novo.

Soprava rijo pampeiro, mesmo assim, travou-se rapido combate, retomando-se a presa. A posição vantajosa em que se achava deu-lhe tempo de pôr-se a salvo.

No dia 14 de Janeiro preparou-se para se fazer ao mar o corsario *Juncal*, ao mando de Cesar Fournier: ia com a missão especial de adquirir navios e dar cartas de marca áquelles que nos Estados Unidos a pretendessem. Allí encontrava o governo argentino ás que lhe falhavam agora na Inglaterra, d'onde Rivadavia com o capitão Ramsay trouxera a guerra.

Para garantir a sahida do *Juncal*, ás 11 horas da noite, fizeram-se de véla o *Maldonado* (capitanea) *Sarandi*, 9 de *Febrero*, 8 de *Febrero* e o corsario *El Bravo*. Sem serem presentidos, deixaram a bom rumo o *Juncal* e de regresso vinham, quando foram presentidos, e, enfrente a Enseada, empenhou-se um breve combate no qual recebeu a 8 de *Febrero* grossa avaria; para livrar-se metteo-se Brown entre os bancos de Santiago, onde não podiam chegar os nossos. Ainda assim, até á noute, foram canhoneados.

A mesma tactica empregou Brown, no dia 27 de Janeiro, em protecção do corsario *Federal Argentino*.

Para distrahir os nossos, na mesma occasião que apparecia o corsario *El Bravo*, fazendo negações para entrar, sahia Brown de Buenos Ayres com a divisão e o corsario *Federal-Argentino*, que deveria reunir-se ao seu companheiro. Percebeo João das Bottas a tactica do inimigo. Cahio sobre a divisão de Brown, compellindo-a, depois de uma hora de combate, a entrar no porto e logo em seguida sobre os dous corsarios, com a sua divisão composta dos brigues *Maranhão*, *Caboclo*, *Pirajá* e *Constancia*. Perseguidos tenazmente foram obrigados a procurar a costa onde encalharam e foram incendiados pelos nossos marujos. N'esse combate foi ferido o commandante do *Maranhão*.

Sendo preciso dar uma demonstração de que não temiam os nossos a aproximação do porto de Buenos Ayres, o qual deixava de ser bombardeado por ser considerado porto aberto, ao amanhecer de 1 de Fevereiro, aproveitando-se do

crescimento das aguas, foi a divisão composta da corveta *Liberal*, brigues *Cabocto* e *Rio da Prata*, e escunas *D. Paula*, *Grenfell* e 1.º de *Dezembro*, dar a população d'aquella cidade a prova d'essa asserção.

Aproximaram-se o mais possível os navios de maior calado, enquanto os de menor avançaram até onde a prudencia mandava que o fizessem e de todos elles começou cerrado fogo contra as embarcações que estavam no ancoradouro. Tomados de pavor, largaram ellas amarras por mão e procuraram abrigo nos baixos do porto e nas barrancas dos rios.

A's 9 horas como começasse a vasar a maré, para as proximidades do porto retirou-se a nossa divisão.

Tendo no dia 12 de Fevereiro assumido novamente o commando da divisão o capitão de mar e guerra graduado James Norton, foi João das Bottas, assumir a do Salado.

Mais um atrevido corsario vinha cahir em nosso poder, o *Niger*. Sob o commando do capitão de fragata Guilherme James Inglis, a cruzar no estuario do Prata estava o brigue *Cabocto*, quando percebo no dia 23 de Março, a S. E. que os navios da divisão do Salado perseguiam um brigue, vindo-lhe na retaguarda o 29 de Agosto. Não querendo ser mero espectador, mandou largar todo o panno e orientou-o á rumo. Após duas horas de corrida, ao passar a contra-bordo do *Niger*, intimou-o pelo porta-voz a rendição. Com valentia respondeo o inimigo dando uma banda inteira, que teve por contra paga successivas e certezas descargas de metralha, que o desnortearam.

Por mais rapidas e habeis que fossem as manobras do capitão, para furtar-se, tendo cinco mortos, doze feridos, cheio de avarias o casco e mastreação, abateo bandeira o inimigo. Ao chegarem os navios da divisão de João das Bottas, já se tinha John Coe, entregue, bem como seis officiaes, seis capitães de presas e oitenta marinheiros e soldados.

Na parte official pelo chefe João das Bottas foi muito recommendado o commandante Inglis e seu immediato Thomaz Craig.

Commandado pelo valente marinheiro major Thomaz Espora, de regresso de uma arriada ás nossas costas do Rio Grande, apresentou-se a abrir passagem para Buenos Ayres, no dia 29 de Maio, o brigue-escuna 8 de *Febrero*, ex-*D. Januaria*, armado com seis canhões de 12 e quatro de 8, guarnecido por 79 praças. Cinco dias antes o corsario que o mesmo deveria proteger a entrada, o *Feliz*, armado com onze peças, havia cahido nas nossas mãos.

Aproveitando-se do nevoeiro, investio o 8 de *Febrero*, mas pelas 8 horas da manhã, com uma aberta momentanea do mesmo, foi descoberto pelos nossos. Ordenou João das Bottas que lhe seguissem á pista, o que foi feito pela barca *Grenfell*, escunas *Constancia*, *Bella Maria*, esta ao commando do intemerato tenente Joaquim Marques de Lisboa, o futuro almirante Marquez de Tamandaré, e a canhoneira 26 de *Fevereiro*.

"Atacado pelos mais velozes, no dizer do capitão tenente Lucas Boiteux, respondeo ao fogo, procurando sempre a salvação nos baixios. De menor calado que os nossos, conseguiu encalhar, já proximo á terra, nos bancos de Aregui, Tuyu, proximidades do cabo Santo Antonio, mais alli mesmo foi procural-o a pequena escuna *Bella Maria*, do commando do intrepido Marquez Lisboa, futuro almirante Marquez de Tamandaré. Era de ver os jovens officiaes, representantes dos dois povos sul-americanos, disputarem a victoria n'aquelle rude duello de morte. Os demais vasos da nossa divisão naval, impossibilitados de se aproximarem do campo da lucta, eram testemunhas impassiveis, d'aquelle gallardo torneio.

"Cahira a noite, mas a treva não acalmou o entusiasmo guerreiro dos bravos contendores. Durante dez horas interruptas o ribombo lugubre do canhão não deixou de abalar as cercanias.

“Durante a noite o bravo Espóra conseguiu salvar parte da guarnição tendo um morto e tres feridos.

“Ao amanhecer do dia seguinte, trinta de Maio, a bandeira argentina descia vencida do penol da carangueija da 8 de Febrero e Thomaz Espora, *uma das espadas mais valentes da America do Sul*, na phrase de Brown e o seu immediato Antonio Toll, entregavam as espadas ao não menos bravo Marques Lisboa, uma das futuras e lidimas glorias da marinha do Brasil”.

Ao ser apresentado o major Espóra ao Chefe da Divisão, Capitão de Mar e Guerra, João das Bottas, não se conteve este e disse-lhe: “Até que emfim encontrei um *espóra* para as minhas *bottas*”.

O almirante Barão do Rio da Prata, “o simpatizando con la intrepidez de Espóra, o admirador por la abnegacion con que permaneció al lado de sus heridos prisioneros, deu-lhe, bem como a seu immediato, a liberdade sob palavra de honra.

“Enquanto assim procediam os nossos para com o inimigo, eram os nossos officiaes prisioneiros victimas da maior crueldade; para seu sustento davam-lhes tres reales por dia. O commandante da *Leal Paulistana*, primeiro tenente Antonio Carlos Ferreira, teve que esmolar para não morrer de fome. Eyre, Broom, Poutier, Watson e outros, estiveram nas prisões de ladrões e bandidos”.

Ao saber-se em Buenos Ayres do desastre acontecido ao corsario *General Brandzen*, pela divisão de James Norton, para attenual-o com qualquer feito d'armas, fez-se Brown de vela na manhã de 18 de Junho, levando consigo a *Maldonado* (capitanea) 9 de Febrero, Uruguay, 29 de Dezembro, Balcarce, 11 de Junho, 30 de Junho e canhoneiras n. 1 e 2 e cosendo-se com a costa, pela manhã seguinte conseguiu alcançar Punta de Lara. Allí porém depararam estes com a divisão ao mando de João das Bottas que aceitou o combate. Eram os nossos o *Niger*, *Caboclo*, *União*, 19 de Outubro, *Dois de Julho* e *Maranhão*. Sobre o *Maldonado* atirou-se o *Niger* enquanto Senna Pereira, no *Maranhão*, tomava a si as embareações menores. Ao meio dia a canhoneira n. 1, arriava a bandeira e entregava-se pouco depois, abandonada, porque afundava-se devido aos tiros. D'ella foi retirado o rodizio e o codigo de signaes do inimigo.

Não podendo os demais com o fogo do *Caboclo*, 19 de Outubro e *Dois de Julho*, metteram em cheio, completamente desmoralisados, levando a perda de dois mortos e feridos o commandante Segui, um guarda marinha e dois marinheiros.

O incansavel almirante Brown não desfallecia: conseguiu por subscrição publica numerario sufficiente, depois do appello feito ao patriotismo da nação, para comprar a galera *Mathilde*, de 400 toneladas, que tomou o nome de *Nuevo 25 de Mayo* e o brigue americano *Allister*, baptisado com o nome de *General Rondeau*, e a escuna franceza *Hydre*, denominada *Argentina*. Enquanto assim procedia o almirante, animado pelo partido da guerra, sentia o governo que era impossivel sustentar por mais tempo tão duras provações.

A Inglaterra, por seu representante Lord Ponsomby, não descansava em offerecer sua mediação e do outro lado os governos inglez, francez e norte-americano, fazendo tremenda pressão ao Brasil, por causa dos aprisionamentos de navios seus, forçadores do bloqueio, obrigaram a chegar a um accordo.

A 12 de Julho de 1828, no paquete *Red-Pole*, como plenipotenciarios seguiram para o Rio de Janeiro os generaes argentinos Thomas Guido e Juan Ramon Balcarce, com instrucção para negociar a paz, a qual “negociada á instancia do ministro inglez no Brasil, estipulava que a Provincia de Montevideo ou Cisplatina ficasse separado do Imperio e constituída em Estado livre e independente; que a republica Argentina e o Brazil se obrigavam a defender a

independencia d'aquelle Estado durante o tempo que fôsse marcado no tratado definitivo de paz; que ficavam tambem obrigadas as duas partes contratantes a prestar ao governo legal de Montevidéo qualquer auxilio que este necessitasse para a manutenção da tranquillidade publica, si, até ser jurada a constituição e cinco annos depois disso, fôsse perturbada pela guerra civil. Em artigo adicional (a exigencias do Brasil) comprommettiam-se as duas potencias contratantes a envidar todos os esforços para que a navegação do Rio da Prata e seus affluentes se conservasse livre”.

Haviam chegado os nossos valentes marinheiros a este resultado, apesar dos tropeços de toda a especie que a politica interna lhes trouxera durante todo o periodo da duração da guerra.

Brown, apesar do que se passava na esphera governamental, continuava a despachar corsarios.

Emquanto os diplomatas argentinos discutiam as bases do convenio no Rio de Janeiro, elle, a 14 de Agosto, com os navios, adquiridos, aos quaes se reunio a galera franceza *Mandarin*, já denominada *General Dorrego*, sahio do porto. Ao chegar á Enseada, deu fundo e ordenou ao brigue *General Rondeau*, commandado por John Coe, escuna *Argentina*, commandada por Grainville, e *General Dorrego*, commandada por Soleil que seguissem a commissão determinada; ficando elle com a esquadrilla na Punta de Lara, para attender a qualquer auxilio.

Attentos porém estavam os nossos; as 7 horas da noite do dia 23 foram avistados pela escuna *Rio da Prata*, sob o commando do então 1.º Tenente Joaquim Marques Lisboa, que, sem demora, por foguetões, annunciou aos demais navios da esquadra o numero de embarcações inimigas á vista. Velejaram os nossos ao rumo de SE. 4 S e ao romper do dia os avistaram, á barlavento, seguidos de perto pela audaz escuna.

O rijo pampeiro que soprava havia levantado grosso mar e por essa razão muito difficultava a pontaria. Durava já a caça dezeseis horas, quando, impotente, vio-se o *Dorrego* para arcar por mais tempo com a *Bertiaga* que, emparelhada com elle, continuadamente o fustigava. Abandonado pelos outros, rendeo-se o commandante.

Já assignado o armistício no Rio de Janeiro a 27 de Agosto, ainda combatia-se no Rio da Prata.

No dia 30 de Agosto procurando o corsario *Empresa* e uma canhoneira protegerem a entrada dos navios neutros *Hussard*, *Lord Eldon*, foram batidos pelos fogos do *Caboclo*, 2 de Julho e escuna 19 de Outubro.

Foram encalhar os navios á sombra da bateria de Santiago, mas lá mesmo foram incendiados pelos nossos marinheiros.

Um mez justo depois deste facto, annunciava a *Sarandi*, com bandeira parlamentar, á nossa esquadra que a paz tinha sido assignada.

Tinha assim o capitão de mar e guerra João Antonio de Oliveira Bottas, com real valor, dado á sua patria, provas de que com elle podia contar nas empresas que exigissem seu sangue para lavar affrontas á sua soberania.

Em tanta conta tinha-o o marquez de Barbacena que não deixou de citar o seu nome, entre aquelles que no seu entender deveriam commandar os navios que fôsem mandados a Portugal para assegurar o throno de D. Pedro I, á sua filha, em favor de quem havia abdicado.

Feita a paz, como commandante do corveta *Liberal*, a 7 de Janeiro de 1829, deixou o porto de Montevidéo.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, por aviso de 16 de Janeiro de 1829 se lhe permittio ir residir na Bahia, concedendo-se-lhe tambem a expectativa do commando de não *Imperador do Brasil*, podendo assistir sua construcção, devendo no caso que o Intendente de Marinha o convocasse para algum serviço relativo á mesma construcção, prestar-se a elle com toda a efficacia e zelo.

Lançada ao mar a 25 de Março a não, a ultima desse typo construida entre nós, cuja cavilha havia sido batida cinco annos antes, a 17 de Maio assumio o seu commando o capitão de mar e guerra João de Oliveira Bottas.

Esta não media 156 pés entre perpendiculares, 33 de boca e 22 de pontal, e era armada com 74 peças. Sua construcção importou em cerca de 500 contos. Pesteriormente chamou-se *Pedro II* e nella foi installada a Escola de Marinha.

Por aviso de 13 de Janeiro de 1831 teve um anno de licença para tratamento de sua saude na Bahia para onde seguiu, licença essa que lhe foi prorogada por mais um anno em 4 de Fevereiro de 1832.

Em 6 de Outubro de 1832 requereo que lhe fosse dada nova licença de um anno.

Sua avançada idade e molestias não lhe permittindo serviço activo, teve por essa razão mais um anno de licença por aviso de 9 de Agosto de 1833, licença essa que não chegou a gosar-a por completo pois a 18 de Dezembro de 1833 fallecia na Bahia, esse campeão de nossa independencia o homem de nome tão plebeo e de tão nobre de acções tendo a ornar-lhe o peito diversas condecorações, graduado no posto de chefe de divisão.

Joaquim Raimundo de Moraes Lamare

CHEFE DE ESQUADRA

Filho legitimo do capitão de cavallaria do Regimento de Mecklenburgo José Almar, nasceu em Lisboa, Falleceu a 26 de Agosto de 1835.

Em 24 de Dezembro de 1789 na Academia de Marinha de Lisboa assentou praça de aspirante a guarda-marinha Joaquim Raimundo de Moraes Delamare, carreira já encetada por seu irmão Rodrigo. Julgando que mais propicia lhe seria a vida militar no exercito, pediu e obteve transferencia para elle, sendo despachado alferes de infantaria para servir em Goa, na Indias, em 6 de Março de 1794. Não lhe convindo talvez semelhante commissão em tão longuissimas paragens, resolveo definitivamente perulstrar na carreira encetada, embarcando-se como voluntario, na fragata *Fenix*, em 13 de Outubro desse mesmo anno.

Promovido a Segundo Tenente em 26 de Fevereiro de 1796, o foi a Primeiro Tenente em 6 de Abril do anno seguinte.

Da fragata *Fenix* passou a embarcar na fragata *Prinzeza da Beira* de 20 de Outubro de 1798 a 5 de Janeiro de 1799, quando foi nomeado para commandar o hiate *Costellas*, em cujo commando se conservou até 26 de Outubro desse mesmo anno, passando então a embarcar na fragata *Activo*; pouco tempo depois, isto a 12 de Fevereiro de 1800, teve embarque na não *D. Maria I*, em cujo navio veio ao Brasil. Em Maio desse anno passou a commandar o corsario *Mithafre* e em Janeiro de 1802, embarcou novamente na fragata *Fenix*, onde se conservou poucos dias, pois della desembarcou.

Em 11 de Janeiro de 1805, foi nomeado para embarcar na não *Rainha*.

Promovido a capitão-tenente em 17 de Novembro de 1806 continuou embarcado na não *Rainha* até 6 de Agosto do anno seguinte, quando foi servir á bordo da fragata *Minerva*, navio este que fez parte da esquadra que acompanhou a familia real quando se transportou ao Brasil, abandonando a patria ás tropas napoleonicas ás ordens de Junot.

Como todos os outros officiaes, ao chegar ao Rio de Janeiro, foi promovido ao posto de capitão de fragata, e pouco depois a 26 de Março de 1808, nomeado para commandar o bergantim *Lebre*, em cujo commando se conservou até Dezembro do mesmo anno. Fora esse navio designado para levar o chefe de divisão Rodrigo Lobo que ia commandar a esquadra do Estreito.

Afastado dos labores do mar, conservou-se o capitão de fragata Raimundo de Lamare e por essa razão só a 15 de Novembro de 1817 foi graduado no posto de mar e guerra.

Mais conspicua posição occupou seu irmão Rodrigo nos successos que se desenvolveram ao declarar-se a nossa emancipação politica.

Tendo adherido á nossa independencia, depois de firmada, foi promovido a capitão de mar e guerra effectivo em 9 de Agosto de 1824 e nomeado a 13 desse mesmo mez para commandar a fragata *Ipyranga*.

Nos seguintes termos manifestou a sua adhesão ao Brasil: « Accuso a recepção do officio que me dirigio o Ajudante de Ordens de V. Ex^a., em data de 20 do corrente em consequencia da Portaria da Secretaria dos Negocios da marinha da mesma data.

« Respondendo como me cumpre, ao seu conteúdo, tenho a dizer: Que tendo-se me proporcionado occasião de regressar a Portugal, como de proximo aconteceu em a náó *Rainha*, o tenho deixado de fazer por tencionar persistir no Brasil onde sirvo ha 13 annos; e agora com mais gosto que nunca depois que Sua Magestada fez aos habitantes deste hemispherio a graça de declarar seu Defensor Perpetuo, fazendo com isto a felicidade deste vasto e riquissimo continente e de todos os seus habitantes, a cujo numero tenho a honra de pertencer, e de que não desejo ser de modo algum privado, juntamente com minha mulher e meus filhos que sendo todos indigenas deste Paiz não anhelamos outra Patria mais que o Brasil.

« O que communi o a V. Ex^a. para que o leve ao conhecimento de Sua Magestade Imperial ou de quem pertencer.

« Praia Grande, 28 de Dezembro de 1822.»

Na náó *Pedro I* embarcou em 13 de Janeiro, em cujo navio se conservou até 8 de Abril quando d'elle desembarcou para novamente embarcar no mesmo em 10 de Novembro; d'elle desembarcou em 18 de Janeiro de 1827.

Nomeado por Portaria de 22 de Fevereiro para inspecionar os navios de guerra estacionados nos portos do Norte, á bordo da fragata *Nitherohy* partio para a Bahia, no dia 19 de Março, onde chegou a seis de Abril. Depois de ter dado execução ás instrucções, na corveta *Jurujuba* seguiu para Pernambuco onde chegou a dous de Junho; ali passou mostra na corveta *Thetis*, ali chegada no dia 11 e no brigue *Cacique*, entrado a 17 do mesmo mez.

De Pernambuco seguiu ao Maranhão onde chegou a 23 de Julho; ali encontrou unicamente o brigue-escuna *Leopoldina*; Na escuna de guerra *D. Maria da Gloria* transportou-se ao Pará. Ali encontrou encalhado junto ao arsenal o correio *General Lecór*, dado por inutil. Esse navio havia partido de Maranhão em nove de Setembro para o Rio de Janeiro, porém em vista po seu máo estado arribou áquella porto.

No porto do Pará se achava o brigue *Paquete da Bahia*, o brigue *Guarany*, em concertos, e a escuna *Alcantara* e por estarem destacadas em Cametã a canhoneira *Numero Um*, e escuna *Carolina* em Santarem, teve que esperar que fossem rendidas.

Do Pará na fragata *Thetis* regressou ao Rio de Janeiro em 19 de Dezembro de 1828.

Promovido a chefe de divisão desde 12 de Outubro de 1827.

Reformou-se em 16 de Outubro de 1832 no posto de chefe de esquadra. Falleceo em 26 de agosto de 1835.

João Baptista Lourenço e Silva

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Portugal

Na fragata *Minerva*, como voluntario, depois de ter completado o curso mathematico da Academia de Marinha de Lisboa embarcou a 22 de Junho de 1799, João Baptista Lourenço e Silva e n'esse navio em viagem á costa d'Africa e ao Brasil fez seu tirocinio de embarque, passando em seguida para a não *Rainha*, em 1 de junho de 1803.

Tendo voltado a Academia, onde prestou os exames exigidos, tornou a embarcar na mesma não em 12 de Janeiro de 1805, sendo então promovido a Segundo-Tenente em 8 de Agosto desse mesmo anno.

A vinda da familia real portugueza para o Brasil, para cujo transporte foram empregados todos os navios em estado de navegar, arrastou comsigo a quasi totalidade dos officiaes da marinha portugueza; no navio em que se achava embarcado, a não *Rainha*, veio o Segundo-Tenente João Baptista Lourenço e em chegando ao Brasil foi promovido ao posto de Primeiro-Tenente, isto a 8 de Março de 1808; n'ella continuou até 4 de abril de 1810. Passou então a ter embarque no bergantim *Infante D. Pedro* em 29 de Maio e depois de realisado o cruzeiro determinado a este navio, teve embarque na charrua *Prinzeza Real* em 21 de Setembro e logo em seguida voltou a não *Rainha*, em cujo navio esteve desde 26 de Setembro de 1810 até 31 de Agosto do anno seguinte quando passou a servir no bergantim *Vingança*.

Afeito á vida do mar, sempre prompto ao desempenho de commissões, não se negava a ellas, ao contrario, procurava-as. Do bergantim *Vingança* em 22 de Junho de 1812 passou a servir na fragata *Principe D. Pedro* de 14 canhões, construida em 1811 no arsenal da Bahia, no governo do Conde de Arcos.

O armisticio a que foi forçado D. João a celebrar com o governo das Provincias Platinas, por imposição do ministro inglez, fez recuar a quartéis o exercito luso-brasileiro, que ás ordens do D. Diogo havia invadido a Banda Oriental, para livral-a do dominio platino. Nessa campanha pouco teve que fazer a marinha.

No anno seguinte a 9 de Março de 1813 teve o commando do brigue *Gaiivota* cujo commando exerceo durante um anno; regressou á não *Rainha* e desta não para a corveta *Voador* em 29 de Agosto de 1815.

Artigas, na Banda Oriental, proclamando-se o arauto da independencia de sua terra natal, vendo que de um lado os argentinos pretendiam a sua annexação, com elles rompeo e para vingar-se da intervenção luso-brasiliense, iniciou correrias pela nossa fronteira.

Para castigo d'ellas e ter tropas á feição mandou D. João vir de Portugal uma divisão do exercito com um effectivo de 4.831 praças, e antes que a mesma chegasse fez sahir uma divisão naval para Santa Catharina a 14 de Janeiro de 1816 composta da fragata *Graça*, *Principe D. Pedro*, corveta *Voador*, brigues *Lebre*, *Atrevido* e *Providente*. Na corveta *Voador* achava-se como immediato João Baptista Lourenço.

A 4 de Abril chegava a divisão de «Voluntarios Reaes» e a 12 de Junho seguia para Santa Catharina. Em 29 de Julho foi João Baptista Lourenço mandado embarcar na corveta *Catypso*, capitanea da divisão que sob ás ordens do capitão de mar e guerra D. José Manoel de Menezes, deveria cooperar com o general Lecór na conquista da praça de Montevideo. Não querendo embarcar-se n'esta flotilha, por temer os temporaes, preferio Lecór seguir por terra.

Tendo-se distinguido no bloqueio do porto de Maldonado foi promovido em 12 de Outubro ao posto de capitão-tenente.

Na Cisplatina apesar de Montevideo estar em mãos das tropas luso-brasilienses, dominavam na campanha os insurrectos dirigidos por Artigas, o qual tendo todo o apoio do governo de Buenos Ayres, não cessava de nos incommodar, mesmo no mar, pois havia expedido cartas de corso a quem pretendesse.

Devido a esse facto appareceram depredadores do nosso commercio hastando bandeira artiguenhia.

No commando do brigue *Gaivota* estava o capitão-tenente João Baptista Lourenço, desde 27 de Outubro de 1817 quando no dia 9 de Novembro em frente á Colonia do Sacramento foi atacado pelo corsario *Atrevido do Sul*, antigo navio apresado *Conde de Amarante*, tripulado por 240 homens e armado com 16 caronadas de 24 e quatro peças de calibre 18. Não se recusou o bravo commandante medir-se com o atrevido inimigo, sendo como era da mesma força em artilharia, porém com menos pessoal, pois só contava oito homens por caronada. Ao valor e intrepidez com que se houve n'esse combate que finalisou com o apresamento do audaz corsario depois de ambos terem perdido um terço de suas equipagens, deram-lhe destaque entre seus companheiros.

Referindo-se ao facto diz a ordem da Divisão n. 6. O combate que houve no dia 9 do corrente sobre as aguas deste rio entré o bergantim de guerra de S. M., *Gaivota*, e o corsario *Atrevido do Sul*, apresenta uma nova occasião para se conhecer com evidencia os avances que tem a honra nacional, a verdadeira bravura e o valor real, tempestiva e prudentemente dirigidos contra temerarios esforços de gente aventureira, que á sombra do conflicto das nações só trata de promover interesses particulares. O capitão-tenente João Baptista Lourenço, que n'aquella occasião commandava o bergantim *Gaivota*, com os seus officiaes deu mais uma prova d'esta verdade. Elle mostrou com energia ao capitão do bergantim *Atrevido do Sul* que se deve respeitar a segurança dos mares, e que sem crime de semelhante castigo não podem alterar-se os sacrosantos usos que as nações estabeleceram para garantir o commercio e manter a dignidade de seus pavilhões. A intelligencia, intrepidez e sangue frio d'aquelle official justificam a sua reputação; e o bem que se houve a gente que elle commandava, ensina a vantagem que tem a disciplina e a coragem bem dirigidas, sob a temeridade e arrojio sem direcção. V. S. portanto se servirá assegurar ao dito Capitão-Tenente João Baptista Lourenço, e aos officiaes ás suas ordens, e a toda a guarnição do bergantim *Gaivota*, a perfeita approvação que deu á sua conducta que, si bem fora como sempre se esperava, e como devia ser, merece com tudo por bóa os meus agradecimentos para que todos lhe façam justiça.

Deus Guarde a V. S. Quartel General de Montevideo, 12 de Novembro de 1817. *Carlos Frederico Lecór*. Ill. Sr. Francisco Antonio da Silva Pacheco, Chefe de divisão, commandante da esquadra.

Do bergantim *Gaiivota* passou a commandar em 7 de Dezembro de 1817, o de igual posto *Falcão*, cujo navio deixou para embarcar na não *Rainha* e da qual no mez de Agosto passou ao commando interino da corveta *Maria da Gloria*, exercendo-o até 11 de Setembro de 1819, quando passou ao do brigue *Reino Unido*.

Em consideração ao valor e intrepidez com que se houve no combate sustentado pelo *Gaiivota* contra o *Atrevido do Sul*, foi promovido a capitão de fragata em 3 de Maio de 1819. Em 23 de Maio, na estação de Montevideo continuava a servir, tendo passado ao commando do bergantim *Real Pedro*, servindo sob ás ordens do chefe de esquadra Rodrigo Lobo.

Ao repatriar-se a familia real portugueza para Lisboa, deixando como regente no Brasil o principe herdeiro, tendo o capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira deixado o commando da *Thetis* para vir ao Rio de Janeiro em commissão, em sua substituição foi nomeado João Baptista Lourenço, em 21 de Abril de 1821 e depois o da fragata *União* em 17 de Junho, navio esse que estava sendo preparado para, em cumprimento ás ordens das Côrtes portuguezas, transportar D. Pedro para Portugal.

A bordo da *União*, tomou parte na coacção dirigida por D. Pedro contra as tropas luzitanas commandadas pelo general Avilez que se obstinavam a não cumprir a ordem de embarque, acantonadas já em Nitherohy, para onde as forças nacionaes, auxiliadas pelos patriotas haviam feito seguir depois da capitulação.

Os angustiosos pedidos de soccorro que faziam os patriotas da Bahia, afogados em sangue pelas tropas do general Madeira echoaram no Rio de Janeiro. Os meios brandos empregados para que deixassem o Brasil só serviam para mais cruelmente se manifestarem contra os naturaes. A longaminidade tida com os oppressores, crentes que havia fraqueza de nossa parte, mais atrevidos os tornavam. Para acabar de vez com tanto vexame foi mandada organisar uma divisão para levar soccorros aos bahianos, cuja capitanea foi a fragata *União*.

Tendo deixado o commando deste navio passou este a ser commandado pelo Chefe da Divisão Rodrigo de Lamare.

Esta divisão que deixou de cumprir á risca sua missão, devido a ser guardada na quasi totalidade por marinheiros portuguezes, regressou a 29 de Setembro, e, se mais fez levantar a animosidade das tropas luzitanas contra os naturaes, mais energia trouxe aos bahianos para a conquista da independen ia.

Em 6 de Outubro foi novamente nomeado o capitão de fragata Baptista Lourenço para commandar a *União*, cargo que não exerceo por ter sido mandado no dia seguinte assumir interinamente o da fragata *Real Carolina*.

Nomeado commandante interino da não *Pedro I* no dia 2 de Março de 1823, deixou-o no dia 20 do mesmo mez, vespera do dia em que Lord Cochrane, nomeado Primeiro Almirante da nossa Esquadra n'ella içou o seu pavilhão.

Tendo desde logo adherido á nossa independencia foi promovido a capitão de mar e guerra graduado em 9 de Agosto de 1824.

Commandou de 12 de Janeiro de 1826 a 8 de Abril de 1826 a não *Pedro I*; a fragata *Thetis* de 29 de Junho desse mesmo anno até 24 de Dezembro, quando passou ao commando da fragata *Paraguassú*; a fragata *Principe Imperial* desde 4 de Maio de 1827.

Promovido a capitão de mar e guerra effectivo em 12 de Outubro, continuou no commando da fragata *Principe Imperial* até 14 de Agosto de 1829.

Promovido a chefe de Divisão a 18 de Outubro de 1829.

Falleceu a 4 de Fevereiro de 1836.



Frederico Mariath

Almirante

Frederico Mariath

Nasceu em Lisboa em 21 de Novembro de 1794. Filho legitimo do capitão de Fragata Guilherme Mariath e de D. Lulza Mariath. Falleceu a 2 de Julho de 1863.

Sem buscar em outras fontes, oriundas da Inglaterra, onde na marinha e na litteratura se haviam illustrado seus ascendentes, Frederico Mariath sentindo verdadeira vocação para o mar, muito cedo na companhia de seu pae, pois contando apenas nove annos, foi por nomeação do Conselho do Almirantado, de 8 de Junho de 1803, mandado embarcar de praticante de piloto no brigue *Gavião*, e no anno seguinte, em 3 de Outubro por nomeação do mesmo Conselho do Almirantado teve embarque na charrua *Principe da Beira*.

Já com este tirocinio, em 18 de Março de 1807 teve praça de aspirante a guarda-marinha, sem vencimento de soldo, conforme Portaria ainda do Conselho do Almirantado, reembarcando-se para a não *Conde D. Henrique* com as outras praças da respectiva companhia de guardas-marinhas.

Promovido a guarda-marinha em 8 de Março de 1808, desembarcou da referida não em 24 do mesmo mez, para em 8 do mez seguinte ter embarque na não *Martim de Freitas*, de cujo navio passou em 2 de Setembro do mesmo anno para a não *Princepe Real*.

Vier m os dias aziagos para Portugal; foi necessario que a esquadra ingleza sob o commando do Almirante Sydney Smith se apresentasse a bloquear o porto de Lisboa, em vista da conducta tida para com a Grã Bretanha pelos tibios ministros luzitanos, devido ás exigencias napoleonicas, e apon-tasse á côrte portugueza o caminho que deveria seguir, isto é, a fuga e deixasse aos homens de brio a defesa da patria da qual nunca se preoccupou, senão para desfructal-a. Para maior irrisão essa mesma esquadra teve a missão de comboiar os fugitivos.

Assim emquanto uma expedição franceza destacada do exercito estacionada em Bayona invadia Portugal, a familia real luzitana com o seu interminavel cortejo de parasitas dava as costas ás terras patrimoniaes, em-barcando-se para o Brasil.

Na não *Princepe Real* içara seu pavilhão o chefe de esquadra Manoel da Cunha Souto Maior, depois visconde de Cesimbra. Nella foi embarcada á força a rainha D. Maria I, cuja cegueira de espirito não lhe deixou ver o deprimente spectaculo do abandono de sua patria pelo Princepe Regente que a seu lado procurava convencer a quem não mais possuia a luz da razão, mas que no entretanto protestava sempre contra tal embarque.

Nesse navio sahido com os demais a 20 de Novembro de 1807 veio o guarda marinha Mariath e a bordo teve a oportunidade de presenciar o desmantelo em que sahira aquella esquadra, pois apezar de ser o navio que alvorava o estandarte real, foi esquecida a botica, gallinhas para as dietas, cabos, cera, merlim, linha de barca, lenha para as cosinhas e trazia de menos 20 toneis d'aguada.

E' de fazer reviver aqui o factio chistosamente contado pelo mestre de não Francisco Barreto, que existio em S. Francisco, Santa Catharina, de bem lembrar-se de, como grumete, ter bebido a bordo d'aquella não, em falta de outra, da agua que servira ao banho das reaes pessoas, e que por signal bem perfumada que era ella no dizer do mesmo.

Não só isto, a crer no que rezam as chronicas, testemunhára tambem o guarda marinha a vezania luxuriosa de D. Carlota Joaquina que se entretinha durante a viagem até com gollas de alcacha e com as impertinencias do infante D. Pedro, então com 10 annos de idade, a querer immiscuir-se nas manobras de bordo, ou então, à sombra do mastro grande, a ler Virgilio.

Chegou por fim parte da esquadra a Bahia no dia 22 de Janeiro de 1808: compunha-se ella da *Principe Real*, da *Affonso de Albuquerque*, da *Urania*, e da não ingleza *Bedfort*, uma das destacadas pelo almirante Smith para comboiar a esquadra portugueza.

No dia 26 de Fevereiro suspenderam da Bahia e no dia 7 de Março lançaram ancoras no Rio de Janeiro.

Em 3 de Abril de 1810 desembarcou o guarda-marinha Mariath do navio que o trouxera para o Brasil, tornando a embarcar para a *Martim de Freitas* em 1 de Setembro do mesmo anno, em cujo navio foi promovido a Segundo Tenente por Decreto de 17 de Dezembro de 1811.

Passou para o brigue *Baldo* em 9 de Fevereiro de 1812; regressou então aquella não em 3 de Agosto do mesmo anno e em 23 de Julho de 1813 teve embarque na não *Rainha*.

A lucta intermittente sustentada entre as corôas castelhana e luzitana pela posse da Cisplatina, ia accender-se de novo. D. João não podia soffrer que lhe fosse arrebatada a provincia considerada conquista sua, nem tão pouco podia tolerar D. Carlota Joaquina, fundada em direitos hereditarios que tão preciosa joia fosse desengastada do florão de seus antepassados. De seu lado as Provincias Platinas ciosamente espreitavam o momento para arrebatá-la de ambos. Veio porém Artigas burlar as intenções de todos, como de D. João, havia a Inglaterra.

Para dominal-o, veio Herrera buscar apoio na côrte de D. João, que asada achou a oportunidade para estabelecer o predomínio no territorio que Artigas proclamára independente. Mandou vir de Portugal D. João uma divisão de soldados aguerridos numerando 4.831 praças, commandada pelo brigadeiro Carlos Frederico Lecór, para levar a effeito o plano proposto.

Chegou esta divisão ao Rio de Janeiro em 30 de Março: em vez porém de seguir directamente para Montevidéo e apossar-se da praça, devido a falta de recursos e outros aprovisionamentos, só em junho foi desembarcar em Santa Catharina, onde chegou a 12, para d'ali, por terra, seguir para o Rio Grandé e invadir então a Cisplatina.

Na divisão que levou taes tropas para Santa Catharina cuja capitanea era a não *Vasco da Gama*, no brigue *Real João*, para o qual havia passado em 7 de Março de 1816, seguiu o tenente Mariath.

Depois de regressar esta divisão naval ao Rio de Janeiro foi mandada organisar outra que deveria operar de accordo com as tropas de Lecór e cujo commando foi confiado ao capitão de mar e guerra D. Manoel de Menezes, filho do Marquez de Tancoas, que arvorou seu pavilhão á bordo da corveta *Catypso*. Faziam parte desta divisão o brigue *Real-Pedro*, a escuna *Tartara* e o transporte *Património*. Esta esquadilha que fôra dispensada pelo general Lacór de transportar a expedição de Santa Catharina para o sul, teve ordem de ir atacar o porto de Maldonado.

Com a entrada das tropas luso-brasilienses em Montevideo ficaram os navios dessa divisão ás ordens do general Lecór.

Do brigue *Real João* passou a ter embarque na escuna *Tartara* em 21 Agosto de 1817 o tenente Mariath que por serviços prestados n'esta campanha foi promovido ao posto de Primeiro Tenente em 12 Outubro seguinte.

Nomeado commandante do brigue *Gaiivota* em 18 de Dezembro de 1817, pouco tempo n'elle se demorou, pois a 19 de Fevereiro do anno seguinte passou para a corveta *Catypso*.

A necessidade de organisar uma frotilha para policiar o rio Uruguay, afim de evitar que os bandos que ainda infestavam o interior recebessem recursos da parte dos argentinos, fez com que fossem empregadas algumas barcas, vigias da alfandega, como navios de guerra. Coube ao Capitão de Fragata Senna Pereira o commando de taes navios.

A um d'elles denominado *D. Alvaro de Castro* foi dado o commando ao 1.º tenente Mariath em 2 de Junho de 1818.

Nesse commando, até que foi concluida a campanha, em Maio de 1820, no serviço de vigilancia do rio e transporte de munições de guerra e de bocca, esteve o nosso biographado.

Alheia a frotilha do Uruguay ao movimento politicó que se operou em Portugal e se reflectio no Brasil, continuava em penoso serviço de vigilancia, esquecida, como estavam os soldados brasilienses mandados para aquella fronteira sempre ameaçada, ali se conservava.

Dada a nossa independencia, acompanhando o seu illustre chefe, desde logo adherio Frederico Mariath á nossa nacionalidade. Não lhes serviram as insinuações de D. Alvaro de Castro, o representante do pensamento das Côrtes portuguezas na Banda Oriental, nem tão pouco os empenhos do capitão tenente Bernardo de Souza Soares de Andrea, agente d'aquelle brigadeiro, que tenazmente se oppunha a que a Banda Oriental fizesse parte integrante do Brasil, a demoverem-n'o, bem como a outros officiaes do proposito em que se achavam de fidelidade ao Brasil.

Resolveo, então D. Alvaro, encarregar o 1.º tenente José Maria de Souza Soares, commandante da escuna *Luiz de Camões* e 2.º tenente João Caetano Leotti, da escuna *Oriental*, capitanea da flotilha, de subleval-a, prender o chefe, supprimindo-o violentamente se preciso fosse, levar presos o 1º tenente Mariath e o 2º tenente José Francisco Regis, caso não adherissem e proporcionar meios de transporte aos 1.º e 2.º batalhões de caçadores estacionados na Colonia do Sacramento, levando-os, por mar, para Montevideo, visto estarem impossibilitados de fazel-o por terra, pois tinham as communicações cortadas pelas forças do general brasiliense Marquez de Souza.

Sabedor do que se tramava destruiu Senna Pereira todo o hediondo trama, conseguindo a prisão daquelles officiaes; contando com a fé robusta de

Mariath e de Francisco Regis, fez da frotilha um baluarte ás vans esperanças de D. Alvaro de Castro. Este vendo que nada conseguia entrou em accordo com os argentinos para lhes fazer entrega da Cisplatina, começando desde logo a fazer-se forte afim de oppôr-se ao nosso governo.

O cabildo de Montevidéo fraccionado pelo ouro derramado declarou irritos e nullos os actos de annexação ao Brasil. Estabeleceo-se a lucta; vencido porém D. Alvaro teve que ceder; assignou por fim, depois de muito pro-tellar uma convenção, obrigando-se a retirar-se com suas tropas para Portugal.

Foi assim promovido Frederico Mariath ao posto de Capitão Tenente por decreto de 12 de Outubro de 1823, tendo conseguido a medalha de merito concedida pelo decreto de 31 de Janeiro de 1822 e provisão de 18 de Fevereiro, concedida ao Exercito e Armada em operações no Rio da Prata.

Na Colonia do Sacramento conservava-se Mariath em serviços de vigilancia contra os sublevados uruguayos, até que em 8 de Abril de 1825, foi nomeado commandante do brigue *Real Pedro*, fazendo parte da força naval estacionada no Rio da Prata ás ordens do almirante Rodrigo Lobo, e que fôra pedir explicações ao governo platino pela remessa de recursos aos revolucionarios da Banda Oriental.

A aberta protecção dos argentinos aos sublevados orientaes, obrigou o nosso governo a não mais contemporisar e por isso a 10 de Dezembro de 1825 foi declarada a guerra ás Provincias Unidas do Prata.

Em 20 de Julho de 1825 havia Frederico Mariath obtido o titulo para usar de Cruz de Distincção que lhe fôra confiada pelos serviços prestados na Provincia de Montevidéo.

Declarada a guerra entre o Brasil e as Provincias Unidas do Prata, no commando da nossa esquadra bloqueadora estava o vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo. Compunha-se ella

Da corveta *Liberal*, capitanea, de 22 canhões e 150 praças commandada pelo capitão de fragata Freire Garção.

Corveta *Itaparica*, de 22 canhões, commandante o chefe de divisão Diogo Jorge de Brito.

Corveta *Macció*, de 18 canhões, commandante capitão de fragata Antonio José de Carvalho.

Brigues: *Caboco* de 18 canhões, commandante 2º. tenente Francisco Pires de Carvalho.

Real Pedro, de 18 canhões. commandante capitão tenente Frederico Mariath.

29 de Agosto, de 18 canhões, commandada pelo 1º. tenente João Rodgers Gildon.

D. Januaria, de 14 canhões, do commando do 2º. tenente Francisco Borges.

Rio da Prata, de 10 canhões, commandante o 2º. tenente José Lamego Costa.

Brigue escuna *Pard*, de 8 canhões, commandante 2º. tenente França Ribeiro.

Barca canhoneira *Leal Paulistana*, 6 canhões, commandada pelo 1º. tenente Antonio C. Ferreira.

Escuna *Liberdade do Sul*, com um rodizio, commandante o 2º. tenente José Francisco Regis.

Escuna *Conceição*, com um rodizio, commandante o 2º. tenente Thomaz Thompson.

Barca n. 8, da um rodizio, commandada pelo 2º. tenente Wenceslau da Silva Lisboa.

Lancha *Montevideana*.

Fundada a nossa esquadra ao largo de Buenos Ayres muito proxima dos bancos da entrada do porto, espreitava a sahida do inimigo que pelas noticias preparava-se para medir-se com a nossa, quando vio-se no dia 9 de Fevereiro ao amanhecer, velejar dos Poços em linha de fila com amuras a BB. os seguintes navios inimigos: *Corveta 25 de Mayo*, de 28 canhões e 200 homens capitanea de Brown: brigues *Congresso*, de 18 canhões e 120 praças; *Belgrano*, de 16 canhões e 80 praças; *Republica*, de 18 canhões e 120 praças; *Bulcarce*, de 14 canhões e 80 praças; escunas *Sarandi* de 1 peça e 60 praças e *Pepa* de 3 peças e 60 praças e 12 barcas canhoneiras com 1 canhão de 24 cada uma, formando duas divisões.

Pelas 6 horas fez signal o almirante Rodrigo Lobo para que os nossos suspendessem e velejassem para ganhar barlavento. A's 10 horas foi feito signal para virar de bordo e começar a caça ao inimigo e a 1 1/2 horas da tarde o de—*O Almirante lembra a gloria da nação neste dia e espera que todos se batam com o mais decisivo valor. E logo em seguida — Atacar o inimigo logo que cada um puder.*

Mais veleiras a *Liberal* o a *Itaparica* approximaram-se da capitanea e dos tres brigues inimigos e sobre elles durante hora e meia foram despejando seus canhões respondidos galhardamente, até que por fim, accosados os brigues metteram em cheio, abandonando o seu capitanea.

Ao iniciarem os nossos navios menores o ataque ás barcas canhoneiras, estas seguindo o exemplo dos brigues *Belgrano*, *Republica* e *Sarandi*, apezar dos esforços dos bravos Rosales e Espóra, puzeram-se em fuga.

Vendo-se o almirante Brown isolado, para evitar ser envolvido pelos nossos fez signal de retirada. Ainda assim ás 5 1/2 da tarde novamente foram a *25 de Mayo* e o *Congresso* acercados pela *Liberal* e *29 de Agosto* que cortando-lhes a prôa os castigaram até ás 6 1/2.

Tivemos neste combate mortos, o commandante do *29 de Agosto*, o mestre da *D. Januaria* e um marinheiro da *Macció*: feridos, o commandante e um official e um marinheiro da *Itaparica*.

As avarias materiaes constaram no desarvoramento do mastaréo da gata, um rombo no costado e alguns cabos cortados na *Liberal* e o gurupés fendido por uma bala, algumas vergas rendidas e cabos cortados na *Itaparica*, navios esses que com o *29 de Agosto* mais tenazmente perseguiram os inimigos. Do lado contrario, as perdas inimigas foram muito de proposito diminuidas: Brown diz nas *Acciones Navales* que teve 4 mortos e 7 feridos, sem fallar nas avarias. Os jornaes da epocha *El Correo Nacional* e o *Mensajero Argentino* referem-se a 6 mortos e 15 feridos e a *Gaceta Mercantil*, relata que foram 12 entre mortos e feridos.

Para demonstrar que n'este combate a victoria nos coube e no livro *Acciones Navales*. lá se acha consignado. «La conducta de los commandantes del *Belgrano*, *Republica* y *Sarandi*... fue tan notable en ambas acciones, que muchos supusieron un sinistro designio contra el jefe».

Assim terminaram as acções de Corales, depois das quaes o almirante Rodrigo Lobo que não era o chefe com os predicados necesarios, agachou-se em inactividade, e ainda mais enfraqueceo sua força, ficando com as corvetas

Liberal, Itaparica e Maceió e quatro brigues, enviando para a Colonia do Sacramento o *Real Pedro, Pará, Liberdade e Conceição*, todos elles ás ordens de Frederico Mariath, commandante do primeiro.

Chegava a nosso turno de dizer que, em vez de se tornarem suspeitos os commandantes dos navios, tornava-se o nosso chefe, pois com esse enfraquecimento de forças deu causa a que o almirante Brown, logo que reparou suas avarias e substituisse no commando de seus navios os officiaes que se haviam mostrado poltrões, sahisse em demanda da nossa esquadra fraccionada.

Tendo o pratico da capitanea de Brown se equivocado quanto á distancia em que se achavam os nossos, o almirante argentino que pretendia alcançar a nossa esquadra durante a noute, poz-se a bordejar até pela madrugada do dia 22, depois do que fez rumo em busca.

Estavam no entretanto os nossos navios fundeados entre os bancos Ortiz e Chico a receberem mantimentos de duas sumacas mercantes e mais fôra a fragata *Imperatriz*, recentemente chegada.

Denso nevoeiro cobria o estuario do Prata, quando foram avistados os navios inimigos. Ordenou o almirante largar amarras e fazerem-se de vela, procurando attrahir o inimigo para junto da *Imperatriz*. Travou-se um rapido tiroteio, retirando-se Brown; vendo que não era perseguido pelo nosso almirante, foi demandar a colonia do Sacramento. Rodrigo Lobo, como almirante nem siquer sabia responder os ataques que recebia. Dir-se-ia que a unica preoccupação que tinha era a de fazer presas e não a de combater, por isso não se envergonhou de communicar ao nosso governo que «n'aquelle occasião tinha o inimigo força superior á minha».

De facto, a Colonia do Sacramento desde 13 de Maio do anno anterior, achava-se sitiada pelas tropas orientaes. A sua defesa estava entregue ao brigadeiro Manoel José Rodrigues, futuro barão de Taquary, que com empenho n'aquelle ponto que é a porta de accesso ao valle do rio Uruguay, como Maldonado é a chave do estuario do Prata, se conservava como garantidor de toda a acção.

Ramon de Caceres, um dos chefes artiguenhos, de combinação com Brown chegara a 25 de Fevereiro de 1826 com 400 homens para apertar o sitio á Colonia do Sacramento, consequencia do nenhum esforço de Rodrigo Lobo para vencer o inimigo.

No dia 25 de fevereiro apresentava-se Brown com a corveta *25 de Mayo*, brigues *Congresso, Belgrano, Republica, Balcarce*, escuna *Sarandi* em frente á Colonia.

Comprehendendo o brigadeiro Rodrigues a sua precaria posição, na defesa do ponto que lhe fora confiado reunio um conselho de officiaes. Nesse conselho mostrou Mariath a impossibilidade de acceitar combate contra força muito mais numerosa; foi então resolvido sacrificar a frotilha em bem daquelle importantissimo ponto de apoio não só da esquadra como do exercito.

Com extraordinaria presteza foram rebocados os navios para junto da praia e collocados entre as duas baterias de terra e immediatamente desembarcadas oito peças, que foram armar dous reductos construidos ás pressas — um no logar denominado do Tambor, entre as fortalezas do Carmo e de Santa Rita e outro entre as fortalezas de S. Pedro e S. Miguel; o primeiro para com toda a efficacia bater tropas de desembarque que pretendessem atacar pelo molhe e o segundo para impedir as que por aquelle ponto intentassem irromper.

Assim foram desembarcadas as oito peças e collocados os navios entre os dous fortes.

O inimigo que arrogante se apresentou em frente á praça julgou cousa facil a sua conquista e que bastaria uma bem escolhida bravata para atemorizar os defensores della. A's 2 1/2 horas da tarde, com bandeira parlamentararia largou do capitanea argentina um escaler trazendo a seguinte intimação e que levou á bordo do *Real Pedro*, para que Mariath levasse ao conhecimento do commandante da praça e verbalmente que concedia unicamente meia hora para a resposta.

Transmittio Frederico Mariath a intimação ao general Rodrigues e que era assim concebida :

«A bordo de la Fragata de guerra *25 de Maio* — Febrero 25 de 1826 — El General en Gefe de la Republica Argentina, a nombre de su gobierno, entima al Snr. Gobernador de la Colonia del Sacramento de entregar la dicha plaza y fuerzas maritimas que se hallan en esse puerto en el termino preciso de 24 horas, previniendole al Sr. Gobernador que si asi lo hiciesse ofrece respectar todos los propiedades en general que se hallen en dicha plaza, y de no incendiar la poblacion y buques.

«El que subscribe espera del Snr. Gobernador que en obsequio de la humanidad evitará toda effusion de sangre y accederá a la intimacion que se le hace pues asi lo exige la superioridad de mis fuerzas navales en el Rio de la Plata.

Con este motivo saludo al Snr. Gobernador, com toda consideracion — W. Brown — Ex. Snr. Gobernador de la Colonia».

Emquanto não vinha a resposta, que pouco se demorou, entreteve Mariath em sua camara o parlamentarario que se retirou levando o seguinte officio : Colonia do Sacramento, 25 de Fevereiro de 1826 — O Brigadeiro dos Exercitos Nacionaes e Imperiaes, Governador da Praça, responde em seu nome, e de toda a valente guarnição que tem a honra de commandar, á intimação do Snr. General em Chefe da Esquadra da Republica Argentina, que : a sorte das Armas é que decide da sorte das Praças. Saudo ao Snr. General em Chefe com toda a consideração. Assig. *Manoel Jorge Rodrigues*.

O vento fresco de SE que cahio nesse dia impediouque o escaler argentino pudesse vencel-o, obrigando novamente o official a arribar e abrigar-se no brigue *Real Pedro*, onde pernitoiu em companhia de Mariath. Só no dia seguinte pela manhã teve conhecimento o almirante argentino da digna e gloriosa resposta : cheio então de rancor, suspendeo e approximou-se do porto abrindo fogo contra elle.

A' postos estavam os nossos : divididos os officiaes e guarnições dos navios, que foram abandonados, pelos fortes, ficaram no reducto do Tambor Mariath com o brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues os segundos tenentes Antonio Leocadio do Couto, na bateria de Santa Rita, Joaquim José Ignacio á bordo e José Ignacio de Santa Rita na bateria de S. Pedro.

Sob o fogo dos nossos fortes e reductos approximou-se pelo lado de SE a esquadra inimiga, respondendo com galhardia o fogo que lhe era dirigido. O brigue *Belgrano* afastando-se da fornatura, commandado pelo intrepido Leonardo Rosales approximou-se mais de terra, encalhou em um parcel na ponta de S. Gabriel apezar dos esforços para safar, com auxilio das embarcações dos demais navios, tornou-se alvo de nossas pontarias.

Uma certezaira bala por pouco não cortou a existencia do denodado commandante do brigue, morrendo mais nove e feridos oito de sua guarnição. Adernado sobre BB, foi abandonado o brigue.

O fracasso do *Belgrano* pôz em confusão a linha inimiga e vendo Brown que devido a esse facto estava desmoralizado, acudio-lhe á mente a idéa de içar bandeira parlamentarista: esperava com isso reformar a sua linha e fazer desencalhar o *Belgrano*.

Dirigio então ao governador a seguinte nova intimação: «Me parece que es llegado el momento que tendrá efecto el ofrecimiento que hizo al Sr. gobernador en el día de ayer, por consiguiente espero que en el momento se decida por la justa intimacion, y si no sufrirá toda severidad que merece la temeridad del Sr. gobernador.»

Para tanta audacia respondeo a brigadeiro com as seguintes e breves palavras que dizem bem do seu temperamento — *Diga ao Sr. General que o dito, dito.*

Proseguio com furia o combate, batendo-se com valentia ambos os adversarios, até que por fim retirou-se Brown para junto das ilhas do Inglez e Hornos onde fundeou.

Receioso o capitão tenente Mariath que durante a noute uma enchente inesperada, ou qualquer represa das aguas do estuario, devido ao vento que soprava, fizesse fluctuar o *Belgrano*, resolveo mandar incendial-o, para o que fez sahir a escuna *Conceição* sob o commando do tenente Thompson. Foi infelizmente sustado o intento pela perseguição movida pelas rondas de Brown. Velejou por essa razão a escuna para Montevideo, levando assim ao vice-almirante Rodrigo Lobo a noticia do ataque á Colonia.

Não comprehendia porém aquelle chefe, atacado do germen da defensiva, que a inacção era a falta mais grave que poderia commetter na guerra. Não lhe servia de exemplo o proceder de seu antagonista que constantemente empregava o embate da vigilancia, que era o meio de sahir victorioso. Assim deixou-se ficar o almirante Rodrigo Lobo em Montevideo, enquanto a commandancia da marinha argentina, ouvindo de Buenos Ayres o troar da artilharia para os lados da Colonia, pressurosamente, fez seguir em auxilio de seu chefe, a escuna *Pepa*, de tres canhões, sob o commando de Pinedo e seis canhoneiras, cada qual armada com uma peça de 18 e tripuladas com 30 praças.

De posse desses elementos o almirante Brown no dia 3 communicou ao seu governo: «La Colonia y las fuersas brasileras en el Rio de la Plata deben caher ó jo iré para una prision. El honor nacional, requiere un esfuerzo, El jefe de la escuadra debe hacer y hará su deber. Si el exito es favorable todo irá bien, si es desgraciado jo suplico se salve mi nombre y el honor de mi familia.»

De facto, o almirante Brown contava com pleno successo pois previamente concertou com Lavallega que por terra se approximava, deste fornecer-lhe 200 voluntarios escolhidos com os quaes reforçou as tripulações das canhoneiras, bem como tres lanchões mais.

Deu o commando a Rosales e a Espóra para que em duas divisões tentassem, uma incendiar, se não fosse possivel rebocar os navios brasileiros, e com a outra simular um desembarque, afim de attrahir as forças que guarneciam a praça ao lado de terra, sobre cuja cahiram então as forças de Ramon de Caceres.

«A meia noite de 1 para 2 de Março, forrados os remos e toleteiras para que produzissem pouco ruido e aproveitando as densas trevas da noite, que o occaso da lua tornava mais compactas, desprehendiam do costado do Viente y cinco de Mayo as oito embarcações; mas, velavam tambem os defensores da Colonia a que a Providencia reservava a mais esplendida victoria.»

Com furor abicaram as lanchas canhoneiras na praia, defendida por uma companhia do batalhão 11 de caçadores, fazendo-a recuar momentaneamente, mas o denodo com que Manoel Rodrigues e seus officiaes guiam os defensores consegue deter o impeto do inimigo, tomando-lhes tres canhoneiras a 4^a, 6^a e 7^a.

«Repentinamente uma claridade intensa vem illuminar os combatentes ao mesmo tempo que arranca de seus peitos um grito de desespero e de pavor. O brigue Real Pedro ardia em tres pontos distinctos e as labaredas que voavam, esclarecendo o theatro da lucta deixavam-patente a mais desoladora scena de sangue.

Haviam os argentinos ateado fogo no brigue; infelizmente não poude ser dominado pelos nossos. Deixaram em nosso poder as tres canhoneiras, soffrendo a enorme perda de 150 homens, entre os quaes o capitão Robinson do *Balcarce*, que ainda mesmo depois de ter perdido uma perna continuava a dirigir o fogo da canhoneira n. 4, Juan Charry, Felix Chavarría, Thorner e muitos outros officiaes.

A nossa perda foi de 20 mortos e 26 feridos.

Muitos que têm tratado desse ataque, em que tanto se distinguio Frederico Mariath, accusam-no de haver abandonado o convéz do seu navio indo combater em terra.

Comparada a sua divisão, composta da *Real Pedro* o mais forte delles, brigue de 18 canhões, brigue escuna *Pará*, de 8 canhões com. França Ribeiro e escunas *Liberdade do Sul* com. Regis, com um rodizio, *Conceição* de 1 rodizio sob o commando de Thomaz Thompson, com a de Brown que montava 95 canhões e 660 homens de tripulação, outro proceder não poderia ter.

Os menores navios cujos calados permittiam estar encostados ao molhe os abrigou; o mesmo não podia fazer com a *Real Pedro* que ficou á distancia e portanto mais sujeito ao ataque.

Sacrificando elle o pequeno elemento naval, salvou a base de operações que tinhamos dentro do estuario do Prata em criticas condições, com o pouco pessoal de que dispunha o denodado e brioso commandante da praça.

Sem uma unica bateria que impedisse o desembarque no molhe, sem soldados o sem canhões, sitiado desde muito tempo, se não fosse o pessoal de mar, com os canhões de bordo e seu fatigante trabalho em abrir trincheiras e levantar reductos, certamente n'aquelle dia teriamos de, em vez de cantar victoria e louvar a grandeza d'alma do defensor da praça, a bater em retirada do estuario do Prata e das aguas do Uruguay.

Diz o capitão de fragata Palha: O capitão tenente Mariath não encontrou nos poucos que se teem occupado com estes successos a justiça que tinha direito a esperar da gratidão de seus concidadãos.

«Ora por um motivo, ora por outro, mesmo aquelles que mais suppoem ter marcado a cada um seu lugar, sua gloria e seu renome (*) teem faltado ao respeito e á veneração a que fez jus o denodado marinheiro na defesa da Colonia.

«Seu lugar era no mar, na tolda de seu navio e nunca por detrás das muralhas, mais uma machina de guerra do que um homem diz o Sr. E. de Senna e o repete o historiador das Campanhas Navales de la Republica Argentina: este ultimo porem accrescenta ainda, referindo-se ao combate da madrugada de 2.

(*) E. de Senna — *O Libello Argentino e a verdade historica.*

Lê-se nos *Apuntes reservados* de Ramon de Caceres: — Lavallega me chamou el dia antes. como que jo era encargado del sitio de la Colonia com 400 hombres, y revelando-me la combinacion, me ordeno hiciera traer mi cabalada de reserva que tenia a quatro léguas de mi campo, para manter bien mi division, y que estuviera com los caballos encillados á las diez de la noche.

«Hice quanto me ordenó, y quando estabamos prontos esperando que el llegasse, para aprochimar-mos de las murallas, recibo contra-orden a las nueve. Quedé stupefacto, mas, persuadido que por otro conduto habia avisado a Brown, mandé desencillar los caballos, y descançar mi gente, cuando a eso de la una de la noche sentimos un fogo horrroso en la plaza».

«Ora se isso não tivesse acontecido, si ao mesmo tempo por terra e por mar houvesse sido atacada a Colonia teria resistido com a pequena força de que dispunha? Cahiria, sem duvida, em poder do inimigo, bem como a frotilha, e os ditos que recordam tão brilhantes triumphos figurariam na historia patria de outro modo.

Concebe-se que no livro de E. de Senna se diga o contrario que se affirme que na Colonia, *Mariath não soube ou não quiz ser um heroe e preferiu ser um naufrago*. O filho do commandante da frotilha do Uruguay, do vencido de *Juncal*, não podia ter feito justiça áquelle que, na *Maceió*, não pôde impedir o desastre que esperava a 3.^a divisão. Não era necessario entretanto accusar para defender a honra de Senna Pereira».

A repulsa soffrida por Brown não o desanimou no entretanto; continuou apezar dos revezes soffridos em frente á Colonia. Só cinco dias depois appareceu o almirante Rodrigo Lobo, que desconfiado que a mesma estivesse já em poder dos argentinos, apezar de içada a bandeira brasiliense, para elle um estratagemá, virou de bordo e foi fundear a dez milhas de distancia. Só se convenceo depois que teve aviso e ainda assim deixou Brown escapar-se sem ter sido incommodado.

Desgostoso o nosso governo com a direcção que dava o almirante Lobo ás operações navaes, deu-lhe substituto na pessoa do almirante Rodrigo Pinto Guedes.

Outros predicados tinha o novo mentor das operações navaes no Rio da Prata.

Regressára ao Uruguay a frotilha que sob o commando de Senna Pereira que havia d'ali sido chamado para a Colonia onde chegára a 15 de Março depois que aquella fôra atacada. Tal facto vinha destruir o plano dos buenarenses, pois assim impedia a passagem de tropas inimigas procedentes de Entre-Rios e Corrientes para infestar as nossas fronteiras. Em vista do que Brown, depois de recompôr a sua esquadra batida no combate de 11 de Junho, resolveo atacar a apoiado na ilha de Martin Garcia, mandada abandonar por Rodrigo Lobo logo depois do ataque á Colonia.

Fôra Mariath nomeado commandante do brigue *Caboclo*, em vista de ter sido queimado o do seu commando.

Ao almirante Rodrigo Lobo havia communicado Frederico Mariath o seu proceder n'aquelle emergencia por meio dos seguintes officios:

Ilm. Exm. Snr. — No dia 25 do corrente, pelas 11 h. da manhã, apresentou-se o Inimigo na distancia de mais de uma milha das baterias da Praça da Colonia, com uma Corveta e quatro Bergantins; tendo-o eu conhecido

logo, que appareceu no horizonte, passei a tomar as providencias que as circumstancias exigiam chamando a bordo os commandantes do Brigue-Escuna *Pará*, *Escunas Libertade e Conceição*, expondo-lhes a desigualdade das nossas forças e o que tinhamos a attender sobre a defeza da Praça; sendo o meu parecer encahar as embarcações ao abrigo das buterias, polas em estado do Inimigo não as poder tirar facilmente, nem tão pouco servir-se d'ellas, para reforçar a diminuta guarnição da Praça, foi immediatamente approvado pelos referidos Commandantes, e tendo feito presente ao Illm. Snr. Governador, o que haviamos assentado, elle o approvou dizendo que era o unico recurso que tinhamos em tão apertadas circumstancias e muito mais reforçando-se-lhes por este meio a sua guarnição.

«Immediatamente passámos a por em execução, o que se havia assentado, mesmo porque o Inimigo mais se approximava, e assim encaharam-se as embarcações, ficando comtudo offerecendo os costados á entrada do porto e protegidas pelo baluarte do Carmo e forte de Santa Rita.

O Inimigo fundeu pelas 2 horas da tarde, quasi ao alcance da artilharia; immediatamente fiz desembarcar oito bocas de fogo e com ellas formei duas baterias, uma no sitio chamado Tambor, para proteger melhor as embarcações e prohibir o desembarque no molhe, e outra no intervallo entre os fortes de S. Pedro e de S. Miguel, ficando esta bateria guarnecida pela gente de bordo e commandada por um Guarda Marinha do Brigue Escuna *Pará*, cujos trabalhos ficaram concluidos antes das 6 horas da manhã do dia de hoje.

«Pelas 2 horas e meia da tarde do referido dia 25, dirigio-se ao meu bordo um Parlamentar do Inimigo o qual me entregou um officio para o Illm. Snr. Governador, dizendo-me que o seu Almirante concedia sómente meia hora para a resposta.

Foi immediatamente entregue o officio ao Illm. Snr. Governador e pouco depois veio a resposta, e se retirou o Parlamentario; porém estando o vento muito fresco tornou a arribar e não poude voltar senão pelas 4 horas da manhã ficando todo este tempo a meu bordo.

«Sendo o objecto do dito officio uma intimação para se entregar a Praça e a força maritima no prazo de 24 horas, o que respondeu o Illm. Snr. Governador, que Praças occupadas por forças de Sua Magestade não se entregavam por simples intimações, e que sómente a sorte das armas é quem decidia a questão.

«E' quanto tenho a levar a presença de V. Exc. sobre os acontecimentos que tiveram lugar n'este dia. Deus Guarde a V. Exc. por muitos annos. Bordo da Bergatim *Real Pedro*, encalhado ao pé do molhe da Colonia, 26 de Fevereiro de 1826. Illm. Exm. Snr. Rodrigo José Ferreira Lobo, Vice Almirante e Commandante da Esquadra. *Fredrico Mariath*, Capitão Tenente e Commandante.»

No dia 3 de Março dizia: «Illm. Exm. Snr. — Havendo-se reunido ao Inimigo no dia 27, seis canhoneiras, uma Escuna, e uma lancha armada, se fez de vela no dia 28 e veio fundear dentro do Porto, para a parte de O, pouco fóra do alcance da artilharia da Praça.

«No dia 1.º do corrente pelas 11 horas e tres quartos da noite foi atacada esta Praça pelo lado do molhe pelas seis Canhoneiras, varias lanchas e Botes, carregados de gente, sendo o ataque dirigido pelo Almirante Inimigo em pessoa, com o fito de apoderar-se das embarcações e desembarcar por aquelle lado; porém achando-se aquelle ponto defendido pelo reducto que havia le-

vantado no Tambor pelo baluarte do Carmo, pela marinhagem e tropa das embarcações de guerra postadas no mesmo molhe, e por duas companhias de guerra de 11º batalhão de caçadores postadas uma em frente do barracão, e outra na boca da rua que vae para a muralha, foi recebido com um vivo fogo de metralha e mosquetaria apezar do qual chegaram a abicar em terra tres canhoneiras, as quaes fizeram por alguns instantes arredar alguma gente da nossa do molhe, porém sendo soccorrida opportunamente por duas companhias do batalhão já referido, e pelo Illm. Snr. Governador em pessoa, tornaram a occupar o terreno, e continuaram com fogo tão vivo por espaço de duas horas, que os outros Companheiros fugiram com os Botes e Lanchas, tendo-lhes já dado exemplo o seu almirante, e isto logo no principio da acção, havendo deitado fogo no Bergantim *Real Pedro* que em pouco tempo ardeu todo; não obstante terem-se procurado todos os meios de extinguir o incendio que foi impraticavel pelo vento ser muito fresco, e o fogo ter sido lançado em tres diferentes partes.

«O Inimigo fugio com tal precipitação que deixou a bordo do *Real Pedro* quatro marinheiros dos que lhe tinham ido lançar fogo; destes foram mortos trez e um prisioneiro.

«As tres Barcas abicaram no molhe ficaram prisioneiras, tendo sido abordadas ultimamente por mim, varios officiaes e marinheiros, e tropa da guarnição desta Praça.

«A perda do inimigo não se pode calcular com exactidão porque muitos marinheiros das Barcas se lançaram ao mar para fugirem e alli pereceu a maior parte delles ou afogados, ou pelo fogo; as outras que fugiram mostravam pela desordem com que manobravam que tinham soffrido grande perda.

«Um Bote carregado de gente foi mettido á pique, ficaram prisioneiros, um Capitão e 89 marinheiros e soldados, e encontraram-se mortos a bordo 38 inclusos, quatro officiaes, dos quaes dous eram Commandantes, sendo um delles o das Canhoneiras, Official de grande reputação entre elles.

«Tendo sido a nossa perda um marinheiro morto, 16 feridos; na tropa da guarnição tambem houve alguma perda porém mui pequena.

«Permitta-me V. Exc. que eu finalise este officio recommendando-lhe todos os individuos das guarnições em geral pelo bem que se portaram e com particularidade os dous commandantes França e Regis, e as guarnições do Bergantim do meu commando, e da Escuna *Liberdade do Sul* que foram as que mais fogo soffreram por se acharem no lugar onde o Inimigo atacou, assim como o meu Cirurgião o qual não só se portou uzando de sua faculdade com todo o sangue frio, mas até como soldado, como tambem o Escrivão e Dispenseiro. Deus Guarde a V. Exc. por muitos annos. Reducto do Tambor, na Colonia, 3 de Março de 1826. Illm. Exc. Snr. Rodrigo José Ferreira Lobo. Vice Almirante Commandante de Esquadra. *Frederico Mariath*.

«Illm. Exm. Snr. — O apuro em que nos vemos, será manifestado a V. Exc. não só pelo 2.º tenente do *Pará*, como pelo Capitão Fernandes, e o officio do Illm. Snr. Governador: estamos sitiados por terra e mar, e hoje devem chegar mais quatrocentos homens de infantaria e duas peças, para com mais aperto sitiar-nos: a força maritima actual consta de uma Corveta, tres Bergantins, uma Escuna e sete Canhoneiras, tendo já cahido em nosso poder tres Canhoneiras e um Bergantin no fundo, e tem perdido mais mui perto de trezentos homens, e por isso deve estar mui debilitada a guarnição inimiga, o Bergantim dó meu commando foi queimado e a unica esperança nossa era a

chegada de V. Ex.: hontem tudo era praser, e hoje tudo é tristeza, por a nossa esquadra não se aproximar; de V. Ex. depende tudo, a gloria da Nação e felicidade nossa.

«O muito que tenho tido que fazer não me dá lugar a dar parte do que tem occorrido: as guarnições estão mui desanimadas.

«Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. Reducto do Tambor, 10 de Março de 1826. Illmo. Ex. Sr. Rodrigo José Ferreira Lobo, Vice Almirante Commandante da Esquadra. *Frederico Mariath*, Capitão Tenente.

E por ultimo. «Illm. Exm. Sr. O Inimigo tem feito varias manobras, communicando-se com o Povo do Real, donde recebe carne, auxilio e permanece dentro do Porto em numero de uma Corveta, trez Bergantins, uma Escuna, e sete Canhoneiras: tem quasi todas as noites e dias feito fogo á Praça, arruinado as casas, porém não tem havido estes dias mortos nem feridos.

«Ao sitio fóra se lhe tem reunido varias vezes partidas de tropas, e julgase um ataque combinado de mar e terra.

«O Inimigo tem perdido muito gente e deve estar mais debilitado; a guarnição da Praça e Marinha tem feito os maiores sacrificios, porém gostosos em defender a Soberania do Nosso Augusto Imperador.

«Acham-se um pouco desanimados, porém com a vinda da esquadra tem recobrado animo, e só desejamos a sua prompta chegada aqui. Deus Guarde a V. Ex. muitos annos. Reducto do Tambor, em 11 de Março de 1826. Illm. e Exm. Sr. Rodrigo José Ferreira Lobo, Vice-Almirante, Commandante da Esquadra. *Frederico Mariath*.

O brigadeiro Manoel José Rodrigues, em officios ao Vice-almirante Rodrigo Lobo, estranhando-lhe o proceder de não se approximar com sua esquadra: Devo dizer a V. Exm. que tanto o referido capitão tenente (*Fred. Mariath*) como os mais Officiaes até ao ultimo marinheiro se tem portado briosamente na defesa desta Praça, e rivalisando com a guarnição.»

Na ordem do dia n. 18 do Commandante em Chefe, de 4 de Abril de 1826, referente aos successos da Colonia do Sacramento, lê-se :

«Tem igual parte n'este feliz successo o Capitão-Tenente *Frederico Mariath*, Commandante do Brigue *Real Pedro*..... O referido Capitão-Tenente *Frederico Mariath* logo que se observou as intenções do Inimigo, me consultou sobre a deliberação, que tinha tomado de encalhar os Barcos para dentro das baterias, e com as guarnições e artilharia reforçar a Praça, e parecendo-me tão ajustada essa lembrança logo concordei, porque as embarcações nada podiam fazer contra forças tão desiguaes e eram tomadas pelo Inimigo, e ficava a Praça sujeita á mesma sorte, faltando-lhe tão grande soccorro; e assim fazendo um só Corpo guarneceram o baluarte de Santa Rita com 50 homens para serviço de artilharia, guarneceram o Tambor que ha no molhe com artilharia e gente e postaram duas bocas de fogo á esquerda do baluarte de S. Pedro, guarnecidas tambem com a sua gente; desde o 1.º Official até o grumete mostraram o maior valor rivalisando com a guarnição.

Promovido a capitão de fragata graduado em 29 de Dezembro de 1826.

Depois da perda do brigue *Real Pedro* passou *Mariath* a commandar o *Cabocto* e ao chegar em Montevideo lhe foi dado o commando da *Jurujuba* em 5 de Abril e em 13 de Maio o da corveta *Maceió*, pouco depois o da fragata *Thetis* em 16 de Julho: deste navio passou para a fragata *Nictherohy* em cujo commando se conservou até 14 de Janeiro de 1827.

Pela carta imperial de 9 de novembro de 1826, houve por bem S. M. o Imperador fazer-lhe mercê de o nomear official da Imperial Ordem do Cruzeiro.

A divisão de Senna Pereira, denominada a 3.^a divisão, bordejava na altura de S. Juan quando foi avistada no dia 21 de Dezembro a escuna inimiga *Rio de la Plata*, armada com um rodizio de calibre 12, era a *Aracatuba*, que fora aprisionada. Depois de um pequeno combate arrou bandeira e rendeo-se.

Com o fim de atacar a nossa divisão que subira o Uruguay sahio Brown no dia 26 de Dezembro e a 29 chegou a Jaguary no Rio Negro, proximo aos nossos navios, rompendo immediatamente fogo contra elles. Repellido com vantagem, usou do seu conhecido estratagemas, enviando um parlamentar a bordo da capitanea brasiliense intimando á rendição. Ainda um pampeiro reteve á bordó o emissario argentino John Coé. Julgando felonias de nossa parte mandou Brown rebocar suas canhoneiras e de novo atacou as nossas, porém desapontado teve de descer aguas abaixo porque nada havia conseguido, indo fortificar a ponta Gorda assim chamada uma estreita volta do rio, com quatro peças e na *Sarandi* seguio para Buenos Ayres em busca de reforços.

Apezar do sigillo guardado por Brown soube do plano de engarrafamento o nosso almirante.

Para soccorrer a esquadilha de Senna Pereira e por sua vez metter os navios de Brown entre dous fogos, mandou chamar o almirante Piuto Guedes ao capitão de Fragata Frederico Mariath que commandava a *Nittherohy* e o incumbio de ir tomar o commando dos navios fundeados no banco de Sant'Anna, ordenando-lhe que se approximassem o mais possivel do Uruguay, afim de prestar o auxilio de que carecesse a 3.^a divisão.

Quarenta horas depois no brigue *Principe Imperial*, sahia Mariath do porto de Montevideo, levando em sua companhia o 1.^o Tenente João Baptista de Souza e o 2.^o Tenente J. White, algumas praças da guarnição da *Nittherohy* e foi reunir-se aos demais navios que iam compôr a *divisão auxiliadora*, assumindo a 14 de Janeiro de 1827 o commando da *Macció*.

Eram elles: *Macció*, capitanea de 20 canhões commandada pelo Capitão de Fragata Mariath. Brigues, *Principe Imperial*, de 36 canhões; *Cabocto* de 18; *Real João* de 18; *Rio da Prata*, 10 canhões; escunas *Maria Thereza* de 14; *Providencia* de 3; *Conceição* de 1; *Itaparica* de um; e *1.^o de Dezembro* de um.

Preparava-se a *divisão auxiliadora* para seguir seu destino, quando recebeu Mariath o seguinte officio do commandante da esquadra.

«Montevideo, 11 de Janeiro de 1827.—Agora sabemos que Brown foi baido por Jacintho e que este lhe matou muita gente e tomou quatro canhoneiras: Brown fugiu e veiu se fortificar na Ponta Gorda para impedir a sahida de Jacintho do rio. Eu creio que V. S. póde chegar á vista de Ponta Gorda, e ahi esperará o momento da chegada de Jacintho, para poderem metter entre dous fogos a bateria que Brown formar em terra, e si ainda não estiver feita, de certo V. S. lhe empedirá a conclusão porque Brown está com menos gente e menos força pelo que deixo dito.

«D'aqui farei diligencia para fazer constar a Jacintho onde V. S. está a força que tem; mais, como os meus desejos de mandar a noticia a Jacintho podem falhar, V. S. fará d'ahi mesmo diligencia, e talvez muita segura, pela provincia de Entre-Rios e assim poderá ajustar o modo de atacar; por-

que se em terra houver pouca força, fazendo-se desembarques ao mesmo tempo que o resto das embarcações fizerem fogo sobre os navios e baterias elle não tem meio de acudir a tudo, e si já lá tem tropa, o disfarce por algum tempo, quem quer só bloquear, os porá em descuido e em sabendo quando se põe em effeito qualquer plano que o Jacintho escolha (mas devo sabel-o com antecedencia bastante em Maldonado), farei em que ainda d'aqui saia tropa para chamar a attenção do inimigo e o mesmo se fará na Colonia.

« Vão mantimentos para poder levar bastante, e para a Colonia irão mais, afim de os ter perto. Mande o *Rio da Prata* e o lugre (*Principe Imperial*).

Não tinham infelizmente cunho de verdade taes noticias.

A 16 de janeiro, despachados a *Principe Imperial* e o *Rio da Prata*, ao clarear do dia, com tempo nublado e vento bonançoso de ESE. suspendeo a esquadilha em linha de fila, levando as escunas *Providencia* e *Real João* nos flancos e na distancia de tres amarras a *Conceição* accusava a sonda. Prevendo a falta d'agua para o calado de seus navios, ordenou Mariath que fosse lançado ao mar parte do lastro d'elles, o que foi feito, como por elles foram distribuidos viradores e ancorotes para serem utilizados em caso de encalhe.

A chegada de um *chasque* a Martin Chico, mandado com officios de Pinto Guedes para Senna Pereira, a quem suppunha na altura de Soriano, veio revelar o plano do nosso almirante á Brown, como veremos.

De posse desses officios, por trahição do mestre da dita embarcação que procurou as forças inimigas em vez das nossas, isto por seducção dos emisarios platinos, para não despertar suspeitas deixou Brown seguir o referido *chasque*, e com os recursos recebidos de Buenos Ayres foi fortificar Martin Garcia.

Depois de successivos encalhes no dia 17 avistou Mariath a esquadilha inimiga, na altura da Playa Honda ou Placer de las Palmas.

Ao anoitecer encalhou a *Maceió*: improficuos foram todos os esforços para safal-a, mais contribuindo para isso o máo tempo que então reinava. Por fim Mariath teve a inspiração de mandar largar e caçar todo o panno, depois de sondado o banco em que se achava preso e teve a ventura de ver seu navio deslizar sobre o mesmo.

Vendo Brown que a divisão de Mariath se achava dispersa, dessa circumstancia se aproveitou para ver se podia aniquilar a nossa força, batendo-a por partes. Pela manhã de 18, ordenou que, á força de remos, se apprisionassem da *Maceió*, a *Balcarce*, o brigue-barca *Maldonado* — ex-*Leal Paulistana*, e as escunas *Sarandi*, *Pepa* e *União* e mais outras duas e sobre ella convergissem seus fogos. Com extraordinario calma apparellhou-se Mariath para receber o inimigo. Deixou sem resposta o fogo do inimigo, esperando que este se approximasse, pois sua artilharia, de pequeno alcance, não igualava ao do inimigo.

Affeitos com o silencio, approximaram-se os vasos platinos; quando julgou opportuno ordenou Mariath a manobra—*Içar a bujarona! Fogo por brigadas*, manobra essa acertadissima, porque ora orçando, ora arribando, empregava toda a banda. Lampejaram successivas rajadas de fogo sobre o inimigo, que avançava sempre, fazendo grande estrago no costado da corveta e nos tripulantes. Não se intimidou Mariath — com mais firmeza mandou carregar as pe-

ças com quatro munições e quando o inimigo quasi a queima roupa, já contava com a preza, recebeu uma explosão tal de metralha que o atordoou e pô-lo em verdadeira confusão.

Eran lo inferno las dos lineas, diz uma testemunha argentina.

Essa tremenda e inesperada descarga, dada com grande acerto, fez com que o inimigo abandonasse a acção e se recolhesse a Martin Garcia, onde foi re-compôr-se.

Sotaventeados os demais navios da divisão de Mariath nenhum d'elles o soccorreu. Esse combate conhecido entre nós pela *Defesa da Corveta «Macció»* e pelo argentino pelo do banco de S. Juan ou Canal de Martin Garcia, deo grande nomeada a Mariath, offuscada logo em seguida pelo desastre soffrido por Senna Pereira a quem estava incumbido de auxiliar. Os raios fulgurantes da aureola que havia conquistado n'aquelle combate refractaram-se e perderam-se na misteriosa inacção demonstrada logo apòz e que deo em resultado mergulhar a nossa marinha em grande e sentido lucto.

No *Mensajero* de 20 do mesmo mez escrevia um official argentino : «Antes de ayer los enemigos empezaron a estrechar la linea, posesionando-se del canal, y en esta operacion varó la corveta, e estubo asi desde las 11 del dia hasta las 7 de la tarde ; pero el viento era tan fuerte de ESE. que no pudimos darle auxilio com los mosquitos ; elles trabajaran de modo que puede creer-se, quedó a puron barrido y luego que safó al instante le montaran su artilheria : en este estado amanheció.

«A las 2 de la mañana dimos la vela sobre ella y al mesmo instante de sahir el sol principiò còl fuego de todos nosotros contra la corbeta, porque los demas estaban a sota viento y no podian socorrerla. Puede V. hacer-se cargo se hacia fuego de buena carta, però ella le contestó sostenidamente y en todos direcciones tambien, y con tanta orden sus baterias no cessaban, de cuja operacion quedó nuestro general muy pagado, pues ha conocido que o que la mandaba es un buen official.

«A las siete volvimos a la carga y lo hicimos com mas rabia que antes, però amigo eran lo inferno las dos lineas. El enemigo susteivo un fuego de ala a ala interminable ; este duró como hora y media y nos retiramos.»

Deixou-se ficar inactivo Mariath depois desse brilhante feito, á espera da esquadriha de Senna Pereira, enquanto Brown activamente fortificava Martin Garcia.

No dia 8 de Fevereiro chegava Senna Pereira á altura de Nueva Palmyra ou Obligueiritas; atacado pelas forças de Brown com extraordinaria galhardia bateo-se em Juncal, sendo ahi sepultado muito brio e muita pusillanimidade. A nossa frotilha foi destroçada.

Sobre o proceder de Mariath lemos no *Memorandum das Campanas Navales* : Logo que Mariath commandante das divisão que se achava abaixo de Martin Garcia avistou a 3.^a divisão, moveo-se e approximou-se da ilha com a fingida intenção de passar adiante e collocar a esquadra de Brown entre dois fogos, mas ao chegar quasi a distancia de tiro de peça — tornou a fundear.

O commandante da ilha, pois, calculou que a intenção desse chefe era guarnecer os seus escaleres e dar um desembarque na ilha e fez logo todos os preparativos convenientes para receber o receiado ataque, se bem que a força estacionada na ilha fosse completamente inadequada para a sua defesa—Consistia em 80 homens, dentre os quaes só 24 artilheiros e os outros de milicia civica.

A vista de tal guarnição pela maior parte bisonha, julgava-se que o ponto seria fracamente defendido contra qualquer ataque por pouco vigoroso que fosse. O forte não estava concluído e o fosso só por dous lados ; estas circunstancias punham em risco a segurança da posição.

Inesperadamente de es que esperavam o ataque viram com a maior satisfação que em logar de escaleres cheios de tropas, se destacou uma escuna para intentar passagem pelo canal do Inferno.

A escuna encallhou, mas a tal distancia que não lhe chegavam as balas de uma peça de 9, levada á margem para batel-a, ao passo que seus tiros e de mais duas enviadas por Mariath em seo auxilio alcançavam até o lado opposto da ilha, tal era a superioridade da polvora e da artilharia brasileira.

Não podendo desencalhar a escuna ficou na mesma posição todo o resto do dia (á noite safou e com as outras duas incorporaram-se á esquadra, unicamente a *Macció*) que não deo um passo para diante provavelmente pela presença de uma bateria de duas peças collocada na extremidade de NE da ilha, e de uma outra sobre o continente quasi ao seu costado.

O que acabamos de referir resume-se a unica tentativa feita por Mariath para cooperar com a 3.^a divisão, á despeito de haver induzido o seu commandante a descer o rio com a esperanza de achar nelle um poderoso apoio— a assim devia ser, pois é verdade que os navios que tinha cõsigo foram apparelhados em Montevideó expressamente para reforçar a esquadrilla do Uruguay, apezar disto porém, jamais tão debil tentativa, foi mais debilmente sustentada.

Mariath, logo que vio a bandeira argentina tremular triumphante sobre a imperial, observou a fuga e dispersão de toda a esquadrilla do Uruguay, fez-se de vela rio abaixo e não se reputou seguro senão depois de sua chegada a Colonia.»

O traductor e annotador do *Memorandum das Campanhas Navaes Argentinas*. E. de Senna, filho do capitão e commandante da frotilha, em defesa de seu pae, com severidade refere-se a Mariath diz: «As linhas que que acabão de ler-se e que versão particularmente sobre o capitão de fragata Fred. Mariath, commandante da forte *divisão auxiliadora*, mandada cooperar com a 3.^a divisão, e sobre o seu singular modo de proceder em face dos acontecimentos do Uruguay em fevereiro de 1827, contem sem duvida as mais graves censuras, e as accusações de maior importancia e alcance, e talvez as mais bem fundadas de quantas no *Memorandum* nos são feitas.

Diremos o que sabemos sobre ellas, uma vez que nos achamos com a penna na mão para dizer a verdade historica que referimos sem reservas e sem adornos não para pactuar ou contemporisar com interesses e conveniencias de quem quer que seja.

Querendo o almirante barão do Rio da Prata assegurar o bom resultado do encontro que deveria ter lugar, entre a 3.^a divisão e a esquadra argentina, e talvez mesmo arrastado pelos remorsos de haver negado ao commandante d'ella as providencias que lhe pedira com instancia, e a troca de alguns commandantes que não lhe mereciam confiança, organisou uma forte divisão, a que deu o nome de *auxiliadora*, a qual devia abrir communicação com a esquadrilla do Uruguay, auxilia-a como o proprio nome indica.

Esta força chegou a Martin Garcia e ali estacou, tendo pouco tempo depois o combate de que se falou. Depois desta data nada mais util se fez para o desempenho na commissão incumbida ao capitão de fragata Mariath, como

beni affirma o autor desta memoria. Os dias volveram-se: as duas forças rivaes encontraram-se dentro do rio; bateram-se por dous dias successivos: a nossa esquadrilla foi completamente derrotada; os nossos bravos sacrificados, prisioneiros e encarcerados; tudo á vista da *Divisão auxiliadora*, que nada fez para prevenir ou remediar tantos males, o que era facil e de seu rigoroso dever, a menos que não se lhe teve em conta essa *ridicula*, fantastica e debil *tentativa tão debilitante sustentada*, como diz a *Memoria*.

«Nada disto teria acontecido se a *Divisão Auxiliadora* se houvesse approximado do logar da acção, fazendo calar na sua passagem o insignificante bateria da ilha, *que não podia causar-lhe o menor damno, como o proprio confessou, por achar-se construída em ianta elevação, que poderia offender os navios que passassem em muita distancia e ella achava-se encaizada no verdadeiro canal, que passa encostado á ella, fundo, limpo e sem perigo algum.* Se isto se houvera feito no primeiro ou no segundo dia, as scenas ter-se-iam trocado; os fracos que comprometteram o resultado do combate abandonando seu chefe teriam cobrado o animo á vista de um auxiliar tão poderoso; a esquadra argentina ficaria toda em nosso poder sem recursos; o triumpho de nossas armas seria completo, porque teria mutado a face dessa guerra infeliz que terminou com o enalmitoso e mal inspirado tratado de 1828.

A paz seria então imposta por nós em condições que nos approuvesse, pois com a esquadra teria perdido a republica o mais effcaz e importante elemento de guerra».....

As primeiras noticias recebidas pelo Almirante Pinto Guedes barão do Rio da Prata, foram-lhes transmittidas pelo brigadeiro Manoel Jorge Robrigues, que assim se exprimia: «Nos dias 8 e 9 houve muito fogo entre o Capitão de Fragata Jacintho Roque e Brown; Mariath estava á vista, mas não o deixava o má tempo, e hontem penso se chegaria para mais perto. Houve fogo até depois das 10 horas da noite.

«Jacintho estava apoiado de flanco pela Ilha das Duas Irmãs segundo nos disse o Patrio de um bote vivandeiro, que estava com Mariath o que sahio dahi no dia 9 de tarde.»

Ainda no dia 14 o mesmo brigadeiro communicava.

... Tanto o referido Carvalho, como os marinheiros que chegaram pela manhã, não encontravam Mariath, devendo-se presumir, que elle está junto á Ilha do Juncal, onde elles divisaram 8 barcos, um de tres paós, que suppuzeram ser o Brique barca de Buenos Ayres e barcas desta Esquadra, por ignorarem que Mariath se devia achar alli.»

Pedida a paz pelos Argentinos depois do desbarato soffrido pela sua esquadra no dia 8 de Fevereiro, para o que haviam mandado ao Rio de Janeiro como encarregado D. Manoel Garcia, cujo fim era *acelerar a terminação da guerra e o restabelecimento da paz entre a Republica e o Imperio do Brasil, conforme exigem imperiosamente os interesses da nação.*

De regresso á sua patria trouxe D. Garcia um tratado que não foi accedido pelo partido contrario ao governo: obrigado pela opposição Rivadavia, o instigador da guerra, abandonou em julho a governança, antes que o apeassem. Continuou por essa razão a guerra.

Dando sciencia o ministro da Marinha, Marquez de Maceió ao almirante barão do Rio da Prata das providencias tomadas para o fornecimento da esquadra em operações e ordenando-lhe outras medidas, entre ellas o de tentar com embarcações pequenas e bem armadas deitar fogo nas do inimigo, que esti-

vessem dentro do porto de Buenos Ayres escolhendo para esse effeito officiaes e gente de confiança e em fim dar um golpe sobre aquelle porto fosse de que modo fosse. dizia «Julgo conveniente lembrar a V. Ex^a que ponha em actividade ocapitão de fragata Mariath, embora elle queira a isso subtrahir-se e bem assim o tenente Souza que acho ser bravo e intelligente.»

Em resposta a esta ultima parte do officio acima do ministro da Marinha de 1 de Agosto, disse elle : «V. Ex^a diz-me que empregue Mariath e o Tenente Souza, elle está commandando e bem o brigue *Pirajá*; porém aquelle está na Colonia, como por vez pedio, e deixou o commando da *Maceió* por dar decisiva parte de doente no momento em que Brown, tendo descido triumphante do Uruguay, se apresentou na boca na barra com 27 Caravellas incapazes, a maior parte dos quaes já foram tomadas ou fugiram para nós, e outras foram condemnadas e queimadas.

«Mariath estava então como agora, nutridissimo e com côres de invejar; nem se queixou mais de doença depois que foi para a Colonia.

«Mariath quanto a mim, não foge se fôr atacado, (bem que a gente de Brown já tinha o pé em terra da Colonia, e mal iria o negocio se o Governador não sahisse, como sahio, com duas companhias), mais não vae atacar; tenho provas disso a bem desgraçadas.

«Quando o mandei entrar para dentro de Martin Garcia, dando-lhe para isso a *Maceió*, *Caboclo*, *Rio da Prata*, *Real João*, *Maria Thereza*, *Providencia*, *Primeiro de Dezembro* e outros, disse-lhe o pratico (confessou-me a mim e o disse a toda gente) que o levava para cima pelo Canal do Inferno, não o quiz!

«Eu se tivesse sabido, ficava Brown entre as duas divisões e não se perdia a de Jacintho Roque.

«O Practico ainda está na *Maceió* e passa pelo melhor, tanto do Rio da Prata como do Uruguay. Esta anedota foi publica em Montevideo e muito e muito desacredita a Mariath.»

Promovido a capitão de fragata por Decreto de 31 de Janeiro de 1826, tomou o commando das forças navaes que defendiam a Colonia do Sacramento, em cujo exercicio se conservou até 28 de Outubro de 1828.

Feita a paz, cuja troca de ractificações teve lugar em Montevideo no dia 4 de Outubro de 1828 começou o regresso de nossa esquadra para o Rio de Janeiro. Frederico Mariath retirou-se então para Montevideo, donde, com parte de doente, seguiu em 20 de Dezembro para o Rio de Janeiro, onde chegou a 4 de Janeiro de 1829.

Por aviso de 10 de Março de 1829 teve um anno de licença com vencimento de soldo para tratamento de saude, indo gozal-a em Santa Catharina. Por ter excedido de 26 dias dessa licença foi submittido a conselho de guerra sendo absolvido por sentença do Supremo Tribunal Militar e de Justiça em 19 de Maio, por se haver plenamente justificado. Por aviso de 17 de Junho de 1830 se lhe concederam dous mezes de licença para ir a Santa Catharina buscar sua familia. Apresentou-se em 11 de Agosto do mesmo anno

Nomeado em 26 de Abril de 1831 ajudante d'ordens do ministro da Marinha e ao mesmo tempo encarregado do expediente do Quartel General da Marinha, no exercicio desse cargo se conservou até 13 de Outubro, quando foi nomeado commandante de fragata *Imperatriz*, cujo commando assumio no dia seguinte e n'elle se conservou até 12 de Março de 1833, quando foi

dispensado. Elogiado em 11 de Outubro de 1831 pelos serviços que prestou como ajudante d'ordens do ministro da Marinha na revolta dada na ilha das Cobras.

Os successos que se desenvolveram no Pará onde se degladiavam facções politicas obrigaram o nosso governo a ter n'aquella antiga provincia elementos navaes de certa monta e confiar o mando d'ellas a homens cuja feição politica estivesse de accordo com a dos dirigentes na occasião. Para presidente da provincia e commandante das armas foi nomeado o general Soares de Andrea e para commandante das forças navaes foi nomeado por aviso de 12 de Novembro de 1835 o capitão de fragata Guilherme Mariath, que desde 9 de Julho se achava no commando da fragata *Principe Imperial*, cujo commando entregou ao capitão de mar e guerra Manoel de Siqueira Campello, em 8 de Janeiro de 1836. No dia 31 de Dezembro suspendeo do Rio de Janeiro tendo içado o seu pavilhão no patacho *Januaria*, seguido pelo brigue escuna *Dous de Março* e escunas *Pelotas*, *Porto Alegre*, *Rio Girandense* e *19 de Outubro*. No *Januaria* seguiu o general Andrea.

Pelos serviços prestados no Pará foi por Decreto de 22 de Outubro de 1836 promovido ao posto de capitão de mar e guerra.

Por aviso de 15 de Fevereiro de 1837 teve ordem de entregar o commando das forças navaes estacionadas no Pará e assumir o commando da corveta *Regeneração* em cujo navio deveria se recolher ao Rio de Janeiro. Em execução a taes ordens em 1 de Março assumio o commando da referida corveta e fez-se de vela para o Rio de Janeiro onde chegou e por desarmamento do navio desembarcou em 21 de Agosto de 1837. Dous dias antes havia sido nomeado Inspector do Arsenal de Marinha do Pará, com o ordenado annual de 800\$000, além do soldo de sua patente na conformidade do Decreto de 11 de Janeiro de 1834 e que constou por aviso de 23 de Abril de 1837.

Na Bahia os factos que se desenrolaram com o assassinato do presidente e commandante das armas, Felisberto Caldeira, e consequente disturbios promovidos por civis e por praças e officiaes do batalhão «*Perequitos*», onde a acção do illustre official e chefe de Divisão Theodoro de Beauspaire foi preponderante para o estabelecimento da ordem e pôde-se dizer pelas suas acertadas medidas impedio que o movimento se propagasse, não foi bem acolhida pelos politicos, que conseguiram a sua substituição no commando da divisão em que se achava.

Por essa razão por aviso de 14 de Fevereiro de 1838 foi nomeado para substituil-o o capitão de mar e guerra Frederico Mariath, que ali se apresentou em 22 de Maio do mesmo anno, assumindo o commando da *Principe Imperial*, capitanea da divisão naval estacionada na Bahia.

Em 7 de Junho de 1838 na fragata *Principe Imperial*, recolheo-se ao Rio de Janeiro e tres dias depois foi nomeado para commandar a divisão naval do Rio da Prata para onde seguiu.

Em consequencia de ter o chefe Grenfell pedido exoneração de commandante das forças navaes que no Rio Grande do Sul operavam contra os republicanos muito desgostoso pela opposição que na Camara e pelos jornaes lhe moviam os interessados na continuação daquella guerra e contra os meios por elle empregados para a pacificação, por aviso de 20 de Setembro foi nomeado o capitão de mar e guerra Mariath.

Entregando o commando ao capitão de mar e guerra José Ignacio Maia, seguiu no *Correio Brazileiro* a assumir o novo posto; não foi feliz porém, pois conseguiram os republicanos certa vantagem em um combate contra tres

das nossas canhoneiras, empresa que não mais se atiravam qual a de medirem com os nossos navios, pois Grenfell não subordinava seus navios a vontade dos presidentes.

Nova politica, novos ministros, portanto, como sempre, fazia-se a guerra e diplomacia de accordo com os principios, por isso resolveo o governo fazer voltar Grenfell ao commando que havia deixado, apodado de trahidor, merecedor de morrer na praça publica e tudo isto por ter trabalhado pela pacificação.

O aviso de 23 de Março de 1839, ordenou a substituição de Mariath, determinando-lhe que logo que entregasse o commando se recolhesse ao Rio de Janeiro. Assim na barca a vapor *Correio Brasileiro* no dia 29 de Agosto seguiu a apresentar-se ao Quartel General. Antes porém de lá chegar, no dia 1º de Agosto, foi nomeado para commandar as forças de mar que iam operar em Santa Catharina, por pedido do general Francisco Soares de Andréas, nomeado commandante em chefe de todas as forças. Não se esqueceo aquelle general dos serviços que Mariath, no Pará, lhe havia prestado.

Em Santa Catharina progredira o sentimento republicano; com o auxilio dos sul-riograndenses conseguiram os partidarios da confederação proclamar a republica na Laguna, em 22 de Julho, da qual se haviam apossado, como de todo o alti-plano, derrotando as forças imperiaes que occupavam a villa e os navios armados que se achavam no porto.

No dia 14 de Agosto deu fundo o *Correio Brasileiro* em Santa Catharina e no dia seguinte assumio o commando da força naval existente, exercida até aquelle dia pelo chefe de esquadra reformado Miguel de Souza Mello e Alvim, por nomeação do então presidente da Provincia, o brigadeiro Pardal.

A' principio julgou o chefe Mariath que de pouca importancia era o movimento, mas em breve convenceo-se do contrario; da primeira apreciação se desdisse em officio de 5 de Setembro.

Dous dias depois da chegada de Mariath aportava á Santa Catharina o general Andrea, nomeado presidente e commandante em chefe das forças de mar e terra e desde logo começou a pôr em pratica os seus rapidos e concisos methodos de administração, muito embora violentos, mas sempre com o fim de alcançar o fim collimado.

Combinada uma acção conjuncta, começou-se por cobrir a costa com os navios da divisão para dar caça aos navios republicanos sahidos da Laguna, apesar de bloqueados, para depois atacar o porto. Neste interim se preparava uma expedição por terra emquanto não chegavam as canhoneiras que deveriam vir do Rio Grande e outras que se estavam a armar no porto do Desterro.

Os republicanos que já dominavam pelo continente até a barra do Sul, preparavam-se para se transportarem á ilha, para o que accumulavam elementos em Massiambú e Enseada de Brito.

Foi combinado ataca-os. Sob a direcção pessoal de Mariath foi posta a operação e do seu feliz resultado deu elle a seguinte parte: «Dias antes havia o presidente recebido denuncias de que o inimigo tentava passar-se para a Ilha empregando para isso lanchões e canoas, embora estivesse na barra do sul um navio de vigilancia.

«Não era cousa de duvidar porquanto passavam elles em canoas conduzindo gente de Massiambú para a Pinheira, lugar onde depositavam as embarcações, uma das quaes, dias antes, fôra tomada pela escuna 1º de Abril, que andava no serviço de transporte.

•Fazendo conhecer ao inimigo que o não queríamos atacar, entretanto que disposições reservadas se tomavam para effectuar desembarques em diferentes pontos, não só para lhe tomar embarcações como para dividir e bem lograr algum desembarque. Reunindo as embarcações miudas, no dia 27 combinei com o peritissimo Tenente-Coronel José dos Santos Pereira, commandante da columna para atacarmos o inimigo nos diferentes pontos, para o que na madrugada do dia 28 se fez em marcha a columna a desmontar o morro dos Cavallos pela direita e passar além do rio Massiambú pequeno, a fazer difficulosa marcha de quatro leguas por entre serras, afim de ás dez horas do dia estar perto da embocadura do dito rio, hora em que pouco mais ou menos havia agua na barra, para eu poder entrar com os lanchões. Pela madrugada deveriam apparecer na ponta da Pinheira o patacho *Camarão*, a escuna *1.º de Abril* e o lanchão 2. Este lanchão e os escaleres levariam gente de desembarque para effectuar o aprisionamento de todas as embarcações que o inimigo para alli conduzia, enquanto que elle Mariath nos lanchões n. 1 e 3, brigue escuna *Cometa* e canhoneira *Dous Irmãos*, estaria ao mesmo tempo na barra de Rio Massiambú. Ao romper do dia se effectuou o desembarque, principiando o fogo sobre as partidas inimigas ao cahir do sol, e assim o distrahimos, afim da columna mais folgadoamente vencer a marcha, sem soffrer grande fogo; o inimigo tinha carregado mais para o lado da Pinheira e apesar do vivo fogo da cavallaria e infantaria em numero de 150 homens, teve o inimigo de perder as embarcações que alli tinha, fazendo-se-lhe tres mortos e nós dous feridos, devendo-se o bom exito do desembarque ao valor do 1.º tenente Antonio Francisco Pereira. Continou o fogo do inimigo, até reconhecer que elle se retirava e tendo eu augmentado a força com os dous grandes canhões armados e a maré crescendo fui entrando o rio, a tempo que chegava a nossa columna; alli fiz junção com o distincto Tenente-Coronel Fernandes, o qual já tinha feito baixar pelo rio Massiambú pequeno os canoões e canoas que alli existiam, fazendo queimar outras, mandando eu aprezar um lanchão e canoas e que tudo estava effectuado pelas tres horas e meia da tarde; o inimigo sustentou algum fogo sobre a nossa infantaria, que cobria a passagem da columna para o lado de cá de Massiambú, concluindo-se a operação pelas quatro horas e meia da tarde.

•Ficaram em nosso poder, pelo ataque de Pinheira, seis grandes canhões, e pelo de Massiambú, sete canoões, duas baleeiras e 18 canoas grandes e pequenas e um lanchão no fundo, o que tudo monta a 33 embarcações.

•Não posso deixar de patentear a V. Ex. as acertadas combinações que commigo teve o bravo e prudente Tenente Coronel José Fernandes dos Santos Pereira e de recommendar a V. Ex., o primeiro tenente, commandante do *1.º de Abril* Antonio Francisco Pereira, o segundo tenente Francisco Xavier de Souza Cabral e o guarda marinha João Manoel de Moraes e Valle e o piloto Barriga e os bons serviços do capitão tenente Bernardino de Sena e Araujo, o primeiro tenente, commandante dos lanchões, Antonio Velloso, o primeiro tenente commandante de canhoneira *Dous Irmãos*, José Manoel da Costa, e guarda marinha Antonio José Pereira Leal, o bravo piloto, commandante do patacho *S. José*, José de Jesus, bem como as guarnições das diferentes embarcações: Bordo do brigue *Cometa*, em frente e Massiambú, 29 de Setembro.

Depois de tomados estes dous pontos foi resolvido o do Imbahú. Para isto na madrugada de 17 de Outubro, pondo-se a columna em marcha, seguiu o chefe Mariath na canhoneira *Dous Irmãos* e lanchões 1, 3 e 4 e quatro baleeiras, dirigindo-se para o rio Massiambú. Feita a passagem da tropa, sem que tivesse apparecido mais do que uma pequena partida inimiga; d'ahi seguiu para a enseada da Pinheira mandando tomar a bocca do rio

Imbahú no mar grosso. Tomaram os lanchões algumas canoas que foram destruídas e um grande lanchão que foi conduzido para a cidade, sem que a operação custasse mais do que alguns tiros da força marítima sobre umas partidas inimigas.

Pouco tempo depois a 4 de Novembro deu-se o combate de Imbituba, onde revelou-se Annita Garibaldi, a bordo do *Seival*, a mulher heroica que encheo o mundo de admiração pelo seu valor marcial, batendo-se como o melhor veterano e que ia mais tarde encher de assombro na defesa do porto de Laguna.

Depois deste memoravel combate no qual entraram o brigue-escuna *Audorinha*, patacho *Patagonia* e a escuna *Bella Americana*, haviam se retirado para a Laguna os navios republicanos.

De regresso de Imbahú, tendo chegado do Rio Grande as canhoneiras esperadas, combinou Mariath concentrar a divisão no porto de Imbituba, bem como reunir ali as tropas sob o mando do tenente-coronel Fernandes para fazerem simultaneamente o ataque ao porto da Laguna.

No dia 5 de Novembro sahio no brigue-escuna *Cometa*, onde chegou no dia seguinte, tendo ido á reboque de una barca á vapor.

Fundeados no porto se achavam seus navios; teve que supportar um tremendo temporal de NNE que por pouco não destroçou a força naval: perderam elles 11 ferros o amarras e a canhoneira n. 16, para se salvar, teve que picar o mastro, lançar ao mar a artilharia e retirar o leme.

Combinado o ataque á Laguna para o dia 15 de Novembro, foi elle realizado, com feliz exito e despesa de muito valor e audacia. O seu resultado é descripto na parte official que se segue:

«No dia 15 de Novembro aquelle que a Providencia tinha destinado para que a Divisão Naval, que tenho a honza de commandar em operações na Província de Santa Catharina, se cobrisse de eterna gloria e fizesse triumphar as armas do nosso Augusto e caro Imperador.

«As noticias aterroradoras circulavão e todos os dias os partidarios do inimigo as espalhavão, apresentando providencias por elles tomadas; as amarras de ferro fechando a barra; e ultimamente embarcações cheias de pedras metidas no fundo, me punham nas mais apuradas e criticas circumstancias e muito mais porque o logar onde eu tinha aportado era dos mais desabridos para conservar-me. A brigada de operações em faltas de cavallos e os poucos que havia, sem pastos e a falta de mantimentos se hia experimentando e punha no maior cuidado o Snr. Tenente-Coronel José Fernandes dos Santos Pereira, commandante da primeira Brigada; a confiança que nós mereciamos do Ex-Presidente mais fazia esforçar nossos desejos, a par das difficuldades que a cada passo accumulavão; exgottei minhas fracas ideas em planos que logo destruiu, á proporção que me occorrião, pois ardua hera a empreza em hum lugar que tinha a passar com as embarcações onde hum tiro de pistolla cruzava da Fortaleza ao banco, e muito mais havendo embarcações de guerra em linha; seis peças de artilharia na fortaleza, fuzilaria e diferentes obstaculos; exgottei pois todas as minhas ideas e deliberei no dia 14 o ultimo plano e o communiquei a varios commandantes, e elles me prometteram antes succumbir com honra, quando a sorte fosse adversa, do que praticar a mais leve acção em desdouro de nossas armas. Assistido dos mesmos sentimentos, não esperei mais que patentear meu plano ao distincto Tenente Coronel José Fernandes dos Santos Pereira, commandante da Brigada, e o puz em pratica, logo

que o vento NE me fosse propicio; dei as minhas ordens e despuz a Força Naval da maneira seguinte: Canhoneira: n. 14, ao mando do muito intrepido 2.º tenente Manoel Moreira da Silva; lanchão n. 1, ao mando do bravo guarda marinha Antonio José Pereira Leal; n. 2, ao mando do valente piloto e escrivão José Manoel da Silveira; n.º 4 ao mando de um bravo patrão (Manoel dos Santos); estas embarcações com 150 marinheiros de abordagem deveriam abordar a escuna de guerra *Itaparica* para metterem-na ao fundo, ou desfazer as correntes, caso as tivesse, afim de entrarem as demais embarcações e ainda que, com dôr do meu coração, eu reconhecia que deveria perder pelo menos metade d'estas guarnições, comtudo criticas eram minhas circumstancias e mais gloria caberia aos que escapassem por terem o arrojo de ir abordar uma embarcação de guerra debaixo de uma bateria a menos de tiro de pistolla, e, huma cortina com mais de trezentos fuzis, quatro barcos de guerra e cinco com fuzillaria; seguiam-se na pôpa duas amarras de distancia: as canhoneiras n.º 6 e 12 ao mando dos denodados 1.ºs tenentes Francisco Pereira Pinto e Francis o Luiz da Gama Rosa, tendo por pilotos Antonio de Vasconcellos Diniz, com o designio de distrahir parte do fogo que a fortaleza e embarcações deveriam fazer sobre os lanchões; tres amarras pela pôpa destas canhoneiras o patacho *S. José*, brigue escuna *Eolo*, escuna *Bella Americana*, patacho *Desterro*, brigue escuna *Cometa* e canhoneira *Beltico*; de mestre pratico servia o piloto Caetano Gomes Ribeiro; em distancia de meia amarra uma das outras, assim accomettemos a Fortaleza e embarcações de guerra, que em todos os sentidos nos fazião terrivel fogo. O signal de bandeira nacional no tope grande do brigue escuna *Eolo*, onde eu ia, e repetido por toda a Divisão Naval, indicava — Imperador — o dom da Leal e Devotada Marinha Brasileira; a este signal, nada mais se ouvia senão vivo fogo, e vivas ao Nosso Caro e Augusto Imperador o S. D. Pedro II; e eu tive a gloria de ver bater-se com o maior enthusiasmo as nossas bravas guarnições, como a quem lhes faltava o tempo para anniquillar seus iniquos inimigos.

Cortada a linha inimiga pelo denodado 2.º tenente Manoel Moreira da Silva, foram entrando todas as embarcações e em menos de uma hora estava o inimigo derrotado e vencido e algumas embarcações em fuga. Ellas se achavam fundeadas ao pé da Fortaleza em um semi-circulo, sendo as escunas de guerra *Itaparica*, *Libertadora*, *Caçapava* e canhoneira *Lagunense* e cinco embarcações com fuzillaria e logo seguiram o *Pathabote* de guerra *Seiual* e canhoneira *Sant'Anna*, as quaes fugindo em breve tempo foram presas pela escuna *Bella Americana* e lanchão n. 1 e 3, sem que se pudessem apanhar as guarnições, uns por fugirem por cima dos baixos; mandei abordar as embarcações, porém o inimigo lançou fogo nas escunas *Itaparica* e *Libertadora* e em duas embarcações menores; comtudo atalhou-se o fogo de um patacho novo, e a escuna *Caçapava*, foi ao fundo pelos rombos que recebeu, porém, está sobre fundas para ser tirada. Completa foi a nossa victoria e derrota do inimigo, pois até agora foram mortos todos os commandantes, menos o chefe Garibaldi. Tomamos cinco peças de artilharia da Fortaleza, posto que estivessem na praia, cinco peças da escuna *Itaparica* e tres rodizios das canhoneira; finalmente a relação (1) mostra as embarcações da guerra e mercantes tomadas ao inimigo, bem como as munições de guerra; a n.º 2, as embarcações que tiveram mortos e feridos.

Quando a Divisão Naval entrou na Laguna, em pouco tempo chegou á villa a distincta e brava columna commandada pelo benemerito Tenente Coronel Santos Pereira.

A canhoneira n. 16, ao mando do distincto capitão tenente João Maria Wandenkolk, entrou quasi ao pôr do sol e ainda soffreu vivissimo fogo; pois tendo deixado aquella canhoneira em Imbituba pelo estrago que soffreu,

deixei á deliberação d'aquelle commandante o seguir para Santa Catharina ou Laguna, porém elle quiz seguir a sorte que podérião ter seus compa-
nheiros.

Não posso particularisar commandantes, officiaes ou guarnições, porque todos se portarão com a maior intrepidez e valor, porém direi o que a justiça reclama, que o Governo de S. M. deve ter muito em conta os serviços prestados pelo 2º Tenente Manoel Moreira da Silva, e todos os commandantes que a Marinha Brasileira tem em si mesma officiaes distinctos.

«Toda esta gloriosa acção custou 17 mortos e 38 feridos. Na mesma occa-
sião communicava que haviam morrido quatro dos feridos em viagem e ao hospital.»

O que foi este memoravel combate assim relatado, em phrases sem adornos, enquadrado na fórmula official poderá ser lido na descripção que d'elle fez em 1885 o douto Dr. Gama Rosa como na que se encontra nas Memorias de Garibaldi.

O Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath, depois de sua entrada no porto de Laguna, apossou-se de todas as embarcações mercantes ali existentes, como presas de guerra. Reclamadas estas pelos seus proprietarios negou-se a entregal-as sob o falso direito de pertencerem aos apresadores. Dirigiram-se então os lesados ao presidente da Provincia o general Andrea, o qual depois de entender-se com o commandante Mariath, alvitrou aos reclamantes o deposito da quarta parte do valor de cada embarcação apresada, bem como o das cargas, até que fosse decidida a contraversia.

Accordados, segundo as ordens do mesmo general Andrea, foram entregues ao administrador interino da Mesa de Rendas de Laguna, Francisco José Maria da Silva, nomeado depositario, as quotas dos armadores prejudicados referentes aos navios seguintes: sumacas *Pensamento Feliz*, *Santo Antonio dos Anjos*, *Santo Antonio Viajante*, escunas *Conceição*, *Bom Jesus*, *Trindade*, *Maria*, *Santo Antonio Brilhante*, *Feliz Empenho*, *União*, lanchas *Flôr de Laguna*, *Santo Antonio das Almas*, *Feliz Governo*, e mais tres lanchas cobertas.

Tendo deixado o governo o general Andrea, em petição de 12 de Novembro de 1840, dirigida ao Ministro da Marinha, expuzeram os prejudicados que devido á invasão da Laguna pelos rebeldes em Junho de 1839, e por não quererem adherir, abandonaram suas familias, casas de negocios e embarcações, emigrando, uns para a capital, outros para as mattas, apoderando-se os rebeldes de suas embarcações que haviam ficado no porto e que por falta de tempo não puderam escapar pela barra e sendo depois retomadas pelas forças imperiaes, foram restauradas por se acharem dentro do porto.

Regressados os supplicantes ás casas e querendo tomar conta dellas, lhes foi obstado pelo chefe Frederico Mariath, que exigia o pagamento da parte que pertencia á esquadra pela reпреzalia d'ellas, e na duvida se deveriam ou não fazel-o por não terem sido retomadas ao inimigo de Potencia reconhecida, mas sim a rebeldes e anarchistas e nem haviam sido represadas em alto mar, e nem debaixo de fogo, recorreram ao general Andrea para que lhes mandasse entregal-as não sendo attendidos, viram-se obrigados nas tristes circumstancias a depositar as quantias exigidas, até que S. M. decidisse ou não pagal-as, pedindo a restituição das embarcações e dos depositos.

O assumpto no entretanto já estava resolvido, pois levado ao conhecimento do Ministro da Marinha, respondeu este que o Regente no nome do

Imperador, declarava que quando mesmo aquellas embarcações podessem deixar de ser consideradas como propriedades de subditos, ou do Governo Brasileiro, ainda assim não se tendo formado os processos de apresamento, na conformidade do Decreto de 21 de Fevereiro de 1824 e dos Alvarás a que se refere, e não tendo por conseguinte havido sentenças que declarassem boas presas as embarcações capturadas, para a respeito d'ellas e da divisão de seu valor se proceder, determina o mesmo Decreto e alvarás, não se pode legal e justamente approvar, nem o facto de receberem os apresadores as gratificações de 3ª e 4ª partes do valor das embarcações apresadas, pertencentes a particulares, nem o que se propoem em o citado officio acerca de outras embarcações que pertencem ao governo rebelde que tudo communicava ao Presidente. Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Julho de 1840. Assig. *José Joaquim Rodrigues Torres*.

Sendo ordenada a restituição das embarcações e dinheiros em deposito communicou em 6 de Março de 1841 o outro presidente, general Antero José Ferreira de Brito, substituto do general Andrea, desde 16 de Junho, que quanto ao dinheiro nada podia dizer, pois antes de chegar o aviso de 6 de Julho de 1840, já havia sido entregue ao Capitão-Tenente Raphael Lopes dos Anjos, procurador dos apresadores, na importancia de um conto e seiscentos mil reis.

De tudo isso resultou ser submettido ao conselho de investigação o Capitão de Mar e Guerra Mariath, por ter exorbitado de suas attribuições e censurado o general Andrea por ter autorizado o respectivo pagamento.

Com a retirada do Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath do commando das forças navaes, passou elle a ser exercido pelo Capitão de Fragata Francisco Manoel Barroso, o futuro Almirante Barão do Amazonas.

Promovido a chefe de divisão por Decreto de dois de Dezembro de 1839, foi dispensado do commando das forças navaes em Santa Catharina por aviso de 8 de Março de 1840. Na escuna *Primeiro de Abril* embarcou-se, apresentou-se no Rio de Janeiro ao Quartel General em 29 do mesmo mez.

Em 29 de Março de 1840 havia se apresentado ao Quartel General da Marinha vindo de Santa Catharina de passagem na escuna *Primeiro de Abril*.

Por aviso de 14 de Junho de 1841 foi nomeado para exercer as funções de Ajudante de Ordens do Ministro e Encarregado do Quartel General, cujo cargo exerceo até 31 de Dezembro de 1842.

Por despacho de 17 de Setembro de 1841 proferido pelo Ministro da Marinha em um seu requerimento foi averbado em seus assentamentos, que em 20 de Julho de 1825 obtivera o Titulo para usar da Cruz de Distincção que lhe foi concedida pelos serviços prestados na Provincia de Montevideo: que pela Carta Imperial de 9 de Novembro de 1826. Houve S. Magestade o Imperador por bem fazer-lhe mercê de o nomear Official do Cruzeiro e que pelo aviso de 11 de Outubro de 1831 foi elogiado pelos serviços que prestou como Ajudante d'Ordens do Excellentissimo Ministro da Marinha contra revolta da Ilha das Cobras.

Por Aviso de 14 de Junho de 1841 foi nomeado para exercer as funções de Ajudante de Ordens do Ministro da Marinha e Encarregado do Quartel General até 24 de Outubro de 1842, quando foi nomeado Membro da Comissão de Derrotas. Nesta comissão permaneceu até 31 de Dezembro, quando foi nomeado para commandar a Divisão de estação no Rio da Prata, embarcando-se para isso na corveta *Carioca*, em cujo navio seguiu. O aviso de 18 de Dezembro do anno seguinte, mandou-o dispensar dessa comissão, regressando no mesmo navio, apresentou-se em 5 de Março de 1844.

Para exercer novamente o cargo de membro da commissão encarregada de Exame de Derrotas de que havia sido exonerado, foi nomeado em 11 de Janeiro de 1847 e pelo de 28 de Março de 1848 membro da commissão encarregada do exame de armamento de Repartição da Marinha.

Nomeado por aviso de 18 de Outubro de 1852 para exercer interinamente o cargo de Intendente de Marinha do Rio de Janeiro, pouco tempo se conservou n'elle, pois no mez seguinte deixou-o para exercer o de Commandante da Estação Naval do Rio de Janeiro, içando seu pavilhão na fragata *Constituição*.

Promovido a Chefe da Esquadra por Decreto de 2 de Dezembro de 1854, foi por aviso de onze de Janeiro de 1855 nomeado para membro da Commissão de Exame da organização do pessoal e material da Armada, na qualidade de presidente. Exonerado do commando da Estação Naval em 13 de Março.

Por aviso de 26 de Abril de 1856, communicou-se que por *Immediata Resolução* de 28 do mesmo mez tomada sobre consulta do Conselho Supremo militar se mandou lançar em seus assentamentos o seguinte: «Um documento pelo qual se vê ter sido comprehendido em uma relação publicada no «Diario Fluminense» de 13 de Maio de 1826, de officinaes recommendados pelo commandante da Colonia do Sacramento, por terem prestado distinctos serviços nos dias 26 de Fevereiro, um e 13 de Março de 1825 — Um officio do Almirante Rodrigo José Ferreira Lobo de 13 de Março de 1826 em que o louva bem como aos demais commandantes e officiaes pelo bem se tem comportado.

Um aviso do Ministerio dos Negocios de Marinha de 14 de Junho de 1831, em que dispensa do exercicio interino de Ajudante de Ordens e Encarregado do Expediente do Quartel General da Armada, como pedira, declarando que a Regencia se dá por mui satisfeita com o serviço que prestou em semelhante commissão.

Uma ordem do dia do Presidente da Provincia do Pará de 1 de Março de 1837 em a qual agradece os bons serviços que prestou durante o tempo que ali commandará as Forças Navaes. — Um officio que lhe dirigio o Presidente da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul de 21 de Janeiro de 1839, declarando n'elle estar satisfeito com os serviços da Marinha em geral, e particularmente da sua actividade.

Um outro officio do mesmo Presidente de 23 de Fevereiro de 1839 em que o louva conjunctamente com os demais officiaes e praças da Armada pelo zelo não vulgar, com que nos dias 19 e 20 do dito mez suspenderão e fizerão fluctuar no rio Cahy a canhoneira «n. 7» que ali se retomou ao inimigo.

Uma ordem do dia do Presidente de Santa Catharina de 2 de Outubro de 1839 em referencia a tomada de 26 embarcações miudas no rio Massiambú na qual declara que muito confia no seu discernimento, pericia e valor. — Uma outra ordem do dia do mesmo Presidente de 17 de Novembro do dito anno tornando publico um officio do commandante da 1ª Brigada em operações, na qual participando este a sua entrada na villa de Laguna, declara ser a Marinha digna de elogios pelos serviços que ali prestou.

Um Aviso do Ministerio da Marinha de 26 de Outubro de 1839 declarando que o Regente mandou louvar os bons serviços que prestou na Provincia de Santa Catharina contra os rebeldes, bem como a todos os valentes militares do Corpo da Armada que com tanto denodo e disciplina souberão executar as suas acertadas ordens. — Um officio do Presidente da Provincia do Rio Grande Sul de 22 de Novembro de 1838 em que o louva pelo zelo que tem com a Fazenda Nacional.

Um aviso do Ministerio da Marinha de 2 de Novembro de 1839 mandando o louvar em nome do Regente, pelo seu comportamento brioso na occasião da tomada de Laguna, e bem assim o de todos os officiaes e mais individuos da Armada que alli se acharão. — Uma ordem do Dia do Presidente da Provincia de Santa Catharina de 19 de Novembro de 1839 na qual narrando o ataque da Villa da Laguna, agradece-lhe a maneira distincta por que tem servido, bem como aos demais officiaes e praças de todas as armas que servirão na mesma Provincia.

Um officio do o mesmo Presidente e da mesma data dando-lhe os parabens, pelo distincto serviço que fez forçando denodadamente o porto da Laguna. Um outro officio do referido Presidente de 25 de do mesmo mez, mandando agradecer e louvar em nome do Regente a todos os briosos militares que entrarão no ataque de Laguna. Uma ordem do dia do mesmo Presidente de 2 de Dezembro do referido anno agradecendo aos vencedores de Laguna os importantes serviços que prestarão.

Promovido a Vice Almirante por Decreto de 2 de Dezembro de 1856, e no posto de Almirante foi reformado por Decretto de 30 de Março de 1857 conforme pedira.

Embora reformado, não descançou o valente official, pois a sua extraordinaria actividade exigia onde applicar-se

Por aviso de 31 de Outubro do referido anno forão-lhe concedidos dois mezes de licença para tratar de sua saude em Cabo Frio, percebendo a gratificação de membro da commissão de exame de organização do pessoal e material da Armada, licença essa que lhe foi prorogada por mais dous mezes e por fim por mais tres mezes.

A piscosidade das aguas de Cabo Frio fizeram antever ao almirante uma fonte de grandes vantagens, com a exploração halieutica. Resolveo, organizar uma empresa, adquirindo embarcações apropriadas e o equipamento necessario. Assim armou dez embarcações, despendendo sua pequena fortuna no mister. Infelizmente, não lhe sorriu a sorte; um tremendo temporal veio um dia fazer naufragar quasi todas as embarcações, arruinando-o quasi.

Cheio de desgostos e desalentado, deixou Cabo Frio e apresentou-se ao Quartel General solicitando uma collocação. Foi nomeado aviso de 22 de Setembro de 1859 Presidente da Commissão de Exames das Derrotas.

Tendo requerido a Gran-Cruz de ordem de S. Bento de Aviz, fundando-se na disposição de Decreto n. 2778 de Abril de 1871, houve por bem o Imperador defferir sua petição concedendo-lhe a dita condecoração como graça especial em vista do citado Decreto não ter effeito retroativo, nem haver conveniencia estabelecer taes precedentes, resolução que lhe foi communicada pelo Secretario em 1 de Junho de 1861.

O digno official que tantos serviços havia prestado ao Brasil, era de extraordinaria actividade, cerebro sempre cheo de ideas progressistas. até que por fim se baralharam áquella lucida intelligencia.

Francisco Rodrigues de Lima Pinto

CHEFE DA DIVISÃO

Nasceu em Portugal.

De seus antecedentes sabemos que sendo Primeiro Piloto do navio mercante *Espada de Ferro* e segundo Capitão do mesmo, entrou em combate com um corsario francez e que por esse motivo foi nomeado Primeiro Piloto da Armada Portugueza em 22 de Setembro de 1798. Outros documentos authenticos demonstraram que tanto na acção do referido navio *Espada de Ferro*, como depois em outras na fragatinha *Ninfa do Tejo*, o bom exito de ambas, foi devido a seu valor e intelligencia.

Em 13 de Março de 1807 foi promovido ao posto de Segundo Tenente. No bergantim *Serpente*. embarcou em 17 de Janeiro de 1809 e dez dias depois na escuna *Curiosa*, passando por fim a commandar o hiate *Carmo*, depois do que regressou ao primeiro. Em 20 de agosto passou para a charrua *Magnanimo* e desta para bergantim *Vingança* em 20 de Janeiro do anno seguinte, onde só esteve nove dias, embarcando na charrua *Princeza Real*, regressando então em 15 de Setembro novamente ao *Magnanimo*.

Promovido ao posto de Primeiro Tenente em 30 de Outubro desembarcou até que em 27 de Maio de 1813 voltou a embarcar ainda uma vez na charrua *Magnanimo*, conservando-se n'esta até 5 de Janeiro de 1815, quando embarcou na charrua *Princeza Real*.

Promovido ao posto de Capitão Tenente em 13 de Maio de 1818 em 6 de Março de 1820 foi mandado embarcar na fragata *União* construida na Bahia de cujo navio passou destacado para o bergantim hespanhol *Recuperador* em 9 de Outubro : regressou á fragata em 13 de Janeiro de 1821.

Ao decidir-se D. Pedro a proclamar a independencia do Brazil desde logo manifestou-se favoravel a ella o Capitão Tenente Lima Pinto e quando tratou-se de armar os navios ainda aproveitaveis que se achavam no Rio de Janeiro, para com elles organizar-se uma força naval para antepôr ás portuguezas, foi nomeado para commandar a não *Principe Real*, armada para defeza do porto, em 23 de Setembro de 1822. Desse navio passou a commandar o brigue *Principesinho* em 1 de Dezembro e do qual desembarcou em 19 de Agosto do anno seguinte.

Em pagu dos serviços prestados foi a 23 de Outubro promovido ao posto de Capitão de Fragata. Nomeado para embarcar na fragata *Imperatriz* em 21 de Junho de 1824, assumio as funções de official immediato ao commando até 7 de

Agosto, quando então assumio interinamente o commando da mesma. até 7 de Março de 1825, data em que desembarcou para ter sido nomeado para comandar a corveta *Carioca*.

A guerra que sustentavamos com as Províncias Unidas da Prata, levou a maioria dos nossos navios para o estuario do rio da Prata, para o serviço de bloqueio declarado desde 25 Novembro de 1824.

Tendo sido substituido o Vice Almirante Rodrigo Lobo no commando em chefe da nossa esquadra em operações no Rio da Prata pelo Almirante Pinto Guedes, ao organizar em 14 de Maio de 1826, as divisões foi incorporada a *Carioca*, a primeira, cuja capitanea era a *Ipyranga*, onde ancorara aquelle Almirante a sua insignia. No commando do *Carioca* sem ter tido occasião de empenhar-se em combate algum se conservou até 16 de Dezembro.

Reformado em 18 de Outubro de 1829, ficou esta sem effeito em 28 de janeiro do anno seguinte, sendo então promovido a Capitão de Mar e Guerra contando antiguidade da data em que foi reformado.

Nomeado para encarregado interino da Inspeccão do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro em 29 de Agosto de 1831 neste emprego se conservou até 15 de Outubro.

Reformou-se em Chefe de Divisão em Outubro de 1846, tendo estado na 2ª classe.

José Maria de Almeida

ALMIRANTE

Nasceu em Portugal
Falleceu a 23 de Novembro de 1855.

Se bem que já tivesse servido no Brasil, á bordo de navios pertencentes á esquadra da America, só definitivamente para elle veio, e mais tarde adoptou sua causa, José Maria de Almeida, quando acompanhou a familia real portugueza na sua fuga para a colonia. De facto a tão desprezada colonia, cuja existencia no entretanto fazia a da metropole, estava fadada desta feita, já que escapára de o ser antes, quando foi lembrada pela primeira vez para ser cabeça do reino portuguez, a abrigar a familia real e sua côrte com toda a cohorte de *fidalgos de inteira e meia figella*. fugida para escapar-se do dilemma em que foi collocada, qual o submeter-se ás exigencias napoleonicas e ser guerreada pela Inglaterra, ou alliar-se a esta, sujeitando o seu reino a ser partilhado entre a França e a Hespanha; foi o meio escolhido para furtar-se a uma escolha digna e honrosa.

Para o Brazil a vinda da familia real não passou de um bando de locustarios que sobre elle pesou e emquanto encontrou o ouro para alimentar a sua ganancia persistio. Não haviam os primitivos colonos fundado a riqueza no amanho das terras; das entranhas dessas auferiam vantagens immediatas, de accordo com o seu temperamento. Tendo encontrado por acaso o Brazil, deslumbrados os navegadores portuguezes pelas riquezas do Oriente, delle não cuidaram; o seu littoral não lhes offerecia as minas sonhadas: a terra por mais fructuosa não tentava a cubiça dos exploradores. Della não vinham regalos aos magnatas da côrte em paga de honras e promoções.

O que aventamos não é de quem, por nativismo ou por outro qualquer sentimento, queira amesquinhar os serviços prestados pela metropole de então. Em apoio, dou no que transcrevo de acatado publicista portuguez, graphado em Junho de 1816, Alexandre de Albuquerque, contraditando outro de nomeada, Malheiro Dias, sobre a incapacidade de seus patricios para a agricultura: E' quadro tão preciso e de tanta justeza que admira: «povo synthese de povos, amalgamado com os globulos sanguineos de iberos, ligures, celtas, phenicios, romanos, wisigodos, suevos, arabes e mouros, nós somos o resultado do grande turbilhão migratorio que dos confins da Asia em vagas successivas rolou atravez da Europa e parou um instante surprehendido e deslumbrado, nas rivas do Atlantico para, em seguida, sobre as proprias aguas rolar tambem espalhando-se pelo littoral de todos os continentes.

... Não amamos a terra, amamos as aventuras como Portugal fosse apenas um ponto de passagem, simples descanço para a raça, O nosso patriotismo manifesta-se mais no amor ás glorias do que ás nossas paisagens. O nosso orgulho não é a nossa terra, é a nossa historia. A França é um paiz agricola, é quasi uma planice; o que os francezes amam acima de tudo é a terra franceza. Portugal é um paiz accidentado, em grande parte inculto: o que nós amamos sobre todas as coisas é a gloria portugueza. A missão historica de nossa raça não foi uma missão agricola, uma missão sedentaria, foi missão nomada de de um povo fusão e resumo de povos nomadas.

... A nossa missão historica foi em toda a parte uma missão phenicia e não aria, restricta apenas a bordejar os continentes e a explorar como os phenicios, outrora, o littoral. Na Asia, na Africa ou na America o portuguez não penetrou a terra para cultivar. A historia maravilhosa de audacia e da dos *Bandeirantes* confirma a minha critica. Era o grande impulso da raça que vinha já dos confins do mundo impellido-os por outro lado até os confins do mundo.

Não era a terra humus que os seduzia, a terra gorda, a terra fe umda, boa e generosa, que sempre paga os carinhos do sementeador com prodigalidade, devolvendo muito, pelo pouco que recebe. Toda a seducção nascia do ouro e das pedrarias que deslumbram os olhos e perturbam as almas em promessas ainda mais deslumbrantes e perturbadoras. Como os phenicios na Hespanha o portuguez se abandonou o littoral foi para marchar a conquista dos metaes, não ao amanho da terra. Toda a nossa colonisação logo do inicio se caracteriza definitivamente pela orientação commercial.

... O Brasil está dentro da regra. Bem sei que é uma nova nacionalidade creada pelo nosso esforço, mas tambem os phenicios se desdobram em outra nacionalidade — Carthago — que chegou a sobrepujar em importancia mundial a patria de origem, tal qual como o Brasil. Estas duas nacionalidades foram formadas com os mesinos processos. Os phenicios como os portuguezes, não cultivaram a terra, declinaram nos escravos essa missão, aquelles subjugando as populações libias, estes subjugando as populações indias e transportando para cá o elemento africano. Os portuguezes quando proprietarios agricolas ficaram senhores de engenhos e de escravos, explorando conjunctamente a terra, os escravos e os engenhos, mas sem amor e sem carinho. E até quem consultar a historia do Brasil, para estudar os conflictos entre portuguezes reinões e portuguezes brasileiros, nos tempos coloniaes, facilmente se verificará que aquelles se conservam commerciantes e estes já fixados, já modificados pelo meio, já presos ao Brasil, porque aqui nasceram, são proprietarios. Foi sempre assim.

... A nossa colonisação na India, na Africa na California, nas ilhas de Sandwich, como no Brasil, é toda moldada pelo mesmo criterio phenicio logo da terra na labuta commercial.

... Concluindo — A funcção commercial da colonia portugueza é, no Brasil, como em toda parte congenita. E' de sangue, é de raça. A terra portugueza norte, de onde são quasi que o elemento emigratorio, é tão aspero que tem de ser, na sua maior parte, cavado a alvião. O jornaleiro foge da terra como de um castigo. E' certo que a pressão alleinã de cima e a pressão syria de baixo nos levam a pensar, não sem receios, sobre o destino de nossa colonia no Rio de Janeiro, mas, succeda o que succeder nós não podemos transformar a alma da raça, impellido-a para a terra, quando da terra ella vem fugindo.

Já no posto de Capitão de Mar e Guerra José Maria de Almeida e no commando da não *Conde D. Henrique*, a antiga *Pilar* veio na esquadra que acompanhou a familia real; nesse navio veio toda a Academia de Marinha.

Assentada a côrte no Rio de Janeiro, para dirigir a pesada engrenagem administrativa transportada para o Brasil, cheia de vícios e por demais obsoleta relativamente ao desenvolvimento que havia tomado em outras nações muito menos ardegas em comprehendimentos, foi collocado numeroso grupo de officiaes, mais affeitos aos cortejos palacianos pelo longo estagio em inertes posições burocraticas do que nas lides do mar; d'elles nada se poderia esperar em beneficio de elemento que em tempos fizera a grandeza e o esplendor de Portugal.

O que veio para o Brasil não foi mais do que particulas atonicas da alma portugueza: esta por origem essencialmente vagamunda, fazendo rolloar as quilhas dos seus navios por todos os mares, procurando com verdadeira ancia tudo desvendar, não deixou, por essa razão traços de sua passagem nas terras que pisava; perdida na grandeza do mundo que trilhára deixou o seu pequeno envolvero estiolar-se na península iberica.

A marinha foi e será sempre o espelho de um povo; por ella se avaliará da sua capacidade progressiva; é o mais verdadeiro e sensivel thermometro registrador da energia de uma nação: os menores abalos produzidos na tractoria de seu progresso desde logo reflectem se n'elle.

Por desconhecer este conceito, o marquez de Pombal, que a despresou contribuiu para a decadencia de sua patria.

Se não fôra a existencia de opificios de construcção naval, embora rudimentares, estabelecidos na colonia cujas abundantes florestas produziam preciosas madeiras e que ainda assim á custa dos particulares eram fornecidas ao governo, não teria de certo a familia real, nem muito menos o seu numeroso sequito os vehiculos necessarios ao transporte.

Uma vez estabelecida a côrte no Brasil e aboletado o numeroso sequito palaciano e administrativo não tendo navios em numero bastante para dar commissão de embarque e de commando a todos os officiaes, elevados a um posto acima, por promoção geral, no dia da chegada, foram quasi todos aquinhoados com empregos burocraticos.

Elevado ao amiralato José Maria de Almeida, pois em promoção geral foi elevado a Chefe de Divisão, vinte annos depois de sua primeira praça.

Tendo sentado praça de aspirante á guarda marinha em 5 de Agosto de 1788, foi promovido a Guarda Marinha em 11 de Agosto de 1789: no anno seguinte foi Sub-Brigadeiro da 3ª Brigada dos Guardas Marinhas a 2 de Novembro e a Chefe da 1ª Brigada em 23 de Outubro de 1791.

Promovido a Segundo Tenente em 20 de Abril de 1792, foi mandado embarcar na fragata *S. Rafael* em 11 de Junho desse mesmo anno em cujo navio se conservou até 23 de Março do anno seguinte, quando teve embarque na não *Santo Antonio*.

Em 16 de Dezembro de 1793 fo' promovida ao posto de Primeiro Tenente e em 20 de Outubro de 1796 foi ao de Capitão Tenente, passando a commandar o brigue *Falcão* em 31 de Janeiro 1797. Succediam-lhe as promoções, pois a 1 de Agosto deste anno, teve a de Capitão de Fragata, passando a exercer as funções de Capitão de bandeira a bordo da não *D. Affonso* em 31 Outubro.

Seu brilhante proceder no ataque a Tripoli á bordo dessa não valeo-lhe em 27 de julho de 1799 a promoção ao posto de Capitão de Mar e Guerra com a clausula porém de não prejudicar a antiguidade, e a 17 do mez seguinte, o commando da fragata *Minerva*.

Assim contando apenas onze annos de praça já podia aspirar os bordados de general, pois a restricção de não prejudicar a antiguidade lhe foi suspensa por Decreto de 23 de Maio do anno seguinte, mandando que sua antiguidade lhe fosse contada da data em que foi promovido.

Na não *Minerva* seguiu viagem ás costas da Africa e do Brasil, onde ao chegar ao Rio de Janeiro, passou ao commando da não *João de Castro* e com elle o da esquadra até 17 de Janeiro de 1805, quando em Lisboa d'ella desembarcou.

Como dissemos, ao preparar-se a esquadra que deveria transportar a familia real, já se achava no commando do não *Conde D. Henrique*, desde 5 de Agosto de 1806, deixando-o em 25 de Junho de 1808, pela razão de sua promoção ao posto de Chefe de Divisão.

Nomeado vice Indentente de Marinha e Inspector do Arsenal de Marinha em 26 de Outubro de 1808, no exercicio deste cargo se conservou até 1 de Fevereiro de 1810, quando foi dispensado d'elle.

Chefe de Esquadra graduado em 17 de Dezembro de 1815, o foi effectivo em 15 de novembro de 1817. Em 3 de Maio de 1819 foi graduado em Vice-Almirante.

Ao retirar-se a familia real para Portugal foi dada nova organização aos serviços; voltou então o Vice-Almirante José Maria de Almeida a exercer novamente o cargo de Intendente de Marinha em 20 de Dezembro de 1821.

O surto que tomavam os acontecimentos depois da partida da familia real, devido as idéas liberaes e ao sentimento que se apossou dos filhos do Brasil para se tornarem livres, actuou no espirito de José Maria de Almeida, fazendo-o d'elle participar. Assim é que desde então tornou-se auxiliar da cruzada separatista.

Tendo adherido á causa brasiliense foi promovido a Vice-Almirante effectivo em 12 de Outubro de 1823, a Almirante graduado em 28 de Agosto de 1825 e effectivo a 26 de Abril de 1828, sendo nesse mesmo dia dispensado, por pedido, do logar do Intendente.

Falleceo a 23 de Novembro de 1835.

Como temos dito a organização de nossa marinha desde o seu inicio teve sobre si um peso morto que por muito tempo a intorpeceo no seu evoluir. A pesada engrenagem administrativa com que foi posta em acção, dirigida alem disso por homens incompetentes e sem amar a profissão, fez com que desde logo não se manifestasse com a mesma pujança com que a creou o povo para associar-se ao convívio das nações soberanas.

O numero de officiaes portuguezes que adheriram a causa do Brasil foi o seguinte: 2 Vice-Almirantes, 2 Chefes de esquadra, 1 Chefe de Divisão, 10 Capitães de Mar e Guerra, 21 Capitães de Fragata, 18 Capitães Tenentes e 29 Segundos Tenentes; todo 98 officiaes. Dos officiaes que serviram no Brasil somente 27 deixaram de o fazer.

José Thomaz Rodrigues

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Portugal.

E' ainda um dos muitos officiaes que ao dar-se a nossa independencia promptamente a ella adherio, seja por convineencia propria, seja ainda no desejo de mais tarde cooperar na politica portugueza, em seguida abraçada pelo proprio Imperador, para perpetuar a união dos dous povos, constituindo um só reino.

Como voluntario, depois de ter concluido o curso mathematico da Marinha, embarcou-se na fragata *Thetis* em 30 de Julho de 1796, e no anno seguinte a 6 de Abril, foi promovido ao posto de Segundo Tenente; n'esse mesmo anno em 5 de Dezembro passou a embarcar na não *Medusa*, seguindo viagem ás costas da Africa e depois ás do Brasil.

Promovido a Primeiro Tenente em 13 de Maio de 1802, em 25 de Maio seguinte embarcou na não *Rainha*. Em 6 de Julho de 1805 embarcou na não *Affonso*.

Em 6 de Maio de 1806 obteve licença para navegar em navios do commercio para as costas da França. Ao declarar-se a guerra entre aquella e Portugal, em uma das viagens foi feito prisioneiro em 10 de Novembro de 1807. Tendo conseguido evadir-se em 28 de Setembro de 1808 do anno seguinte, recolheu-se à bordo da não ingleza *Spencer*, entrando em Plymouth em 8 de Novembro do mesmo anno. Por ordem do ministro portuguez em Londres, de 18 de dezembro, embarcou no transporte *Nelson* que conduzio os emmigrados que se achavam na Inglaterra para o Rio de Janeiro, onde se apresentou em 13 de Maio de 1809, sendo mandado embarcar na não *D. Joao de Castro*, em 6 de Junho.

Promovido a Capitão Tenente em 13 de Maio de 1810, um anno justo depois de sua chegada ao Brasil e oito annos de posto, passou a ter embarque na não *Rainha* em 14 de Setembro e na *D. Affonso* em 15 de Abril do anno seguinte, e de cujo navio passou em 14 de Dezembro para o bergantim *Gaiivota*.

A estagnação em que cahio a marinha devido ás reformas que entendeo introduzir o infante D. Pedro Carlos, em lucta com o Ministro da Marinha, e a desillusão de D. João de levar sua conquista á Cisplatina, fez com que o estimulo que ainda poderia haver entre os officiaes desaparecesse por completo.

Só procuravam os officiaes, descrentes de qualquer impulso que desse vida á marinha, os lugares onde melhores proveitos tivessem e menos cuidados offercessem, Aquelles em quem o enthusiasmo pela vida do mar não se havia arrefecido, á espera de melhores dias, procuraram empregar-se na marinha mercante; outros, no exercito, onde mais facil a carreira, para elle conseguiram passagem. A exiguidade de soldo obrigava os officiaes idosos a persistirem em conservar-se na actividade, em empregos burocraticos, e d'ahi o entumecimento dos quadros com officiaes inuteis para o serviço.

As affrontas de Artigas, que no extremo sul, eram quotidianas, reclamavam castigo, e encontrando oportunidade D. João para levar a termo o seu ideal de conquista da Cisplatina, anteriormente barrado pelo ministro inglez Strangford, que o tambem tinha em proveito da Inglaterra, foi buscar na marinha mercante, no grupo de capitães e mestres, os officiaes para guarnecerem os navios comprados na praça, para armal-os em guerra. quando teve necessidade da marinha para o fim em mente.

Em 16 de Março de 1815 embarcou o Capitão Tenente José Thomaz Rodrigues na fragata *Principe D. Pedro*, construida na Bahia, cujo commando foi dado ao Capitão de fragata Tristão Pio dos Santos, n'ella seguindo para Santa Catharina em 14 de Janeiro de 1816, fazendo parte da divisão naval que para aquella provincia seguio, a esperar a divisão do exercito portuguez denominada dos Voluntarios Reaes, que ás ordens do brigadeiro Lecór, iria operar contra as forças de Artigas.

Graduado em capitão de fragata em 13 de Maio de 1818, isto é, justamente oito annos depois de sua ultima promoção, isto em virtude de ter sido concedido a todos os officiaes que estiveram em operações na Cisplatina, um posto de acesso e dous aos que ali e em Pernambuco.

Nomeado para commandar a corveta *Voador* em 8 de Março de 1819 seguio para a Bahia, tendo sob sua guarda um comboio, e em alli chegando teve que deixal-o em 2 de Outubro de 1820, afim de responder a conselho de guerra pela perda de um dos bergantins commettidos do referido comboio.

Recolhido preso em 5 de Dezembro, foi solto em 16 de Maio de 1821, em consequencia de haver julgado o conselho de guerra e confirmado pelo Conselho Supremo de Justiça não haver nos documentos remettidos ao conselho, por onde se lhe podesse formar corpo de delicto, nem materia para ser arguido pela referida perda.

Nomeado para servir ás ordens da Junta do Governo de Pernambuco em 8 de Junho de 1822, foi promovido ao posto de Capitão de Fragata effectivo em 12 de Outubro de 1823.

Vindo preso de Pernambuco, entrou em conselho de guerra em 2 de Junho de 1824; foi absolvido em 13 de Setembro. Sua prisão dizia respeito aos successos dados em Pernambuco e que levaram aquella provincia a resistencia ás ordens imperiaes, certos como estavam os pernambucanos de que o monarcha conspirava contra os interesses nacionaes.

Em apagado papel conservou-se o Capitão de Fragata José Thomaz Rodrigues, pois não tomou parte na guerra declarada ás Provincias Unidas do Prata, desde 1825 e 1828, onde seus companheiros em numerosos combates, mostravam o ardor que os animava em bem servir a patria que haviam adaptado.

Promovido a capitão de mar e guerra em 18 de Outubro de 1829, foi reformado em 9 de Dezembro de 1834 no posto de Chefe de Divisão em virtude de contar mais de 40 annos de serviço.

Fallecco.

Desiderio Manoel da Costa

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Portugal,

A criação da classe de voluntarios da Real Academia de Marinha de Lisboa pelo Decreto de 1 de Abril de 1796, os quaes, como os demais alumnos da Academia, desde que fossem approvados nos exames praticos do observatorio da Real Marinha poderiam embarcar nos navios da esquadra como Aspirantes a Piloto, não só encheo os navios desta classe, como tambem permittio que alguns pilotos de navios do commercio fossem admittidos na Marinha Real.

Está n'estes casos Desiderio Manoel da Costa.

Nomeado Segundo Tenente em 6 de Abril 1797 foi mandado embarcar na não *Medusa* cinco dias depois. Em 20 de Março do anno seguinte foi nomeado commandante do corsario *Corvo* e pouco depois, isto é, a 23 de Maio, promovido ao posto de Primeiro Tenente com a clausula de não prejudicar a antiguidade. Desse navio passou ao commando do corsario *Leão*, em 9 de Novembro desse mesmo anno, até 16 de Julho do anno seguinte, quando passou e embarcar no brigue *Lebre*. Em 3 de Janeiro de 1800 embarcou na fragata *Princeza da Beira* e no anno seguinte, em Maio, na não *Affonso*.

Vendo a inacção em que se encontrava a marinha militar pediu licença em 9 d Março de 1802 para embarcar em navios de commercio para a Asia o que lhe foi concedida; terminada essa renovou-a em 8 de Outubro de 1805.

Quando a familia real portugueza chegou ao Brasil já aqui se achava, no commando do brigue *Gavião* o official de que tratamos. isto desde Maio de 1807. Contemplado na promoção geral feita por D. João, em 13 de Maio, foi promovido ao posto de Capitão Tenente.

Tendo obtido um anno de licença para ir a Portugal buscar sua familia, lá em 7 de Fevereiro de 1809 embarcou na não *D. Maria* e depois em 16 de outubro na charrua *Magnanimo*.

Nomeado commandante do bergantim *Destemido* em 26 de Janeiro de 1811, nesse navio se conservou até 3 de Março do mesmo anno, quando passou a assumir o da corveta *Invenivel*, deixando-a pouco depois para commandar o bergantim *Falcão*, do qual desembarcou em Maio de 1812.

Nova permissão obteve para commandar navios de commercio; assim é que a 14 de Novembro de 1812 lhe foi concedida licença sem vencimentos,

para commandar o navio *Fama* em o qual se conservou até 2 de Janeiro de 1810; ainda nova licença obteve, desta vez porém, contando unicamente o tempo, licença essa que lhe foi cassada em 4 de junho de 1817.

Graduado em Capitão de Fragata em 13 de Maio de 1818, em 9 de Junho do anno seguinte foi nomeado para embarcar na charrua *Princeza Real*, de cujo navio passou em outubro desse mesmo anno para a fragata *Real Carolina*, navio esse construido em Damão, e que d'aquelle porto asiatico viera para o Brasil; n'ella se conservou até 21 de Julho de 1820, quando foi nomeado commandante da charrua *Luconia*

A agitação que sesucedeo depois da partida da familia real para Lisboa e que teve por fim a declaração de nossa formal independencia não perturbou a quietude do nosso biographado.

Seguindo o exemplo de quasi todos os officiaes portuguezes existentes no Brasil, desde logo adherio ao novo Imperio.

Nomeado para commandar o transporte *Animo Grande* em 23 de Janeiro de 1823, d'elle desembarcou em 15 de Março.

Promovido a Capitão de Fragata effectivo em 12 de Outubro de 1823, foi por aviso de 14 de Janeiro do anno seguinte nomeado para encarregado da córte de madeiras na ilha de S. Sebastião, em cujo serviço se conservou até 5 de Maio.

Em 10 de Junho foi nomeado para exercer as funcções de ajudante d'ordens do Ministro da Marinha, que era então o coronel de engenheiros Francisco Villela Barbosa.

Tendo necessidade de completar o tempo de embarque exigido por lei, em 13 de Fevereiro de 1826 foi nomeado para embarcar na não *Pedro I*, de cujo navio desembarcou em 3 de Abril para continuar no exercicio do cargo que anteriormente exercia.

Promovido a Capitão de Mar e Guerra em 12 de Outubro de 1827, reformou-se no posto de Chefe de Divisão em 16 de outubro de 1832, em consequencia do que dispunha o alvará de 1790.

Falleceo em 7 de Fevereiro de 1847.

Joaquim José Pires

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Portugal.
Falleceu em 5 de Agosto de 1833.

Na qualidade de voluntario, e por interprete de inglez, embarcou á bordo da não *S. Sebastião* e nas mesmas funcções em outros navios. A 6 de Abril de 1807 foi promovido ao posto de Segundo Tenente, e pouco depois mandado servir á bordo da não *Affonso*; nesse navio teve occasião de distinguir-se por accasião do ataque a Tripoli e por essa razão promovido ao posto de Primeiro Tenente em 27 de Julho, com a clausula porém, de não prejudicar antiguidade. restricção essa que deixou de existir em consequencia do decreto de 23 de Maio de 1800, que lhe mandou contar antiguidade de posto desde aquella data. Em 10 de Junho desse anno embarcou na fragata *Tritão* e em 5 de Novembro no bergantim *Voador*. Para a fragata *Carlota* embarcou em 3 de Junho do anno seguinte, e da qual desembarcou para de novo n'ella embarcar em 27 de Maio de 1803. Nesse navio fez viagem á costa da Africa e depois ao Brazil e n'elle se conservou até 11 de Janeiro de 1804, quando então passou a servir na não *Rayna*: dessa passou a ter embarque na não *D. Henrique* em 15 de Agosto de 1806.

Achava-se embarcado desde 4 de Setembro de 1807 na não *Principe do Brazil* quando houve ordem de ser preparada a esquadra para conduzir a familia real e a côrte ao Brazil; passou então o Primeiro Tenente Joaquim José Pires a servir á bordo da não *Martim de Freitas*.

Chegado que foi ao Brazil na promoçõo geral feita por D. João em 8 de Março, em regozijo de ter chegado são e salvo á terra desejada e que lhe fõra apontada pela Inglaterra, emquanto esta tomava a si a defeza do forte povo que o rei fizera fraco, participou da recompensa

No posto de Capitão Tenente a 20 de Março teve embarque na fragata *Urania* que deveria ir a Portugal; naufragou porém em 5 de Fevereiro de 1809 nas ilhas de Cabo-Verde.

De regresso ao Brazil foi nomeado para servir interinamente no Registro do Porto nos impedimentos do Capitão de Mar e Guerra André Jacob, isto em 21 de de Março de 1812. Nessa commissão se conservou até 17 de Fevereiro de de 1821, quando passou a ser empregado do Arsenal de Marinha como inter-

prete, tendo sido graduado em Capitão de Fragata desde 15 de Novembro de 1817. Promovido a effectivo em 20 de Abril de 1821, sem prejuizo da antiguidade dos officiaes de mesma graduação.

Ao dar-se a nossa independencia desde logo adherio conservando-se no mesmo lugar.

Capitão de Mar e Guerra graduado em 9 de Agosto de 1824 e foi effectivo em 12 de Outubro de 1827, sem ter tido qualquer commissão outra que a exercia e que foi até 12 de Julho de 1831, quando foi dispensado.

Reformado em Chefe de Divisão em 18 de Dezembro de 1832 pouco sobreviveo, pois falleceo em 5 de Agosto de 1833.

Fernando José de Mello

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Portugal.

Na fragata *Venus*, depois de ter completado o curso mathematico na Academia de Marinha de Lisboa, como voluntario foi mandado servir em 5 de Julho de 1800, em cujo navio se conservou até 16 de Setembro do mesmo anno quando passou a ter embarque na não *Rainha*.

Promovido ao posto de Segundo-Tenente em 18 de Maio de 1802, servio até 1807 na esquadra do Brasil, assim designada a de estação na antiga colonia portugueza, quando então regressou a Portugal, para pouco depois deixal-o definitivamente, pois no mesmo dia em que largou do Tejo a esquadra portugueza conduzindo foragida a familia real, em busca de refugio no Brasil, embarcou em a não *Martim de Freitas*, isto a 29 de Novembro de 1807.

Promovido a Primeiro-Tenente por Decreto de 13 de Maio de 1808, contando porém antiguidade de 8 do mesmo mez, data da promoção geral feita por d. João ao pisar terras do Rio de Janeiro, onde vinha estabelecer sua côrte, foi mandado em 30 do mesmo mez embarcar na fragata *Urania* que deveria seguir para Europa, afim de fazer parte da esquadra do Estreito. N'essa fragata, em 5 de Fevereiro de 1809, naufragou nas costas do Cabo Verde e por esse motivo entrou em conselho de guerra, sendo condemnado pelo Conselho Supremo de Justiça a servir de voluntario à bordo dos navios de guerra, por tres annos, com os vencimentos desta praça, principiando-se-lhe a contar este tempo desde 23 a Agosto de 1809 em diante.

Em virtude dessa degradante sentença em 30 de Agosto desse anno foi mandado embarcar como voluntario, isto é, como praticante de piloto, como assim eram denominados, na escuna *Furão* e em cujo navio se conservou até 24 de Janeiro de 1810, d'onde na mesma qualidade, embarcou em a corveta *Invincivel*.

O Decreto de 9 de Janeiro de 1811 restituiu-o ao antigo posto, sendo mandado embarcar no bergantim *Vingança* em 5 de Março do mesmo anno. D'esse navio regressou a corveta *Invincivel* em 29 de Agosto, cujo commando assumio em 30 de Dezembro, n'elle se conservando até 22 de Maio do anno seguinte, quando passou a commandar o bergantim *Vulcano*.

No anno seguinte a 24 de Julho assumio o commando do bergantim *Falcão*, em cujo cargo esteve até 5 de Julho de 1815, quando passou a commandar a brigue *Benjamim*.

Promovido a capitão-tenente graduado em 17 de Dezembro de 1815.

A revolta que explodiu em Pernambuco provocada pelo odio e malquerença dos officiaes filhos da metropole contra os naturaes do paiz, fez com que fossem mandadas forças para abafal-a.

Insufficientes as mandadas pelo conde de Arcos, governador da Bahia, outras foram preparadas no Rio de Janeiro e embarcadas em transportes comboidos por uma divisão naval sob o mando do arbitrario e violento chefe da esquadra graduado Rodrigo Lobo, escolhido para afogar no sangue os protestos dos brasilienses que clainavam contra a tyrannia de tres seculos.

A 2 de Abril, fazendo parte dessa divisão partio para o Recife no *Benjamin* e com elle o brigue *Aurora* e a charrua *Maria Thereza*.

Do brigue *Benjamin* passou a commandar a escuna *Real* de 4 canhões, desde 7 de Setembro de 1817. Em 12 de Outubro teve a effectividade do posto de capitão-tenente, em recompensa dos serviços prestados em Pernambuco, como foi dada a todos que participaram da expedição, isto é um posto de accesso. No dia seguinte, isto é, a 13 de Outubro passou ao commando do brigue *Gloria*.

No anno seguinte, em 22 de Junho. respondeo a novo conselho de guerra, sendo desta vez absolvido em 27 de Agosto, ficando apto para continuar no serviço.

Dada a partida da familia real portugueza para Europa, o firmado o ideal de nossa independencia, desde logo adherio a ella o capitão-tenente Fernando José de Mello.

Embarcado na fragata *União*, capitanea da divisão sob ás ordens do chefe de divisão Rodrigo Moraes de Lamare, no dia 14 de Junho de 1822 fez-se ao mar para levar soccorros aos patriotas já em lucta, na Bahia para a expulsão das tropas portuguezas. Conhecedor do espirito de rebeldia da guarnição da *União*, que planejava entregar-se aos seus patricios, pois todo ella era portugueza, quando fosse avistada a esquadra inimiga, desse proceder não deu abertamente aviso ao seu chefe; limitou-se no conselho de officiaes, convocado per aquelle chefe no dia 12 de Setembro, quando prestes a dar á vela de Pernambuco á dizer em seu voto por escripto que votava pelo regresso ao Rio de Janeiro por particulares razões.

Ao chegar ao Rio de Janeiro passou a embarcar na fragata *Carolina* em 7 de Outubro, em cujo navio se conservou até 7 de Abril de 1823,

Em consequencia da nomeação de Lord Cochrane para commandar a nossa esquadra e o embarque de officiaes mandados admittir em vista de não merecer decidida confiança a maioria dos que tão promptamente adheriram á causa do Brasil, não fez parte da esquadra que seguio para a Bahia.

Promovido ao posto de Capitão de Fragata em 12 de Outubro de 1823, foi nomeado ajudante do Inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro em agosto do anno seguinte, de cujo cargo passou ao de ajudante do Intendente de Marinha em 29 de Dezembro de 1827 e por fim por aviso de 26 de Junho de 1828 ao exercicio interino do cargo de Intendente.

Promovido ao posto de capitão de mar e guerra por decreto de 2 de Dezembro de 1829, em 17 desse mesmo mez deixou o exercicio do logar que occupava.

Antes, pela Resolução do Conselho Militar de 5 de Maio de 1829, se lhe mandou contar a antiguidade de 7 de Outubro de 1797.

Reformou-se em chefe de divisão em 5 de Janeiro de 1833. Falleceu em 14 de Agosto de 1835.

Manoel de Siqueira Campello

CHEFE DE DIVISÃO

Filho do Capitão de Fragata Candido José de Siqueira Campello. Nasceu em Lisboa, em 10 de Janeiro de 1792.

Como voluntario, assim denominados os praticantes de piloto, embora de menor idade, foi mandado embarcar na fragata *Ulysses* em 10 de Janeiro de 1799, então sob o commando de seu pae. Deste navio passou em 21 de Maio para a fragata *Fenia*, de cujo navio desembarcou em 1802. Approvado nos exames, foi promovido a Segundo-Tenente em 13 de Maio do mesmo anno, para ter exercicio de ajudante de seu pae, que exercia o cargo de Intendente de Marinha em Pernambuco; n'elle se conservou até 30 de Junho de 1807, quando o deixou. Apresentou-se para o serviço em 5 de Setembro de 1807.

Tendo as forças francezas occupado Portugal e fugido a familia real para o Brasil, onde veio se estabelecer a côrte, conseguiu o Segundo Tenente Manoel de Siqueira Campello obter demissão do serviço, por não ter sido promovido na promoção geral feita ao chegar D. João ao Brasil, vindo então apresentar-se no Rio de Janeiro, onde obteve a promoção ao posto de Primeiro-Tenente em 24 de Junho de 1808, sendo pouco depois mandado embarcar na náó *Martim de Freitas*.

Nesse navio se conservou até 26 de Junho do anno seguinte, quando então teve embarque na fragata *Andorinha*. Em viagem para o Pará naufragou em 2 de Fevereiro de 1810. Em Janeiro de 1811 voltou a embarcar na náó *Martim de Freitas* e no anno seguinte a 10 de Janeiro, no bergantim *Gavião*, mais tarde aprisionado pelo corsario *Valente*, em cujo navio se conservou até 1814, quando passou a embarcar na corveta *Voador*.

Na divisão naval que a 14 de Janeiro de 1816 seguiu para Santa Catharina, afim de operar de accordo com as tropas mandadas vir de Portugal para operarem na Cisplatina, seguiu o Primeiro Tenente Siqueira Campello. Em 16 de Fevereiro desse anno embarcou no brigue *Principesinho* seguindo para o sul, onde passou ao commando da escuna *Cossaka* em 15 de Outubro, regressando ao mesmo brigue em 15 de Janeiro de 1817.

A revolução que explodira em Pernambuco em consequencia de animosidade existente entre os filhos da colonia e os da metropole, devido ao facto dos ultimos em todas as circumstancias tornarem-se intolerantes para com os primeiros, principalmente nos militares, obrigou a que fossem destacadas forças navaes para manter o prestigio real naquella parte do Reino-Unido. Para commandar o navio *Mercurio*, empregado no bloqueio foi nomeado em 2 de Abril de 1817, passando em 30 de Setembro ao commando da escuna *Kalmuka*.

Para galardoar os serviços prestados pelos officiaes mandados suffocar em sangue e sob o latigo — do bacalhão — os protestos dos brasilienses, foi decretada uma promoção; d'ella participou o Primeiro-tenente Manoel Siqueira Campello, que foi promovido ao posto de Capitão-Tenente em 12 de Outubro.

Nomeado para commandar a corveta *Principe Real* em 23 de Janeiro de 1819, no commando desse navio se conservou até 7 de Junho, quando assumio o da charrua *Princeza Real*; em 27 de Novembro de 1820 passou a servir na fragata *União*.

Tendo seguido para Montevideo ali assumio interinamente o commando da fragata *Thetis* em 17 de Julho de 1821.

No commando desse navio se achava, quando o general Lecór, então capitão general na Cisplatina, pôz em execução as ordens de D. João para reunir uma Assembleia, a qual apresentou em 15 de Julho a seguinte questão: Si em virtude das circumstancias, conviria a incorporação da provincia á monarchia portugueza, e sobre que bases e condições se realisaria; ou si, pelo contrario, seria mais vantajoso constituir-se independente ou unir-se a qualquer outro governo, evacuando o territorio as tropas de S. M. Fidelissima.

Por unanimidade de votos a 31 do mesmo mez foi acceita a incorporação á Portugal da Provincia, com o titulo de Cisplatina e a 5 de Agosto do mez seguinte deu-se o juramento de fidelidade ao rei. Antes haviam as tropas luzitanas capitaneadas pelo coronel Claudino Pimentel se insurgido, exigindo serem consideradas pertencentes ao exercito europeu e nunca ao do Brasil, de accordo com o determinado pelas Côrtes portuguezas, cuja constituição a promulgar-se jurariam. Para presidente da Junta foi eleito o general Lécor, barão de Laguna, que apezar desse continuou fiel ao Principe.

Chegando a Montevideo a noticia da nossa independencia scindiram-se as tropas: o barão de Laguna, chefiando as tropas brasilienses retirou-se para Canelones tendo a seu favor a marinha. Tomou o commando das portuguezes o brigadeiro d. Alvaro de Macedo.

Havia o barão de Laguna adquirido uma escuna que denominou *Rio da Prata*, foi nomeado para commandal-a o capitão-tenente Siqueira Campello; nesse navio veio ao Rio de Janeiro, onde desembarcou a 10 de Março de 1823, embarcando-se na náó *Pedro I*.

Tendo assumido o commando da nossa esquadra o almirante Lord Cochrane e sendo substituidos os commandantes e officiaes luzitanos adhesistas, por não convir empregar-os contra os seus companheiros de armas, em 21 de Março deixou o capitão-tenente Campello aquelle navio, sendo nomeado commandante interino da escuna em que viera do Rio da Prata, tornando-se effectivo em 3 de Abril.

Ao seguir a fragata *Paraguassú* para a Bahia, afim de incorporar-se á esquadra em operações juntamente com a charrua *Luconia*, seguiu o brigue escuna *Rio da Prata* de 10 canhões, cujo navio ao chegar ao morro de S. Paulo foi designado para servir de brulote, conforme determinára o almirante ao tenente de engenheiro João Bloem que o transformasse, como a dous outros, para empregar-os contra a esquadra portugueza, encurralada no porto da Bahia.

Pelo serviços prestados na expulsão das tropas portuguezas na Bahia foi promovido a capitão de fragata em 12 de Outubro de 1823, tendo tres dias antes deixado o commando do *Rio da Prata*. Em 17 de Janeiro do anno seguinte embarcou na fragata *Nitherahy*, que havia regressado de seu maravi-

nosso cruzeiro em perseguição da esquadra portugueza até a fôz do Tejo ; nesse navio se conservou até 7 de Agosto. Tendo o nosso governo adquirido a fragata *Surat Castle* que pertencera á Companhia das Indias Orientaes, construida pelos annos de 1795, incorporou-a á nossa esquadra com o nome de *D. Paula*, n'ella teve embarque em 14 de Setembro de 1825 o capitão de fragata Campello.

Ao seguir este navio para o Rio da Prata a incorporar-a á esquadra em operações n'aquelle estuario contra as Provincias Unidas do Prata, passou o capitão de fragata Campello ao commando do brigue *Maranhão*, em 26 de Abril de 1826.

Tendo sido aprisionado o corsario argentino *Pampero* na altura do Cabo Frio pela fragata *Isabel*, foi nomeado commandante d'elle o capitão de fragata Campello em 2 de Abril de 1827, e um mez depois novamente do *Maranhão*. Nesse navio seguiu a fazer parte da esquadra em operações de guerra no Rio da Prata. Em 18 de Outubro, fazendo parte o *Maranhão* de uma divisão composta do *Pirajá* e de mais quatro escunas em serviço de bloqueio, foi avistado um brigue que procurava forçal-o. Era o brigue neutro *Assumpta*, com carregamento de petrechos bellicos para o inimigo.

Para protegel-o, de alcatúa estavam o almirante Brown na *Sarandi* e John Coò na *Juncal*. Logo que se puzeram os nossos a caçal-o sahiram a campo os dous navios inimigos com o intuito de attrahir os nossos e deixar aberto o caminho para o forçador do bloqueio. Era tactica sedição, por demais conhecida.

De nada valeo no brigue o soccorro, pois acossados até os Pozos os protectores, deixaram em nossas mãos a *Assumpta* que foi incorporada á nossa esquadra com o nome de *Constança*.

Veio o anno de 1828 e continuava a guerra. Em missão aos Estados Unidos, que muito sympathisavam com os argentinos, contrariamente a que procediam connosco, cujo representante em tom ameaçador de nós exigia vantagens para seus navios, os principaes forçadores do bloqueio, foi mandado o tenente coronel Cesar Fournier, o atrevido corsarista: Levava elle a missão de adquirir navios e induzir outros ao corso.

Para proteger a sua sahida no *Juncal* na noite de 14 de Janeiro fizeram-se de vela a *Maltonado* (capitanea) *Sarandi*, 9 de Febrero, 8 de Febrero e corsario *El Bravo*. Apezar da escuridão da noite que os protegia, foram descobertos pela nossa divisão composta da corveta *Carioca*, brigues *Caboclo*, *Maranhão*, *Pirajá* e *Constança*, ex-*Assumpta*, e em frente a Ensenada travaram combate. Vendo Brown por demais avariada a 8 de Febrero, pelos nossos tiros não ousou mais enfrentar-nos; puchou para cima dos bancos de Santiago onde não podiam os nossos alcançal-os. Conseguio no entretanto, escapar-se o *Juncal*.

Treze dias depois nova empreitada teve a nossa divisão naval, menos a *Carioca*, para evitar a sahida dos corsarios *El Bravo* e *Federal Argentino*. Empenhado o combate, depois de uma hora de fogo, refugiou-se o inimigo no porto de Buenos Ayres e perseguidos os corsarios foram encalhar na costa de *Barregan*, onde foram incendiados pelos nossos. Nesse combate foi ferido o commandante do *Maranhão*.

Terminada a guerra regressou ao Rio de Janeiro. Na fragata *Isabel*, que sob o commando do capitão de mar e guerra James Norton seguiu para a Eu-

ropa, embarcou em 22 de Janeiro de 1829. Chegando a Plymouth, d'ahi sahio a 30 de Agosto, fazendo parte da esquadriha nacional que trazia para o Brasil a imperatriz D. Amelia. Chegou ao Rio de Janeiro a 16 de Outubro e a 5 de Novembro desembarcou em virtude de ter sido promovido á capitão de mar e guerra em 18 de Outubro. Foi agraciado com a ordem de Rosa.

Nomeado inspector do Arsenal de Marinha de Pernambuco em 5 de Janeiro de 1838, foi reformado em Chefe de Divisão pela Resolução de 10 de Julho de 1847, depois de ter estado na 3.^a classe.

Falleceo em 22 de Abril de 1850.



Francisco de Assis Cabral e Teive

Chefe de Esquadra

Francisco de Assis Cabral e Teive

CHEFE DE ESQUADRA

Filho de João Cabral e Mello e D. Luitza Marianna de Castello e Castro, nasceu na Ilha Terceira, Açores, em 1780. Falleceu no Rio de Janeiro a 1 de Março de 1856.

No exercito luzitano iniciou sua carreira militar, assentando praça na extincta Companhia de Artilharia da Ilha Terceira, em 8 de Maio de 1792. Seis annos depois, a 24 de Abril de 1798, com a reorganisação da Academia de Marinha, foi mandado n'ella matricular como aspirante a guarda marinha. Promovido a guarda marinha em 6 de Agosto do anno seguinte foi sub-brigadeiro da 1.^a Brigada dos Guardas Marinhas em 25 de Agosto de 1801 e brigadeiro da 2.^a Brigada em 4 de Julho de 1804, sendo no anno anterior embarcado na não *Rainha*.

Promovido a Segundo-Tenente em 15 de Agosto de 1805, embarcou na fragata *Princeza do Brazil* em 22 de Setembro de 1806, em cujo navio naufragou na India a 27 de Maio de 1807. Apesar de não fazer parte da esquadra que acompanhou a familia real, participou do mesmo galardão de que gozaram os officiaes d'ella, com a promoção a um posto superior.

Assim a 13 de Março de 1808 foi promovido a Primeiro Tenente.

Apresentado que foi no Rio de Janeiro, vindo de Goa em 14 de Setembro de 1819, foi mandado embarcar na charrua *Activo* em 5 de Dezembro; em 13 de Setembro de 1811 no bergantim *Balão*; na corveta *Voador* em 16 de Janeiro de 1813, na charrua *S. João Magnanimo* em 20 de Julho de 1814, da qual passou em 2 de Agosto de 1815 para o bergantim *Mercurio*.

Com a chegada da divisão de Voluntarios Reaes, que D. João mandará vir com o proposito de fazer a conquista da Banda Oriental, e seu transporte para Santa Catharina, reassumio o Primeiro-Tenente Cabral e Teive em 11 de Maio de 1816 o commando do transporte *S. Thiago Maior* que havia deixado, depois de o ter exercido desde 15 de Dezembro de 1815. Levou este transporte tropas para serem desembarcadas em Maldonado.

A 12 de Junho seguiu para Santa Catharina fazendo parte da esquadra que, sob ás ordens do chefe da esquadra graduado Rodrigo Lobo, deveria bloquear o porto de Montevideo.

Apesar dos esforços argentinos, que por decreto de 18 de Dezembro de 1816 haviam incorporado a Banda Oriental ás Provincias Unidas do Rio da Prata, a 20 de Janeiro de 1817, entravam as tropas brasilienses em Montevideo.

Servindo na estação de Montevideo, á bordo da corveta *Voador* desde 13 de Agosto, ficou o 1.º Tenente Cabral e Teive. Embarcado na corveta *Calipso* em 28 de Abril de 1817, seguiu para o Recife, onde os pernambucanos haviam feito saber aos filhos da metropole que os nascidos nas terras americanas tinham o mesmo direito á justiça e á razão. Tiveram porém a prova de que dos metropolitanos só poderiam esperar a ordem de que «... a todos é licito ativar-lhes á *espingarda como a bandidos.*» Em lá chegando o verdugo mandado para suffocar em sangue o grito da alma nacional e que foi um dos primeiros a adherir á nossa nacionalidade, dizia em proclamação. «Eu tenho em meu favor a razão, a lei e a força armada, tanto terrestre como maritima, para poder entrar no Recife com a espada na mão, afim de castigar muito a minha vontade a todo e qualquer patriota ou infiel vassallo, que são synonymos.» Este foi o chefe da esquadra Rodrigo José Ferreira Lobo, o introductor do *bacalhão* com que nas grades da cadeia do Recife mandára castigar os brasilienses.

Por ter tomado parte na suffocação do movimento republicano teve o 1.º Tenente Cabral e Teive um accesso, isto é, foi promovido a Capitão-Tenente em 12 de Outubro, como foram todos os officiaes que nella cooperaram.

Embarcado na charrua *Orestes* em 18 de Fevereiro de 1818, seguiu para Montevideo a servir na esquadra que ás ordens do chefe de esquadra Rodrigo Lobo ali se achava de estação, passando em 4 de Dezembro a o commando da escuna *Seis de Fevereiro* e depois em 18 de Fevereiro de 1821 do brigue *Real Pedro*.

A partida da familia real portugueza para a Europa deixando no Brasil como regente D. Pedro, veio trazer fundas modificações no espirito nacional; não só devido a este facto, como pelo proceder das Côrtes portuguezas procurando por todos os meios restabelecer o antigo dominio colonial.

A chegada do brigue *Infante D. Sebastião*, commandado pelo 1.º tenente José da Costa Couto a 9 de Dezembro de 1821, trazendo ordens para que D. Pedro deixasse o Brasil, tendo antes supprimido a Academia da Marinha, os tribunaes do Rio de Janeiro, desligado todas as Provincias de sua autoridade, fez com que os patriotas se puzessem em franca acção para a independencia a que por fim foi arrastado o proprio regente a 9 de Janeiro de 1822, que a declarou a 7 de Setembro.

O chefe de esquadra Rodrigo Lobo, que se achava em Montevideo em 9 de novembro apressou-se a enviar ao principe a sua adhesão bem como a dos officiaes que serviam ás suas ordens.

Desde 31 de julho de 1821 que a Banda Oriental, por unanimidade de votos de seu conselho, fóra incorporada á corôa de Portugal com o nome de Provincia Cisplatina, e jurado fidelidade a 5 de agosto.

Em vista porém dos successos que se davam no Brasil e ao serem recebidas ordens para que fossem convocadas as côrtes, reunio-se a Junta e por maioria recusou o decreto Imperial.

Tomou o partido do Brasil o general Lecór, barão da Laguna e o das Côrtes Portuguezas o general d. Alvaro de Macedo. O primeiro com as tropas brasilienses retirou-se para Canelones, ficando o segundo senhor da praça de Montevideo, pois considerava a Cisplatina como conquista portugueza.

Do partido do Brasil tornou-se o chefe de esquadra Rodrigo Lobo, apresando-se a 9 de Novembro em enviar a José Bonifacio a sua adhesão e de toda a corporação de marinha ás suas ordens, como ficou dito.

Tinha elle sob seu commando a fragata *Thetis*, escunas *Oriental*, *Maria Thereza*, *Luiz de Camões*, *D. Alvaro de Castro*, *Maria Isabel* e *Isabel Maria*, barca *Infante D. Sebastião* e barca n. 2.

Para fazer com que embarcasse a divisão ás ordens de d. Alvaro mandou o nosso governo uma divisão comboiando os seguintes transportes *Bella Bonita*, *Sete de Março*, *Conde de Arcos*, *General Lécór* e brigue *Liguri*, divisão essa que ali chegou a 29 de Novembro. Tinha tambem ordem de se apossar da fragata *Thetis* que se achava dentro do porto.

Não estando de accordo o vice-almirante Rodrigo Lobo, nem o barão de Laguna, com a retirada á força da fragata *Thetis*, nem tão pouco com a sua destruição por incendio, como pretendia o capitão de mar e guerra David Jewett, commandante da divisão, pois se achava dentro do porto de Montevideo guarnecida por soldados de D. Alvaro, fez entrega este dos transportes áquelle vice-almirante e regressou no Rio de Janeiro.

Determinou o almirante que ficassem os cinco transportes em Maldonado sob a guarda da escuna *Maria Thereza*, em cujo commando estava o capitão-tenente Cabral e Teive desde 6 de Agosto 1827. Tendo conseguido o general Lécór que o 1.º batalhão de caçadores da guarnição na Colonia do Sacramento cumprisse a ordem de se embarcar para Portugal, para comboiar uma galera que o devia transportar, foi escolhida a escuna *Maria Thereza*. Deveria este navio acompanhá-la até que passasse a ilha dos Lobos e depois entrar em Maldonado, afim de tirar dos transportes que ali se achavam oito ou dez coronadas para serem empregadas no armamento de um bergantim adquirido pelo general Lécór e que se denominou *Rio da Prata*.

Cumprida a commissão, de regresso, na noite de 31 de Janeiro de 1823, ao passar a *Maria Thereza* em frente a Montevideo, de combinação o immediato com o pratico, revoltaram a guarnição da escuna, prendendo o commandante e dous officiaes brasilienses; foi levado o navio ao porto e entregue a d. Alvaro de Macedo.

Depois dessa traição, conseguiu d. Alvaro apossar-se dos transportes *Conde de Arcos*, *General Lécór* e brigue *Liguri*.

Preso em Montevideo, só teve liberdade quando batidas as forças terrestres e navaes portuguezas em 21 de Outubro, levando-as a capitular em 15 de Novembro. Só porém deixaram as nossas plagas em 8 de Março do anno seguinte.

Em vista das clausulas da capitulação foram entregues os prisioneiros do uma e outra parte; deste modo recuperaram a liberdade o capitão-tenente Cabral e Teive e 2.º tenente Luiz Cactano de Almeida em 22 de Janeiro de 1824, sendo então nomeados, o primeiro commandante da *Maria Thereza* e o segundo para embarcar na *Maria da Gloria*.

Para se justificar de sua conducta entrou em conselho de guerra em Montevideo em 5 de Junho de 1824, sendo absolvido por sentença do Conselho Superior Militar de Justiça em 9 de Fevereiro de 1826 em que se julgou justificado e livre de toda a mancha em sua conducta militar.

Promovido a capitão de fragata em 10 de Maio de 1824, contando porrem antiguidade de 12 de Outubro de 1823, foi nomeado commandante da charrua *Jurujuba*, pelo almirante Rodrigo Lobo, devido ao fallecimento do seu commandante, em 10 de Novembro de 1825, della desembarcando, o capitão de fragata João Antonio dos Santos. Tendo obtido tres mezes de licença para ir a Montevideo buscar sua familia, foi-lhe esta concedida por aviso de 4 de Fevereiro de 1826.

Em lucta com as Provincias Unidas do Prata estava o Brasil, a disputar a posse da Cisplatina desde Dezembro do anno anterior. Tinha porém d'Alvaro, antes de deixal-a, de accordo com Rivadavia, preparado a insurreição que se alastrava pela campanha, auxiliada pelos elementos materiaes e pecuniarios fornecidos pelo governo argentino.

Não estando na altura de bem dirigir a nossa esquadra, retirou o nosso governo do commando d'ella, o vice-almirante Rodrigo Lobo, nomeando para substituil-o o almirante Pinto Guedes, futuro barão do Rio da Prata.

Na charrua *Juruçuba*, a 19 de Julho, retirou-se aquelle almirante e em conserva viajava a charrua *Harmonia* na qual tomou passagem o capitão de fragata Cabral e Teive. Durante essa viagem, no dia 4 de Julho, foi descoberta uma conspiração á bordo; varios individuos que vinham presos, ferropoados, na maioria franceses, se haviam combinado para assassinarem o capitão tenente Joaquim Guilherme Roiz de Souza. A 25 de Julho chegou ao Rio de Janeiro.

Nomeado commandante da não *Vasco da Gama*, que servia então de deposito da marinhagem em 19 de Dezembro.

Ao assumir o commando da não *Pedro I*, navio, escolhido para ser o Deposito de Marinheiros e Recrutas, o inicio da creação do Corpo de Marinheiros, recebo em 21 de Dezembro de 1826 o capitão de fragata, Francisco de Assis Cabral e Teive, a quem coube a installação do novo systema adoptado, as seguinte instrucções organisadas pelo vice almirante Francisco Antonio da Silva Pacheco, inspector do Arsenal de Marinha, para pol-as em pratica. «Instrucções que devem servir de governo ao Capitão de Fragata Francisco de Assis Cabral e Teive, no commando da Não *Vasco da Gama*», para que fôra nomeado e a que se referem a ordem que nesta data se lhe expede pela Inspeção do Arsenal Nacional e Imperial da Marinha :

1.^a Deverão fazer-se na referida não, destinada para Deposito de Marinheiros e Recrutas, exercicios duas vezes por dia, tanto de manobra, como da artilharia, a bem de se adestrar a maruja e tropa, que devem guardar os navios de Guerra, exercitando além diço os Recrutas nas mais fainas que costumão ter lugar a bordo dos mesmos navios.

2.^a Todas as Praças de Marinhagem, que lhe forem mandadas por deposito, de bordo dos Navios d'Armada Nacional e Imperial, devem ir-lhe munidas das suas respectivas Guias, para que á vista destas, se lhes possam pagar as soldadas vencidas, e abonar as que devem continuar avencer a bordo deste Novo Deposito, não deixando assim de continuar a perceber durante todo o tempo que por tal motivo d'ele prezestirem, as soldadas que aliás vencerião, se se conservarem nos mesmos navios.

3.^a As embarcações miudas, empregadas no serviço deste Deposito não devem atracar em outro algum lugar fôra do Arsenal da Marinha, onde aliás convem que se demorem o menos tempo possivel.

4.^a A recepção dos Recrutas, deve ser sempre precedida de uma relação do Commandante do Navio que as conduz, ou do Official immediato, declarando os nomes, e os destinos de d'onde são remettidos.

5.^a No acto de se lavrarem no Livro de Soccorros os assentamentos das Praças de Marinhagem, se fará não só declaração dos nomes dos individuos, e dos de seu Paiz, mas tambem a de suas idades, e todas as mais confrontações que os possam dar a conhecer, ainda mesmo occultando os nomes, afim de serem apprehendidos quando dezertem, e sejam encontrados; devendo as communicações, que em tal cazo sa fizerem- conter semelhantes declarações.

6.^a Todos os Recrutas que estejam no caso de não serem homens marinhos ou proprios para o Serviço d'Armada Nacional e Imperial, cumpre serem entregues á disposição do Commandante da Imperial Brigada d'Artilharia da Marinha, para assentarem Praça; mas semelhante resolução só deve ter lugar, quando positivamente se expêde para esse effeito a necessaria ordem por esta Inspeção.

7.^a A' entrega de dezertores do Exercito (quando para isso se expedir ordem) reclamadas d'entre o numero da guarnição, ou mesmos dos Recrutas deverá preceder sempre o mais escrupoloso exame das circumstancias dos individuos reclamados, para que succedendo terem sido igualmente dezertores d'Armada Nacional e Imperial, antes de terem Praça no Exercito, se proceda contra elles na conformidade da Ley, afim de evitar-se o abuzo, que do contrario se seguiria em detrimento da disciplina da mesma Armada.

8.^a A Ley dos Tratamentos de 29 de Janeiro de 1739, deve no seu vigor ser observada nas correspondencias officiaes, requerimentos, e, em todos os actos de serviço a bordo, na conformidade do paragrafo 7.^o do Capitulo 1.^o Regimento Provisional.

9.^a Sendo a bebida espirituosa rigorosamente prohibida a bordo dos Navios de Guerra, por iço que da introducção d'ela provêm os consequentes acontecimentos, que a experiencia do tempo tem mostrado: cumpre que d'este novo deposito, seja prohibida com vigilancia, semelhante bebida.

10.^a Todos os sabbados se deve dirigir a esta Inspeção uma Parte do estado actual deste Novo Deposito, accusando n'ela as occurrencias da semana, na qual, como hé de costume, virão lansadas todas as ordens que se houverem recebido da predita Inspeção.

11.^a A escripturação dos assentos de entrada, e de sahidas dos Recrutas, e em geral de todas as mais Praças deve conservar-se sempre claricima para que, no momento em que se exigirem informações, tanto sobre os Marinheiros depositados, como a respeito das Recrutas, se produzã taes illustrações com verdadeiro conhecimento.

12.^a E finalmente, que, nos assentos dos Marinheiros Estrangeiros, que se alistarem por contracto, para serviço dos Navios d'Armada, se declare sempre quando forão contractados, e por quanto tempo.

Passou a commandar a corveta *Carioca* em 31 de Janeiro a 1827.

Infestavam os corsarios a nossa costa, levando o seu atrevimento a atacar navios de guerra. A frouxa politica empregada; as concessões feitas aos americanos, inglezes e francezes para que podessem seus navios appropiar-se da linha do bloqueio afim de saberem se ainda continuava no estuario do Prata aquelle nosso meio coercitivo, dava margem a que muitos delles se aproveitassem dessa circumstancia para forçal-o, e contribua para que os corsarios armados em Buenos Ayres se aproveitassem para sahir do porto, no momento em que os bloqueadores se empenhavam em dar caça aos forçadores.

Era tactica que ficou conhecida. De combinação com elles, quer para entrada, quer para a sahida, estava sempre alerta o almirante argentino, para burlar a vigilancia dos nossos navios.

Para proteger o nosso commercio havia sahido a corveta *Carioca*; na altura da barra do Rio Grande, no dia 24 de Março, tendo sahido a escuna de guerra *Maria Izabel*, commandada pelo Segundo-Tenente José Ferreira

Gomes, a cruzar de conserva com aquella corveta, vio-se atacada por um corsario com o qual se bateo a tarde inteira. Depois de muito castigado e com a aproximação da *Carioca* retirou-se com a escuridão da noite.

No Rio da Prata foi incorporada a *Carioca* á nossa esquadra e servia de capitanea da segunda divisão, composta da *Liberal*, de um brigue e de duas escunas, quando no dia 3 de Junho pelas 11 horas da manhã a foi avistada a esquadra argentina composta da *Ocho de Febrero*, capitanea, *Balcarce*, *Maldonado*, *Nueve de Febrero*, *Once de Junio*, *30 de Julio*, e *18 de Enero*, que procurava aprezar e brigue *Pirajá*. Sahiram os nossos ao encalço do inimigo, batendo-lhe a retaguarda ate ao anoitecer, quando fundearam os argentinos na Ensenada.

Continuaram os nossos a hostilizar-os até ás 10 horas da noite.

Pela manhã, desde ás 4 horas, recomeçou o combate, que foi suspenso por ter encalhado a *Carioca*, para continuar ás 9 horas, prolongando-se com intermitencias até a uma hora. Por pouco nesse combate não foi aprisionada a *9 de Febrero*. Pelo pouco fundo em que se achava o inimigo não podiam os nossos navios attacal-os e assim se separaram. O capitão de mar e guerra João de Oliveira Bottas. commandante da nossa divisão, sempre attento desde o dia 6 a 10 de Junho, esperava occasião azada para dar uma lição ao inimigo, e essa se apresentou no dia 14, ao tentar elle abordar um dos nossos pequenos navios que, promptamente soccorrido, conseguiu escapar. Perseguida a esquadra argentina, não resistio á violencia do ataque e foi-se recolher a Buenos Ayres.

Reassumindo o commando da nossa 2.^a Divisão Naval o chefe Norton que se achava licenciado em Montevideo, desde logo entrou a buscar o inimigo: Tres dias depois, isto a 15 de Fevereiro, foi por elle avistada uma divisão composta pelos brigues *Balcarce*, *8 de Febrero* a escunas *Maldonado* e *9 de Febrero* a cruzar, evitando porém os nossos.

A' espera da entrada de um forçador de bloqueio estava ella para proteg-o na sua empreitada.

No dia 17 appareceu elle, era o brigue Norte-americano *Sicilis*. A' postos estavam a *Carioca*, brigues *Cabocto*, *29 de Agosto* e escunas *D. Paula*, *Grenfell*, *Providencia*, *1.º de Dezembro* e uma barca canhoneira. Logo que foi iniciada a caça desferraram de Buenos Ayres doze embarcações para amparar a *Sicilis*: eram a *18 de Enero*, *29 Diciembre*, *11 de Junio*, *30 de Julio*, *Uruguay*, *Guanaco* e canhoneiras 1, 7, 8, 10, 11 e 12.

Atacados tanto o *Sicilis* como os navios inimigos foi o primeiro encalhar entre La Boca e Quilmes, sendo aprisionada sua guarnição. O chefe Norton, deixando a *Carioca* cujo calado não permittia approximar-se, passou-se para a escuna *D. Paula* para melhor dirigir o combate. Uma das canhoneiras inimigas foi tomada e incendiada. outra foi á pique devido aos rumos. Conseguiu o inimigo durante a noite incendiar o *Sicilis*.

Nomeado para embarcar na fragata *Principe Imperial* em 7 de Novembro de 1828, nesse navio fez diversos cruzeiros na costa, della desembarcando em 14 de Agosto de 1829, para assumir o cargo de Intendente da Marinha do Maranhão, para cujo cargo foi nomeado por Decreto de 4 de Setembro do mesmo anno.

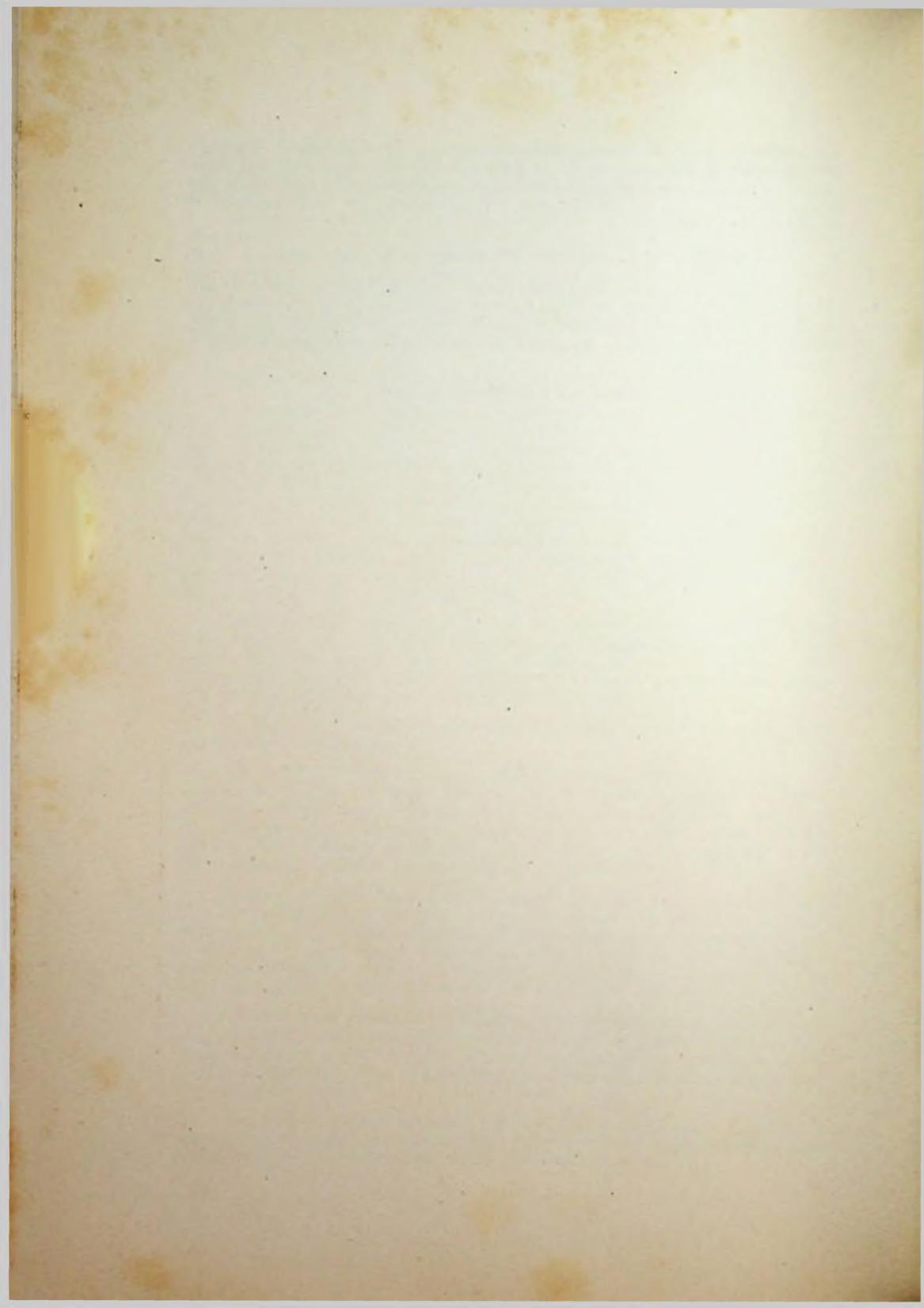
Promovido a capitão de mar e guerra em 18 de Outubro de 1829, foi dispensado do lugar que exercia por Decreto de 5 de Julho de 1831, apresentando-se no Rio de Janeiro em 27 de Janeiro de 1833.

Nomeado para interinamente exercer o cargo de Encarregado do Quartel General da Marinha em 30 de Julho de 1836 foi dispensado em 29 de Agosto de 1837, sendo na mesma data nomeado Inspector do Arsenal de Pernambuco, donde foi transferido para o de Maranhão por Decreto de 5 de Novembro de 1838.

Por Decreto de 20 de Julho de 1842 passou para a 3.^a classe.

Voltando a 1.^a classe foi promovido a Chefe de Divisão Graduado por Decreto de 14 de Março de 1847. Exonerado do lugar de Capitão do Porto de Maranhão em Junho de 1850 e pela Resolução de 30 de outubro desse mesino anno foi reformado no posto de Chefe de Esquadra continuando a residir no Maranhão.

Falleceu no Rio de Janeiro a 1 de Março de 1856.





Miguel de Souza de Mello e Alvim



Miguel de Souza de Mello e Alvim

CHEFE DE ESQUADRA

Nasceu a 9 de março de 1781 na quinta de Olina, arredores da villa de Ouren, provincia da Extremadura, Portugal. Filho de Antonio de Souza de Mello e Alvim, morgado de Olina e de D. Maria Barbara da Silva Torres, da mais nobre familia dos morgados de Sanguichal.

O principe D. Pedro, deixado no Brasil como regente, ao regressar a familia real portugueza para a Europa, arrastado pela corrente separatista, teve que lhe dar mãos; esse gesto, sem nenhum esforço, foi seguido pela quasi totalidade dos reinões.

Raros aquelles que protestaram contra um successo politico que havia de acontecer mais dias, menos dias, trazendo comsigo a ruina do velho Portugal pela secessão do rebento sul-americano. A independencia do Brasil era um facto; quanto á fôrma de governo propendiam os filhos do paiz para a democracia e se não foi a republica proclamada, deve-se á dianteira tomada pelo principe, acõselhado por José Bonifacio, declarado Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.

As vantagens conseguidas no Brasil pelos officiaes luzitanos de terra e mar fizeram com que, com raras excepções, accorressem a abraçar a nova nacionalidade, e muitos que se achavam na metropole, para aqui regressarem afim de compartilharem dos destinos da nova nação da qual desde muito se consideravam filhos, não só pelas ligações de familia, como pelos bens de raiz n'elle adquiridos.

Dos primeiros conta-se Miguel de Souza de Mello e Alvim, official que desde muito jovem mostrou qualidades de raça, de talento e de principios e que logo após á sua chegada ao Brasil, cheio de entusiasmo e esperanças, dedicou-se ao serviço.

Quem se deleitar no estudo de prosapias e linhagens poderá ver que Miguel de Souza Mello e Alvim era neto de Antonio de Souza Mello e Alvim e de D. Maria Theodora de Souza e Gouveia, do morgado de Cadaval; bisneto de Antonio de Souza de Noronha e Alvim e de D. Maria de Souza Barreiros, da primeira nobreza da villa do Porto da Móz; trineto de João de Souza e Alvim e de sua segunda mulher; quarto neto de Pero de Souza e Alvim e de sua mulher D. Theophila de Menelau; quinto neto de Jorge de Souza e Alvim e de sua mulher D. Francisca de Noronha, da illustre familia desse apellido, da villa de Thomaz, descendente de D. Affonso, conde de Gijon e Noronha, e de sua mulher, filha natural d'El-Rey D. Fernando; sexto neto de d. Simão Fernandes da Costa, commandatario de S. André de Rendufe e sua mulher d. Felippa de Alvim e Souza, remontando a sua nobreza á mais alta antiguidade e contando no numero de seus maiores o condestavel d. Nuno Alves Pereira,

conde de Ourem casado com D. Joanna de Alvim, e d. João Rodrigues Pimentel que foi grão-mestre da Ordem de Aviz e combateu ao lado de d. Afonso na batalha de Salado.

Não foram por certo estes predicados que o tornaram saliente entre os muitos officiaes que adheriram á causa brasiliense e que comnosco vieram de coração collaborar para a grandeza do paiz, outros titulos, de maior valia o conceituaram; pelo seu esforço, honradez e talento soube elle conquistal-os, ganheando-lhe a estima e a consideração em que era tido.

Não dispondo de fortuna para fazer brilhar na côrte os titulos que de jús poderia aspirar, criteriosamente preferio d'ella se arredar para recolher-se a meio mais de accordo com as suas posses.

Matriculado na Academia de Marinha como aspirante em 24 de março de 1798, foi nomeado guarda marinha em 21 de julho do mesmo anno e quatro dias depois mandado embarcar na fragata *Cisne*, onde depois de um tirocinio de tres annos, foi nomeado, pelo seu talento e aproveitamento chefe de brigada dos Guardas Marinha, isto a 25 de agosto de 1801. Em 31 de julho de 1802 embarcou na não *Princeza da Beira*, de cujo navio passou para a não *Vasco da Gama*, capitanea da esquadra que no Mediterraneo se empenhava contra as forças dos estados barbarescos do norte da Africa. Desde 23 de maio de 1804 em que n'ella se achou embarcado até 15 de agosto de 1806 partilhou das commissões feitas por tal navio, já promovido a Segundo Tenente, desde 15 de agosto do anno anterior. Desse navio passou a embarcar na não *Conde D. Henrique* até 18 de setembro de 1807 quando então embarcou na fragata *Urania* em cujo navio sob o commando do capitão de fragata José Manoel de Menezes, posteriormente Marquez de Vianna, veio para o Brasil, fazendo parte da esquadra que trazia a familia real foragida.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, foi promovido ao posto de Primeiro Tenente em 8 de março de 1808, passando poucos dias depois a ter embarque na não *Martim de Freitas*. Nesse navio pouco se demorou, pois em 1 de dezembro passou ao commando do bergantim *Real João* e logo em seguida para o bergantim *Mercurio*.

Encarregado com o 1.º tenente Diogo Jorge de Brito do levantamento da planta da bahia do Rio, brilhantemente se desempenharam dessa commissão, tanto assim que em 1830, o então capitão de fragata Joaquim Delamare tratando de rectifical-a, lealmente declarou que nada teve que corrigir. A differença unica que encontrou, como era natural, foi nas sondas moveis.

Terminado o levantamento da planta, propuzeram aquelles officiaes, depois de estudos feitos, a construcção de um quebra mar que partindo da ilha dos Ratos, hoje ilha Fiscal, fosse ter á ponta do Calabouço, afim de fazer um ancoradouro para os navios de cabotagem, livre das ressacas e perfeitamente abrigado.

A estagnação a que chegára tudo quanto se referia á marinha não podia ser mais completa.

Absorvidos todos os recursos concedidos para obras novas e concertos dos navios, com a creação de innumerados empregos afim de dar lugar aos interminaveis apaniguados que acompanharam a côrte e ainda ao pagamento de soldos aos officiaes de toda a esquadra promovidos de uma sentada, ao chegarem ao porto, promoção essa, como se fosse para uma esquadra de cem navios, e em pé de guerra. O que se dava na marinha extendeo-se ao exercito e a todas ás demais repartições.

As contendadas que em todos os tempos sustentou a côrte portugueza com a hespanhola, não desapareceram com a sua vinda para a America.

A independência agora das províncias hespanholas viera mais complicar a situação. De um lado pretendia D. João accrescer seus domínios com a anexação da Banda Oriental, realisando assim o sonhado condominio do Rio da Prata; do outro D. Carlota Joaquina, mulher de D. João, que julgando-se herdeira de Fernando, intrigava para fazer-se coroar rainha; queriam do seu lado os portenhos se assenhorearem de todos os territorios que constituíam o antigo vice-reinado; Artigas, por sua vez, queria a independência.

Soube, porém de tantos interesses em jogo, aproveitar-se a Inglaterra; por intermedio de seu ministro na côrte do Rio de Janeiro inutilizou por completo o plano politico de D. João e as pretensões de D. Carlota, e os desejos platinos com o armistício de 26 de maio de 1812.

Assim procedendo procurava elle, por meios indirectos assentar bases em proveito de sua patria.

Não abriu mão porém dos direitos que julgava ter a côrte portugueza a levar a sua soberania ás margens do Prata e para castigar Artigas, que se havia declarado *chefe dos orientaes e Protector dos Povos Livres*, trazendo em constantes sobresaltos os vecindarios limitrophes, fez-lhe guerra.

Para isso mandou D. João, organisar em Portugal uma divisão do exercito, denominada — Voluntarios Reaes — e fel-a transportar para o Brasil enquanto fazia avançar as tropas nacionaes.

Emquanto isto se passava, Miguel Alvim, embarcado na corveta *Aurora*, continuava no serviço de mar, desde 23 de novembro de 1810. Nomeado para assumir o commando do bergantim *Previdente*, construido na ilha de S. Thomé em 23 de maio de 1811, seguiu para a Bahia, donde partio para aquella ilha, assumindo o commando do referido navio em 24 de julho do mesmo anno.

De regresso ao Rio de Janeiro dessa commissão, foi lhe dado o commando da escuna *Maria Thereza* em 7 de março de 1812.

Promovido ao posto de capitão-tenente em 17 de dezembro de 1813 passou a commandar o brigue *Ballão* em 18 de fevereiro de 1814, em cujo navio fez diversas commissões ao sul. Em 15 de abril de 1815 passou ao commando do bergantim *Gaiivota*.

Com a chegada ao Rio de Janeiro a 30 de março de 1816 da Divisão de Voluntarios Reaes, composta de 4.831 praças, ás ordens do brigadeiro Carlos Frederico Lecór, posteriormente elevado ao titulo de barão e depois Visconde de Laguna, maior actividade teve a marinha, não só para o transporte dessa tropa para o sul como em operações de bloqueio dos portos da Banda Oriental.

A 12 de junho, para Santa Catharina seguiu a segunda esquadra, sob o commando do chefe de esquadra graduado Rodrigo José Ferreira Lobo; compunha-se da Não *Vasco da Gama* capitanea, ao mando do capitão de fragata Pedro Antonio Nunes; fragata *Phoenix*, commandante capitão de mar e guerra Francisco Antonio da Silva Pacheco; corveta *Voador*, commandante capitão-tenente João Affonso Netto; brigues: *Lebre*, commandante capitão de fragata Antonio Maria Furtado de Mendonça, *Gaiivota*, commandante capitão-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim, nomeado desde 15 de Abril, *Falcão*, capitão-tenente José Gregorio Pegado; *Real João*, commandante, Primeiro Tenente Joaquim Bento da Fonseca; *Previdente*, Primeiro Tenente José Joaquim da Costa e Almeida; *Águia Volante*, mestre Joaquim José Machado; como transportes: *Caridade*, commandado pelo capitão-tenente José Rodrigues de Oliveira; *Fenix*, capitão-tenente Antonio Joaquim de Avellar; *John Frith*, commandante William Mariath; *Fenix 2.º*, commandante Primeiro Tenente João Pedro,

Essa expedição, em vez de ir directamente ao Rio da Prata para tomar de surpresa ou assalto a praça de Montevideo conforme o plano traçado, devia naturalmente falhar porque em meia viagem foi alterado o combinado.

Organizada a expedição com navios improprios, sem o aparelhamento para desembarque e outros requisitos, foi resolvido que a força desembarcasse em Santa Catharina e por terra seguisse.

Despedidos os transportes, seguiu a força naval para Maldonado e que se pedisse para o Rio de Janeiro a organização de uma flotilha de navios de pequeno calado, proprios para a navegação do estuario do Prata.

Da organização desta frotilha diz o almirante portuguez Celestino Soares em seus *Quadros Navaes*. «Quando se organisou esta frotilha composta toda de navios mercantes armados, lembrou-se o governo de mandar construir alguns ligeiros navios de guerra: porém, para occorrer a necessidade momentanea, comprou quanto dos outros lhe pareceo, patenteando-se n'esta aquisição ignorancia ou maldade pois que foi buscar cascos estrangeiros que não comportavam artilharia, logo incuria e maldade, porque sabendo-se que esses cascos não poderiam servir regularmente n'aquella commissão claro estava o comprometimento e descrédito da marinha. O mesmo se deu quanto ao pessoal, pois a marinha ficou cheia de paizanos agaloados».

No dia 4 de agosto, apesar do empenho em armar os navios pedidos, só se fizeram ao mar a corveta *Catypso*, sob o commando do capitão de mar e guerra D. José Manoel de Menezes, filho do marquez de Tanco e posteriormente 1.º Marquez de Vianna e com elle o brigue *Real Pedro*, escuna *Tartara* e o transporte *Patrimonio*, com petrechos de guerra.

Em chegando a Santa Catharina, teve ordem de seguir para Maldonado, onde já se achavam os demais, á espera que se approximasse o exercito. Desde outubro que em frente a Maldonado estava o conde de Vianna e no serviço do bloqueio estavam a fragata *Thomé*, brigues *Falcão* e *Gaiivota* e escuna *Festiva*.

Nesse serviço Miguel Alvim distinguio-se auxiliando o desembarque que foi dado á povoação de S. Fernando a 22 de novembro.

Depois de Maldonado passaram os navios ao bloqueio do porto de Montevideo, cuja praça cahio em poder das forças de Lecór a 20 de janeiro de 1817.

Graduado no posto de capitão de fragata pelos serviços prestados em 4 de julho, foi nomeado para servir de ajudante de ordens do coronel João Vieira Tovar de Albuquerque, Governador da ilha de Santa Catharina, e a exercer as funcções em que tivesse occasionalmente de ser empregado como official de marinha.

Do commando do *Gaiivota*, havia passado para o do brigue *Ballão* regressando ao Rio de Janeiro.

Em virtude do decreto que galardoou com um posto de acesso os officiaes que tomaram parte na conquista de Montevideo, foi promovido a capitão de fragata effectivo em 12 de outubro de 1817, deixando então o commando do brigue *Ballão* para seguir para Santa Catharina em 28 do mesmo mez.

Em referencia no facto temos os seguintes documentos:

«Illmo. e Exmo. Snr. Em conformidade do Aviso de V. Ex. de 2 do corrente participando-me, que havendo Sua Magestade annuido a supplica do Tenente Coronel João Vieira Tovar de Albuquerque, ha pouco nomeado Governador da Ilha de Santa Catharina, foi servido conceder-lhe para seu Ajudante d'Ordens o Capitão Tenente da Armada Real, Miguel de Souza de Mello e Alvim, ficando conservado no Corpo da mesma Real Armada onde se

lhe hade verificar o accesso que o Mesmo Senhor Fôr Servido conceder-lhe, tendo mandado lavrar o competente Decreto para a verificação desta Graça Deos Guarde a V. Exa. Paço 3 de Julho de 1817. *João Paulo Bezerra. Snr. Thomaz Antonio de Villanova Portugal.*

«Illmo. e Exmo. Snr. Em consequencia da communicação que V. Exa. me fez por seo Aviso de 2 do corrente mez, se lavrou Decreto da nomeação, de Miguel de Souza de Mello e Alvim, Capitão Tenente da Armada Real, para Ajudante de Ordens do Governador nomeado da Ilha de Santa Catharina o Coronel João Vieira Tovar e Albuquerque, na conformidade do que V. Exa. me indicou a este respeito. Deos Guarde a V. Exa. Paço em 7 de julho de 1817. *João Paulo Bezerra. Snr. Thomaz Antonio de Villanova Portugal.*

Occupava o capitão de fragata Miguel Alvim o cargo do intendente de Marinha, repartição essa creada por Decreto de 14 de Dezembro de 1807. N'essa nova commissão não descansou Alvim, pois sendo intenção do ministro Thomaz Antonio da Villa Nova Portugal fazer de Santa Catharina uma grande base para a esquadra, começou pela creação de um arsenal de marinha; para iniciar mandou fundar uma povoação na enseada das Garoupas. Assim por decreto de 18 de março de 1818, foi mandado, com pescadores vindos de Ericeira, Portugal, fundar a colonia *Nova Ericeira*, hoje Porto Bello. No navio *Conde Peniche* vieram 101 pessoas de ambos os sexos. Gastou o governo com a construcção de casas e terrenos a pequena quantia de 5.388\$458.

Como porém a falta de persistencia faz com que as boas obras não medrem, assim deu-se com a projectada construcção do Arsenal em Santa Catharina.

Sobre Miguel Alvim, em Santa Catharina diz Vasconcellos Drummond, nas *Anotações á sua biographia* «Era então governador de Santa Catharina o coronel João Vieira de Tovar, e intendente de marinha e capitão de mar e guerra Miguel de Souza Mello e Alvim».

«Tão ignorante, estouvado e brutal era o governador, como intelligente, circumspecto e polido o intendente. Tovar era de uma familia de Portugal bem merecida, tinha mais quatro irmãos. Veio para o Brasil na divisão de voluntarios reaes commandada por Lecór, era então major de cavallaria do regimento numero 4 de Portugal. Na campanha do sul perdeu o braço direito na batalha da India Morta, parece. Foi então mandado para Santa Catharina na qualidade de commandante do deposito que ali se estabeleceu para os doentes do exercito, e se lhe ajuntou depois o governo da provincia por protecção de monsenhor Miranda, em substituição de d. Luiz Mauricio da Silveira que por muitos annos governou aquelle provincia, dando o ordenado do logar ao Freitas Corcunda, official maior da secretaria de marinha para o sustentar no emprego, ficando elle com o fructo da corrupção em que governava.

«A Tovar, porque era incapaz, se lhe ajuntou Miguel de Souza, intendente de Marinha e ajudante d'ordens do governo, e deu-se instrucções a Tovar para que nada fizesse sem o conselho e approvação de Miguel de Souza. Tovar era limpo de mãos no exercicio do governo, alguns despropositos praticou, mas Miguel de Souza evitou muitos outros e deu uma fórma regular ao governo da provincia.»

A' acção de Miguel de Souza Mello e Alvim deve Santa Catharina, além de muitos outros utilíssimos serviços taes como o estabelecimento de estaleiros de construcção naval e que os extendeo a Paranaguá, onde foi construida a fragata *Santa Cruz*; a fundação do hospital das Caldas nas thermas de Cubatão; a incorporação de Lages e todo o seu termo ao seu territorio, desanexando-a da capitania de S. Paulo a qual a tinha usurpado desde 1771; separação da de Porto Alegre pelo alvará de 12 de fevereiro de 1821, o que creou cabeça de comarca de Santa Catharina a villa do Desterro.

Durante dez annos em que servio em Santa Catharina não descançou Miguel Alvim em manifestar o seu zelo pela administração. Ao governo dirigio memorias sobre a pesca da baleia, cujas ruínas das armações de Itapocorohy, Piedade, Lagoinha, Garopaba, Inbituba e Graça mostram ainda hoje o grão de prosperidade a que havia chegado a halieutica em Santa Catharina, onde se registavam pescas annuaes de 524 cetaceos, e ainda sobre o aproveitamento dos edificios existentes na armação da Piedade para n'elles serem estabelecidas officinas de um arsenal de marinha.

Na então villa do Desterro casou-se com d. Mauricia Elysia arraigando-se assim mais ao nosso paiz.

A retirada da familia real do Brasil, dada em consequencia dos successos politicos em Portugal, deixando D. Pedro como regente n'esta parte do reino lusitano, teve como consequencia a nossa independencia. Libertaram-se os metropolitanos do regimen absoluto, querendo no entretanto reduzir o Brasil á triste condição de colonia. Protestaram os filhos d'este com energia e associados a elles os reinões que não dependiam do governo e todos os que comprehendiram que Portugal sem o Brasil só poderia ter uma existencia precaria.

Proclamada a independencia e procurando o governo organisar uma marinha para poder enfrentar a da metropole e garantir a propriedade nacional ordenou que se consultasse a todos os officiaes portuguezes que se achavam no Brasil se estavam ou não de accordo em o servirem. Caso contrario lhes seriam fornecidos meios para regressarem á patria.

Este convite, servio infelizmente para, desde logo inçar a incipiente marinha nacional de um pessoal sem acção, improductivo por consequencia, salvo sem duvida, honrosas excepções. A carunchosa engrenagem que inutil movia a marinha portugueza, foi por esse motivo, a que prevaleceo na organisação da nossa, que preza ainda hoje, apesar dos esforços feitos para redimila dos vicios de origem, ainda persiste.

No Ministerio da Marinha estava o illustre brasiliense capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira, a mais alta patente de marinha alcançada então.

Miguel Alvim, em resposta a consulta, deu a seguinte :

«Havendo recebido ordem assignada pelo Capitão de Mar e Guerra Rodrigo Martins da Luz, Ajudante de Ordens de V. Ex. em data de 20 de Dezembro proximo passado, para em consequencia da Portaria da mesma data eu responder por escripto se quero ou não adherir a Causa do Brasil ficando ao serviço deste Imperio, na intelligencia de que não querendo se me dará transporte para Portugal á custa da Fazenda Publica, e de que ficando no serviço do Brasil deverei sugerir-me ás reformas e alterações a que houver de proceder-se.

«Cumpre-me, em satisfação aquella ordem, levar ao conhecimento de V. Exa. a minha resposta, e a minha maneira de pensar a tal respeito.

«Eu sou militar, e desta profissão vivo; como tal occupo um emprego que me foi conferido pelo Senhor Rei D. João VI, e confirmado por Sua Magestade Imperial seu legitimo successor a quem o dito Senhor Rei mandou que eu obedecesse quando se retirou para a Europa; na qualidade de militar entendo que não me compete deliberar sobre a maneira, o como, e aonde me convenha servir: e muito menos ingerir-me a discutir questões politicas; estou persuadido que só me cumpre desempenhar exactamente os deveres do posto em que sirvo ao Estado, e obedecer sem hesitação ás ordens dos meus superiores; o que farei sempre com fidelidade e honra como constantemente o tenho praticado.

«Alem de militar sou tambem cidadão; e nesta qualidade posso asseverar a V. Ex. que desde que a ordem dos acontecimentos da minha vida me conduziu a tomar estado no Brazil, cazando-me com uma senhora brasileira; e que o Ente Supremo tem abençoado esta união com uma fecundidade tal que em quatro annos me tem dado quatro filhos: eu desejei firmemente permanecer no Brazil o resto dos meus dias, e de subir com elle a sorte que a Providencia lhe deparar.

«Emquanto á condição de ficar sujeito ás reformas que houverem de fazer-se no Corpo da Marinha; como estou persuadido que ellas não serão endecorosas á corporação, nem derogatorias d'aquella consideração e vantagens que a minha Patente, e vinte e cinco annos de serviço sem nota, devem conferir-me; eu me sugeito a ellas com plena franqueza.

«Não devo porém occultar a V. Ex. que eu me vejo em um estado valedudinario por causa de uma terrivel molestia incuravel que padeço no figado, ha bastantes annos, e que se vai aggravando com a idade, sinto-me portanto inhabilitado para exercer a profissão activa de Official de Marinha sobre o mar; e apenas poderei occupar em terra algum emprego analogo á mesma profissão, bem como este em que estou servindo ha cinco para seis annos; visto que as minhas molestias já me não permitem desenvolver aquella energia e actividade que eu desejo, e que o serviço da Nação e de Sua Magestade Imperial exige.

«Tenho declarado a V. Ex. os meus sentimentos com a mais franca sinceridade. Digne-se V. Ex. leval-os ao conhecimento de Sua Magestade o Imperador, que determinará o que houver por bem. Santa Catharina, 10 de Janeiro de 1823. *Miguel de Souza Mello e Alvim*, Capitão de Fragata.

Promovido a capitão de mar e guerra em 12 de outubro de 1823, continuou a prestar seus serviços na Intendencia da marinha.

A carta regia de 7 do janeiro de 1820 ordenando ao governador da capitania Tovar de Albuquerque que fizesse construir, para auxiliar a defeza da Ilha, seis barcas canhoneiras, tiveram em Miguel Alvim um fiel excutor. As tres primeiras construidas se chamaram *Anhato-mirim*, *Aragatuba* e *S. Francisco de Paula*.

Promovido a Chefe de Divisão em 12 de outubro de 1827 tendo muito merecido pelas providencias que tomara não só em attender a os pedidos feitos pelo commandante das forças navaes em operações no Rio da Prata, como nas exigencias dos navios que ali aportavam na carencia de reparos e mantimentos e na condução de tropas.

Em vista de seus predicados como administrador foi lembrado para em maior campo desenvolver seus talentos e por essa razão foi nomeado Intendente de Marinha do Rio de Janeiro por Decreto de 25 de abril de 1828.

A mudança ministerial operada pouco depois veio elevar Miguel Alvim a alta administração naval; por decreto de 15 de junho desse mesmo anno lhe foi confiada a pasta da Marinha.

A effervescencia politica da epocha não deixava lugar a que pudessem os verdadeiros administradores emprehender qualquer reforma no sentido do bem geral. A lucta entre o poder pessoal do imperador e o elemento liberali approximava-se do fim.

Em 4 de dezembro deixou a pasta da Marinha, exonerando-se. Uma das causas que levaram Mello e Alvim a deixar a pasta da Marinha, foi a de não possuir bens de fortuna para poder, elle que dispunha de numerosa familia,

dar cumprimento as exigencias da côrte. Preferia o recanto calmo da Provincia, aos bullicos da côrte, onde com honra e probidade poderia ser util á patria escolhida.

Nomeado presidente da Provincia de Santa Catharina em 12 do mesmo mez e anno, partio para a terra que tanto amava.

Logo ao assumir o governo teve Mello e Alvim de haver-se com o estabelecimento de colonos, atirados nos quartéis e na armação da Lagoinha a espera dos terrenos promettidos, onde quasi um anno ficaram.

O interesse que tomou pelo assumpto é demonstrado pelo facto de, apenas chegado a capital da Provincia no dia 14 de janeiro de 1830 e n'esse dia mesmo assumido o governo que lhe passou o brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello, já no dia 26 do mesmo mez, seguir para a colonia S. Pedro de Alcantara, para reconhecer *de visu* o seu estado, e as condições criticas em que se achavam os colonos allemães ali localizados, em numero de 435.

Antes haviam sido alojados, como dissemos, nos quartéis e na armação de Lagoinha; para seu sustento, pelo contracto, teriam por tempo de um anno a diaria de 160 reis.

Apesar porém dos constantes pedidos que faziam para que lhes fossem dadas as terras promettidas afim de cultival-as, não se lhes dava resposta: esperavam os governantes a que viesse da côrte, isto por não estarem os lotes demarcados. Assim se mantiveram taes colonos em completa ociosidade durante perto de um anno.

Desesperados os colonos, poucos dias antes de Mello e Alvim assumir o governo, haviam reclamado tumultuariamente contra o procedimento que para com elles tinham, pois chegada a occasião de se estabelecerem não mais direito tinham a diaria e alem disso lhe estavam a dever tres mezes.

Não despunha de numerario os cofres da junta do Governo da Provincia para as indispensaveis despesas, pois o thesouro não remettia as sommas precisas para attender a taes pagamentos.

Os ultimos colonos, quasi todos ex-praças do batalhão 27, haviam chegado em Novembro do anno anterior no brigue *Lucinda*.

Eram os remanescentes soldados dos batalhões allemães e irlandezes dissolvidos em junho de 1828, pelo facto de se haverem amotinado assassinando varios officiaes, e commeterem toda a sorte de desatinos, durante tres dias. Só foram dominados pela artilharia de marinha, milicianos e povo, soffrendo estas forças uma perda de cem homens.

Esta revolta tinha sua base no machiavelismo do presidente das Provincias Unidas do Prata, que não nos podendo vencer em campo aberto e leal, usou de perfidia, encontrando para executores dous allemães que se encarregaram da execução do plano.

Eram elles Antonio Martin Jhym e Bauer, que se diziam representantes das tropas allemães do Rio de Janeiro; cheios de resentimentos contra o governo brasileiro por ter sido apresado o navio em que viajavam para Buenos Ayres, pelos navios de nossa esquadra, em bloqueio no estuario do Prata.

Com elles firmou o general Dorrego a 3 de novembro de 1827 o seguinte tratado secreto.

1.º As tropas allemans abandonarão o serviço do Brasil para tomar o da Republica Argentina, como auxiliares inteiramente independentes e livres, com jurisdicção militar a parte e um chefe de sua eleição que as commandará e organizará na fórma que melhor entender.

2.º Com previa ordem do governo encarregado da direcção da guerra, as tropas allemans se apoderarão e occuparão a ilha da provincia de Santa Catharina, abolindo o regimen imperial e substituindo-o pelo republicano independente, de cujo reconhecimento deverá tratar o governo argentino.

3.º No caso em que a insurreição não tiver echo no Brasil o governo argentino se compromette a indemnisar os allemans á razão de 300.000 pesos por cada mil individuos que chegarem á Republica, e proporcionalmente: ou então 150.000 pesos e meia legua de campo a cada individuo nas mesmas condições em que obtinham terras os filhos do paiz, deyendo corresponder, em qualquer dos casos, quatro quinhões da parte de um soldado aos Alferes, oito aos Tenentes, deseseis aos Capitães, vinte aos Majores, vinte e quatro aos Tenentes Coroneis e vinte e oito aos Coroneis.

4.º O governo argentino se responsabilisa por todos os gastos que a empreza necessitar, soldo das tropas, provisões, petrechos, munições e as quantias necessarias para as operações militares.

5.º Reconhece o Sr. Antonio Martin Jhym como Encarregado de Negocios do Corpo de Allemães junto ao governo argentino em tudo que se referir á expedição, e o Sr. Bauer como Director immediato delle e por sua vez Agente Diplomatico para offerecer a paz aos habitantes de Santa Catharina.

De longe vem a semente que cuidadosamente se tem procurado fazer com que fructifique e dir-se-ia que temos em tudo contribuido, para esse final.

Não descansa Mello e Alvim em reclamar a attenção do governo imperial para o estado a que estavam reduzidos os colonos: lembrava o cumprimento das promessas feitas aos mesmos em Bremen e aqui não cumpridas; fazia ver que elles não eram responsaveis por não terem sido collocados nas terras promettidas e que portanto o subsidio de um anno não lhes podia ser contado, senão descontando o largo periodo em que estiveram alojados em S. Domingos, no Rio de Janeiro e em Santa Catharina.

Dizia que tal proceder era indecoroso e acrescentava em seu officio. «Mas para isso não basta que Sua Magestade o Imperador assigne ordens á Presidencia n'esta Provincia, pois que esta Provincia he por ora pobre e as suas rendas publicas não chegam mesmo a fazer face ás suas despezas ordinarias, quanto mais pesando sobre o sustento extraordinario de 4 Batalhoens (8.º, 18.º, 27.º, e 4.º de artilharia alem do 14.º aquartellado na Armação da Lagoinha), em consequencia da falta de remessa do dinheiro pela repartição da Guerra. Hé pois necessario que pelo Thesouro Publico se forneção as sommas precisas á despeza com o estabelecimento dos Colonos n'esta Provincia, ou seja d'ahi remettido em especie as quantias applicaveis só a tal despeza etc.

O relatorio que escreveo Mello e Alvim depois da sua excursão, demonstra que um dos maiores inconvenientes foi a suspensão dos pagamentos das diarias para a subsistencia dos colonos que era de 160 reis, por falta de dinheiro, nos cofres da Provincia, de sorte que assim se fez todo o possivel para reduzir esta desgraçada gente, no meio de uma terra inhospita, para onde vieram atrahidos pelas mais brilhantes promessas; é dura alternativa ou de desertarem, abandonando suas mulheres e filhos á desesperação e á miseria, ou de succumbirem todos victimas da mesma miseria, privações e fome.

«Com tudo mui poucos desanimarão. Elles se lanção avidamente ao trabalho: os rigores do tempo, a rudeza selvatica do paiz, nada pôde empecei-os: homens, mulheres, crianças, tudo trabalha com o maior acerto, e a

mais acizada distribuição de serviço, enquanto os mais robustos derrubão e queimão mattas e plantão as terras, os outros e as crianças cuidão na construcção de suas casas, tecem os tectos de palha, para as cobrir, tratão de toda a economia domestica, e assim por encanto, no curto prazo de seis mezes, apparece um espaço de tres leguas de comprimento sobre 200 braças de largura, convertido em sertão barbaro e intransitavel, em terreno cultivado coberto de searas de milho, trigo e legumes e todas as plantas do paiz, e d'outras cujas sementes trouxerão da Europa, assim como povoados de pequenas e commodas habitações edificadas, com uma facilidade verdadeiramente pasmosa.»

Não se cansava Mello Alvim, no seu espirito de justiça em reclamar, apellando para a clemencia imperial para que se lhes desse mais um anno de meio subsidio ou inteiro equivalente a sete mezes, isto é, ao tempo que estiveram os colonos aquartellados.

Em officio de 28 junho, ao Marquez de Caravellas expoz as criticas condições de penuria em que se achavam os colonos recommendando uma representação que os referidos colonos dirigiram ao Imperador.

Não tendo obtido resposta, em 3 de Novembro, ao substituto do marquez de Caravellas, o conselheiro Silva Maia, dizia:

«Rogo pois a V. Exa. que attendendo á disposição feita nos inclusos documentos, se digne interceder, perante S. M. o Imperador, afim de alcançar do mesmo Augusto Senhor o beneficio de que tanto carece a Colonia Allemã de S. Pedro de Alcantara cujos habitantes são bons e laboriosos mas estão soffrendo as maiores miserias, por motivo que elles não têm culpa.»

Em 14 de dezembro voltou Mello e Alvim ao assumpto terminando por agradecer os louvores a elles dirigidos, pelo governo imperial, pelo interesse que tomava no desenvolvimento da colonia, e a respeito declarava com amargura . . . porém Ex, Snr, eu só mereço taes agradecimentos pelos meus bons, mais *esteréis desejos.*»

Mal sabia Alvim que no dia seguinte a este officio era votado na Assembléa Legislativa a lei de 15 de Dezembro que prohibia fazer despezas com a colonisação estrangeira. Ficava pelo artigo 4 da referida lei abolida em todas as provincias do Imperio a despeza com a Colonisação estrangeira.»

Se áquelles colonos se negou o amparo para a sua manutenção, quanto mais o pão de espirito! Nem siquer uma escola se lhes deu, pois a criação d'ellas era privativa da Assembléa Geral, para que podessem os descendentes d'aquelles colonos na nossa lingua manifestarem seus sentimentos patrios e não serem acoiçados de culpa que nunca tiveram.

Continuava Miguel de Souza Mello e Alvim no desempenho de seu governo, quando ali chegou a noticia da abdicação de D. Pedro I. Semelhante factó abalou por completo o prestigio de seus partidarios e d'elle se aproveitaram os brasilienses para provocarem de vez o partido da oppugnação regressiva.

Miguel Alvim na presidencia, no commando das armas o brigadeiro Miguel Pereira de Araujo Barreto, tendo como director politico Diogo Duarte Silva, todos brasilienses adoptivos, tinham por oppositores um numeroso grupo de liberaes dirigidos pelo capitão de engenheiros Jeronymo Francisco Coelho. Este por si só, na sua provincia natal, pelo seu talento de escol, acaçalado por solido e variado preparo scientifico e litterario, era bastante para levar de vencida os anheladores de novo periodo colonial.

A *Sociedade Patriótica Catharinense*, cujo fim era sustentar a *Liberdade* e a *Independencia Nacional*, fundada pelo illustre lagunense, aggrupou entre aquelles que se batiam por uma independencia de facto e não por uma ficticia. Para ser membro desta sociedade, conforme ló-se nos seus estatutos publicados no *O Catharinense*, periodico tambem fundado, redigido e muito tempo composto por aquelle grande e lucido espirito, o primeiro publicado em Santa Catharina, era indispensavel e o mais essencial dos requisitos ser *probo*: ser moral pura e além disso, ser justo e amante da *Liberdade* de seu paiz; *brasiliense* nato ou adoptivo, sendo que para estes ultimos exigia-se: se solteiros, vinte annos de residencia no Brasil: se casados, com brasilienses que tivessem mais de quatro filhos nascidos na terra e residencia de desesois annos.

Dessa aggremação faziam parte muitos dos officiaes pertencentes á guarnição da praça.

Segundo o que publicamos sob o titulo: *A Abrilada em Santa Catharina*, á chegada da noticia da abdicção de D. Pedro I, apenas divulgada pela cidade, deu motivo a grandes manifestações de regozijo por parte da população: ao anoutecer houve espectaculo e appareceram brilhantemente illuminadas as casas dos patriotas, ou intitulados *judeos*. A' funcção theatral apresentaram-se as senhoras trazendo ao peito e nos cabellos, como ornamento, symbolicos ramos de cafeeiro.

A visivel effervescencia que desde então começou a reinar entre os patriotas e entre os officiaes e inferiores da guarnição, impacientes pela retirada do presidente e do commandante das armas, mais se accentuou; accrescia ainda que o desgosto entre os soldados era grande, visto como havia onze mezes que se lhes não pagava soldo. Neste estado de espirito foi deliberado a deposição de ambas as autoridades.

Sabedor do que se tramava, mandou João Moreira da Silva avisar tanto o presidente como ao commandante das armas. Ao encarregado da missão, respondeu Miguel Alvim — que não era criança para ter medo —; o segundo incredulo, rio-se.

Compunha-se a guarnição estacionada na cidade do Desterro do 10º de caçadores, sob o commando do coronel Antonio Pinto de Araujo Correia, do 13º commandado pelo coronel José Leite Pacheco, do 8º, commandante, tenente coronel João Vieira Cardoso: 4º de artilharia de posição commandado pelo Major Patricio Antonio de Sepulveda Ewerard do qual ora Capitão Jeronymo Francisco Coelho e finalmente do 7º de artilharia montada, sob o commando do Tenente Coronel Pedro Luiz de Medeiros, batalhão esse havia pouco chegado, pois procedente de Montevidéo, fôra mandado aquartellar na Armazém da Piedade, donde: por difficuldade de municiamento, passou para a freguezia de Santo Antonio e depois, para os quartéis do Campo do Manejo.

Como dissemos, muitos dos officiaes faziam parte da *Sociedade Patriótica Catharinense*; dentre elles, como mais exaltados destacavam-se o Alferes do 13º Francisco Borges de Barros, irmão de Domingos Borges de Barros, depois Visconde de Goyana e Senador do Imperio, e o Sargento do 8º Manoel de Freitas Sampaio, filho do Desterro; gozava o primeiro de muita affeição entre seus collegas e commandados e o segundo muito querido, respaldado pelo seu talento, seriedade e recto proceder, dispunha por bem do grande prestigio entre os companheiras e conciso entre os superiores.

Para celebrar a elevação ao throno de D. Pedro II, fôl convellida a realisção de um grande baile nos salões do Paço Municipal, á testa do qual, como iniciador, poz-se o Major José Antonio da Luz; era então presidente da Camara o Capitão de 2ª linha José da Costa Pereira, rico negociante e justo proprietario.

Chegado o dia 22 de Abril, marcado para a sumptuosa festa, enorme multidão ao anoitecer apiuhava-se na praça, em frente ao edificio, na contemplação dos virentes arcos de folhagens, engalonados de festões de flores, galhardetes pendentes, tudo em destaque por profusa, caprichosa e artistica illuminação. Quatro bandas da musica ajudavam a alegrar aquelle ambiente, já por si tão animado. Entre a enorme massa de populares que acudira não só da cidade como dos arredores e que ali se comprazia em admirar e commentar o fausto dos convidados, eram vistos em grupos, confabulando reservadamente com alguns officiaes, os Cadetes e Sargentos não só do 8º e 13º batalhões como tambem dos demais.

A's 9 horas em ponto, regorgitando os salões de tudo quanto havia de mais selecto na sociedade desterreense, fez sua entrada o presidente Alvim, acompanhado de sua família; mal havia porém transposto os humbraes do salão de honra, eis que do meio da multidão começaram a relevar gritos de: *Fôra o Presidente! Fôra o Governador das Armas! Fôra os Pés de Chumbo!* Esses gritos iniciados pelo Sargento Manoel de Freitas Sampaio e pelo Alferes Borges de Barros, foram seguidos immediatamente pelos demais companheiros. Para inquerir desceio o commandante das armas, soube então que acabava de estallar uma sedição militar. Como era de suppôr, tal noticia estabeleceu verdadeiro panico: emquanto a multidão apavorada corria pelas ruas á fóra, os convidados confusa e precipitadamente abandonaram os salões em demanda de suas residencias, e os officiaes, por sua vez, pela rua da Cadeia, tomaram a direcção do Campo de Manejo onde estavam aquartellados os batalhões.

Recolheu-se o Presidente á Palacio e com elle o Commandante das Armas, sendo immediatamente convocado o Conselho do Governo, composto do Vice-Presidente Francisco Luiz do Livramento, João Prestes Barreto da Fontoura e do Coronel do 43º, de 2ª linha Joaquim Soares Coimbra, afim de deliberarem sobre o grave acontecimento.

Em quanto isto, depois do toque de rebate, em marche marche em direcção á praça desceram o 8º, 10º e 13º batalhões, mettendo-se em linha com frente para Palacio; só mais tarde chegaram o 4º e 7º de artilharia, cujas peças foram retiradas do armazem do edificio da escola-regia, onde hoje está o sobrado chamado dos Artigos Bellicos e outras dos Quarteis Velhos.

Logo que chegaram as tropas foi á praça o Coronel Soares Coimbra, em nome do Governo, para saber qual a intensão d'ellas e o que pretendiam. Teve como resposta de que ellas exigiam a deposição immediata do Presidente e do Commandante das Armas e a entrega do governo ao Vice-Presidente.

Deante d'esta exigencia, deliberou o Conselho do Governo ir incorporado entender-se com os amotinados e fazer-lhes ver que era preciso esperar a determinação da Côte, pois era natural que seriam nomeadas novas autoridades. Não annuo a tropa aos argumentos de Prestes da Fontoura. Diz-se que quando Prestes se dirigio aos officiaes do 13º, chegaram estes a referir-se ao seu commandante, cuja decisão acatariam, mas que tendo se dirigido ao commandante, este, depois de pequena hesitação, dissera-lhe: «já agira o meu batalhão aqui está, portanto quero a demissão immediata.»

Em vista disto voltou o Conselho a palacio donde regressou as 11 horas com a declaração de que tanto o Presidente, como o Commandante das Armas, annuiam ao desejo da tropa e que no dia seguinte ás 10 horas da manhã passariam o governo.

Emquanto isso se dava, diversos grupos de exaltados percorriam as ruas da cidade debaixo de gritos de *Fôra os Pés de Chumbo!* e de vivas ao Brasil. Ficou conhecida a sedição pela *Noite das garrafadas*, pois os amotinados para

as violencias commettidas no quebramento das vidraças dos influentes contrarios empregaram de preferencia garrafas como projectis. A casa que mais soffreo foi a do commendador Anacleto José Pereira da Silva.

A noticia de que far-se-ia a entrega do governo, foi recebida pela tropa e pelo povo com verdadeiro delirio; debaixo de interminaveis vivas recolheu-se ella a quartéis, para no dia seguinte, em parada, prestar honras ás novas autoridades.

Pela manhã do dia 23 appareceram todas as ruas juncadas de folhas de cafeeiro; era esse o distinctivo que traziam militares e civis, nas barretinas, na bocca das armas, no peito ou nos chapéos; egualmente as mulheres, participando do enthusiasmo o traziam, como já o haviam feito, nas tranças e no peito.

A's 10 horas, effectivamente, realisou-se a cerimonia da entrega da presidencia ao Vice-Presidente Commendador Francisco Luiz do Livramento, e do commando das armas ao Coronel do 13º batalhão Antonio Pinto de Araujo Corrêa.

Esse successo politico, fructo da exaltação partidaria que se havia alastrado por todo o paiz, em nada desmereceo o conceito em que era tido o illustre official. Mais administrador do que politico, procurava, pelo caminho recto do dever e da honradez, levar a termo a sua missão qual a de promover o engrandecimento da terra que escolhera com tanto amor, para n'ella applicar a sua actividade e intelligencia.

Emquanto seu irmão, o Visconde de Jurumirim, Tenente General e Conselheiro do Estado, nome indissolvelmente ligado a obras de engenharia, á organização da Escola Militar e da Caixa de Amortisação, se celebrisava pela vastidão de seus conhecimentos e pela agudeza de engenho, em remanso mais modesto se conservava Miguel Alvim, afastando-se do bolicio da côrte, para viver rodeado dos seus.

E' facto sabido que querendo D. Pedro conceder-lhe um titulo como havia concedido a seu irmão o Visconde de Jurumirim, declinou da honra, cingindo-se ao rifão de que; « honras sem dinheiro mais vale ser marinheiro ».

Depois do decreto de 5 de maio que o exonerára de Presidente da Provincia, resolvera afastar-se da vida activa militar e politica, até que passasse a on' a das paixões partidarias: assim é que por aviso de 11 de Agosto de 1831 obteve um anno de licença para residir em Santa Catharina, licença essa que lhe foi prorogada por mais um anno para tratamento de saude por aviso de 27 de Julho de 1832 e por fim, ainda por outro anno, por aviso de 22 de Agosto de 1833. Terminada a licença foi reformado no posto de chefe de Esquadra, de accordo com a Resolução de Consulta do Conselho Supremo Militar de 28 de Julho de 1834.

Seus serviços e talentos não podiam ser dispensados pela Provincia que escolhera como sua, e para cujo desenvolvimento e progresso tinha empregado as melhores forças e dedicação. Foi eleito deputado provincial em 1834 e presidente da respectiva Assembléa.

Os odios mal contidos, depois da abdicación de D. Pedro, começaram a explodir com violencia, muito principalmente depois que veio a conhecimento a existencia de um partido restaurador.

No Rio Grande do Sul, com vehemencia, estalaram motins que degeneraram em revolução e della o conceito republicano, que avolumado attingio a Santa Catharina, envolvendo-o em 1839, na lucta travada desde 1835 a 1845 para firmar este ideal.

Ao ser proclamada a Republica Catharinense na então villa de Laguna onde haviam chegado forças de mar e terra enviadas pela Republica Rio Grandense em auxilio dos primeiros, para encarregado da defesa maritima da Provincia, pelo Presidente legalista Pardal, foi nomeado o Chefe de Esquadra Mello e Alvim.

Naquellas criticas circumstancias houve-se elle com verdadeiro empenho em organizar a defesa da capital para pol-a á coberto do ataque das forças revolucionarias. Em vista porém do incremento que tomou o movimento, ameaçando envolver toda a provincia, resolveo o governo central enviar forças navaes e militar para Santa Catharina sob o commando do Capitão de Mar e Guerra Mariath e do General Soares de Andréa.

Com a chegada do Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath no dia 14 de Agosto de 1839, deixou no dia seguinte Mello e Alvim o cargo que com toda a dedicação exercera.

Tão apreciados foram os serviços do illustre official que a Regencia por aviso de 16 de Setembro, em nome do Imperador, mandou «louval-o e agradecer pelos serviços prestados á Nação, como encarregado interinamente do commando das Forças Navaes quando estava a Provincia ameaçada de uma invasão geral, pelos rebeldes do Rio Grande, significando-lhe ao mesmo tempo, que esperava que elle continuaria a prestar com sua pessoa e conselhos, ao bom exito das operações militares que iam ter contra elles.»

Agradecido pelos conceitos emittidos no citado aviso, pediu então ao Ministro da Marinha, que era o Chefe de Divisão Jacintho Roque de Senna Pereira que fizesse presente ao Regente o quanto estava penetrado de gratidão pela distincção honrosa com que era tratado.

«Se alguma contemplação merecia o pouco serviço que havia prestado e que não fôra mais do que o desempenho de um dever sagrado, havia recebido sobejo premio com os inappreciaveis elogios e agradecimentos, que por intermedio do Ministro lhe forem dirigidos e dos quaes procuraria tornar-se digno concorrendo por todas as maneiras possiveis no feliz resultado das operações militares que iam começar.

Agracia tambem a nimia bondade do Ministro em dignar-se dar-lhe satisfação por haver nomeado o Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath commandante das Forças Navaes em Santa Catharina; assegurando que longe de resentir-se o estimou n'aquillo, pois que conscienciosamente reconhecia que a sua qualidade de reformado e Pae de numerosa familia e outras circumstancias mais faziam certamente com que não podesse desempenhar tão importante e ardua commissão, com decidida vantagem do serviço da Nação, e do Imperio.»

Os serviços de Mello e Alvim foram exigidos em mais dilatado campo de acção: convidado para o exercicio do cargo do expediente do Quartel General da Marinha, acceitou tal emprego, sendo nomeado por aviso de 26 de Fevereiro de 1840.

Seus conhecimentos e illustração o levaram ao Conselho Supremo Militar em 2 de Junho de 1841, até que o decreto de Junho de 1844 o veio d'ali tirar-o para confiar-lhe a Intendencia de Marinha do Rio de Janeiro.

Nomeado presidente da provincia de S. Paulo.

A proclamação da maioria de D. Pedro II, veio trazer uma pausa ás pendencias politicas. Elle que nunca pretendeo glorias de influencia politica, no dizer de Macedo, estranho ás luctas politicas dos partidos, se limitava a ser activo e escrupuloso administrador; pagou, porém, as culpas do ministerio a que pertenceo, e em tempo de infancia do nosso systema representativo

em que nem se observava a theoria da solidariedade dos gabinetes, a ardente opposição liberal não lhe perdoou a companhia ministerial e atacou-o de volta com os collegas ; hoje no arrefecimento das paixões, faz-se justiça ao merecimento, á moderação e á honra do prestimoso varão. Nos motivos das aggressões que elle soffreo um só subsiste real, incontestavel, e que nunca o illustre cidadão procurou disfarçar, e muito menos negar : foi a sua lealdade, foi a sua dedicação ao primeiro Imperador.»

Occupava elle a presidencia da assembléa provincial catharinense, quando foi nomeado em 1841 vogal do Conselho Supremo Militar, e encarregado do Quartel General de Marinha : cujo cargo exerceo até 14 de Junho quando partio para S. Paulo como presidente da provincia. Teve occasião de protestar contra o procedimento dos cruzadores inglezes que desrespeitavam a nossa soberania na caça aos navios negreiros, chegando a ousadia a arrancal-os de dentro dos ancoradouros.

Tendo obtido demissão do cargo de presidente voltou a continuar no exercicio de vogal do Conselho Supremo Militar.

Nomeado em 1844 pela segunda vez intendente de marinha do Rio de Janeiro, foi incumbido de diversas commissões até que a 18 de Setembro de 1851, foi nomeado Conselheiro de Estado extraordinario, e entrando em exercicio deixou por incompatibilidade o lugar de ajudante d'ordens do ministro da Marinha e encarregado do Quartel General.

« A importancia e o peso de funcções tão consideraveis não absorvem todas as vigílias e todas as faculdades do velho servidor da Nação, que ainda acha tempo e forças para desempenhar a tarefa de inspector das fabricas do municipio da corte, protegidas por concessões de loterias, ou subvencionadas pelo governo.

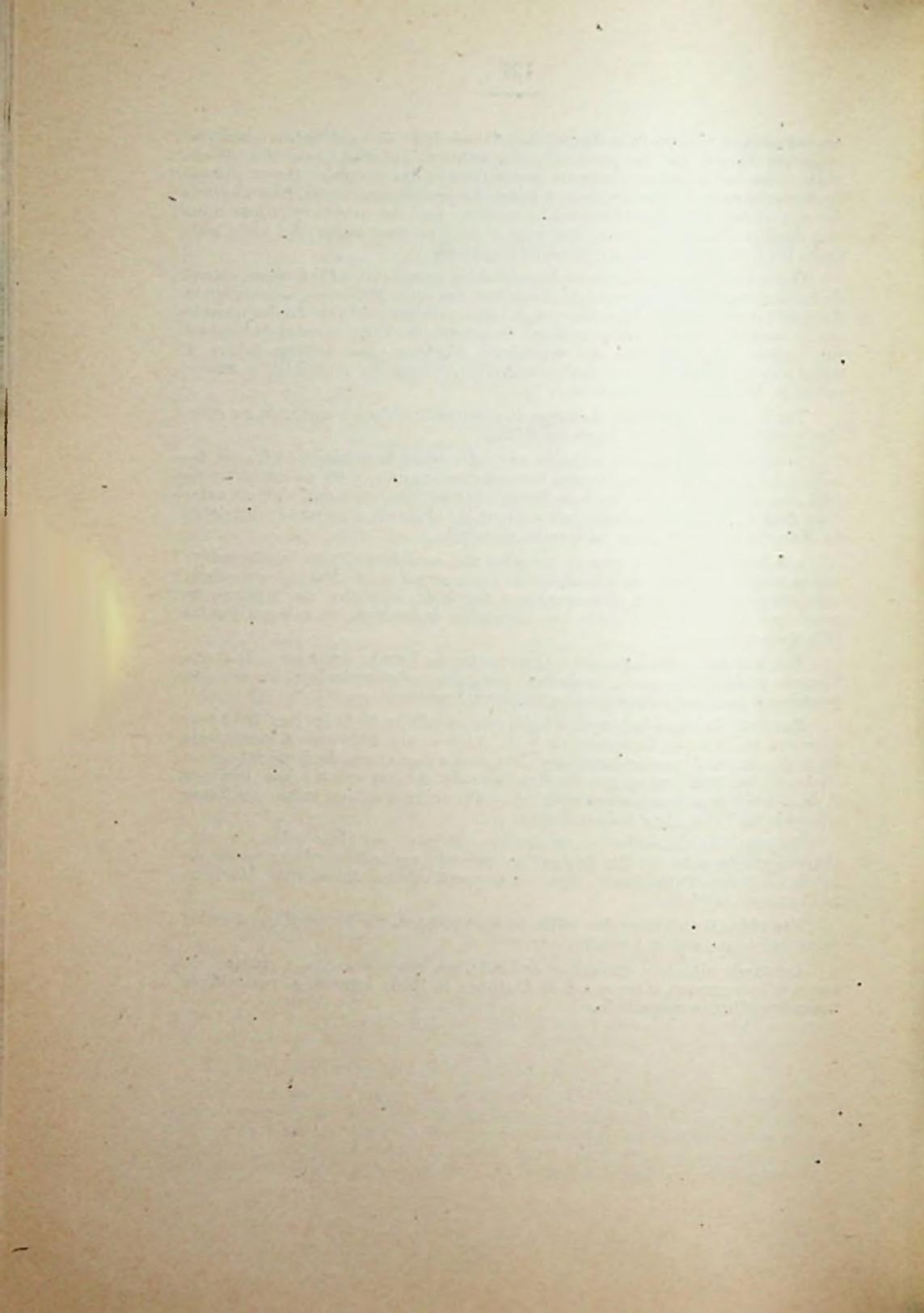
Em Agosto de 1855 passou a Conselheiro de Estado ordinario. Em seu honrado peito brilhavam e medalhas insignias testemunhadoras do seu alto prestimo e excelsas virtudes que o tornaram benemerito.

Em 1812 foi agraciado com o habito de cavalleiro de Aviz ; em 1819 com a ordem de N. S. da Conceição da Villa Viçosa ; em 1828 com a commenda de S. Bento de Aviz ; no anno seguinte com a dignataria da imperial ordem da Rosa ; em 1841, com a grande dignataria da mesma ordem ; em 1850 por S. M. Fidelissima com a commenda da muito nobre e antiga ordem da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Merito.

Versado em sciencias mathematicas, deixou estudos sobre o melhoramento do porto do Rio de Janeiro escreveu memorias sobre a pesca da baleia em Santa Catharina ; sobre a construcção de um Arsenal de Marinha na Armação da Piedade.

Era além disso cultor das bellas letras ; compoz lindas poesias, a maior parte das quaes negou á publicidade.

Contando oitenta e oito annos de idade, e n'esses sessenta e quatro de serviços interruptos, falleceo a 8 de Outubro de 1855, legando a posteridade nome impolluto e respeitado.



José Ignacio Maia

CHEFE DE ESQUADRA

Nasceu em 1780 em Lisboa. Filho legitimo de Ignacio Isidoro Maia e d. Barbara Efigenia de Souza. Falleceu em 22 de Julho de 1848.

A creação na Academia de Marinha de Lisboa da classe de Voluntarios da Real Academia, abriu novos horisontes áquelles que pretendiam a carreira naval; poderiam, elles como os demais alumnos, desde que fossem approvedos nos exames praticos do Observatorio da Real Marinha embarcar nos navios da esquadra com praça de aspirante a Piloto. Nessa qualidade foi em 23 de Julho de 1800 mandado embarcar na não *Maria I*, tendo antes praticado nas não *Prinzeza da Beira* e *D. Affonso*, em Agosto de 1802, na *D. Carlota*, por duas vezes e por ultimo na não *Principe do Brasil*, em 15 de Novembro de 1807.

Ao preparar-se a esquadra que deveria transportar a familia real para o Brasil foi mandado embarcar em 25 de Novembro na não *Martim de Freitas*, dous dias antes da partida. A 29 do mesmo mez fazia-se ao mar em busca de terras do Brasil, onde mais tarde se distinguiria, trabalhando pela nova patria que escolhera.

Logo á chegada ao Brasil começou a lhe sorrir a sorte, pois a 8 de Março de 1808 foi contemplado na promoção geral feita por D. João para galardoar os que o acompanharam na sua fuga. Os galões do posto de Segundo Tenente ornaram-lhe os punhos. Desde então começou a perceber de soldo em terra 10\$000 e quando embarcado 15\$000, taes eram os vencimentos da epocha. O criterio era o de em vez de augmentar vencimentos, o de fazer-se promoção d'ahi o facto de encher-se a marinha de innumerous officiaes superiores e generaes que mais sobrecarregados de responsabilidades e representação, só procuravam na burocracia e empregos mais rendosos os meios de satisfazer as exigencias da córte.

O abandono por sua vez da marinha, cujos navios foram deixados a apodrecer no ancoradouro; a mesquinhez dos soldos; a exigencia estabelecida no regulamento da academia de marinha desde 1800 de que ninguém podia ser admittido na Companhia como Guarda Marinha se não tivesse o fôro de fidalgo ou sido Aspirante á Guarda Marinha, o que si só podia obter, então, sendo filho de Capitão de Mar e Guerra, Chefe de Divisão, Coronel ou Brigadeiro, contribuiu para poucos annos depois serem preenchidos os quadros dos subalternos com quantos pilotos zarros e mestres das embarcações mercantes se apresentassem.

Depois de longa permanencia no porto, participando da inercia da marinha, em 1813, em 23 de Junho, passou a embarcar na não *Rainha*, navio esse que fazia as honras do porto. D'elle destacou para a corveta *Calypto* em 29 de Julho de 1816, capitanea da esquadilha mandada organizar para auxiliar o General Lecór na conquista da Banda Oriental e commandada pelo Capitão de Mar e Guerra D. José Manoel de Menezes, filho do Marquez de Tancos e posteriormente 1.º Marquez de Vianna.

No dia 4 de Agosto, fez-se de vela a *Calypto*, brigue *Real Pedro*, escuna *Tartara* o transporte *Patrimonio*, rumo a *Santa Catharina* onde já se achava o General Lecór com a divisão de Voluntarios Reaes, mandada vir de Portugal. De *Santa Catharina* seguiu a força naval para Maldonado, afim de ali esperar aquellas tropas, que por terra deveriam marchar e desde Outubro que ali se mantinham. Substituida a capitanea pela fragata *Phenix*, foi mandada a *Calypto* estacionar no porto de Buenos Ayres, onde Puyerrredon, agitava-se para romper contra nós.

A 20 de Janeiro de 1817 entrava o General Lecór em Montevidéo. Promovido a Primeiro Tenente em 12 de Outubro de 1817, passou da corveta em que se achava embarcado para o bergantim *Gaiyota* em 30 de Outubro, em cujo navio demonstrou suas qualidades de valor e bravura.

Estava na Colonia do Sacramento o *Gaiyota*, que veio a ser nossa corveta *Liberal*, quando no dia 9 de Novembro de 1827, foi atacado pelo corsario argentino *Atrevido do Sul*, o antigo navio apresado *Conde de Amarante*, tripulado por 240 homens e armado com 16 caronadas de 24 e quatro peças de calibre 18. Travado o combate com verdadeira furia, de tal modo se houve a guarnição do *Gaiyota* que apesar de ser em menor numero, conseguiu fazer com que o inimigo arriasse bandeira, depois de ter perdido um terço de sua guarnição. Por este brilhante feito foi elogiado em ordem n. 6 de 12 de Novembro.

Do brigue *Gaiyota* passou em 7 de Dezembro para o brigue *Falcão* e do qual, depois no Rio de Janeiro, regressou á não *Rainha* em 25 de Fevereiro de 1818, em cuja não se conservou até que foi nomeado para commandar a escuna *Afra*, em 1 de Janeiro de 1820.

Promovido a Capitão Tenente em 22 de Janeiro desse anno, em attenção ao que se comportou no combate do bergantim *Gaiyota* contra o *Atrevido do Sul*, continuou no commando da referida escuna.

A revolução liberal que estalou em Portugal veio fazer-se sentir no Brasil, onde acceso desde muito andava o espirito reaccionario contra um dominio que era por mais vexatorio.

Para os liberaes portuguezes só a reescravidão do Brasil poderia salvar a nacionalidade luzitana da miseria que a tinha levado a plethora de ouro com que a abarrotaram as minas da ex-colonia, agora gemea do reino.

Começaram por arrancar-lhe a séde do governo e em seguida as prerogativas que lhe foram conferidas e por fim a regencia dada a D. Pedro. Reagio o patriotismo brasiliense e em pouco tempo consolidou o seu ideal, tornando livre e independente essa parte do reino portuguez, que unicamente o valor dos naturaes havia constituido.

Quiz, Luiz José Ignacio Maia, como numerosos outros officiaes portuguezes, partilhar da sorte da nova nacionalidade, pois n'ella tinha encontrado o seu ideal — *ubi bene ubi patria*.

Pouco antes de deixar a familia real as plagas brasilienses, deixou em 21 de Março de 1821 o commando da escuna, passando a embarcar na fragata *União* em 29 de Janeiro do anno seguinte, não para fazer parte de sua tripu-

lação para conduzir o regente a Portugal, como fora determinado, mas sim, para dez dias depois recebê-lo á bordo, e em seu nome ir intimar ao General Avilez que si no dia seguinte não se embarcasse com suas tropas para Europa, começaria a fazer-lhes fogo.

O General que já havia capitulado no Rio de Janeiro diante das forças nacionaes e agora alvorçado em Nitherohy onde queria resistir, não teve outro recurso senão o de deixar o Brasil. Elles partiram, refere uma carta de D. Pedro a D. João VI, e com effeito, fazendo n'elles maior effeito o medo do que a honra que dizem ter, elles começaram a embarcar no dia que lhes determinei, e hontem ás 3 1/2 da tarde, já estavam a bordo dos navios,, mansos como uns cordeiros, e ordenei que no dia 14 ou 15 sahisses barra fóra, acompanhados de uma ou duas corvetas".

A 5 de Março dava fundo, porém debaixo das baterias de nossas fortalezas e da nossa incipiente esquadra a que as côrtes portuguezas haviam enviado ao Rio de Janeiro para obrigar o principe a embarcar-se para a Europa.

E ainda desta vez a não *D. João VI*, fragata *Real Carolina*, charruas *Princesa Real*, *Orestes*, *Conde de Peniche*, transportes *Phenix*, *Scte de Março* e mais, desligados da divisão, corveta *Princesa Real*, *Voador*, escunas *Maria Zeferina*, *Lcopoldina* e transporte *Quatro de Abril*, conduzindo 1.176 homens de tropa os teve que abater bandeiras, e a 23 do mesmo mez fazer-se da vela de regresso, deixando ao nosso serviço a fragata *Real Carolina*, muitos officiaes da armada, do exercito e 894 homens da tropa.

Em 12 de Abril passou a embarcar o Capitão Tenente Ignacio Maia na fragata *Real Carolina*, depois *Paraguassú* e desta passou a commandar a escuna *Lcopoldina* em 23 de Setembro da qual em 29 de Dezembro, passou para o bergatim escuna *Real Pedro*, que depois foi o *Cacique*, delle desembarcando na antevespera desse navio seguir para Montevidéo, levando a seo bordo o Capitão de Mar e Geurra Nunes, nomeado para commandar a nossa força naval no Rio da Prata.

Dous dias depois de ter arvorado Lord Cochrane o seu pavilhão á bordo da não *Pedro I*, como primeiro almirante e commandante de nossas forças navaes que iam operar contra as forças portuguezas que se mantinham na Bahia e outras provincias do norte, foi no capitanea mandado embarcar Ignacio Maia e a 3 de Abril partia do Rio de Janeiro, tomando parte em todas as acções em que o nosso almirante se empenhou para repellir o inimigo.

Em 26 de Novembro passou a embarcar na corveta *Maria da Gloria*, seguindo para o Rio da Prata, assistindo a capitulação das tropas portuguezas que sob o mando de D. Alvaro de Macedo, desde muito se obstinavam em ali manterem-se, á pretexto de que a Banda Oriental era conquista portugueza.

Havendo necessidade de mandar um navio ao Rio da Prata levar instruções ao General Lecór, coube á *Maria da Gloria* esta commissão, então sob o commando do Capitão de Fragata Theodoro de Beaurepaire. Continuando porém D. Alvaro de Macedo a protelar o embarque de suas forças que haviam capitulado em 18 de Novembro, entregando as forças brasilienses a cidade de Montevidéo, houve necessidade de sustar o regresso da *Maria da Gloria*.

Só depois do embarque d'aquella força, que se realisou a 8 de Março de 1824, é que regressou ao Rio.

Tendo seguido mais tarde para o Rio da Prata a servir na esquadra em operações contra as Provincias Unidas do Prata, achava-se no commando da corveta *Maceió* de 20 canhões, fazendo parte da divisão bloqueadora ás ordens do valente e bravo Capitão de Mar e Guerra James Norton, quando tomou parte no memoravel combate de 30 de Julho de 1826, ou de Punta de Lara, em o qual foi destroçada a capitania inimiga a 25 de Mayo.

Seu comportamento n'este combate foi bem saliente, pois muito se distinguio na perseguição aos navios inimigos, alguns dos quaes foram encalhar bancos de Camarones.

Promovido a Capitão de Fragata em 31 de Janeiro de 1827, passou ao commando da fragata *Nictierohy*, n'ella vindo para o Rio de Janeiro, onde passou ao commando da fragata *Paraguassú*.

Promovido ao posto de Capitão de Mar e Guerra em 12 de Outubro desse mesmo anno, passou ao commando da fragata *Maria Isabel*. Nesse navio tendo sahido no dia 24 de Janeiro de 1828 do porto de Santos comboiando doze embarcações mercantes que se destinavam ao Rio de Janeiro, foi atacado no dia seguinte na altura dos Alcatrazes pelo corsario argentino *Niger*, sob o commando de John Coë. Por tres vezes conseguiu o inimigo abordar a fragata e em uma d'ellas chegou a lançar um golpe de gente que por momentos se apossou do convex, sendo porém repellido depois de vinte minutos de combate. Com a perda de mais de 50 homens e muitas avarias retirou-se o atrevido corsario.

No conselho de guerra formado para tomar conhecimento do facto ficou patente pelo depoimento das testemunhas oculares, que todas as tres investidas foram energica e valorosamente repellidas.

Em 5 de Março deixou o commando da fragata *Maria Isabel* para assumir o cargo de ajudante de ordens do Ministro da Marinha nomeado por aviso de 26 de Abril de 1828. Em 19 de Maio deixou este cargo sendo nomeado para commandar a não *Pedro I*, della desembarcando em 11 de Novembro de 1828. Chefe de Divisão em 1843, por decreto de 11 de Setembro.

Nomeado para tomar o commando das Forças navaes estacionadas no Rio da Prata em lugar do Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath, assumio o commando em 5 de outubro seguinte.

Por aviso de 22 do mesmo mez e anno foi nomeado para tomar o commando da corveta *Bertioga*, sendo substituido no commando das Forças Navaes em Montevideo pelo chefe de divisão João Pascoa Grenfell o que foi participado por aviso de 3 de Novembro das ditas Forças, e entregando a 8 de Novembro. Apresentou-se em 2 de Dezembro, dando parte de doente no mesmo dia.

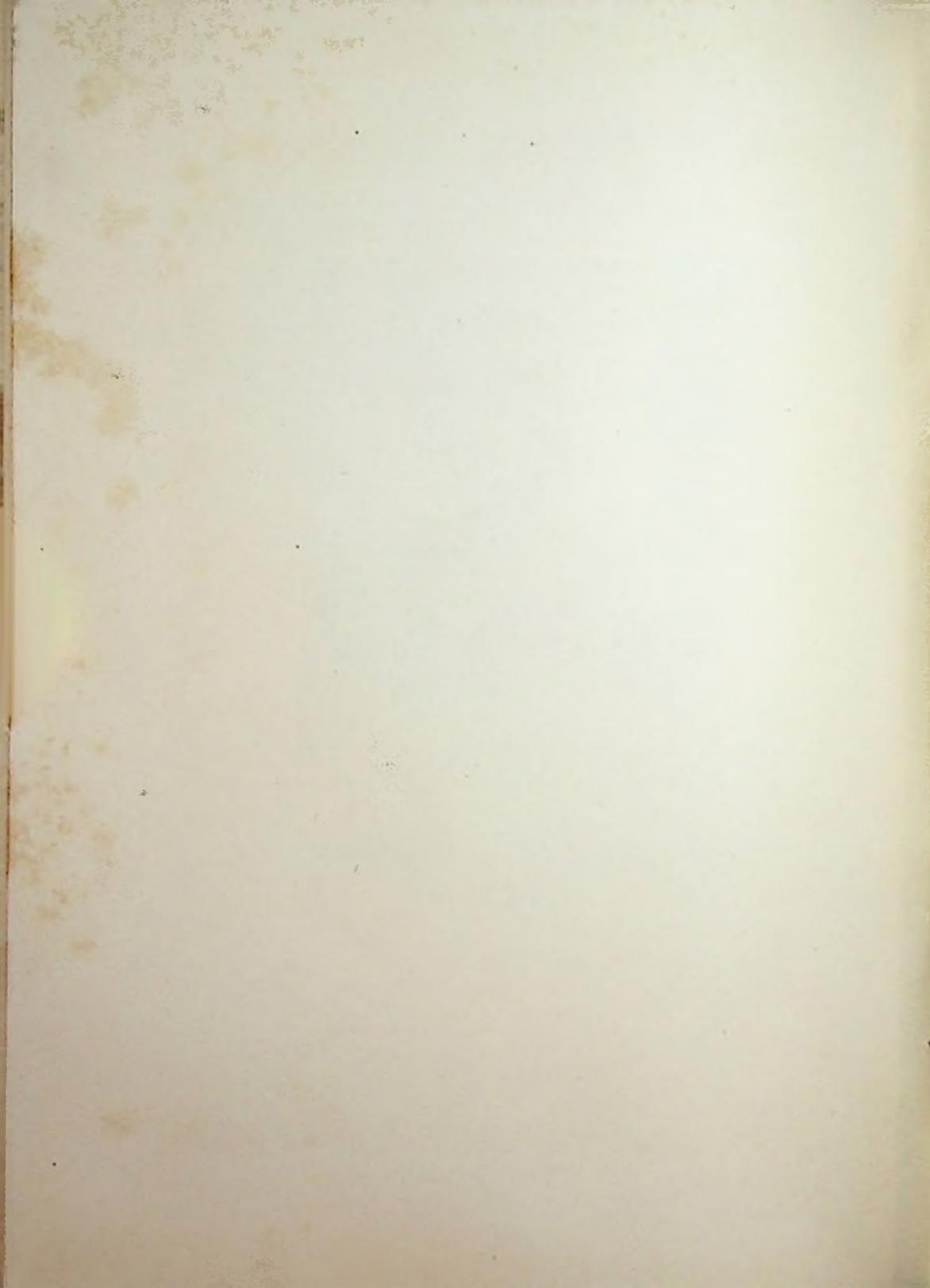
Por Aviso de 20 de Outubro de 1842 foi nomeado para commandar a fragata *Constituição*, capitanea da divisão que devia ir a Europa, sob o commando do Chefe de Divisão Theodoro de Beaurepaire, conduzir a futura imperatriz do Brasil. Desta commissão regressou em 3 de Setembro, sendo então elogiado. Por aviso de 12 de outubro de 1843, desembarcou da fragata, visto ter sido por Decreto da vespera promovido a chefe de Divisão.

Por Immediata Resolução de 15 de Julho de 1848, tomada sobre consulta do Conselho Supremo Militar de 14 do mesmo mez foi reformado no posto de Chefe de Esquadra.



Pedro Antonio Nunes

Vice-Almirante



Pedro Antonio Nunes

VICE-ALMIRANTE

Nasceu em Portugal.

Depois de feito os estudos necessarios, obteve pela Academia de Marinha de Lisboa carta de piloto, sendo mandado embarcar em 1 de abril de 1796 no brigue *Gaiota*, já promovido ao posto de Segundo-tenente desde 11 de fevereiro desse mesmo anno.

No anno seguinte a 10 de janeiro passou d'aquelle brigue para a fragata *S. João do Principe*, em cujo navio poucos mezes depois, a 6 de abril, foi promovido ao posto de Primeiro-tenente, continuando a servir na esquadra da America, embarcado então em 27 de agosto na fragata *Minerva*, capitanea dessa esquadra; começou d'ahi em diante Pedro Nunes a compartilhar dos destinos da colonia que muito em breve se tornaria a cabeça do reino lusitano.

Ao seguir a fragata *Principe Imperial* para a Europa, depois da nova guerra que estalou em 1801 entre Portugal e Hespanha, passou para a não *D. João de Castro*.

Promovido á capitão-tenente em 13 de maio de 1802, foi nomeado para commandar o bergantim *Condessa de Rezende* em 26 de março de 1803.

Tendo deixado o commando d'esse bergantim, regressou á não *D. João de Castro*, continuando a vencer como commandante do mesmo, por despacho da Junta da Fazenda da Esquadra do Brasil, até 3 de maio de 1814 assumindo então o commando do bergantim *Ballão*, no Rio de Janeiro, e em cujo exercicio se conservou até 29 de abril de 1808, quando então desembarcou.

Já então se achava no Brasil a familia real portugueza.

O periodo de estagnação a que foi condemnada a marinha, devido a anarchia que se succedeo aos attrictos entre o ministro da marinha e o príncipe d. Pedro Carlos, nomeado Almirante geral da Armada, liovou a deserção aos jovens officiaes que se viam inactivos e sem perspectivas de melhorar suas posições pelo grande numero de officiaes generaes conservados em empregos burocraticos, todos elles já em avançada idade. Mais se cuidava então do bem estar desses recém-promovidos do que dar feição nova e activa a alma que havia feito em tempo a grandeza de Portugal — a marinha.

Offerecendo-se opportunidade a D. João para intervir na contenda suscitada entre a Banda Oriental, ainda sob o poder do Hespanha e Buenos Ayres, como director politico das provincias emancipadas d'aquelle jugo, tentou o monarcha de entrar n'ella com o ambicionado fito de estabelecer commercio no estuario do Prata.

O decreto dictatorial do governador Posadas, do Buenos Ayres, de 7 de março de 1814, incorporando as Provincias Unidas do Prata, o territorio da

Banda Oriental, fez com que novamente se agitasse a côrte portugueza na empreza que anteriormente em 1812 se empenhára e que o ministro inglez fizera fracassar.

E' por demais sabido que a tutoria da Inglaterra sobre Portugal tornou-se completa depois que D. João recolheu-se ao Brasil; entregue manietadõ aos interesses inglezes, vigiava-o o visconde de Strangford.

Encheo-se de pruridos guerreiros D. João ao chegar a colonia; declarou guerra á França, emprehendendo a conquista de Cayena, mas para isso não querendo sacrificar os soldados da metropole e não bastando para a empreza os recursos pesoaes e materiaes dos filhos do paiz, taes os fornecidos pelo Pará recorreo ainda aos inglezes, aos quees pagou bem caro o auxillio; com elles ficaram todos os navios apresados, como já tinham a recato grande numero d'elles, propriamente portuguezes, que foram mandados para portos inglezes, na occasião da partida do rei para America.

Quando depois, querendo aproveitar-se da lucta travada entre Montevideo e Buenos Ayres, para annexar a Banda Oriental, veio-lhe ao encontro o seu alliado para fazer-lhe assignar um armisticio inglorio. Pretendia para si a Inglaterra maior quinhão; perdendo na empreza contra Buenos Ayres, veio reclamar de D. João vantagens no Brasil, cousa que não havia conseguido dos platenses. Obteve-as commerciaes de tal monta que fizeram passar o Brasil, como antes Portugal, á colonia sua, nullificando completamente o commercio portuguez nas costas africanas. Pretendeo, fundado n'estas concessões, fazer connosco a mesma cousa, depois de nossa independencia.

Devido o isto, Artigas, na Banda Oriental, trabalhando a principio por conta de Buenos Ayres, concebeo fazer daquelle territorio uma patria livre; pôz-se a campo como chefe dos Orientees, repellindo as intenções platinas que d'elle se queriam assenhoear. Conhecia a fraqueza de Hespanha em conservar-o; certo de que não tinha apoio Portugal se o intentasse conquistar, porque a divergencia entre os interesses de D. João, de um lado e de sua mulher D. Carlota Joaquina, por Castella, a isto se oppunham, tratou pois, de primeiro tanger do territorio os argentinos, depois de que atirou-se contra as nossas fronteiras rapinando e assassinando a seus inermes habitantes.

Para levar a effeito a sua pretensão D. João, de accordo com Herrera, inimigo de Artigas, ordenou que em Portugal fosse sigilosamente organizada uma expedição, cujo fim seria a occupação da Banda Oriental, insurgida ás ordens de Artigas.

Escolhidos para esse fim foram diversos officiaes de marinha, que deveriam ir a Lisboa organizar o serviço de transporte. Foi então o capitão tenente Pedro Antonio Nunes por ordem da secretaria de marinha, communicada pelo vice almirante Costa Quintella em data de 5 de Abril de 1815, nomeado para tal fim, sendo empregado ás ordens do chefe de divisão Rodrigo José Ferreira Lobo.

Na fragata *Principe D. Pedro*, seguiu elle e em chegando a Lisboa lhe foi dado o commando da Fragata *Fenix*, em 22 de Junho. Desse navio cujo commando entregou ao capitão de mar e guerra, Pimentel passou como capitão de bandeira para a não *Vasco da Gama* em 22 de Agosto.

Embarcada a expedição composta de uma Divisão do exercito, denominada de « Voluntarios Reaes », com o effectivo de 4831 praças sob o commando do brigadeiro Lecor, em onze navios, fez-se de vela para o Rio de Janeiro, onde chegou a 30 de Março, depois de 44 dias de viagem. Combinavam taes navios a não *Vasco da Gama*, sob o commando de Pedro Nunes, arvorando o pavilhão do chefe Rodrigo Lobo, e a charrua *S. Joao Magnanimo*.

Em vez porém de seguir directamente para Montevidéo tal expedição, conforme fôra combinado e estava estabelecido no plano de campanha, sómente a 12 de Junho seguio ella, porém com destino a Santa Catharina, onde desembarcaria para seguir por terra.

O principal motivo dessa mudança foi o facto de vir tal expedição mal preparada e preciso foi recorrer no Rio Grande a uma subscrição para obter o numerario para pagamento de municiamiento e soldo da tropa. No entanto emquanto para attender a essa assim se procedia, atirada e esquecida nas margens do Uruguay, sem o minimo recurso, estavam as tropas nacionaes.

Tendo sido mandada organizar uma frotilha para operar contra as costas da Banda Oriental, no commando d'ella foi posto o capitão de mar e guerra José Manoel de Menezes, filho do marquez de Tancos. Coube a esta frotilha composta da corveta *Calypso*, brigue *Real Pedro*, escuna *Tartara* e transporte *Patrimonio* a missão, começando pelo porto de Maldonado. Ali já se achavam a fragata *Fenix*, de 36 canhões, commandada desde 26 de Setembro por Pedro Nunes, e os brigues *Gaiivota* e *Falcão*.

A 20 de Janeiro entrava trinnphante o general Lecór em Montevidéo, fundeando no mesmo dia no porto a esquadriha bloqueadora.

Para galardoar os serviços de Pedro Nunes, foi elle promovido a capitão de fragata graduado por Decreto de 12 de Outubro de 1817.

Nessa mesma occasião foram promovidos quantos tomaram parte n'esta campanha, como duplamente foram galardoados os que tomaram parte no martyrio dos pernambucanos.

No anno seguinte foi Pedro Nunes, por acto de 14 de Janeiro, nomeado commandante da charrua *Principe Real*.

Presenciou desde então Pedro Nunes os prodromos revolucionorios que começavam a manifestar-se depois que os acontecimentos de Portugal reclamaram a presença do rei n'aquella parte.

Resolvida por fim a partida da familia real, ordenou-se o apresto de uma esquadra. Concluido este, a 26 de Abril de 1821, embarcou-se o rei com a familia e cerca de 4.000 pessoas nss seguintes navios: Não D, *João VI*, arvorando o pavilhão do chefe de esquadra José Manoel de Menezes, 1º marquez de Vianna: fragata *Real Carolina*, charruas *Orestes*, *Conde de Peniche* e *Princeza Real*, corveta *Voador*, brigue *Reino Unido*, *Hyate Real*, commandado pelo capitão de mar e guerra Pio Antonio dos Santos, o unico official filho do Brazil que acompanhou D. João e continuou a servir a mãe patria; transporte *1 de Abril*, *Fenix*, *7 de Março* e *Grão Cruz de Aviz*.

Na esquadra que zarrou no dia 26 de Abril de 1821, levando de regresso á Portugal a familia real, no commando da charrua *Princeza Real* se achava o capitão de fragata Pedro Antonio Nunes.

Com intima satisfação haviam visto os verdadeiros brasilienses afastar-se de nossas plagas a cabeça do monstruoso e insaciavel polvo que os devorava.

O momentaneo allivio que se succedeo ao affroxamento dos tentaculos que o prendiam á metropole, deu forças ao depauperado organismo para reagir: teve então consciencia que era chegado o momento de decepar definitivamente taes ligamentos. Não tardou muito; acaçalada a arma por José Bonifacio no sentimento patrio dos filhos desta abençoada terra, foi posta ás mãos do impulsivo principe que havia sido deixado como regente. D. João VI, tocado do Brazil pelo aguilhão manejado pelas côrtes portuguezas, ia ter no filho quem o vingasse; este ferido no seu amor proprio accetou a arma e desferio o golpe que separou o Brazil de Portugal:

Na ancia de aniquilamento do Brasil as Côrtes Portuguezas não escolliam meios: era preciso castigar de toda a fôrma a terra fructuosa que não mais lhe mandava ouro á granel, como antes, para sustento e gaudio de uma sociedade apodrecida no vicio e na ociosidade.

A todo o transe era preciso reduzir novamente a cathegoria de colonia a parte do reino que dêra assento á Portugal no convívio das nações de primeira ordem e por essa razão com o fito politico de retirar-lhe qualquer direito de soberania ordenaram aquellas côrtes que velejasse para o Brasil uma divisão de sua esquadra, afim de conduzir para Lisboa, mesmo á força o o príncipe regente, meio mais prompto, no entender d'ellas, conseguir o fim almejado: Ferroepeava-se assim, de novo, o Brasil que ja durante tres seculos havia expiado a culpa de ter sido por acaso encontrado e não descoberto, por quem não despunha de meios para guardal-o. Aos pedaços queria reduzir o avarento a preciosa joia que inteira não soubera conservar.

Conquistada a Banda Oriental, querendo D. João antes de deixar o Brasil, aplinar as difficuldades que pudessem apparecer para seu filho D. Pedro, deixado como regente, ordenou ao brigadeiro Carlos Frederico Lecor, nomeado Capitão General que conseguisse por votação a incorporação d'aquelle territorio á corôa portugueza.

A 31 de Julho de 1821, por unanimidade de votos. com o nome de Provincia Cisplatina foi aquella região incorporada ao Brasil e a 5 de Agosto, fazia-se solenne juramento de fidelidade ao rei.

A' calma succedida depois deste facto, foi pouco depois perturbada pelo da nossa independencia, repellida e combatida pelas tropas de occupação na maioria portuguezas e que seguiram as opiniões de d. Alvaro de Macedo, em contraposição a do Capitão General, governador e barão de Laguna.

Ao retirar-se do Brasil a 26 de Abril de 1821 a familia real, deixando D. João VI esta parte do então reino luzitano entregue á regencia de D. Pedro, julgava segura a occupação da Cisplatina, onde ao mando do barão da Laguna se achavam a divisão de voluntarios reaes que mandara vir de Portugal e outras tropas puramente brasilienses.

Sem instrucções relativas ao pensamento do governo sobre a posse definitiva ou provisoria d'aquelle territorio, officiou o barão de Laguna, em data de 21 de Abril de 1821 a secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, por intermedio do da Marinha, cujo ministro era n'aquella epoca o almirante Joaquim José Monteiro Torres, para informar das circumstancias em que se achava o paiz occupado e da critica posição em que se encontrava.

Dizia... « como porém se esta occupação é proveitosa aos Interesses da Nação e d'El-Rey e se por isso deve continuar, convém empregar certos meios, sobre os quaes parece capitalmente entrarem os que de V. Ex. dependem ».

Explicava que a entrada de forças n'aquella provincia fôra sempre olhada como conquista e que tal facto contradizia as aspirações de muitos pretendentes á dominação d'ellas: Assim: «da Hespanha, pelos motivos da antiga posse: de homens ambiciosos d'aquella Provincia, que tendo visto figurar Torquez, Barreiros, Artigas e Rivera e os mais que á sombra da anarchia concebiam, e com feliz successo effectuavam projectos, que a ordem suffocava, queriam outro tanto para si: Aos mandões de Buenos Ayres; que na desordem do territorio viam a fonte mais perenne de direito que pretendiam ter ao dominio d'elle, e o meio facil e fecundo para mais cedo, ou mais tarde lograrem o seu designio.

«Se tambem os estrangeiros foram contrariados, não sabia, não deixava porem de saber que por algumas nações tinha sido elle avaliado muito aci-

ma de seu preço e por isso muito desejado; que outras o contemplavam como escada para destino que as desordens da America Hespanhola lhes figuravam muito assessiveis, seja para se estabelecerem e prosperarem n'esta Região, seja para entorpecerem a prosperidade do Brasil, que tal como ella pôde ser os poem em cuidado ».

Em seguiu'a entrava em considerações sobre a facilidade com que eram obtidos em todos os pontos da costa, principalmente couros livres de direitos ou lezados por alfandegas mal administradas e por guardas que facilmente se peitam: a occupação não agradava a quem tinha menos conveniencias, por causa delle. . . Os nossos visinhos de Buenos Ayres pensavão de um modo analogo ou parte, que a este respeito lhes tocava, e de mais a mais obrou sobre elles aquella poderosa razão de rivalidade limitrophe.

« Estas considerações porem tomarão uma nova phase com o systema de Beneficiencia e Força Auxiliadora que S. M. emprega para com os habitantes da Banda Oriental e com o Systema de Força e Hospitaliddde empregado para com os das Provincias Occidentaes do Rio da Prata e junto a tudo isto a diuturnidade desta occupação, . . .

« De certo tempo para cá esta vontade não ficou só nos circulos de Buenos Ayres; avolumou-se passando para a imprensa da Banda Oriental, tornando vulto depois da expedição contra o Perú.

« Tomaram vulto quando a noticia dos acontecimentos de Portugal da Bahia do Rio de Janeiro chegaram a Buenos Ayres, e os que succederam em Montevidéo no dia 20 de Março pp., desfigurados por meio de relações pouco exactas, a que o manifesto publicado em nome da Divisão de Voluntarios dava apoio e combinavam com elles o desagrado com que no manifesto da Nação se falla desta occupação. O Governo de Buenos Ayres calculando sobre dados de que a monarchia experimentava uma d'aquellas mudanças, o que se tratava de restabelecer na Europa a séde da monarchia de que para o futuro ella esperava inconvenientes a favor do systema americano de que o manifesto nacional apoia as queixas dos Hespanhões por esta occupação e se lamenta de despeza e do prejuizo de guerra feito aqui, e de que pelo manifesto em nome desta Divisão, ella não queria continuar n'este Paiz, onde se considerava por momentos, deduzio, em resultado, que era chegado o tempo de renovar a questão que tinha comnosco, e que as circumstancias lhe fizeram suspender, mas não dar por terminadas: que por esse modo não se consolidava a opinião das Provincias dissidentes da parte Occidental do Uruguay e do Paraná, cujo motivo ostensivo de queixume, e de separação é o não declarar o Governo de Buenos Ayres a guerra aos portuguezes, e a manter com elle relações de harmonia; mas até incita os habitantes da Bauda Oriental a que se levantem contra nós, e que assim receba a importancia perdida e se dispoem a levar ao centro do Brasil o facho de discordia e o espirito de separação de Portugal, esperanza que ali ainda muito valida e que muito lhe fortificão noticias que dizem receber de bons conductos, o que lhes dá uma extraordinaria confiança a volta de S. M. para Portugal.

« Sabendo V. Ex. que em Buenos Ayres ha um cabal conhecimento da nossa nullidade maritima no Rio da Prata, por que se assim não fosse já se guardavam bem de fazer ali cousa de que pudesse resultar o bloqueio de um porto, que da Alfandega e do estrangeiro terá os soldos dos empregados publicos e muitos artigos de geral necessidade e que la se tem feito armamento naval, poderá concluir quaes sejam os meios, que n'este Paiz se precisam, quando esta occupação convenha aos interesses de monarchia e deva sustentar-se com este character ou com outro mais amplo, que um desenlace politico reclama

•O capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira que a V. Ex. entregará este meu officio, e cujo prompto regresso desejára merecer de S. Magestade e de V. Ex. attendendo ao bom serviço que de um zelo e mais partes recomendaveis elle pode aqui prestar, e que pelas circunstancias tem sido muito menor do que certamente della se deve esperar, terá a honra de pôr na presença de V. Ex. as informações que principalmente no ramo da Marinha a respeito deste paiz V. Ex. queira levar. . . .

Em vez de regressar o capitão de mar e guerra Cunha Moreira, foi elle depois de outras commissões occupar a pasta de marinha; era o official de mais alta patente, filho do Brasil, que, se então contava na marinha portugueza.

A 24 de Junho de 1821 foi Pedro Nunes promovido a capitão de mar e guerra effectivo, promoção essa que não foi reconhecida pelas côrtes portuguezas, pois negarem á D. João o direito de fazel-as em viagem.

Em Lisboa não conseguia a deputação brasiliense ás côrtes demover os metropolitanos da ingloria e calculada vesania de querer reduzir novamente o Brasil ao estado de colonia.

Fatal era a lucta.

A divisão mandada preparar para obrigar D. Pedro a seguir para Lisboa e que largou do Tejo na segunda quinzena de Janeiro de 1822 ás ordens do chefe de divisão Francisco Maximiano de Souza, era composta da não *D. João VI*, fragata *Real Carolina*, charruas *Princeza Real*, *Orestes*, *Conde de Peniche* e *Sete de Março* e mais de uma divisão independente numerando as corvetas *Princeza Real*, *Voador*, escuna *Maria Zeferina* e *Leopoldina* e transporte *Quatro de Abril*, conduzindo 1.176 homens de tropas; ao chegar ao Rio de Janeiro, já encontrou o principe regente em resoluta reacção.

A caminho de Lisboa, havia sido posta á força, pelos nacionaes, o general Avilez, o agente Côrtes no Rio de Janeiro e com elle as suas tropas.

Se em Pernambuco não havia consentido a Junta Governativa que ali desembarcasse tropa, muito menos o foi na capital, onde foram obrigados os navios portuguezes a fundear debaixo das baterias do porto e compellidos os officiaes a prestarem obediencia ás determinações do Regente.

Muitos dos officiaes que vinham n'esta expedição, desgostosos com o proceder das Côrtes que haviam tornado sem effeito a promoção que em viagem fizera D. João VI, resolveram-se a abraçar a causa do Brasil.

O fracasso da divisão foi completo. Regressou a Lisboa desfalcada da *Real Carolina*, de 894 homens e de muitos officiaes, entre elles o capitão de mar e guerra graduado Pedro Antonio Nunes.

Desde então veio participar das glorias do Brasil e por elle dar o seu sangue.

Em Montevidéo abriu-se a lucta; o barão da Laguna apoiado nas tropas brasilienses ao mando do general Marques de Souza e em outras adhesistas achava-se em contraposição ao brigadeiro D. Alvaro da Costa Souza e Macedo que sustentado por 19 officiaes, tomou o commando das portuguezas.

Fundado este em que sendo a Cisplatina conquista portugueza não consentiria na sua annexação ao Brasil; declarou, em vista do proceder do barão da Laguna, trahidor á patria aquelle fazendo-se eleger a 29 de Setembro chefe do governo. Fiel ás ordens das Côrtes portuguezas, D. Alvaro soube tirar partido da fraqueza do barão da Laguna, mais cioso das suas prerogativas de Capitão General do que da administração militar do paiz, pois da civil essa se achava completamente entregue aos naturaes que encontravam em d. Rosita a jovem esposa do velho governador, a mais decidida patrona dos interesses de sua terra.

Desse decido resultou ser recusada pela maioria da junta governativa o decreto de D. Pedro que mandou convocar as cortes. D. Alvaro julgando encontrar apoio no povo da Cisplatina havia feito uma proclamação no dia 28 de Junho, dizendo que sendo aquella provincia uma conquista portugueza não poderia destacar-se da causa d'ella; sua proclamação não encontrou porem echo; por essa razão declarou que estava prompto a executar as ordens de D. Pedro, embarcando-se com a tropa que o quizesse acompanhar para Portugal.

Haviam comprehendido os filhos da Cisplatina que mais valia serem cidadãos de um Imperio que se levantava, do que colonos de um reino que se eclipsava; os principaes delles prestaram a 17 de Outubro, juramento de fidelidade ao Imperador.

Não longe porém estava quem ardilosamente espreitava o momento propicio para obstar a que se estabelecesse a harmonia alnejada entre brasileiros e orientaes.

O proveito que Portugal queria tirar da Banda Oriental, entregando á Hespanha em troca da praça forte de Olivença não convinha á Buenos Ayres, que reclamava aquella margem do Rio da Prata como parte integrante do antigo vice-reinado e nem tão pouco ao Brasil, que o tinha como herança e ainda por annexação voluntaria.

Nada conseguindo e cheio de odio para com o Brasil, entrou D. Alvaro em accordo com os proceres argentino, afim de lhes fazer entrega da coibada joia.

A influencia de Rivadavia na facção de D. Alvaro, começou desde logo Promessas de dinheiro e de recursos outros para levar a termo o odioso conchavo, tiveram o resultado desejado.

Sitiado em Montevideo, pelas nossas forças terrestres, obstinava-se D. Alvaro em protellar a sahida; esperava recursos da Bahia onde reluctava tambem o general Madeira.

Só dispondo de uma fragata e da duas pequenas embarcações, não ousava impedir a acção proficua da frotilha do Uruguay.

Seus esforços para rebellar os batalhões aquartellados na Colonia do Sacramento e em Mercedes e a propria frotilha, estacionada no rio Uruguay, embora mesmo com o assassinato do commandante della, o capitão de fragata Senna Pereira, foram innocuos.

Dessa empreitada se haviam incumbido os officiaes de marinha Souza Soares de Andréa e o 2.º Tenente Leotti; foram porém descobertos o presos.

Em 10 de Setembro o nosso agente em Buenos Aires, o consul Antonio Manoel Corrêa da Camara dirigia ao Ministro da Marinha, Almirante Manoel Antonio Farinha, o seguinte officio: *«Que acabava de receber a noticia do se ter retirado da Praça de Montevideo para se pôr á frente das forças Brazileiras contra a intrusa Junta Militar de Montevideo, o tenente general Barão de Laguna. Posto que não fosse transmittida officinalmente esta noticia, ella he tão provavel, considerados os factos e desajustados Membros d'aquella Junta, rebelde por tantas vezes á lei e a honra do seu Rey e thê da Constituição que jurarão; são tão dignas de prevenção as consequencias que podem seguir-se aos nossos navios, que incautamente aportaram áquelle dado o caso de que se verifique a precitada noticia; muito brevemente receptaculo de atropelladores Piratas: que me apressa a fazer a V. Ex. a presente participação».*

Em activa correspondencia estava o nosso agente, não só com o Capitão de Fragata Jacintho Roque de Senna Pereira, commandante da frotilha que operava no rio Uruguay, como com o commandante da Colonia do Sacramento sobre o movimento dos nacionalistas, como do modo pelo qual agiam os delegados da Junta Militar dirigida por D. Alvaro de Macedo, que de modo algum queria dar cumprimento ás ordens de D. Pedro para que se embarcasse com a tropa sob seu commando.

Em 14 de Outubro communicava ainda Corrêa da Camara a José Bonifacio que havia regressado o segundo expresso enviado á Colonia com officios ao governador d'aquella praça para que os transmittisse promptamente ao Barão da Laguna. Teve que remetter as respectivas respostas originaes por um terceiro expresso, por lhe parecerem não terem sido feitas ou assignadas por elle, não só pela differença de letra, como por lhe serem accusados numeros que não lhe dirigira. Prevenia que achava-se Cominos na Colonia com o navio que havia offerecido, como tambem se offerecia na mesma data ao Barão para tratar do fretamento dos navios que necessitasse.

Dizia mais que o miseravel Andrea, referindo-se ao Capitão Tenente Bernardo Soares de Andrea, um dos emissarios de D. Alvaro, abriu com effeito o officio que por elle me tinha dirigido o General em Chefe, sendo este o motivo porque o recebi sem sello, e com letra differente no sobre escripto. Consta-me estar-se-lhe fazendo o seu consellip de guerra em S. José, onde permanece incommunicavel. Os tres faccinoras do Club Divisionario, o Major Vasconcellos, o Capitão Casas Novas, e outro cujo nome me é desconhecido forão remettidos para essa Côrte por o Rio Grande.

«Foi quasi completo o licenciamento feito ao Batalhão que se achava em Mercês; está a concluir-se o da Colonia, donde se tem passado a Buenos Ayres muitas praças. E' consideravel a deserção em Montevidéo. Dizem-me que o Barão lá á um movimento para a favorecer, chegando-se para mais perto.

«Principião-se a descobrir-se varios Bandos de Salteadores na Banda Oriental: communiquei ao Barão as suspeitas que tenho de que semelhante apparição seja uma manobra Carbonaria que ensaie deste modo o alevantamento dos *Garruchos*,

«Acaba de chegar a este porto o bergantim *Águia Douro*.

Seu mestre Antonio Rodrigues da Silva Leça, desesperado *Pé de Chumbo*, parece vir encarregado pelos desorganizadores do Rio para espalhar noticias desagradaveis contra o Brasil em Buenos Ayres. Teve porém a desgraça de ser contradito, e publicamente confundido, e desmentido por hum sujeito do meo conhecimento, que por aquella vez fez calar.

Não seria inutil que á sua volta a essa Côrte fosse Leça obrigado a provar perante o Chefe de Policia a falsa noticia, que aqui deo de que se davão bordoadas de todo tamanho no Rio de Janeiro por ordem de S. A. R. e de que bastava que qualquer se apoiasse no Partido do Principe, para vingar-se dos seus inimigos particulares. Hoje o farei vir a minha presença para reprehendello asperamente, e cohibillo do escandalo que tem dado. Este homem nem hum Despacho me trouxe de V. Ex^a. a Quem tenho a honra de repetir, que, desde que parti do Rio athé o dia de hoje, ignoro se V. Ex^a. tem recebido os meus numeros, por haver de hum só d'elles recebido accuso, ou resposta.

«Antes de hontem dia de S. Alteza Real me apresentei em publico vestido do meu melhor uniforme. Sabia eu de antemão que os mestres Europeos das nossas Embarcações surtas neste Porto fazião tenção de não embandeirar. Julguei conveniente, não dar-lhes a este respeito huma só palavra.

Com effeito, transferi-me ao Molhe ás doze horas do dia 12: e conheci que me haviam mal informado—Leça foi hum dos que concorrerão para este escandalo. Quando me viorem pedir os seus Passaportes lhes estranharei a baixa malicia com que se dispensarão de huma demonstração que o uzo tem feito Lei em todas as partes. He cousa triste que todos ou quasi todos os Mestres dos nossos Barcos sejam Europeos; muitos males nos poderão rezultar para ao diante desse inconveniente, histo hé, termos os nossos maiores inimigos por Guardas dos nossos Theouros, he confiar demasiado em nossos adversarios. Em lugar de Portuguezes Europeos, muito ganhariamos se dessemos o commando dos nossos vasos mercantes aos Estrangeiros, hinda que nos levassem mais meia soldada. Junto os impressos n. 1, 2, 3, 4, 5—Argos, n. 70. Ordem do Dia datada de S. José de 27 do mez passado...

Vendo D. Alvaro frustrados seus insidiosos planos, declarou em 8 de Outubro que embarcaria. Sabedor o nosso governo dessa deliberação apresou-se em mandar sahir a 11 de novembro, uma divisão ao mando do Capitão de Mar e Guerra David Jewett, comboiando os transportes *Bella Bonita*, *Sete de Março*, *Conde de Arcos*, *General Lecór* e brigue *Liguri*, nos quaes deveriam embarcar as tropas que formavão a divisão dos Voluntarios Reaes, sitiada em Montevideo pelas tropas brasilienses ao mando do General Marques de Souza e no seio das quaes se tenha acolhido o Barão de Laguna.

A ida de tal divisão a Montevideo, a primeira que arvorou o pavilhão nacional não só tinha por fim influir no animo das tropas que persistiam ás ordens de D. Alvaro, em permanecer no Cisplatina, como tambem mostrar aos povos do Prata a força com que se levantara o novo imperio e ainda fazer sentir aos cisplatinos que poderiam contar com a protecção necessaria.

Não encontrando apoio o Capitão de Mar e Guerra Jewett, commandante da divisão no chefe de esquadra Rodrigo Lobo que se apresentou á bordo afim de receber ordens do imperador, nem tão pouco no barão da Laguna, quanto á sua idéa de apossar-se pela força da fragata *Thetis*, que se achava fundeada dentro do porto, ou então destrui-la pelo fogo, caso não pudesse rebocal-a, fez entrega dos transportes e depois de vinte dias regressou para o Rio de Janeiro, conforme suas instrucções.

Era a fragata *Thetis* a capitanea da naval existente no Rio da Prata, velha fragata que bem dizia com as demais embarcações de diminuto porte, adquiridas na praça do Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, quando organisou-se a expedição que foi dada ao Conde de Vianna para o ataque a Montevideo.

Ao dar-se o rompimento entre o Barão de Laguna e a Junta Militar preteudo Rodrigo Lobo aprestar tal navio, para o que ordenou que do arsenal fosse levado o panno para bordo, no que foi obstado por D. Alvaro que lhe fez sentir o seu proceder e formalmente lhe declarou que a *Thetis* seguiria para Portugal.

Para obstar que a fragata sahisse do ancoradouro mandou guarnecel-a com um forte destacamento de tropas de terra.

Recusando-se D. Alvaro a embarcar retirou-se Rodrigo Lobo para a Colonia do Sacramento, emquanto os transportes foram para Maldonado, sob a guarda da escuna *Maria Thereza*, unico navio que Rodrigo Lobo conservava sob suas ordens, além dos que estavam no rio Uruguay.

Parece que tudo estava disposto para que taes transportes cheissem nas mãos de D. Alvaro. Tendo sido mandada a *Maria Thereza* comboiar até a altura da ilha das Floras uma galera na qual fôra embarcado o 1º batalhão de Caçadores que se achava na Colonia e no seu regresso entrar em Maldo-

nado donde deveria trazer oito ou dez caronadas para armar o brigue comprado a Cominos e denominado *Rio da Prata*, ao passar em frente a Montevideo, revoltou-se a guarnição da embarcação com o immediato e o pratico, depois de prender o seu commandante o 1º Tenente Cabral e Teive e dous officiaes que eram filhos do Brasil, foi pôr-se ás ordens de D. Alvaro. O mesmo aconteceu com os transportes *Conde de Arcos*, *General Lecór* e *Liguri*.

Em 29 de Dezembro communicava o Barão de Laguna que «tinha dados que demonstravam o Conselho Militar trabalhar para protellar o embarque da tropa, mesmo depois que estivessem promptos os transportes fretados por sua ordem pelo Consulado em Montevideo e que para isso tornava-se preciso apertal-as por mar e por terra; para o que pedia ao Ministro da Marinha dous navios de guerra ligeiros que pudessem approximar-se mais do Porto, visto não o poderem as fragatas pelo seo calado, e assim tornar-se mais effectivo o bloqueio, ajuntando-lhe as pequenas embarcações de que se poderia dispôr, as quaes mal podem soffrer um pampeiro fóra da bahia, em que não podião entrar sem risco de ficarem detidas como se achava a fragata *Thetis*, a qual dizem os inimigos da causa do Brasil deve ir para Portugal por assim determinar D. João 6º.

«A fragata acha-se sem maruja, que será difficultoso arranjar, porem cabeças desorganizadas tentão tudo, e portanto no caso em que a fação sahir sem eu puder embarçar farei avizo a V. Ex. com antecipação afim de que a esquadra possa sahir ao encontro do comboy e vergastar a fragata.

«Os quatro transportes vindos do Rio de Janeiro para a conducção da tropa de Montevideo achão-se fundeados em Maldonado para onde fez sahir na retirada do Capitão de Mar e Guerra Jewett, afim de evitar que se aproveitassem delles a seu capricho, e despuzessem dos mantimentos que trazem a seu bordo.

«Os restos dos Baialhões de Cassadores 1º e 2º em breve dias embarcarão na Colonia para seguirem a Portugal tocando nesse Porto do Rio de Janeiro como desejo como soldados subordinados.

«Comprei a es una do Horne, o qual se acha na Colonia arranjando-se da melhor fôrma, apezar de faltar ali quasi todo o necessario, afim de pôr em estado de guerra, o que se fará tirando algumas bocas de fogo das escunas empregadas em Uruguay.

Mal sahia a barão da Laguna que em poucos dias se daria o que foi relatado anteriormente.

Sabedor do que se passava em Montevideo, onde a acção frouxa de Rodrigo Lobo tão accentuadamente se fez sentir, foi resolvida a suachamada ao Rio de Janeiro: em data de 3 de Fevereiro foi nomeado para substituil-o o Capitão de Mar e Guerra Graduado Pedro Antonio Nunes.

Satisfazendo o pedido do General Lecór no dia 19 de Fevereiro sahiram do Rio de Janeiro o brigue *Real Pedro*, de 18 canhões commandandada pelo Segundo Tenente José Guilherme Rodrigues de Souza e a escuna *Cossaca*, commandada pelo Segundo Tenente Jacintho Alves Branco Muniz Barreto.

Em 23 do mesmo recebia o Capitão de Mar e Guerra Graduado Pedro Antonio Nunes as seguintes instrucções.

«Manda Sua Magestade Imperial pela Secretaria do Estado dos Negocios da Marinha que o Capitão de Mar e Guerra Graduado Pedro Antonio Nunes, siga logo na primeira embarcação que sahir deste Porto para o Rio da Prata, afim de tomar o commando da Esquadra ali estacionada, desembarcando no lugar que melhor lhe convier a bem do Serviço; fazendo sahir de Montevideo

para esta Capital a Fragata—*Thetis*—dando parte circumstanciadamente do Estado das Embarcações de Esquadra, Arsenaes, do methodo d'arrecadação da Fazenda, e de tudo quanto fôr conveniente informar O Mesmo Augusto Senhor, bem como participar os Navios de que ali se precisão, e o seu lote, ficando na intelligencia que dentro de pouco tempo hirá hum Bergantim às suas Ordens.

S. M. I. manda remetter ao sobredito Capitão de Mar e Guerra Graduado para sua intelligencia, as Copias incluzas das Ordens expedidas ao barão da Laguna e ao Vice-Almirante Rodrigo José Ferreira Lobo, tanto para a entrega da Esquadra como para a retirada do Vice-Almirante. Palacio do Rio de Janeiro em 23 de Janeiro de 1823. *Luiz da Cunha Moreira*.

Em chegando à Colonia do Sacramento o Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Nunes, tomou conhecimento do que se passava relativamente às manobras de D. Alvaro. No mesmo dia em que assumio o commando da nossa força naval no dia 15 de março de 1823, entravam n'aquelle porto o bergantim *Real Pedro* e a escuna *Seis de Fevereiro*, o primeiro com avarias, fazendo agua pela pópa. Não demorou Pedro Nunes em mandar reparar-as, com o que foi retirado de uma galera que ali se achava perdida.

Commandava a escuna *Izabel Maria* o 2º Tenente José Francisco Regis, que fez sentir ao novo chefe que havia nove mezes não recebiam os soldados vencimentos e que se achavam desesperados, tendo mesmo havido por parte delles ameaça de levar o navio a Montevideo.

Em virtude de denuncia ordenou que 1º Tenente de mar José Maria de Souza Soares que se achava preso á bordo do transporte *Bella Bonita*, afim de ser conduzido para o Rio de Janeiro, tendo procurado seduzir a guarnição da mesma afim de com elle fugir para Montevideo, foi por ordem de Pedro Nunes mandado para bordo do *Real Pedro*, onde incommunicavel esperou sua prssagem para bordo da escuna *Seis de Fevereiro* que a 31 de Março o conduziu para o Rio de Janeiro.

Para attender aos pedidos de Pedro Nunes, a 12 de Agosto foram mandadas para o Rio da Prata a corveta *Liberal* de 24 peças, commandante Garção, brigue *Cacique*, de 18, commandante Capitão Tenente Antonio Joaquim do Couto; brigue *Guarany*, de 17, commandado pelo 1.º Tenente Nicoll, escuna *Leopoldina* de 12, commandada pelo 1.º Tenente Francisco Bibiano de Castro escuna *7 de Março* de um rodizio, ao mando do 2.º Tenente Francisco de Paula Osorio e *Seis de Fevereiro* que reunidas ao *Real Pedro* de 14 canhões e escuna *Cossaca*, de um rodizio, constituiram a nossa força naval, afóra a frotilha do Uruguay, no Rio da Prata.

Em Junho, teve sciencia Pedro Nunes de que o 1.º Tenente Soares de Andrea (que fugido da prisão e se apresentou a D. Alvaro que o nomeou Inspector do Arsenal de Marinha e Commandante do porto e depois Commandante da *Conde de Arcos*) e o 2.º Tenente Leotti haviam partido de Buenos Ayres para Montevideo, e blasonando-se o primeiro de que a guarnição do *Real Pedro* seguiria seu exemplo, para o que faria sahir a galera *Lecór* e a escuna *Maria Thereza*. De facto estiveram aquelles dous navios fundeados em frente a Colonia.

Para evitar a realisacão de que diziam aquelles officiaes, sob o pretexto de concertar o aparelho e o panno do *Real Pedro*, mandou arriar os mastaréos e gavesas no que de muito boa vontade annuo o commandante; dos demais commandantes não tinha desconfianças; da guarnição no entretanto haviam desertado cinco praças.

Apertado D. Alvaro, por terra e mar, com os navios que havia conseguido revoltar anteriormente, organisou uma divisão para oppôr á nossa força

naval: assim é que a *Conde de Arcos*, armada com 26 canhões, *General Lecór*, de 16 canhões; brigue *Liguri* de 16 e escuna *Maria Thereza*, de 14, conseguio a força naval com a qual pretendia obrigar Pedro Nunes a suspender o bloqueio.

Antes, as nossas tropas de terra já haviam dado dura lição ás portuezas em *Puntas de Toledo* e em *Las Piedras*.

Promovido a Capitão de Mar e Guerra effectivo em 12 de Outubro de 1823.

Vendo-se por fim D. Alvaro cada vez mais apertado, resolveu-se a romper o bloqueio. Esperava elle auxilios de Rivadavia que já havia reclamado do Brasil a entrega da Cisplatina.

No dia 20 de Outubro o Cabildo de Montevidéo, devido a surborno e felonias declarou irritos e nullos os actos da annexação ao Brasil. Estava D. Alvaro satisfeito de sua obra: ia então tentar a sorte. Ordenou a sahida de sua divisão, com guarnições dobradas de boa tropa para atacar a nossa.

Ao romper da madrugada do dia seguinte, suspendeo ella do porto.

Compunha-se a nossa divisão bloqueadora dos seguintes navios:

Corveta *Liberal*, de 24 canhões, sob o commando do Capitão Tenente Antonio Salema Freire Garção. Nella arvorava a sua insígnia o Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Nunes, promovido a effectividade em 12 de Outubro.

Brigue *Cacique*, de 18, commandante Capitão Tenente Antonio Joaquim do Couto.

Brigue *Guarany*, de 16, commandante Primeiro Tenente James Nicoll tendo por immediato o 2.º Tenente Joaquim Leão da Silva Machado.

Brigue *Real Pedro*, de 14, commandante 1.º Tenente Francisco Bibiano de Castro, que substituirá o 2.º Tenente João Guilherme Rodrigues de Souza em vista de um acto de insubordinação deste. Tenha para immediato o 2.º Tenente Agnello Petra de Bittencourt.

Escuna *Leopoldina*, de 12 canhões o seu immediato 2.º Tenente Francisco da Silva Lobão, em vez do 1.º Tenente Bibiano de Castro que passara ao commando do *Real Pedro*.

Escuna *Seis de Fevereiro* de 1 rodizio, commandada pelo 1.º Tenente Francisco de Paulo Osorio.

Escuna *Cossaca*, de 1 rodizio, commandada pelo 2.º Tenente Jacintho Alves Branco Moniz Barreto.

Assim que o chefe Pedro Nunes percebeo o movimento dos navios inimigos, ordenou á sua divisão que fossem as amarras largas sobre boias e que se fizessem de vela para ganhar barlavento e afastarem-se das baterias de terra. Atrahidos assim para o largo, quando julgou o chefe brasileiro em distancia conveniente, fez signal para virar de bordo por d'avante, por contra marcha. e em bordos contrarios empenhar o combate.

Apinharam-se as assotéas das casas de Montevideo, como coalhadas ficaram as praias circumvisinhas para onde correo quasi toda a população e guarnição da cidade afim de contemplarem o espectáculo que lhes ia ser fornecido pelas duas forças navaes.

Abrio o fogo a *Liberal*, respondido por todos os navios inimigos encontrando-se todos de fumo tiveram os nossos que virar de bordo, alterando deste modo a formatura para assim terem acção clara da posição do inimigo. E duas vezes mais executaram a mesma manobra para se aproximarem do inimigo, que mais forte, procurava ficar senhor da situação.

Sobre a *Comde de Arcos* atirou-se o brigue *Real Pedro* o intemerato brasileiro Francisco Bibiano de Castro, com cerrado fogo por brigadas, não descançando em atordoal-o, quando em auxilio d'aquelle veio por barlavento a *General Lecór* e pela bochecha do sotavento o *Liguri*. Esse inesperado auxilio á *Comde de Arcos* não diminuiu em nada o animo de Bibiano de Castro, mais audaz o tornou. Seu immediato o 2.º Tenente Agnello Bittencourt, o piloto Manoel Antonio Vieira, o dispenseiro que tomou a si o leme, souberam manter bem alto o nome de valentes. Não quiz deixar de tomar parte no combate o soldado do batalhão de Pernambuco Gonçalo José da Silva, estando enfermo, ergueo-se do leito e apresentou-se a exigir um lugar de combatente.

A *Liberal*, logo no começo da acção, teve o convez empachado pelos cabos e velas do mastaréo da gata que foi cortado por uma certa bala inimiga. Ainda que temporariamente foi obrigada a retirar-se da acção. Logo que recompoz voltou a lutar, contribuindo para a derrota do inimigo.

No *Guarani*, nenhuma avaria houve a notar apesar do intenso fogo da *Comde de Arcos* que durante o combate deu 197 tiros; com extraordinaria galhardia se portaram não só o seu commandante e immediato, como muito se distinguiram os voluntarios Roberto Sotel, Carlos Frederico Gela e Josge Ricardo Trocato. O 1.º Tenente Joaquim Guilherme Rodrigues e Souza que n'elle se achava preso apresentou-se na tolda, armado de espada e pistola, portou-se com galhardia.

A escuna *Leopoldina* teve um rombo a BB por baixo da meza do traquete, atravessando o costado foi a bala alojar-se na couseira e outra a ré das mezas grandes, do mesmo bordo.

A *Seis de Fevereiro*, com rombo ao lume d'agua a BE proximo a almeida destruhio-lhe o paiol de polvora.

Nada de importancia tiveram os demais.

Não podendo os navios portuguezes vencer os nossos, ás quatro horas da tarde metteram em cheio e á força de vela procuraram o porto, acossados pelo fogo dos nossos que até junto das baterias de terra os alvejaram.

A parte d'este combate é a seguinte: Ilm. e Ex^a Snr. Tenho a honra de participar a V. Ex^a que estando surto de frente de Montevideo no dia 21 de Outubro, ao nascer do sol, dei vista da Esquadra Inimiga, sahindo a barra, a qual se compunha dos navios *Comde dos Arcos*, *General Lecór* e *Brigue Sardo* e a escuna *Maria Thérèza*, fiz logo signal ás embarcações do meu commando para levarem ancoras, largando as amarras sobre boias, e naveguei em linha no bordo do mar, nao só para ganhar barlavento ao Inimigo, como tambem para o afastar do porto; e tendo conseguido um e outro fim, virei logo sobre elle por contra-marcha, engajando o combate em bordo desencontrado; tornei a virar, repetindo por duas vezes a mesma manobra, e fazendo sempre um vivo fogo, com o fito de lhe cortar a retirada, porem esta Corveta desarvorou do mastaréo da gata, que foi passado por uma bala, ficando empachado os braços da gavea, e tendo outras balas posto em máo estado o mastro da mezena, bem como os mastaréos de joanete grande e de prôa, o que me obrigou a demorar a barlavento afim de reparar o dainno recebido quanto fosse compativel com as circumstancias.

* Pelas quatro horas da tarde virou o Inimigo no bordo de terra com força de vela, e apesar de eu o seguir logo, com tudo obstar não pude, que elle gahasse o porto onde surgiu ao pôr do sol.

« Além da avaria acima referida, tive muitos cabos cortados, como brandaes, ovem da enxarcia grande e da gata, cabos de labarar, e o pauno crivado de metralha.

« A Escuna *Seis de Fevereiro* recebeu um rombo ao lume d'agua feito por uma bala de 18, que a poz em estado de não poder tornar a entrar no combate; a *Leopoldina* teve tambem dous rombos no costado, e os mais navios não soffreram avaria de consequencia, sem que de nossa parte houvesse algum morto ou ferido.

Pelo Capitão General, o Exm. Barão de Laguna, hei sabido que os inimigos tiveram seis mortos, inclusive um official, um sargento da Brigada, um Contra-Mestre e 18 feridos, havendo os seus navios soffrido grande avaria.

« Tenho a maior satisfação de informar a V. Ex. que o entusiasmo e bravura que notei em todas as guarnições dos navios, que tenho a honra do commandar, excedeu sobre maneira á minha expetativa, quando virei de bordo para atacar o Inimigo senti resoar de todas as embarcações repetidos vivas ao nosso Imperador, o que deu lugar a prometter-lhes em nome do mesmo Augusto Senhor um mez de soldo de gratificação se fizessem o seu dever; e a sua briosa conducta n'este dia correspondeu ao seu entusiasmo, como V. E. bem poderá ver nas partes officiaes dos Commandantes, que n'esta occasião tenho a honra de lhe remetter por copia.

« E' tambem do meu dever levar ao conhecimento de V. Ex. que os Commandantes de todos os navios mostraram muito valor e pericia tanto na rapidez de suas manobras, como no da direcção e actividade do fogo, tendo igual parte o Commandante, Officiaes e Guarnição desta Corveta; assim como o Capitão Tenente José Pereira Pinto que se achava ás minhas ordens para supprir a minha falta por ser o Official mais antigo da Esquadra; e o meu Ajudante e 2.º Tenente João Francisco Regis, como tambem o 1.º Tenente da Armada José Edgar e Tenente do Exercito Ignacio José Penila, o Voluntario do Brigue *Guarany* Carlos Frederico Ycle, o Piloto e seis marinheiros francezes pertencentes ao escaler em que tinha vindo o Tenente Edgard com officios do Ex. Capitão General, os quaes se achavam a mou bordo n'este dia.

« E quanto tenho a expôr a V. Ex. sobre este assumpto, para que se sirva levar a Augusta Presença de Sua Magestade Imperial. Deus Guarde a V. Ex. Bordo da Corveta *Liberal*, surta á vista de Montevidéo, 25 de Outubro de 1824. Illm. e Ex. Sr. *Luiz da Cunha Moreira*, Ministro e Secretario dos Negocios da Marinha, *Pedro Antonio Nunes* Capitão de Mar e Guerra Commandante da Esquadra.»

Em consequencia desse combate que abateo todas as velleidades de D. Alvaro de Macedo, apresentou elle uma capitulação, que foi ratificada pelo Barão da Laguna no dia 19 de Novembro, na qual se obrigava a embarcar para Lisboa, com as tropas que o quizessem acompanhar.

Para galardoar seus importantes serviços no Rio da Prata foi por Decreto de 22 de Janeiro de 1824 graduado no posto de chefe de divisão e a effectivo em 9 de agosto do mesmo anno.

Justamente um anno depois de sua nomeação para commandar as forças navaes no Rio da Prata, recebia ordem do Barão da Laguna para apromptar até o dia 9 de Fevereiro, dous nauios de sua esquadra, em vista de estar proxima a dar á vela os transportes que deveriam conduzir a Portugal a Divisão de Voluntarios Reaes, navios esses que não só estivessem em estado de cumprir o que se achava estipulado no artigo 3.º da convenção de 18 de novembro, es-

cripta em hespanhol como tambem capases de satisfazer ás instrucções que elle Barão expediera, para segurança da costa do Brasil, por onde navegar a expedição.

Apezar da convenção assignada D. Alvaro protellava, apresentando para isso exigencias descabidas. Esperava elle que irrompesse a explosão cujo rastilho havia preparado de accordo com Rivadavia. Em vista de suas manobras ordenou o Barão da Laguna ao chefe Pedro Nunes para que tivesse promptos os navios que se achavam no porto. N'esse interim chegou a corveta *Maria da Gloria* do commando do capitão tenente Alexandre de Beaurepaire com a missão de sondar e informar-se do que se estava a passar em Buenos Ayres.

A 22 de Janeiro de 1824 communicou o chefe de divisão commandante da divisão naval, ao ministro da marinha Villela Barbosa que começara a dar cumprimento ao ajuste entre o Capitão General Barão da Laguna e o Commandante das Forças Portuguezas, sendo entregues os prisioneiros de uma e outra parte. Foram-lhe entregues o Capitão Tenente Francisco de Assis Cabral e Teive, commandante e o 2.º Tenente Luiz Carlos de Almeida, ambos da escuna *Maria Thereza*, levado para Montevideo pela rebeldia de sua guarnição influenciada pelo immediato e pelo piloto da mesma. Dizia mais que continuava fundeado em frente á Montevideo, com todos os navios, esperando para entrar, que as tropas portuguezas evacuassem a praça e que muitos marinheiros da divisão não quizeram receber a gratificação que lhes fôra prometida no dia 21 de outubro.

Teve oito dias depois o chefe Pedro Nunes o seguinte officio que novamente o pôz de sobreaviso : Illm. Snr. Não é ainda com fundamentos positivos, mas já tenho alguns dados, que a prudencia manda attender, para desconfiar que D. Alvaro da Costa, pretende ganhar tempo contra o embarque da Divisão de Voluntarios Reaes para Portugal.

• Até agora não cessou de exigir que se lhe declarasse o dia presumptivo do embarque d'aquellas tropas, mostrando o maior empenho em sahir quanto antes, e quando já tudo está prompto, com insignificante demora, e dependente de pequenas providencias, que iam tomar-se, sahê elle, dizendo que não quer o Transporte *Bella Bonita* porque é roncheiro, visto não deitar com o vento favoravel, mais que sete milhas (e mais do que isto deita elle)

• Que havia melhores barcos promptos e que se não tratou de os afretar. Que não se puzeram Editaes para os fretamentos. Que pretende uma embarcação separada para Hospital e outras varias exigencias desarrasoadas e intempestivas, e que muito se parecem com pretextos que encobrem outro fim : é absolutamente necessario, prevenindo o caso de que algumas noticias da Europa tenham influído para que D. Alvaro queira delongar o embarque ajustado, que V. S. mande já reunir em frente do Porto de Montevideo a força que o bloqueava, e não estiver occupada em diligencia precisa para me servir de apoio ás reconvenções que tenho feito ao mencionado D. Alvaro, sem que por isso V. S. permita a infracção da subsistente Convenção sem meu proprio aviso.

• Cumpre-me tambem prevenir á V. S. de que D. Alvaro tendo declarado que mandava pôr fóra da linha as Senhoras dos Officiaes da Divisão que vêm para este Exercito, disse tambem que se lhe constar que nessa Esquadra são recebidos desertores fará evacuar o Porto de todas as embarcações do Imperio, o que por certo é bem notavel atrevimento, e opinião errada na generalidade com que elle a estabeleceu e necessita contradicção opportuna.

• Eu sentirei que haja motivo para romper a Convenção, mas por modo algum consentirei que se falte a ella em prejuizo dos interesses nacionaes e imperiaes.

«E' pois, necessario deter a Corveta *Maria da Gloria*. Deus Guarde a V. S. Canelones 30 de Janeiro de 1824. Illm. Snr. Pedro Antonio Nunes. — *Barão da Laguna*.

Ao ministro da Marinha que era então Francisco Villela Barboza communi-
cou o chefe de divisão Pedro Nunes o seguinte:

«Illm. e Ex. Snr. Tenho a honra de participar a V. Ex. que em consequencia de um officio do Capitão General, copia n. 1, noméi os bergantins *Cacique* e *Guarany*, para comboiarem os transportes, que hão de conduzir a Divisão de Voluntarios Reaes á Lisboa, e como pelo tratado, estes devem ser acompanhados até aos Açores, ou mais a Leste, eu preveni o referido Capitão General, que era impraticavel aos navios de guerra fazerem a Commissão sem tocarem em Pernambuco, pois não podem receber mais que tres mezes de mantimentos.

«Tendo officiado ao mencionado Capitão General sobre a retirada da Corveta *Maria da Gloria*, elle me mandou em 30 do passado o officio copia n. 2, ao qual respondi, que a Esquadra estava reunida, e prompta a operar logo que elle o determinasse, e que só a escuna *Seis de Fevereiro* estava em commissão na Colonia, onde tinha ido para trazer dinheiro para pagamento das guarnições, e cuja falta não se tornava sensivel pela pouca força d'aquelle navio.

«Em consequencia do expellido no dito officio eu passo a tirar da Praça todos os mantimentos que puder, não só para a Esquadra. como para a Frotilha do Uruguay, para ficar prevenido para todo e qualquer acontecimento.

«Em 28 do passado, expedi ordem ao Commandante da charrua *Animo Grande* para seguir para essa Córte; porém persuado-me, que tem sido demorado, por não terem ainda embarcado os Officiaes passageiros. Deus Guarde a V. Ex. Bordo da Corveta *Liberal*, surto á vista de Montevideo, 3 de Fevereiro de 1824. Illm. e Ex. Snr. Francisco Villela Barbosa, Ministro e Secretario dos Negocios da Marinha — *Pedro Antonio Nunes*, Capitão de Mar e Guerra, Commandante da Esquadra.

Ainda não tinha conhecimento de sua promoção.

Para comboiarem os nove transportes que conduziram a divisão de Voluntarios Reaes Portuguezes, um nacional, tres americanos, um ingles, um sueco e tres portuguezes, determinou o chefe Pedro Nunes que fossem os bergantins, *Cacique* e *Guarany*; ordenou em vez o barão de Laguna que fossem taes navios, bem como a corveta *Maria da Gloria* para o Rio de Janeiro, sendo então designados o brique escuna *Rio da Prata* e escuna *Leopoldina*, visto pelos reparos de que care iam a corveta *Liberal* e o bergantim *Real Pedro* não poderem seguir com aquella corveta. Iam no entanto os bergantins determinados por Pedro Nunes de consesva ao comboio até uma latitude conveniente, ficando a corveta *Maria da Gloria* para dar a vela no dia 5, com a correspondencia.

Para commandar a escuna *Leopoldina* foi nomeado o capitão tenente Francisco Bibiano de Castro, então interino do *Real Pedro* que ficou commandado pelo 2.º tenente Agnello Petra de Bittencourt, passando o 2.º tenente Francisco da Silva Lobão do *Leopoldina* para o *Real Pedro*. Para immediato da *Leopoldina* foi o Segundo Tenente Luis Antonio da Silva Beltrão, do *Cacique* para o *Rio da Prata* foi o voluntario José Ricardo Trocato.

No dia 8 de Março fez-se emfim de vela a Divisão de Voluntarios Reaes do posto de Montevideo; ficava assim a ultima nesga do nosso territorio livre

das forças da ex-metropole: havia porém D. Alvaro deixado a perversa semente da sizania entre argentinos e brasilienses que desde então iam entrar em liça para a disputa do territorio uruguayo.

Comboiados pelos bergantins *Cacique* e *Guarany* e escunas *Leopoldina* e *Rio da Prata*, seguiram rumo de Lisboa; na altura do Rio de Janeiro deveriam separar-se os primeiros, seguindo os ultimos até o cabo de S. Agostinho. Em seo regresso a Montevideo, salvo ordens em contrario tinham instrucções para aprezar e destruir todos os navios portuguezes que encontrassem.

Logo em seguida tomou posse Pedro Nunes da fragata *Thetis*, da escuna *Maria Thereza* e da barca *Mameluca*.

Para commandar interinamente a fragata *Thetis* que carecia de calafeto nos altos, nomeou o Segundo-Tenente Sabino Antonio da Silva Pacheco e para immediato o Segundo-Tenente Antonio Leocadio de Couto; da *Maria da Gloria* para a *Maria Thereza*, que se achava em bom estado, o foi o seu primitivo commandante o Capitão-Tenente Francisco de Assis Cabral e Teive e para immediato o 2.º Tenente José Eduardo Wandenkolk; a *Mameluca*, ficou para o serviço de aguada para os navios grandes e conducção de mantimentos para a frotilha do Uruguay. Para a *Liberal*, mandou passar o guarda marinha Francisco de Castro Roso e desta para a *Maria da Gloria* o Segundo Tenente Luiz Caetano de Almeida. Para a Capitania do porto foi nomeado o Capitão de Fragata José Pereira Pinto que havia desembarcado afim de preparar os transportes. Tomou posse igualmente do Arsenal de Marinha.

No commando da esquadra conservou-se o chefe de divisão Pedro Nunes até 20 de Maio de 1825 sendo substituido pelo Vice-Almirante Rodrigo José Ferreira Lobo.

Os importantes e valiosos serviços deste chefe não estavam porém terminados.

A contenda pela posse definitiva da Cisplatina ia continuar, agora directamente com as Provincias Unidas do Prata.

No commando do porto de Montevideo e eucarregado dos reparos dos navios se achava Pedro Nunes.

Ao deixar o chefe de divisão Diogo de Brito, o commando da 2.ª divisão de nossa esquadra em virtude de ferimento recebido em combate, substituiu-o o chefe de divisão Pedro Nunes.

N'esse cargo não foi feliz Pedro Nunes, nem o poderia ser tendo como director das operações navaes quem tantas provas havia dado de que não estava na altura de exercel-o.

Descontente o governo da maneira pela qual o vice-almirante Rodrigo Lobo dirigia as operações, havia determinado que entregasse o commando ao chefe de divisão Diogo de Brito, quando porém esta ordem chegou ja havia partido este chefe.

Commandava Pedro Nunes, como dissemos a 2.ª divisão da esquadra, composta dos navios que precisavam de reparos e outros misteres no porto de Montevideo.

Estava com a primeira divisão Rodrigo Lobo na ponta do Indio em bloqueio de alcatea á esquadra inimiga.

E tendo Brown reparado as avarias que soffrera sua esquadra no ataque à Colonia do Sacramento; refeita sua esquadra com um outro brigue, o *Independencia*, de 22 canhões, ex—*Harmonia dos Anjos*,—substituidos os mastros da *Congresso*, que armou a brigue barca, em principios de abril de 1826, fez-se ao mar e foi sondar as paragens da Colonia de Sacramento, donde regressou pouco depois, deixando a cruzar o *Independencia*, o *Balcarce* e a *Sarandy* e com sua capitanea a *25 de Maio* seguida pelo *Republica* e o *Congresso* no dia 9 foi collocar-se em frente ao porto de Montevidéo; na esperança de suspender o navio que mais fôra estivesse fundeado. Em caso de persguição, teria a sua retirada garantida pelos que tinha deixado a cruzar em frente a Colonia, e que Rodrigo Lobo d'onde se achava não poderia vir em soccorro.

Não esperava a força argentina tão rapida manobra dos nossos e que tal afoitamento se desse. Ali estava o chefe James Norton, o valente e audaz marinheiro para mostrar a Brown que aos nossos não faltava animo para com elle medir-se. Eram 11 horas da manhã quando isso se deu.

Achavam-se a *25 de Maio* ao sul e o *Republica* e *Independencia* ao SSO, na distancia de seis milhas um do outro. Quatro horas depois havia chegado a *Nitherohy* ao alcance da capitanea inimiga descarregando uma banda inteira. Havia antes feito o almirante inimigo signal de reunião; vio-se attendido pelo *Republica* que mettendo-se entre a *25 de Mayo*, e pela prôa da *Nitherohy* despeja sobre esta uma bateria. Respondeo-lhe a nossa fragata, seguindo as aguas dos contrarios que largaram todo o pauño. Em fuga já ia o *Congresso*.

Afoito Norton, sem cuidar das escunas que pela marcha não o podiam seguir, durante tres horas continuas ficando a retaguarda do inimigo os vae fustigando.

As 6 horas arribaram os argentinos, procurando enfiar o adversario. Percebendo Norton a manobra arribou ao mesmo tempo, despejando sobre o inimigo a inteira bateria, um bordo para cada um. Em retirada foge o inimigo até que chegando a noute volta Norton a reunir-se às escunas, satisfeito de ter feito com que a capitanea inimiga levasse 9 mortos e 15 feridos; partido o mastareo grande e graves avarias no costado e no apparelho. O *Republica* um morto e dois feridos e diversas avarias.

Teve a *Nitherohy* cinco mortos e 9 feridos.

Apesar desta refrega não desanimou Brown de seu intento em atacar o navio que fundeado mais fôra estivesse. Bem a par das suas posições e de seus movimentos, pois tinha em Montevideo um irmão que lhe fornecia todas as informações necessarias, obtidas no proprio quartel general do visconde de Laguna.

Guardava o chefe inimigo, diz o Capitão Tenente Lucas Boiteux no seu livro. *A Marinha de Guerra Brasileira nos reinados de D João VI e D. Pedro I*, profundo rancor contra o bravo Norton pela dura licção que lhe dera, e projectou, então abordar e aprisionar de preferencia o navio commandado por aquelle valente official.

A 26 de Abril, sahio elle de Buenos Ayres com seis dos seus melhores navios e foi fundear junto ao banco Ortiz, para adestrar o pessoal e levar a cabo o seu temerario intento. Vestio as guarnições com camiseta branca, para distinguil-as das nossas, armou o pessoal das gaveas com pistola e granadas de mão, e designou caldeireiros e carpinteiros para cortar as amarras e pregar as escotilhas dos nossos navios, logo que se desse a abordagem. A senha para a execução de seu sonho audaz, era *Santa Maria*.

«Nada esqueceu o chefe argentino. Pelas duas horas da tarde do dia seguinte 27, fez-se de vela a esquadilha inimiga, e veio se avisinhando lentamente do Cerro, onde pairou, esperando o cahir da noite e o apparecimento do luar. As 11 horas e meia navegou para dentro do porto e, sem ser sentido pelos nossos, cortou a linha dos navios.

Achava-se a fragata *Imperatriz* fundeada em frente ao forte de S. José e a terra de toda a esquadra, tendo regressado de uma viagem a Maldonado e ahí estava para arriar e refrescar o apparelho e pequenos reparos. Não estava no entretanto sem precauções tomadas para repellir em caso de ataque qualquer tentativa ardilosa ou ousada do inimigo, tinha as gavesas sobre fôos, a amarra prompta a ser desmanilhada e de aringne e boia; canhões carregados, com metralha, guarnição armada e repousando junto a bateria.

«O cabo de quarto da *Imperatriz*, nôtando a chegada d'aquelles navios, participou ao official de serviço, Primeiro Tenente Lucio de Araujo. Notando porém, este official que nenhum movimento se manifestava nos demais navios da esquadra não deu grande attenção ao caso. Por fortuna havia a bordo um marujo argentino de nome Ivadish, feito prisioneiro na Colonia, que reconheceu logo os navios de sua patria.

«Brown, ao avisinhar-se da *Imperatriz*, pensou que ella fosse a fragata norte americana *Doris*, que nesse mesmo dia havia partido, e, para certificar-se, fallou-lhe em inglez, perguntando pela *Nitherohy*.

O voluntario Requellas com grande calma, respondeu-lhe no mesmo idioma, apontando a corveta ingleza *Tweed*.

«Brown, acompanhado pelos seus aprocou para ella, mas reconhecendo a burla, vira de bordo e ataca a *Imperatriz* pela pôpa com tremenda descarga. Os nossos já se achavam todos á postos de combate. O commandante o bravo Capitão de Fragata Luiz Barroso Pereira, começou a dar as suas ordens e providencias para a defesa. O grande heroe tinha um presentimento, pois muitos marujos ouviram-no dizer ao Immediato, estas palavras: *Cuidado com a bateria: mas de vez em quando olhae para cima. Hei de começar o combate, mas não terminal-o*. E serenamente, subio para o catavento afim de manobrar, pois pretendia receber o inimigo a vela; infelizmente, porém, ás primeiras descargas do inimigo os cabos de laborar são cortados e as velas furadas, exceptuando-se sómente a bujarrona e a mezena, que são caçadas com presteza. Generalisa-se o combate.

O *Independencia* esforça-se por abordar a fragata pela prôa, mas, graças ás guinadas successivas desta, tem o intento burlado.

A capitanea buenairense consegue enfiar o gurupés pela almeida da pôpa da *Imperatriz*, tentando despejar-lhe no tombadilho a sua gente de abordagem, mas os nossos valentes marujos, abrindo terrivel fogo com os guardas leme, contêm o enthusiasmo inimigo. Vendo a 25 de Mayo a impossibilidade se praticar a abordagem procura afastar-se mas o gageiro da gata do nosso valente navio não o deixa partir passando o chicote do braço grande pelo gurupés, accorrentando-a, emquanto os nossos marujos a castigam furiosamente com descargas cerradas.

De repente, porém, cahe ferido de morte o bravo Barroso Pereira.

Uma bala despedida do cesto de gavea da corveta inimiga atravessa-lhe o mamelão esquerdo e elle cahe desfallecido nos braços de Moreira da Rocha que dirige os homens do leme.

Reanima-se nm instante, levanta-se ainda e grita n'um ultimo esforço, aos bravos que o cercam: — *Não se assustem camaradas, não foi nada.* Levaram-no logo para a camara, sendo substituido no commando pelo immediato, o Capitão Tenente Francisco Rabello da Gama.

Os nossos marujos, que dedicavam verdadeira adoração ao denodado commandante, atiravam-se com maior ardor á peleja, para vingal-o.

O Segundo Tenente Antonio Lopes da Silva, commandante de abordagem não descança e leva a todos os pontos do navio o exemplo da bravura e do enthusiasmo.

Lucio de Araujo, de pé na mesa do traquete, com uma calma heroica, affronta a furia do inimigo audaz.

O *Independencia* tenta ainda executar a ordem de seu chefe, mais é repellido. Os outros navios inimigos, acobardados, não secundam Brown e afastam-se celeremente ao primeiro movimento da nossa esquadra para socorrer a *Imperatriz*.

A *Nitherohy* é a primeira a correr em auxilio da heroica fragata mas, infelizmente chegou quando o inimigo já se havia declarado em retirada. Do costadoe da *Imperatriz* partiu a ultima banda, e tão bem dirigida foi que desarvorou o brigue inimigo do mastaré de joanete de proa.

Tivemos, além do commandante, tres mortos e dez feridos n'esta renhida defeza, que durou uma hora e um quarto.

Os argentinos esconderam certamente, as perdas que experimentaram na realidade, pois não é crível que tentando uma abordagem, tivessem apenas tres mortos e varios feridos» .

A razão de só ter tardiamente, chegado a *Nitherohy* em soccorro da *Imperatriz* explica-se por estar fundeada dentro do porto á sotavento, portanto em difficuldade em marear para alcançar promptamente o ponto onde se combatia.

Servio este facto para que sobre o chefe Pedro Nunes recahissem censuras que mais cabiam ao almirante Rodrigo Lobo.

Terminada a guerra contra as Provincias Unidas do Prata regressou o chefe de divisão Pedro Antonio Nunes.

Pela resolução do Supremo Conselho Militar de 12 de Agosto de 1834 foi reformado no posto de Vice Almirante.

Falleceo.

Faustino José Schültz

CHEFE DE ESQUADRA

Nasceu em Lisboa.

Vinha a Academia de Marinha de Lisboa de ter novo Regulamento pelo Decreto de 1 de Abril de 1796, quando foi creada a classe de Voluntarios da Real Academia, os quaes como os demais alumnos, desde que fossem approvados nos exames praticos do Observatorio da Real Marinha, podiam embarcar nos navios da esquadra com praça de Aspirante á Piloto. Para ser admittido na Companhia como Guarda Marinha só poderia sel-o no fim dos tres annos do curso e se tivesse o fôro de fidalgo ou sido Aspirante á Guarda Marinha, e que só se podia obter, então, sendo filho de Capitão de Mar e Guerra Chefe de Divisão, Coronel ou Brigadeiro. Os Guardas Marinhas eram considerados Alferes, e os Aspirantes como primeiros Cadetes. Não podia pessoa alguma, de qualquer qualidade ou condição, ser Guarda Marinha, sem ter sido primeiramente Aspirante.

Com os requisitos exigidos, como aspirante á Guarda Marinha, foi mandado matricular em 12 de Maio de 1798 na Academia Real, Faustino José Schültz e em seis de Agosto do anno seguinte foi promovido á Guarda Marinha, sendo mandado embarcar a 17 do mesmo mez na náó *D. Maria I*, de cujo navio passou para o de igual classe *Medusa* em 29 de Novembro desse mesmo anno.

Em 28 de Abril de 1804 vem-o embarcado na náó *Rainha*, de cujo navio desembarcou para a elle voltar em 19 de Janeiro do anno seguinte n'elle se conservando até 13 de Maio de 1807, quando foi promovido ao posto de Segundo Tenente; passou então a embarcar no brigue *Vingança* de 22 peças que fazia parte da esquadra do Estreito, sob o commando do Capitão de Fragata Diogo Nicolau Keating.

Foi este brigue incorporado á esquadra que conduzio ao Brasil a familia real, esquadra essa cujo estado de desorganisação, reflexo da em que se achava a administração do reino, não merecia confiança como elemento militar, teve para mais vergonha de ser comboiada por uma divisão ingleza composta das náos *London Malborough*, *Monarch* e *Beaufort*. Como em quasi todos os navios, onde tudo faltava, no *Vingança* não houve agua e lenha. Em chegando ao Brasil foi o Segundo Tenente Faustino Schültz promovido ao posto de Primeiro Tenente, na promoçãa geral feita a 8 de Março de 1808.

Tendo resolvido D. João, logo que chegou ao Brasil, declarar guerra á França, acceso n'elle pruridos guerreiros, determinou que fosse organizada uma expedicção para a conquista da Guyana Franceza. Ainda uma vez não contando com o esforço proprio, desprestigiando a sua marinha, confiou o com-

mando das forças navaes que ali deviam operar a um official inglez, o commodoro James Lucas Yeo, dir-se-ia, que a competencia era um dom peculiar aos estrangeiros. O regente não encontrou entre os innumerous officiaes e marinheiros que vieram na numerosa esquadra o elemento para constituil-a; merito algum encontrava n'elles. Na maioria, promptos aos torneios da desmoralizada cõrte, arredios, porém aos prelios em que se jogasse a vida, deixavam-se, devido ao nepotismo que era o juiz da epoca, ficar na cõrte para abrilhantar as recepções e cortejos com que essa vinha embahir os filhos da colonia. Recorreo-se então á forças compostas de naturaes do paiz e ao governador da capitania do Pará que as organisasse.

Do Rio de Janeiro seguiram os brigues *Voador* e *Infante D. Pedro*, ambos de 18 peças cada um e commandados pelos Capitães de Fragata José Antonio Salgado e Luis da Cunha Moreira, o brilhante filho do Brasil que na marinha portugueza occupava um dos mais altos postos.

No brigue *Infante D. Pedro*, seguiu o Primeiro Tenente Faustino Schültz, embarcado nesse navio desde 29 de Junho.

Em chegando ao Pará, reuniram-se estes navios a *Confiance*, corveta ingleza, que arvorava o pavilhão do commodoro Yco.

No ataque ao forte S. Luiz, no Oyapock, e no Conany, nos desembarques feitos para a tomada de Cayenna tomou parte o Primeiro Tenente Schültz.

Tendo capitulado as forças francezas, coube ao bergantim *Infante D. Pedro* que foi desarmado para servir de parlamentarío ir á França levando o governador Victor Hugues, comboiando duas galeras mercantes onde iam os soldados. A 3 de Março de 1809 fez-se de vela para Lorient.

Se vantagem houve n'essa expedição consistio ella em não ser feita exclusivamente pelos inglezes, os quaes apesar disto só tiveram vantagens, pois o commandante inglez além de saquear a fazenda do governador, apossou-se de todas as embarcações que se achavam no porto de Cayenna e pelo auxilio prestado a Portugal, ainda exigio que lhe fosse paga a somma de 8.000 libras esterlinas.

Como premio tiveram os officiaes um posto de accesso e por essa rasão em 11 de Agosto de 1809 foi promovido a Capitão Tenente e a medalha de prata mandada cunhar para galardoar os bravos que lá estiveram; em regresso embarcou a 16 de Agosto na não *D. João de Castro*.

Apezar do muito que tinha a fazer a marinha nas pendencias suscitadas no sul, onde as colonias de origem castelhanas se levantaram contra a metro-pole no seu ideal de independencia, apodreciam as velhas náos e fragatas no porto do Rio de Janeiro, enquanto em empregos burocraticos fervilhavam, sem estimulo, os officiaes.

Com o desaparecimento da marinha de guerra, eclipsava-se a grandeza de Portugal. A alma da nacionalidade, que tanto havia rolado pelos mares, tendo enchido a sua historia de brilhantes epopêas, havia desaparecido. Os brilhantes traços deixados eram aos poucos apagados pelo proprio destino da raça que era não deixar vestigios vinculados á terra. O sonho do ouro absorvia-a completamente: exgottadas as minas desaparecia o estimulo.

Em verdadeira modorra conservou-se a marinha; mais ergueo o ardor em castigar o que se levantava dentro do paiz do que se propunha fazer em beneficio do patrimonio nacional. O brado erguido em Pernambuco pelos filhos do paiz contra a prepotencia dos metropolitanos, fez parar o avanço que se queria dar em territorio para o sul.

Começava para nós a ancia de liberdade; queriam os filhos do Brasil que o brilho adquirido pela metropole à custa d'elles illuminasse tambem a colonia: não bastava o nome do Reino-Unido, que só tinha de real a expressão; senti-am-se com capacidade bastante para por si sós exercerem soberania; era grande o espaço que o Atlantico occupava entre as partes em que se dividia o reino e presentiam que uma vez regressada a côrte a Europa, continuaria o Brasil na triste dependencia.

Para castigar de modo exemplar a audacia dos Pernambucanos, que haviam feito adiar a proclamação do soberano, foi mandada preparar uma expedição por mais fortalecer a que o Conde de Arcos armára na Bahia.

Na fragata *Thetis*, capitanea dessa divisão, ao mando do chefe de esquadra Rodrigo Lobo, o verdugo escolhido para suppliciar em sangue áquelles que não quizessem seguir "as reaes bandeiras" foi mandado embarcar o Capitão Tenente Faustino Schültz.

No dia 2 de Abril fez-se ao mar a divisão composta da *Thetis*, capitanea, brigues *Benjamin* e *Aurora* e escuna *Maria Thereza* comboiando dez transportes cheios de tropa.

Em Pernambuco, assumio o commando do lugar *Maria Thereza* em 18 de Abril de 1818.

Capitão de Fragata graduado, em 12 de Outubro de 1817, pelos serviços prestados em Pernambuco, pois todos os officiaes que n'essa expedição tomaram parte, tiveram um posto de accesso.

Em 15 de Maio de 1818 desembarcou da charrua *Princesa Real*, para d'onde havia passado, seguindo em 13 de Julho para a Bahia na fragata *Príncipe D. Pedro*.

Tendo seguido para Portugal, de lá regressou em 26 de Maio de 1822, no correio *D. Sebastião*, e desde logo poz-se ao lado dos brasilienses.

Nomeado ajudante do Intendente de Marinha de Santos em 5 de Junho de 1822, esteve de accordo com as medidas tomadas pelo governo para defesa d'aquelle porto e pelas ordens recebidas por intermedio do commandante do brigue *Principesinha*, Capitão Tenente Theodoro Alexandre de Beaupaire, para que promptamente se terminasse a construcção de uma barca canhoneira que se construia no Cubatão, tornou se deligente. Muito trabalhou tambem, em cumprimento ás ordens recebidas em Setembro, para fortificação do porto e continução da construcção de outras barcas canhoneiras. Passou a exercer interinamente o cargo de Intendente em 3 de Outubro do mesmo anno e effectivo em 21 de Novembro, visto ter sido o effectivo eleito membro da Junta Governativa de S. Paulo que era o chefe de esquadra Miguel José de Oliveira Pinto cujo proceder posterior não merecco louvores, associado aos inimigos de José Bonifacio.

Pelos serviços prestados em Santos não só na suffocação da revolta do batalhão de caçadores que ali se deu, como na construcção de barcas canhoneiras foi promovido ao posto de Capitão de Fragata effectivo em 21 de Novembro de 1823.

Dispensado do exercicio do cargo de Intendente em 20 de Dezembro de 1824, recolheu-se ao Rio de Janeiro, onde ao chegar foi nomeado para encarregado da Inspecção da Côrte de madeiras na villa de Campos e Provincia do Espirito Santo, em 29 de Abril de 1825. Dessa commissão regressou em 1 de Agosto de 1826, por ter sido dada por finda.

A guerra que sustentavam-os contra as Provincias Unidas do Prata desde Dezembro de 1825 não o attrahio; era por demais arriscado aquelle campo para colher honras e glorias. A vida sedentaria a que se tinha acostumado não espicaçava-lhe o animo; preferio continuar n'ella e por essa razão, poucos dias depois de sua chegada ao Rio de Janeiro foi nomeado Intendente de Marinha, isto a 18 de Agosto.

Promovido a Capitão de Mar e Guerra em 12 de Outubro de 1827. Tendo pedido exoneração do cargo que exercia foi-lhe esta concedida por Decreto de 1 de Setembro de 1829.

Promovido a chefe de divisão em 7 de Setembro de 1837, reformou-se no anno seguinte a 17 de Julho, no posto de Chefe de Esquadra.

Falleceo em 1858 em Nictherohy.



José Pereira Pinto
Chefe de Esquadra Graduado

José Pereira Pinto

CHEFE DE ESQUADRA GRADUADO

Filho do Tenente Coronel José Pereira Pinto e, de
D. Anna Maria Joaquina, nasceu em 1781, no
Rio de Janeiro. Falleceu a 2 de Março de
1850

A governar a Capitania de Santa Catharina fôra mandado o Major de artilharia José Pereira Pinto a 7 de Junho de 1786; fazendo excepção aos satrapas enviados pela metropole, illustrára-se o digno official como administrador proveccto: dedicou-se com o maior afimco e disvelo ao desenvolvimento da agricultura e industrias, sem descuidar-se da parte militar da circumscripção que lhe fôra confiada, como do bem estar dos seus jurisdicionados. A elle ficou devedora a população catharinense da não confiscação dos teares mandados proceder pelo alvará de 5 de Janeiro de 1785, que prohibio toda e qualquer manufactura de tecidos no Brasil. Sua informação, de que os existentes na ilha e no Continente eram rusticos e só permittiam o fabrico de tecidos grosseiros, valeram o terem escapado da iniq̃ua ordem para queimal-os na praça publica.

A dever tambem lhe ficaram os soldados do Regimento da Ilha, o legendario Regimento dos *Barrigas Verdes*, pelo muito empenho empregado para que lhes fossem pagos os soldos em atraso de vinte e dous mezes e de oito annos de fardamentos.

O interesse que tomou pela construcção naval tornou-se notorio, pois mandou estabelecer estaleiros, donde sahiram diversas embarcações, dentre ellas a mais importante lançada ao mar, foi o bergantim *S. Luis Gonzaga*. Das florestas da sua capitania obteve os pinheiros para mastreação de navios como para os da celebre não *S. Sebastião* e das mesmas arvores ordenou experiencias para extracção do breu e alcatrão, do mesmo modo que aproveitou os nós d'ellas para confecção de roldanas para poleame. Não satisfeito desenvolveo o cultivo do linho canhamo não só para tecidos, como para cabos e estopa. Não se esqueceo do systema viatorio da capitania, pois mandou fazer exploração para construcção de uma grande arteria que ligasse o littoral ao altiplano central, estabelecndo colonos ás suas margens.

Crescido seu pimpolho no meio de tanta actividade maritima, dia a dia se lhe ia desenvolvendo o gosto pela vida do mar e na ilha catharinense tinha o meio para completa fascinação.

Tendo seu pae tanto trabalhado para o desenvolvimento naval, justo era que sahisse da sua progenie quem no mar illustrasse o seu nome. De facto appareceo em José Pereira Pinto esse rebento: herdeiro no nome e nos predicados que exhornaram seu illustre pae, cuja honradez, moldada em outros

preceitos que não os do commum e que era fazer fortuna, se não á custa de erario, pelo menos por extorsão aos jurisdicionados, vio-se por essa razão no entretanto, retardada sua aspiração, pois se achava seu pae impossibilitado de envial-o á sua custa para Lisboa.

Sahido de Santa Catharina aos dez annos de idade , em 1791 quando deixára seu pae o governo, seguio para o Rio de Janeiro.

Não perdendo a esperança o já Tenente Coronel Pereira Pinto, conseguiu tempos depois que na esquadra denominada da America, então sob o commando do Vice-Almirante Antonio Januario do Valle, fosse em 1 de Outubro de 1798 embarcado seu filho com a nomeação de aspirante á Guarda Marinha.

Ao chegar á Lisboa foi confirmada a nomeação de José Pereira Pinto depois de ter feito exame das materias que constituiam o primeiro anno do curso; por Portaria do Conselho do Almirantado de 19 de Outubro do anno seguinte, foi mandado matricular na 2.ª brigada da respectiva companhia de Guarda Marinha.

Promovido a Guarda Marinha na 3.ª brigada em 9 de Setembro de 1800 e completado os estudos academicos, embarcou na fragata *Carlota* em 12 de Junho de 1804.

Depois do tirocinio de embarque em consecutivas viagens, foi promovido a Segundo Tenente por Decreto de 13 de Maio de 1807.

Nas tristes conjecturas em que se achava o soberano portuguez, sem saber a quem attender, se ás exigencias napoleonicas ou ás imposições britannicas, o unico alvitre que bruxeleou na conturbada idéa da familia real foi o suggerido pela propria Inglaterra, o de abandonar a patria e pedir acolhida á colonia que outro prestimo, até então não tivera senão o de alimental-a e a toda a sorte de satrapas enviados para mais exauril-a e amesquinhal-a.

Reunidos ás pressas os melhores navios, na maioria construidos no Brasil, taes as náos *Principe Real*, de 80 canhões, *Martim de Freitas*, de 74 canhões; *Principe do Brasil*, de 74 peças, *D. João de Castro*, fagatas *Minerva*, *Thetis*, *Prinzeza*, *Carlota* e outras, ordenou-se que fossem aprestados para o transporte da familia real e de toda a côrte, ordem essa que só um anno depois chegou ao Rio de Janeiro, tal a confusão.

Na náo *Martim de Freitas*, que veio a ser a nossa *Pedro I*, foi mandado embarcar a 4 de Novembro de 1807 o Segundo Tenente José Pereira Pinto e a 29 do mesmo mez, mar em fóra, veio fazendo parte da esquadra que conduzia a côrte expatriada, em busca das terras patricias.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, poucos dias depois, isto é, a 13 de Maio de 1808, foi promovido ao posto de Primeiro Tenente, contando antiguidade do dia 8, data em que fez D. João uma promoção geral, como galardão aos officiaes da sua esquadra.

Continuou embarcado o Tenente Pereira Pinto na náo *Martim de Freitas* até 2 de Novembro do mesmo anno, quando então desembarcou e descançou um pouco, para em breve fazer-se ao mar em commissão ás costas africanas. Assim é que por nomeação de 24 de Abril de 1809 embarcou para a náo *Affonso de Albuquerque*, donde passou no mez seguinte, a 25 de Maio, para a fragata *Minerva*, designada para ir até Moçambique.

Naquelle porto africano deveria o Primeiro Tenente Pereira Pinto embarcar na galéra *Aurora*, o que se verificou em 16 de Agosto d'aquelle anno e a 27 de Novembro, por portaria do governador e capitão general daquella provincia, assumio o commando da mesma.

Uma vez completamente aparelhada a citada galéra teve ordem de seguir para o Rio de Janeiro, o que fez sem demora; no dia 9 de Abril de 1810, lançou ancoras no porto de destino. Em consequencia de ordem de desarmamento do seu navio, d'elle desembarcou.

Logo depois da chegada da familia real portugueza ao Brasil, collocados todos os apaniguados que a acompanhavam, promovidos todos os officiaes que vieram na esquadra, julgou a côrte não mais precisar dos serviços de sua marinha. Navios de sobra tinham os inglezes para protecção do tutelado a elles o serviço da guarda das costas da colonia, por cujo serviço deu-lhes o commercio maritimo, franquias nas alfandegas e privilegios para extracção de madeiras e construcção de navios.

Para a côrte portugueza nenhum merito havia nos subditos nascidos na Luzitania, muito menos no Brasil; tratava-os com descaço, substituindo-os em todas as commissões por estrangeiros, cumulando-os de favores e honrarias.

As reformas que no serviço naval pretendeo introduzir o infante D. Pedro Carlos, sobrinho de D. João, nomeado Almirante General da Armada com poderes discricionarios, não encontravam apoio nos chefes de maior nome, nem no proprio ministro da marinha, que com ellas via-se amesquinhado.

Contando apenas 21 annos, ignorante completamente em assumpto de administração naval; enfatuado, prepotente e além disso grosseiro de linguagem, entrou desde logo o Infante Almirante General a commetter toda a especie de entaves, á certamente pezada e carcomida administração; quiz de golpe applicar uma legislação e uma organização, tomando por modulo a ingleza, sem ter preparado as bases; e por isso fez ruir, ou melhor acabou por aniquilar a marinha pelo desgosto e pela inercia. Servia-lhe de secretario o Chefe de Divisão José Maria Dantas Pereira, que foi o primeiro director da Academia de Marinha no Brasil.

Muitos officiaes, no dizer do Capitão Tenente Lucas Boiteux, na sua obra citada, diante da inercia vergonhosa a que fôra atirada a sua classe, pediram passagem para o exercito; outros reformaram-se, tornaram-se agricultores ou passaram a servir na marinha mercante. O ministro, velho, achacado e ainda mais, sempre contrariado pelo ignorante e autoritario Almirante General, D. Pedro Carlos, deixava o *barco correr...*"

A marinha de 1812, era assim descripta em uma carta cujos trechos se seguem: "...innumerous Almirantes, Vice-Almirantes, Chefes de esquadras, etc. Soldo está na tinta, e com razão, pois a esquadra portugueza deve chamar-se esquadra subtil. O estado maior é hoje infinito: tambem nada de soldo, só o cobram aquelles que estão em exercicio: "... e ainda (o ministro Galveas) em contestações com o Infante e Almirante General da esquadra subtil, querendo que as nomeações dos intendentes de marinha pertençam á sua secretaria e não ao Infante, e nem o Infante tem energia para representar ao Principe como deve, nem este para resolver."

Em 7 de Julho de 1810 embarcou o Primeiro Tenente Pereira Pinto para a charrua *Princesa Real* em cujo navio se conservou até 8 de Maio do anno seguinte quando passou para o *Invencível*, d'elle desembarcando a 27 de Agosto. Em 18 de Janeiro de 1812 na charrua *S. João Magnanimo* teve embarque; de cujo navio passou ao commando do brigue *Falcão* em 14 de Maio do mesmo anno, do qual desembarcou em 30 de Janeiro de 1813.

Por nomeação de 13 de Dezembro assumio o commando do brigue *Real João*, d'elle desembarcando, por desarmamento, em 14 de Setembro de 1814. Pouco tempo depois, isto é, a 24 de Dezembro, embarcou na não *Rainha de Portugal*, de cuja não passou para a corveta *Calyso*, do commando do Capitão de Mar e Guerra José Maria Alvim em 29 de Junho de 1816 e no dia 4 de Agosto fazia-se de vela para Santa Catharina. Ia rever, depois de trinta e cinco annos a terra onde crescera.

Era a *Calypso* capitanea do esquadilha composta da escuna *Tartara*, brigue *Real Pedro* e transporte *Patrimonio*, que sob o mando do Capitão de Mar e Guerra D. José Manoel de Menezes, filho do Marquez de Tancos e posteriormente 1.º Marquez de Vianna vinha de ser encarregado de bloquear Montevidéo, enquanto o General Lecór á frente da divisão de voluntarios d'El-Rei deveria atacar por terra, auxiliada pelas tropas brasilienses que dominavam o interior.

Coube importante commissão á *Calypso*, qual o de acalmar em Buenos Ayres o prurido bellicoso de que se apoderou dos proceres d'aquelle governo ao saber do intento do governo portuguez em apoderar-se da Banda Cisplatina.

A 20 de Janeiro entrou o General Lecór em Montevidéo, cahindo em nosso poder 292 canhões de varios calibres, uma embarcação com petrechos de guerra, tres presas portuguezas e tres balandras do serviço do arsenal de marinha.

Este proceder do governo luso-brasiliense fundava se no facto de ter em 7 de Março do anno de 1814, o governo de Buenos Ayres por um decreto dictatorial, incorporado o territorio da Banda Oriental ás Provincias Unidas do Rio da Prata e mandado sitiar Montevidéo, que a 21 de Junho capitulava.

Não contaram porém com Artigas, que senhor da campanha e Fructuoso Ribeiro, que desejando fazer do territorio de seu nascimento uma patria digna de viver por si, repelliram o decreto de Posadas. Cahiram elles sobre o violador do tratado, o General Alvear, expellindo-o do territorio. Aproveitando-se dessa lucta, quiz D. João VI vingarse do fracasso de 1812, preparado pelo ministro inglez junto á sua côrte.

Artigas porém que já tinha repellido os de Buenos Ayres, intitulado-se *Chefe dos Orientaes e Protector dos Povos Livres*, começou a hostilizar nossas fronteiras; tendo porém sido vencido, appellou n'um ultimo esforço para os argentinos que com isto rejubilaram, esquecendo-se do premio de 6.000 pesos concedido pelos portenhos a quem lhe entregasse a cabeça.

A 9 de Março de 1817 dava elle cartas de corso a quem quizesse hostilizar o commercio maritimo luso-brasiliense. Começaram desde então a apparecer filibusteiros inglezes, norte americanos e francezes, com a bandeira artiguenta, a piratear pelas costas.

Faziam os piratas base de suas operações na Colonia do Sacramento, indo vender os productos do mercimonio em Buenos Ayres. Sabedor do que se dava, o General Lecór contra aquelle ponto mandou o Tenente Coronel Manoel Jorge Rodrigues com forças, auxiliado por uma divisão naval que o tomou e aprisionou varios corsarios.

Nessa expedição tomou parte José Pereira Pinto.

Da corveta *Calypso*, promovido a Capitão Tenente em 21 de Outubro de 1817, passou para a charrua *Orcstes*, d'essa ao commando da escuna *Leopoldina* em 18 de Fevereiro de 1818. Por ordem do barão da Laguna, o General Lecór, foi encarregado do Commando do Porto de Montevidéo, em 22 de Abril do mesmo anno.

Foi parte a favor dos conacionaes nos successos que deram em resultado a nossa completa separação de Portugal.

Vio chegar o Capitão Tenente Pereira Pinto o momento de prestar á sua patria os serviços que delle reclamava: desde logo se apresentou para servir onde fosse necessario o emprego de sua actividade e talentos.

Não bastava sómente proclamar-se a independencia: era preciso mais do que nunca o esforço de todos os patriotas para alijar da nossa patria as tropas portuguezas. Do Rio de Janeiro, á força, tinham sido obrigados a sahir e só

por meio d'ella outro tanto se poderia conseguir, e nenhuma outra senão a de mar poderia ser a mais preponderante e efficaz. Isto comprehendido procurou desde logo o governo armar o maior numero de navios possiveis, entregando-os a quem offerecesse garantias.

Da parte da marinha portugueza que se achava em Montevidéo teve José Bonifacio seguras affirmativas enviadas pelo Almirante Rodrigo Lobo, dos protestos de obediencia e fidelidade ao Imperador. Forças de terra, poderia oppôr as nacionaes ás commandadas pelo brigadeiro D. Alvaro de Macedo que fiel a Portugal, negou-se a abandonar a praça.

Não encontrando apoio na população que preferio a união ao Brasil, declarou por fim este chefe que se achava prompto a embarcar-se com a gente, gesto este que não se confirmou, como veremos.

Para dar execução ao embarque da guarnição portugueza conforme a sua promessa, mandou sahir o nosso governo uma divisão naval sob o commando do Capitão de Mar e Guerra David Jewett, divisão essa que fez-se ao mar no dia 14 de Novembro de 1822, arvorando pela primeira vez a bandeira do novo Imperio; era composta da fragata *União*, capitanea e *Carolina*, corveta *Liberal*, e seguindo estas os transportes *Bella Bonita*, *Sete de Março*, *Conde dos Arcos*, *General Lecór* e brigue *Liguri*.

Antes de chegar ao porto teve o Capitão de Mar e Guerra David Jewett certeza de que D. Alvaro não estava disposto a dar cumprimento a sua promessa, pois em viagem tendo a fragata *Carolina* registrado um navio americano, n'elle encontrou um official que ia a Bahia com officios para o General Madeira, nos quaes pedia-lhe D. Alvaro, dinheiro para pagamento das tropas e mais forças para poder resistir.

A' 29 de Novembro chegou a nossa divisão a Montevidéo e não encontrando apoio da parte do Almirante Rodrigo Lobo e do Capitão General, Brigadeiro Lecór, nas medidas que julgava necessarias pôr em pratica a fim de apossar-se da fragata *Thetis*, isto é, arrebatal-a do porto ou deitar-lhe fogo, de accôrdo com as instrucções que levava, entregou os transportes ao Almirante Rodrigo Lobo e velejou novamente para o Rio de Janeiro, depois de 20 dias de estadia n'aquelle porto.

N'essa occasião deixou Pereira Pinto o cargo que exercia.

Ao organizar-se a esquadra que deveria ir bloquear o porto da Bahia e de lá expulsar as forças de mar e de terra luzitanas, já acoissadas pelos patriotas, como segundo commandante da *Ipyranga*, antes *União*, foi nomeado o Capitão Tenente José Pereira Pinto; em 29 de Março de 1823, tendo deixado o commandante da escuna *Leopoldina*; da fragata era commandante o Capitão de Mar e Guerra David Jewett.

Em cumprimento a ordem recebida fez-se ao mar Lord Cochrane no dia 3 de Abril, levando a combate a não *Pedro I* capitanea; fragata *Ipyranga*, corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal*; brigues *Guarany* e *Real Pedro*; ficaram no porto para seguirem logo depois as fragatas *Paraguassú* e *Nitherohy* e brigues *Caboclo*, *Cacique*, *Rio da Prata* e escuna *Leopoldina*...

Depois de 22 dias de viagem chegavam as costas da Bahia.

A 4 de Maio travou-se combate entre as duas forças adversarias. Couberam á *Ipyranga* e *Nitherohy* saliente papel, pois estes dois navios vendo a posição em que se achava a *Pedro I*, atacada fortemente pela *Calypto* e *Dez de Fevereiro*, sem quasi poder responder, porque os marinheiros portuguezes existentes á bordo delle se haviam negado a manobrar e atirar sobre os atacantes para o que se haviam apossado dos paídes de polvora, aproximaram-se e despejando-lhes bandas inteiras fizeram-os dar passagem á capitanea brasiliense,

já então dominada á bordo a traição! Seguindo avante, a *Pedro I* cortou a proa do inimigo e tomando-lhe o barlavento, virou em roda e tomou a sua desforra.

Tendo resolvido Lord Cochrane dar nova organização aos navios retirando delles todo o elemento portuguez, dirigio-se para o Morro de S. Paulo. Do conhecimento que tambem teve das qualidades nauticas dos navios que compunham a esquadra, concluiu que mais valia sel-o em menor numero, bem guarnecidos, e veleiros, do que um amontoado de ronceiros.

Assim o fez. A *Ipyranga* que demonstrára na viagem do Rio á Bahia ser de pessimo velejar, foi designada pelo Almirante para transportar para o Rio de Janeiro o pessoal suspeito da esquadra.

✓ D'ella retirou o Almirante o melhor pessoal e substituiu a artilharia do convez, que era de 24, pela de 18 da *Pedro I*, por ser esta mais pezada, tirou-lhe tambem as caronadas de 32.

Coube á *Ipyranga*, por ordem do Almirante, o serviço de sondagem e baliamento do porto.

Devido á essa circumstancia deixou Pereira Pinto de tomar parte na brilhante caça feita aos navios luzitanos depois que abandonaram a cidade e porto da Bahia.

Em 20 de Junho officiou Lord Cochrane que a *Ipyranga* regressava ao Rio de Janeiro para ser reparada e receber nova tripulação. Em 17 de Julho chegava ao Rio de Janeiro.

Desse navio a 6 de Agosto desembarcou Pereira Pinto.

O manifesto que o Syndico de Montevidéo havia lançado ao povo em 1 de Abril de 1823, para que se manifestasse: se desejavam os Cisplatinos a independencia ou continuar unido ao Imperio do Brasil, teve quasi por unanimidade este ultimo alvitre. Perduravam no entretanto na cidade as tropas portuguezas sob o mando do Brigadeiro D. Alvaro de Macedo.

Para Capitão do porto de Montevidéo foi nomeado interinamente o Capitão Tenente Pereira Pinto em 8 de Agosto. Em 12 de Outubro foi promovido a Capitão de Fragata.

D. Alvaro de Macedo, porém que preferia ver entregue a Banda Oriental a Buenos Ayres do que vel-a fazendo parte do Brasil, entrou em combinações com Rivadavia, o qual nada tendo conseguido do nosso governo, para que a entregasse, ainda mesmo indemnizando, lançou mão do ouro e de agentes secretos para fazer com que fossem rôtos os laços de união acceitos em Abril; com elle trabalhava D. Alvaro, impenitente inimigo dos brasilienses, por se haverem constituido independentes.

A 20 de Outubro triumphavam ambos, D. Alvaro e Rivadavia, pois o cabildo de Montevidéo declarava irritos e nullos os actos de annexação ao Brasil.

Para obrigar as forças portuguezas a abandonarem aquella praça, livres já as provincias do norte, ordenou que outros navios fossem reforçar a di isão encarregada do bloqueio de Montevidéo; tanto mais que D. Alvaro conseguiu se apossar dos transportes *Conde de Arcos*, *Liguri*, *General Lecôr* e da escuna *Maria Theresza*, cujo immediato, de accôrdo com um piloto, conseguira sublevar, prendendo o commandante e dois officiaes brasilienses, e entregando-a a D. Alvaro.

Com estes navios pretendeo D. Alvaro, depois de bem armados e guarnecidos, romper o bloqueio.

A 21 de Outubro viram os nossos que do porto se moviam os navios inimigos; desde logo largando amarras sobre boias, velejaram para o largo, a fim de attrahil-os para campo mais propicio, afastando-o da entrada do porto para que não tivessem o auxilio das baterias de terra.

Julgando ter o chefe Pedro Antonio Nunes alcançado distancia sufficiente, ordenou virar de bordo e empenhou o combate, que ia decidir a sorte da Banda Cisplatina e do predominio portuguez nesta parte da America. Virou a nossa divisão por d'avante por contra-marcha. Abriu fogo a *Liberal*, capitanea, respondido immediatamente com vigor pelos inimigos, fazendo com que o theatro da acção ficasse envolvido em denso fumo, não dando lugar a que se podessem distinguir os contendores. Destruio este inconveniente a formatura de ambas as linhas, fazendo-os entrar em entrevero, pois os nossos com o fim de mais se approximarem dos luzitanos, viraram de bordo por duas vezes mais. O brigue *Real Pedro*, de 14 canhões, com arrojio investio para o *Conde de Arcos* de 26 canhões e com elle entrou em lucta, canhoneando-o incessantemente; vendo seus matelotes que do capitanea *Conde dos Arcos* por si só não era bastante para supplantar o brigue brasiliense, acudiram por barlavento o *General Lecór* e pela alheta da pópa á sotavento o brigue *Liguri*.

Abandonou a *Liberal* a lucta por ter desarvorado do mastro da gata cortado por uma bala, empachando-lhe os cabos e manobra, como tambem sahio da linha a escuna *6 de Fevereiro*, cujo costado atravessado por uma bala inundou-lhe o paiól de polvora, fazendo-a calar seus canhões.

Ficam porém, para maior gloria nossa, menos em campo. Acodem os brigues *Cacique* e *Guarani* e escunas *Leopoldina* e começam a fustigar o inimigo com tal violencia que este teve de abandonar o intento de apresar o *Real Pedro*, cujo commandante, officiaes e guarnição, cada qual mais resoluta, desafiavam a furia do inimigo.

Vendo que não levavam a melhor sobre os nossos, ás quatro horas da tarde virou o inimigo no bordo de terra e á força de vela foi dar fundo dentro do porto, dando publica demonstração de sua derrota ao povo que, agglomerado nas soteás, nos cerros e apinhado nas praias, com ancia via desenrolar-se em sua frente o epico drama cuja contextura era o erguimento de uma nacionalidade.

E o sol poente illuminando os nossos navios, beijando-lhes a bandeira, mergulhavam na obscuridade a dos inimigos abrigados sob as baterias da praça.

Nesse combate tomou parte José Pereira Pinto, que expontaneamente se apresentou á bordo, bem como os Segundos Tenentes José Edgard e Joaquim Francisco Regis e o Tenente do exercito Ignacio Jose Penedo.

Da Colonia do Sacramento, onde muito trabalhára não só no preparo das embarcações, como no serviço de embarque das tropas que haviam evacuado aquelle porto, logo que D. Alvaro, em consequencia do resultado do combate, fez entrega da praça de Montevidéo, veio occupar o seu lugar. Encarregado pelo General Lecór de fretar e preparar os navios para o transporte das tropas luzitanas, como estipulava a capitulação, muito apreciados foram seus serviços pela actividade que n'elles empregou.

No exercicio do cargo de Capitão do porto de Montevidéo se consevou até 1825, quando por Decreto de 7 de Abril foi nomeado Intendente de Marinha de Pernambuco.

Condecorado com a medalha da *Restauração da Bahia* por Decreto de 17 de Agosto de 1825; com a *Cruz de Distincção* por seis annos de effectivos serviços em Montevidéo, por decreto de 20 de Agosto: *Cavalleiro do Cruzeiro*, por Decreto de 22 de Outubro, tudo de 1825, já sendo Cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, desde 14 de Dezembro de 1823.

Os serviços da Intendencia de Marinha em Pernambuco completamente desorganizados pela revolução de 1824, exigiam a direcção de um homem de acção, de tino e probidade comprovadas para restabelece-la no pé em que se achava e não foi em vão a lembrança do nome de Pereira Pinto.

Depois de tres annos n'aquella Provincia, exigia a Intendencia de Marinha da Bahia que se olhasse para ella; passou então o Capitão de Fragata Pereira Pinto para aquelle porto por Decreto de 26 de Abril de 1828.

Promovido a Capitão de Mar e Guerra por Decreto de 18 de Outubro de 1829 e na mesma data nomeado commendador da ordem do Cruzeiro continuava na Bahia, quasi como esquecido, o illustre brasiliense, cujo recto character não se amoldava á politica dominante completamente favoravel aos adheristas. Seus sentimentos nativistas collocavam-no em fóco e por isso era arredado de commissões que podiam contribuir para salientar-se.

A lucta do poder pessoal contra o nacional ia ter seu fim; havia abdicado D. Pedro e com elle cahia a facção dominadora.

Logo que teve sciencia do facto ao Ministro da Marinha que era então o Marechal de campo José Manoel de Almeida, que o havia assumido no dia 7 de Abril, em substituição do marquez de Paranaguá, dirigio José Pereira Pinto o seguinte officio, que bem revela a sua satisfação pelo que se havia dado em seu paiz.

Copia — Ilmo. e Exmo. Snr. Tenho a honra de accusar a recepção dos officios de V. Ex.^a sob numeros 1, e 2, de 21 de Março e 6 d'Abril do presente anno.

Por esta occazião vou com distincta satisfação comgratular-me com V. Ex. pelos felizes acontecimentos, que tiverão lugar na Côrte no dia 7 do corrente mês, dia memoravel, em que foi reconhecido, por Abdicação de Seo Augusto Pai, o Senhor D. Pedro Segundo Imperador Constitucional por toda a grande Familia Brasileira. E posto que não tivesse a fortuna de pessoalmente, com os meus compatriotas, concorrer com o meo contingente para hum acontecimento de tanta gloria ao Brasil, eu rogo a V. Ex.^a se sirva depositar nas Mãos do Jovem Monarcha os meos devidos protestos de fidelidade, amor e respeito á Sua Augusta Pessoa.

Deos. Guarde a V. Ex.^a Intend.^a da Marinha da Bahia 23 de Abril de 1831. Ilmo. e Exmo. Sr. Jozé Manoel de Almeida. *Jozé Pereira Pinto* Capm. de Mar e Guerra, Intendente da Marinha.

Em 5 de Novembro de 1831 desse anno obteve uma licença de tres mezes para vir ao Rio de Janeiro, licença essa que lhe foi prorogada por mais cinco mezes. Por Aviso de 5 de Agosto do mesmo anno foi nomeado Ajudante d'Ordens e Encarregado do Expediente do Quartel General da Marinha, ficando desligado do emprego de Intendente, em cujo exercicio conservou-se até 14 de Dezembro de 1832 data do aviso que o dispensou.

Veio o Decreto de 29 de Julho de 1834 nomeal-o commandante da Companhia dos Guardas Marinhas e Director da Respectiva Academia.

A adminstração publica veio reclamar seus serviços na pasta da marinha, para a qual foi nomeado por decreto de 17 de Março de 1835, cargo esse que exerceo por pouco tempo; pois a agitação politica que em todo o paiz se fazia sentir não permitia estabilidade nos governos. Em 14 de Outubro desse anno deixou a pasta, voltando a assumir o cargo de Director da Academia de Marinha, logo que se restabelecesse de sua saude, o que se deu a 4 de Novembro.

Promovido a Chefe de Divisão desde 21 de Julho, foi nomeado commandante do Porto do Rio de Janeiro, por aviso de 20 de Novembro de 1839;

arvorou seu pavilhão na não *Pedro 2º*, navio esse lançado ao mar dos estaleiros da Bahia em 25 de Março de 1830, com o nome de *Imperador do Brasil*; foi o ultimo desse typo construido entre nós. Tendo defeitos, ao chegar ao Rio de Janeiro, foi desarmado; desde então foi considerado armado e n'elle passou a aquartellar a Companhia de Aspirantes á Guardas Marinhas, por aviso de 2 de Junho de 1841.

Pouco tempo exerceo o chefe de divisão Pereira Pinto este commando, pois a 18 de Julho foi nomeado para exercer o cargo de vogal do Conselho Supremo Militar, sendo agraciado com o titulo de Conselho.

Em virtude d'esta nomeação foi transferido para a 3.ª classe, por Decreto de 20 de Julho de 1842.

Conforme communicou a Secretaria do Conselho Supremo Militar em 22 de Julho de 1844, servio interinamente de Secretario da Guerra.

Nomeado por aviso de 25 de Julho desse mesmo anno para exercer interinamente o cargo de Encarregado do Expediente do Quartel General da Marinha, tornou-o effectivo o aviso de 30 do mesmo mez. Voltou a primeira classe por Decreto de 21 de Agosto de 1845.

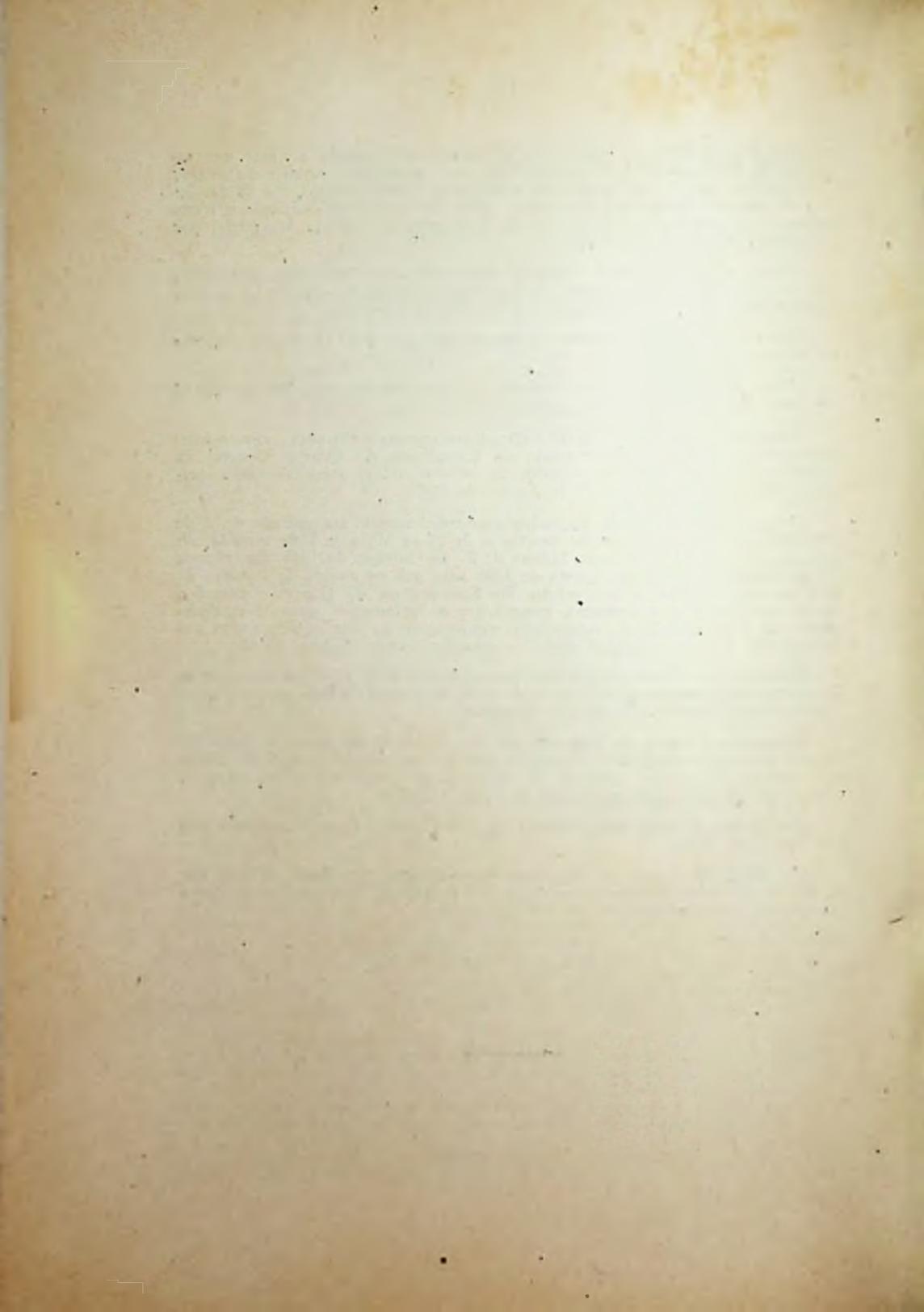
Promovido a Chefe de Esquadra graduado, contou antiguidade de 2 de Dezembro de 1842, por Imperial Resolução de 23 de Maio de 1846, tomada sob consulta do Conselho Supremo Militar de 27 de Outubro de 1845. Em virtude de determinação de 12 de Agosto de 1846 para que os navios da Estação do Sul, passassem debaixo das ordens do Encarregado do Quartel General e dessa arte assim o commando, começaram os primordios para o estabelecimento de uma unidade do commando, supprimindo as attribuições dadas aos presidentes de provincia que sobre as estações navaes tinham alçada.

Pretendendo o Imperador visitar as cidades de Macahé e Campos onde ia inaugurar melhoramentos, foi por aviso de 11 de Março de 1847 nomeado para commandar a esquadra que deveria acompanhar.

Promovido a Chefe de Esquadra por decreto de 14 de Março, á bordo da fragata *Bertioga*, capitanea da esquadra, seguiu viagem. Em 2 de Maio arriou sua insignia de mando, voltando ao exercicio do cargo que antes occupava e do qual foi exonerado por aviso de 16 de Outubro.

Em Março de 1848 obteve licença para ir a Pernambuco donde regressou em Junho de 1849.

No dia 2 de Março de 1850, falleceo o digno e respeitado official que tantos serviços havia prestado á sua patria. Na igreja de S. Francisco de Paula jazem seus restos mortacs.





Antonio Joaquim de Coutto

Antonio Joaquim do Couto

CHEFE DE ESQUADRA

Filho de Martinho José do Coutto e d. Geneveva Ignacia do Coutto.

Nasceu em Portugal a 3 de Maio de 1788.

Falleceu a 19 de Julho de 1884.

Veio para o Brasil depois de n'elle estar installada a familia real, e n'elle deixou-se ficar, como o haviam feito seus patricios que preferiram o partido da antiga colonia ao patrio, merecendo com muita razão o reparo feito illustrado almirante Arthur de Jaceguay, nos seguintes termos: "A sympathia que a causa do Brasil despertou em grande numero de officiaes portuguezes de nascimento, apresentava verdadeiro contraste com o que succedeu na guerra da independencia das colonias inglezas da America do Norte, onde mesmo officiaes de origem americana que faziam parte da marinha real britannica conservaram-se fieis ao serviço da metropole durante toda a guerra civil, e onde não se vio um só official da marinha ingleza abraçar a causa das colonias sublevadas".

Contou desde logo a nossa marinha com 98 adherentes, cuja ambição dos elevados ao almiralato e dos de alta patente não era outra senão a de não perderem os empregos burocraticos que de longa data exerciam. O *ubi bene ubi patria*, o paradoxo de Cícero, era a nórma seguida.

De Antonio Joaquim do Coutto pode-se dizer que veio fazer carreira no Brasil, pois, de conformidade com o decreto de 13 de Novembro de 1800, matriculou-se na Academia de Marinha de Lisboa. Seis annos depois embarcou-se por voluntario na fragata *Princesa de Beira*, em a qual seguiu para a India, em cujos mares naufragou em 27 de Maio de 1807.

Promovido a Segundo Tenente, em viagem, a 13 de Maio continuou em Goa até o anno de 1809, quando de passagem no navio *Roberto* se apresentou no Rio de Janeiro em 14 de Setembro, onde desde o anno anterior se havia refugiado a cõrte portugueza. Em 2 de Abril de 1810 foi promovido a Primeiro Tenente.

A revolução que rebentou em 25 de Maio de 1810 em Buenos-Ayres contra o dominio da mãe patria, levou a população campesina da Cisplatina a pegar em armas: conservava-se porém Montevidéo fiel a Hespanha.

Sitiada Montevidéo pelo general argentino Rondeau, mandado em substituição de Artigas, oriental de nascimento e que primeiro se sublevára contra o dominio castelhanao, pediu o governador auxilio á cõrte portugueza do Rio de Janeiro.

D. Carlota Joaquina, mulher de D. João, fundada em herança, teve velleidades de fundar um novo reino na America, cuja corõa lhe seria confiada:

De sua parte D. João, aproveitando-se da oportunidade, pretendia augmentar os seus dominios com a annexação daquella nova conquista ao reino luitano. Não contavam os conjuges, com a Inglaterra que, vigilante, espreitava o momento para partilhar da desavença ou pagar-se do serviço prestado de harmonisar os contendores.

As forças de terra mandadas por D. João, commandadas por D. Diogo e compostas de naturaes do Brasil invadiram a campanha oriental, apossando-se do forte de Santa Thereza, indo acampar em Maldonado. Este avanço de nossas tropas fez com que se harmonisassem os portenhos com Elio, governador de Montevidéo. Rondeau retirou-se para Buenos-Ayres; para as margens do Uruguay recolheu-se Artigas que, querendo fazer da Banda Oriental uma nação soberana, entrou a hostilizar as tropas brasilio-lusitanas.

Para attender ao serviço de informações foram adquiridas no commercio alguns bergantins, que armados, tinham pomposamente o nome de navios de guerra. Não mais produziam os arsenaes, porque exausto estava o thesouro em attender aos innumeros pensionistas que desde a chegada do côrte ao Brasil pesavam sobre elle, ao que por antecipação o banco recentemente fundado fórnecia as rendas annuaes provenientes dos impostos.

No bergantim *Gaiivota*, em 25 de Janeiro de 1811 embarcou o 1º Tenente Joaquim do Coutto, passando tres dias depois para o *Destimido*, onde esteve por nove dias, embarcando-se então na corveta *Invençivel*. No mez seguinte a 24 de Abril teve embarque no bergantim *Falcão*, em cujo navio permaneceu até 8 de Abril do anno de 1812.

Cheio de alegria D. João pelos successos de nossas tropas, victoriosas em *Paysandú, Mandiviõsi, Curuzú, Cuaia, Capilla Nueva* (Mercedes) *Arroyo de la china, Arapehy, Daiman, Passo d'Alcortia, Japçjü, Calera de Veloz, Averios, San Thomé e Laurelles*, quando pensava ter a satisfação de accrescentar mais terra á vasta terra do seu dominio, obrigou-o o ministro inglez a mandar assignar em Montevidéo, em 26 de Maio de 1812, pelo seu enviado o Coronel João Rademacker um armisticio que nullificou o empenho.

Voltou a marinha á sua quietude, pois, nada mais tinha a fazer. Embarcado o 1º Tenente Coutto na escuna *Maria Thereza*, nesse navio permaneceu até 22 de Fevereiro de 1814, quando passou a commandar o bergantim *Gavião* em 28 do mesmo mez.

Discutia-se no Congresso de Vienna, depois da queda de Napolcão, as condições de paz; d'elle não tomara parte Portugal, porque considerado potencia de segunda ordem, seus delegados não podiam ter assento, portanto sem parte nos debates. Deste papel por demais secundario queixaram-se os embaixadores portuguezes a Mr. de Talleyrand, ministro francez. Este arbitrou ao Conde de Barca, o meio, que era elevar o Brasil a cathegoria de reino, e o conselho foi seguido por D. João, que pôl-o em pratica pela Carta-Regia de 16 de Dezembro de 1815 e a 13 de Maio de 1816 teve por carta regia o seu symbolo de nacionalidade que se tornaria soberana seis annos depois. Deste modo conseguiu Portugal ter vóz n'aquelle congresso.

Se porém uma só bandeira cobria os filhos do Reino Unido, as prerogativas que separavam os de um e os de outro; eram bem differentes; a odiosidade dos naturaes da metropole contra os da colonia era profunda; direitos só tinham aquelles, deveres a estes só competiam; d'ahi a explosão que se deu em Pernambuco em 6 de Março de 1817, avassalou tambem a Parahyba e Rio Grande do Norte.

Para abafar o sentimento nacional, mais promptamente se organisaram forças do que quando foi mister levar-as contra o estrangeiro.

Pelos serviços prestados em afogar em sangue e em martyrios o protesto dos brasilienses, missão de que foi encarregado o execrando chefe de divisão Ro-

drigo Lobo, foi promovido a Capitão Tenente em 12 de Outubro de 1827, Antonio Joaquim do Coutto, continuando no commando do bergantim *Gavião* até 19 de Abril de 1819, quando desembarcou para entrar em conselho de guerra, que o julgou livre de toda a culpa pelo que tinha entrado em conselho.

Nomeado commandante do bergantim *Estrella* em 30 de Outubro de 1819, nelle se conservou até 6 de Abril de 1821, quando teve o da charrua *Orestes*, um dos navios que deveriam acompanhar a familia real á Portugal.

A revolução de 24 de Agosto de 1820 levada a effeito no Porto para que em Portugal fossem admittidas as ideas liberaes, repercutio no Brasil. Do norte ao sul avassallou as provincias e não teve D. João VI, no Rio de Janeiro, outro recurso senão submeter-se a 26 de Fevereiro de 1821 á vontade popular.

Resolvida a partida do rei para Portugal, deixando o Brasil entregue ao Principe herdeiro D. Pedro, até que a constituição entregue ás Côrtes declarasse o modo pelo qual deviam ser governados os dominios e possessões de Portugal, n'essa mesma data a 7 de Março, baixava-se um decreto, mandando equiparar os vencimentos e direitos a accesso dos officiaes oriundos do Brasil aos do exercito portuguez, separados até então pela lei vigente. Esse favor ficou extensivo aos officiaes da Armada pelo Decreto de 11 de Abril de 1821.

Era tarde de mais; a offensa existia e mais acerbas iam ser postas em pratica pelas Côrtes portuguezas, contra a parte do reino que contribuiu para a propria existencia de Portugal.

Preparada a esquadra que deveria conduzir a familia real e seu sequito composto de cerca de 4.000 pessoas, a 26 de Abril embarcou-se.

No commando da *Orestes* seguio o Capitão Tenente Antonio Joaquim do Coutto. Pouco antes de chegar a Lisboa foi promovido a Capitão de Fragata por D. João, em promoção geral, como havia praticado ao chegar ao Brasil, promoção essa que foi mandada ficar sem effeito pelas côrtes que não reconheceram no rei autoridade para fazel-a.

No seu afam de novamente reduzir o Brasil á colonia, não cessavam as côrtes de legislar. Para obrigar D. Pedro a deixar o Brasil foi mandada preparar uma esquadilha que se fez de vela do Tejo no dia 11 de Janeiro de 1822.

No commando da charrua *Prinzeza Real*, veio o Capitão Tenente Antonio Joaquim do Coutto.

Trazia a esquadilha 1.176 homens de tropa sob o commando do Coronel Antonio Joaquim Damasceno Rosado.

Ao chegar essa força no Brasil já novo horisonte se havia rasgado para a nossa terra, pois na sua administração pairava a alma nacional. Teve que regressar á sua patria o chefe de divisão Francisco Maximiano, sem a fragata *Real Carolina*, sem muitos officiaes do exercito e da marinha e 894 homens que haviam adherido á nossa causa, entre estes o Capitão de Fragata Bernardino Gonzaga, o commandante da *Orestes*, Capitão Tenente Alexandre de Beaurepaire, do transporte *Scte de Março*, Segundo Tenente Joaquim Estanisláo Barboza, este infelizmente, e o da charrua *Prinzeza Real*, Capitão Tenente Antonio Joaquim do Coutto.

Ao formar-se nossa esquadra, que tinha por immediata missão expulsar das provincias do norte as forças portuguezas que se obstinavam n'ellas, permanecer, foi nomeado para commandar o bergantim *Diligente*, que depois chamou-se *Guarany*, em 4 de Janeiro de 1823.

A chegada porém do Lord Cochrane, vindo do Chile á convite do nosso governo, para commandar a nossa esquadra, trazendo em sua companhia outros

officiaes e ainda com a vinda de outros e marinagem, da Inglaterra, fez com que houvesse mudanças nos commandos dos navios, medida esta de muito boa politica, pois não era de esperar que os officiaes portuguezes que mal acabavam de adherir, se lançassem com vigor contra seus proprios companheiros e commandantes que vinham de deixar.

Estava presente o que havia acontecido com a divisão mandada á Bahã sob ás ordens do chefe de divisão Rodrigo Lamare; em breve iam mostrar os marinheiros portuguezes embarcados na esquadra sob o mando de Lord Cochrane que não se rompem, de um momento para outro, os elos que formam essa cadeia que é a alma nacional.

No entretanto foi o Capitão Tenente Coutto conservado no commando do brigue *Guarany*, de vinte peças de calibre 12.

Fazendo parte da esquadra redemptora sahio a tres de Abril e depois de 22 dias de viagem chegou ás costas da Bahia.

No dia 4 de Maio deu-se o encontro entre a esquadra portugueza composta de quatorze navios e a nossa numerando justamente a metade.

Em duas linhas apresentaram-se os luzitanos, com a não *D. João VI* de 74 peças, capitanea; fragatas *Perola* de 44 peças; *Constituição* de 50; charrua *Princcza Real*, de 32; corvetas *Principe Real*, de 22; *Regeneração* de 26; *Restauração*, de 26; *Dez de Fevereiro*, de 34; *Calypso*, de 22; *Principe do Brasil*, de 26; bergantim *Audaz*, de 20; escuna *Conceição e Oliveira*, de 23; *Activa*, de 23; e *S. Gualter*, de 26.

A rumo de O, em linha singela velejava a nossa composta da não *Pedro I.* de 78, calibre 24, fragatas *Ipyranga* de 54, de 24, e 18, *Nitherohy*, de 40, calibre 32; *Maria da Gloria*, de 26 de 12, *Liberal* de 22 de 18 e brigue *Guarany* de 20 de 12, como repetidor.

Tinha o nosso Almirante 240 boccas de fogo para se oppôr a 435 do inimigo; não lhe servio isto no entretanto de peso para mostrar que não era a superioridade de forças que o fariam entibiar.

Pelo modo de se apresentar o inimigo, julgou desde logo do partido que deveria tomar como tambem percebeo do seu plano de combate, e se não tirou todo o proveito do ataque que premeditou, foi devido a traição dos marinheiros portuguezes que tinha á bordo, como já descrevemos. Ainda assim, com a nossa capitanea cortou Lord Cochrane a linha inimiga, e depois de despejar suas baterias contra os que se quizeram oppôr á sua audaciosa manobra, veio reunir-se aos demais, por não contar com o apoio dos navios cuja tripulação em maior numero composta de portuguezes, nenhum lhes quizeram prestar.

Não o teve, nem podia ter o Capitão Tenente Antonio Joaquim do Coutto, a força moral necessaria para fazer entrar em combate os portuguezes alistados no *Guarany*, porque elle proprio adherente, participava da mesma falta que o enfraqueciam perante seus subordinados.

Resolvido o nosso Almirante a eliminar a nossa esquadra do elemento pernicioso que a contaminava, seguiu para o morro de S. Paulo, onde fez sua base de operações, fazendo o expurgo do máo elemento, que enviou para o Rio de Janeiro.

Tendo seguido o Capitão Tenente Couto a levar noticias, ali se achava quando regressou a *Ipyranga*, trazendo a seu bordo os marinheiros portuguezes que se tornaram perniciosos á bordo, quasi que compromettendo a nossa esquadra com o seu procedimento em não se quererem bater contra os seus conacionaes, proceder esse mais honroso do que muitos dos officiaes.

Foi então em 7 de Julho, nomeado commandante da *Ipyranga*, cargo esse que exerceo Antonio Joaquim do Coutto até 28 do mesmo mez, quando passou a commandar o brigue *Cacique*.

Expulsas as tropas luzitanas do norte do Brasil, fazia-se mister expellir-as do extremo sul, onde na Cisplatina, á pretexto de que esse territorio era conquista portugueza, n'elle se queriam firmar.

Nada tendo feito o chefe de esquadra Rodrigo Lobo, um dos primeiros a adherir, em proveito da acção brasiliense n'aquelle territorio sob a administração do barão da Laguna, outro adherente, mais cioso tambem dos proventos que lhe davam a capitania general do que do interesse do paiz ao qual adherira, foj nomeado para commandar as forças navaes que deveriam bloquear a Banda Oriental, o Capitão de Mar e Guerra Pedro Nunes.

A 12 de Agosto partio para as aguas do Prata, afim de reforçar o bloqueio o brigue *Cacique*, levando aquelle Capitão de Mar e Guerra; dous dias depois a corveta *Liberal*, a 16 o brigue *Guarany* e as escunas *Leopoldina* e *Seis de Fevereiro*.

Com os transportes levados pelo Capitão de Mar e Guerra David Jewett para embarque das tropas luzitanas e entregues ao barão da Laguna e Rodrigo Lobo, cuja incuria e quasi proposito deram em resultado cahirem nas mãos de D. Alvaro de Macedo, o qual de accordo com os argentinos, havia tramado o acto do Cabildo de Montevidéo de 20 de Outubro, declaratorio de irrita e nulla a annexação ao Brasil, lavrado a 1 de Abril.

Para obrigar a levantar o bloqueio fez D. Alvaro seguir, ao romper do dia 21 de Outubro a corveta *Conde dos Arcos*, de 16 canhões; corveta *General Lecór*, de 16 canhões; brigue *Liguri* de 16 e escuna *Maria Theresza*, de 14 canhões contra nossa força naval.

Fóra á espera, estavam os nossos, constituídos pela corveta *Liberal*, de 24 canhões, brigues *Cacique*, de 16 canhões, *Guarany*, de 16, *Real Pedro* de 14 e escunas *Leopoldina* de 12 canhões, *Seis de Fevereiro* e *Cossaca*, de um rodizio cada uma.

Viu a população de Montevidéo, que procurou os pontos mais altos da cidade e que corouo *azoteas* e praias o sacrificio inutil que fez D. Alvaro. Depois de porfiada lucta, perseguidos, regressaram ao porto os navios em que confiava o agente das Côrtes portuguezas, o qual uada podendo por si fazer, entregou a Rivadavia a resolução da contenda.

Pela galhardia com que se portou, já promovido a Capitão de Fragata em 12 de Outubro, fez jus a medalha de distincção concedida aos que combateram pela nossa independencia.

Os successos politicos que em Pernambuco agitaram a provincia em 1824, onde Paes de Carvalho, apoiado no povo desafiava a autoridade imperial, fez com que se fizesse nova remessa de tropas para debellar a idéa republicana que marchava victoriosa pelo norte.

A 2 de Agosto, partio uma divisão naval composta da não *Pedro I*, sob o commando do Capitão de Mar e Guerra Thomaz Sachville Crosbie, com o pavilhão do Almirante Cochrane; corveta *Carioca*, commandada pelo nosso biographado desde 8 de Julho, charruas *Harmonia* e *Caridade*. Os transportes conduziam uma divisão do exercito sob o commando do general Francisco de Lima e Silva, que foi desembarcar em Jaraguá no dia 16.

Já desgostoso o nosso Almirante com a guerra que lhe fazia o partido portuguez, então senhor da situação e ainda mais com o facto de ter entregue a pacificação ao General Lima e Silva, official de patente inferior á

um accordo com Paes de Carvalho, para terminação da lucta, afastou-se para para a Bahia, deixando o Capitão de Mar Guerra David Jewett por fim, no serviço determinado.

Da corveta *Carioca* desembarcou o Capitão de Fragata Couto em 5 de Fevereiro de 1825 para responder a conselho de guerra em consequencia de não ter feito recolher á *Presinunga*, logo que chegou ao Rio de Janeiro, o preso Alexandre Coelho. Foi absolvido.

Declarada a guerra ás Provincias Unidas do Prata em vista da sua intromissão no que dizia respeito á Cisplatina, e necessitando o nosso governo de pequenas embarcações para organizar a flotilha que deveria operar no rio Uruguay e para outros serviços, foi nomeado o Capitão de Fragata Couto para ir a provincia do Rio Grande do Sul fazer aquisição de seis hiates e prover a sua promptificação.

Tratada uma sumaca para conduzir operarios e objectos necessarios ao armamento de taes embarcações, nella seguiu o Capitão de Fragata Couto. Determinaram suas instrucções que depois de armados os navios, deveria elle seguir para o Rio de Prata afim de ter commissão na esquadra.

Em consequencia de ter reclamado o commandante em chefe da esquadra de não terem sido os hiates forrados de cobre, foi chamado ao Rio de Janeiro para responder sobre o assumpto. Na escuna *S. Domingos Encas* veio de Mntevideó em 29 de Abril de 1826, entrando em conselho, em 18 de Maio. Tendo se justificado foi absolvido em 20 de Outubro.

Embarcou na fragata *Baltimore* em 27 de Outubro de 1826 navio esse que foi adquirido para substituir a fragata *D. Paula* naufragada em Cabo Frio; n'ella se conservou até 14 de Fevereiro de 1827.

Nomeado intendente de marinha do Rio Grande do Sul em 10 de Junho de 1829, no exercicio desse cargo foi promovido a Capitão de Mar e Guerra em 18 de Outubro de 1829. Dispensado do cargo em 27 de Dezembro de 1823, recolheu-se ao Rio de Janeiro.

Para exercer interinamente o lugar de intendente de Marinha do Rio de Janeiro foi nomeado em 6 de Outubro do anno seguinte, exercendo-o porém unicamente por oito dias, visto ter sido nomeado para ir ao Rio Grande do Sul em commissão.

Promovido a Chefe de Divisão em 7 de Setembro de 1837, achando-se como Inspector do arsenal de marinha para cujo cargo havia sido nomeado por decreto de 29 de Agosto desse mesmo anno.

Vogal do Conselho Supremo Militar por decreto de 2 de Junho de 1841. Promovido a chefe de Esquadra em 11 de Setembro de 1843. Director da Academia de Marinha.

Falleceo a 19 de Julho de 1844.

João Bernardino Gonzaga

CHEFE DE ESQUADRA

Filho de José Henrique Ferreira e de D. Marianna Isabel Gonzaga, nasceu em 5 de Abril de 1781 em Portugal. Falleceu a 15 de Junho de 1853.
de 1853.

Proclamada a nosso independencia, 98 officiaes portuguezes desde logo adheriram a ella. Conton-se assim na marinha que se organisava com 2 Vice-Almirantes, 2 Chefes de Esquadra, 1 Chefe de Divisão, 10 Capitães de Mar e Guerra, 21 Capitães de Fragata, 18 Capitães Tenentes, 15 Primeiros Tenentes e 29 Segundos Tenentes. Só deixaram de adherir 27 officiaes, isto é, 5 Capitães de Mar e Guerra, 4 Capitães de Fragata, 7 Capitães Tenentes, 4 Primeiros Tenentes, 5 ditos graduados e 2 Segundos Tenentes que pelas facilidades de transportes para si e suas familias, á custa dos cofres publicos, vencendo soldo até o dia do embarque, seguiram para Portugal no brigue diu-marquez *Aurora*.

Tal proceder destes adheristas fez dizer ao illustrado Almirante Arthur de Jaceguay: "A sympathia que a causa do Brasil despertou em grande numero de officiaes portuguezes de nascimento, apresentava verdadeiro contraste com o que succedeu na guerra da independencia das colonias inglezas da America do Norte, onde mesmo officiaes de origem americana que faziam parte da marinha real britannica conservaram-se fieis ao serviço da metropole durante toda a guerra civil, e onde não se vio um só official de marinha ingleza abraçar a causa das colonias sublevadas".

Foi de certo, como vimos, um máo passo politico tanta boa fé a magnanimidade, pois se não fossem os elementos trazidos de outras patrias, pois os nacionaes desta profissão eram diminutos, certamente a nossa independencia não teria sido levada a termo ou então teria sido fraccionada a extensa patria que nos foi dada.

No numero desses officiaes que julgavam a si mais conveniente a adopção do partido da antiga colonia está João Bernardino Gonzaga.

Admittido a Aspirante á Guarda Marinha em virtude do aviso de 6 de Junho de 1793, assentou praça na 3.ª brigada da respectiva Companhia. Como Guarda Marinha, por promoção de 6 de Maio de 1796, embarcou para a não *Conde D Henrique* em 2 de Junho do mesmo anno. Em viagem nesse navio, foi promovido a 2.º Tenente por Decreto de 13 de Maio de 1797, desembarcando em seu regresso em 15 de Outubro do mesmo anno. Passou então a chefe da 2.ª Brigada por Portaria do Conselho do Almirantado em 19 de Abril de 1797 e completando os estudos academicos se lhe passou carta em 21 de Julho de 1798. Nesse mesmo dia embarcou na fragata *Minerva*, construída na Bahia e que fazia parte da esquadra que seguiu para a Africa e costas do Brasil. Em 5 de Julho de 1799 embarcou na fragata *Thetis*, d'onde passou ao commando da lancha *Guia* em 30 de Outubro do mesmo anno.

Promovido ao posto de Primeiro Tenente por Decreto de 13 de Maio de 1802, cinco dias antes de regressar ao seu navio a *Thetis*, n'elle continuando a servir até que a 20 de Abril do anno seguinte embarcou na não *Vasco da Gama*. Dessa não passou a servir no brigue *Diligente*, continuando a servir na esquadra do Brasil.

Seu ultimo embarque no Brasil colonia foi na fragata *Carlota* em cujo navio regressou á Europa.

Ao aprestar-se a esquadra que devia transportar ao Brasil a familia real portugueza e que largara do porto de Lisboa no dia 29 de Novembro de 1807, no mesmo estado de confusão que a propria córte, já se achava embarcada na *Minerva* desde o dia 28 de Agosto. João Bernardino Gonzaga, sob o commando do Capitão de Mar e Guerra Rodrigo José Ferreira Lobo.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, tambem lhe coube promoção, que a todos tinha sido dada em galardão por D. João, príncipe regente, satisfeito de ter chegado são e salvo á colonia. Assim por Decreto de 8 de Março foi promovido a Capitão Tenente e dois mezes depois da sua chegada a 7 de Março, foi nomeado commandante da *Condessa de Resende*, do qual desembarcou em 25 de Outubro seguinte, para commandar a barca artilheira n. 4, cujo commando assumio a 30 do mesmo mez.

O verdadeiro abandono em que foi entregue a marinha no Brasil, reprodção do acontecido em Portugal, annullou todo o estímulo entre os officiaes.

Havia á salvo chegado a familia real, era o bastante. Que fossem para os fundeadouros os navios que a transportaram, como objectos inúteis na occasião, foi a medida que tomaram os implantadores das sinecuras creadas para sustento dos apaniguados. Aos inglezes estava confiada a defesa dos interesses reaes; á sua marinha e não a portugueza competia velar pela sua segurança embora á custa de concessões deshonrosas.

Veio o anno de 1812 e ainda no commando da barca artilheira se achava o Capitão Tenente Gonzaga quando a 7 de Abril foi nomeado para assumir o commando do brigue *Principesinho*; n'esse navio se conservou até 21 de Fevereiro de 1816.

Promovido a Capitão de Fragata por Decreto de 5 de Novembro de 1816, foi por aviso de 29 de Novembro do mesmo anno nomeado para exercer uma commissão no porto de Damão, qual a de mandar construir no arsenal d'aquella colonia indiana uma fragata de cujos planos era portador, de accordo com a carta regia de 29 de Novembro, e que deveria ser armada com 44 peças.

Construida e armada que foi a fragata, assumio o Capitão de Fragata Gonzaga o commando da mesma com o nome de *Real Carolina* em 15 de Março de 1819, fazendo-se ao mar rumo do Rio de Janeiro, onde ao chegar foi seu navio incorporado á esquadra que deveria mais tarde levar de regresso a Portugal a familia real.

O decreto e instrucções de 22 de Abril, regulam a administração e governo do D. Pedro, deixado como Príncipe Regente no Brasil e a 26 do mesmo mez embarcou-se o rei com a familia, seguido por cerca de 4.00 pessoas que foram distribuidas pelos seguintes navios: *Não D. João VI*, arvorando o pavilhão do chefe de esquadra José Manoel de Menezes, 1.º Marquez de Vianna, sob o commando do Capitão de Mar e Guerra Joaquim Epiphânio da Cunha; *Fragata Real Carolina*, commandante o Capitão de Fragata João Bernardino Gonzaga; *Charruas Orestes*, *Princesa Real* e *Conde de Peniche* commandadas respectivamente pelo Capitão Tenente Antonio Joaquim do Couto, e Capitães de Mar e Guerra Pedro Antonio Nunes e Antonio Corrêa Manoel. *Corveta Voador*, commandada pelo Capitão Tenente José Gregorio

Pegado: brigue *Reino Unido*, pelo Capitão Tenente Theodoro Alexandre de Beaurepaire, *Hiate Real* pelo Capitão de Mar e Guerra Pio Antonio dos Santos, o unico official brasileiro que, por amizade e gratidão a D. João, preferido conservar-se fiel á metropole; e os transportes *4 de Abril*, *Gran Cruz d'Aviz*, *Fenix* e *Sete de Março*, estes carregados com todos os materiaes, ferramentas e sobresalentes existentes nos arsenaes do Rio de Janeiro e n'elles embarcados a mestrança e os melhores operarios d'elles.

Diga-se tambem que enthesourados nas cobertas destes navios foram todos os recursos existentes em todas as thesourarias e seguindo o exemplo, os directores do Banco do Brasil com os depositos á guarda.

Ao chegar a Lisboa, na promoção feita por decreto de 26 de Junho do mesmo anno, á bordo da náó *D. João VI*, foi João Bernardino Gonzaga promovido a Capitão de Mar e Guerra, promoção essa annullada por decreto de 8 de Novembro seguinte das Côrtes Geraes e Extraordinaria da Nação Portugueza.

Procurando as Côrtes Portuguezas, na sua ingloria faina reduzir por meio de consecutivos decretos, a estado de Colonia a parte do reino que tinha elevado Portugal a situação de sentar-se entre as potencias de primeira ordem no Congresso de Vienna, determinou, por ultimo, que o Principe deixado como regente no Brasil, se recolhesse á Lisboa.

Para isso mandou apparellhar uma divisão naval sob o mando do chefe de divisão Francisco Maximiano dos Santos, com a missão de compellir o Principe á obediencia. Partio essa divisão no dia 16 de Janeiro de 1822, compondo-se além da capitanea *D. João VI*, da fragata *Real Carolina*, sob o commando do Capitão de Fragata João Bernardino Gonzaga; das charruas *Princcza Real*, commandada pelo Capitão Tenente Antonio Joaquim do Couto, *Orestes*, pelo da mesmia patente Theodoro Alexandre de Beaurepaire, *Conde de Peniche* pelo Capitão Tenente Joaquim Epiphanio de Vasconcellos e transportes *Phenix* e *Sete de Março*.

Além destes vinham tambem, porém desligados da divisão as corvetas *Voador* e *Princcza Real*; escunas *Leopoldina* e *Maria Zeferina* e transporte *Quatro de Abril*.

Trazia a divisão 1.176 homens de tropa sob o commando do coronel Antonio Joaquim Damasceno Rosado.

Ao chegar em Pernambuco, a 17 de Fevereiro conheceo aquelle chefe quaes eram os ideaes brasileiros, pois não lhe foi permittido fazer desembarque de tropas e assim teve que fazer rumo ao Rio de Janeiro, onde chegou a 5 de Março.

Avisadas as fortalezas e os navios já guarnecidos por pessoal disposto a reacção, logo ao apparecer a Divisão portugueza se puzeram de morrões accesos.

Teve o chefe portuguez de submeter-se ás imposições dando fundo. Só poderam os navios communicar-se com a terra depois de assignada uma declaração concebida nos seguintes termos, como exigira D. Pedro. "Nós abaixo assignados protestamos obedecer em tudo ás ordens que nos forem dirigidas por S. A. Real, pois tal é o nosso dever; assim como de nada nos embarçarmos nem tomarmos parte nas disposições do governo, salvo sendo ordenado pelo mesmo Senhor. Rio de Janeiro, 9 de Março de 1822".

Com a expulsão das tropas ás ordens do general Avilez, que em caminho para Portugal se tinham embarcado, conseguiu nullificar as esperanças das côrtes portuguezas.

Submettida a divisão portugueza á vontade de D. Pedro foi fundear sob as baterias da fortaleza da Boa viagem, enquanto a capitanea veio lançar ferro sob o dominio das baterias de Villegaignon e da fragata *União* que arvorava o pavilhão do chefe de Lamare.

O resultado desta missão foi ficarem a nosso serviço os Capitães de Mar e Guerra, Pedro Antonio Nunes; de Fragata, João Bernardino Gonzaga, Capitães Tenentes, Antonio Joaquim do Couto, Theodoro Alexandre de Beaurepaire, 2.º Tenente Joaquim Estasnílão Barbosa; a fragata *Real Carolina*, muitos officiaes do exercito entre elles Coronel Rosado e 894 homens.

Depois de serem pagos os officiaes de patente e de se lhe adiantar dous mezes de comedorias, isto no dia 18, fez-se de regresso no dia 23 a divisão que deveria levar por qualquer modo a Lisboa o futuro imperador do Brasil. Em chegando a Lisboa foi o chefe de divisão commandante da força naval submettido a conselho de guerra.

Conservou-se o Capitão de Fragata João Bernardino Gonzaga no commando da *Real Carolina* até 1 de Maio quando d'ella desembarcou.

Adherindo á nossa independencia, foi promovido a Capitão de Mar e Guerra por Decreto de 12 de Outubro de 1823.

Digamos de passagem que nada lucrou o nosso exercito com a aquisição de Damasceno Rosado, nem a nossa marinha com a do 2.º Tenente Joaquim Estanislaú Barbosa, conhecido por seu mão comportamentamento, e que mais tarde, quando o partido portuguez dominante de novo no nosso paiz, dirigido pelo proprio imperador, vingou-se dos egregios Andradas, decretando a 15 de Novembro de 1823 o seu banimento, foi esse escolhido para na charrua *Luconia* desembarcar em Portugal os expulsos, em vez de fazel-o no Havre como estava determinado. Foi essa alma cheia de baixeza que indo ao imperador agradecer sua nomeação lembrou o machiavelico plano, dizendo: — “*Se V.M. consente nisso, eu prometto fazel-o de modo que salvo a responsabilidade de todos*”. O nobre cavalheirismo de D. Pedro repellio tanta infamia, respondendo-lhe — *Não! não consinto, que isto é uma perfidia!*

No entretanto o nefario plano foi posto em execução. não a contento dos executores, porque houve outro official que o destruiu, e que foi o 2.º Tenente José Joaquim Raposo.

Depois de sua promoção nada sabemos de seus serviços, pois em commissão alguma de paz ou de guerra vimos seu nome mencionado.

Em virtude da Portaria de 3 de Fevereiro de 1827, do ministro da marinha foi nomeado para assumir o commando da fragata *D. Francisca* destinada a cruzar sobre a costa de leste, afim de proteger o nosso commercio, victima dos ataques dos corsarios platinos, armados nos Estados Unidos e outros que tinham suas bases na Patagonia.

Promovido a Chefe de Divisão por Decreto de 12 de Outubro de 1827, desembarcou em 2 de Março de 1828.

Por carta imperial de 17 de Setembro de 1830 foi nomeado presidente da Provincia de Sergipe cargo esse que não chegou a exercer porque por Decreto de 8 de Outubro seguinte foi nomeado Intendente de Marinha do Rio de Janeiro, cujo lugar exerceo até 15 de Abril de 1831, em que por Decreto da Regencia Provisoria foi d'elle dispensado.

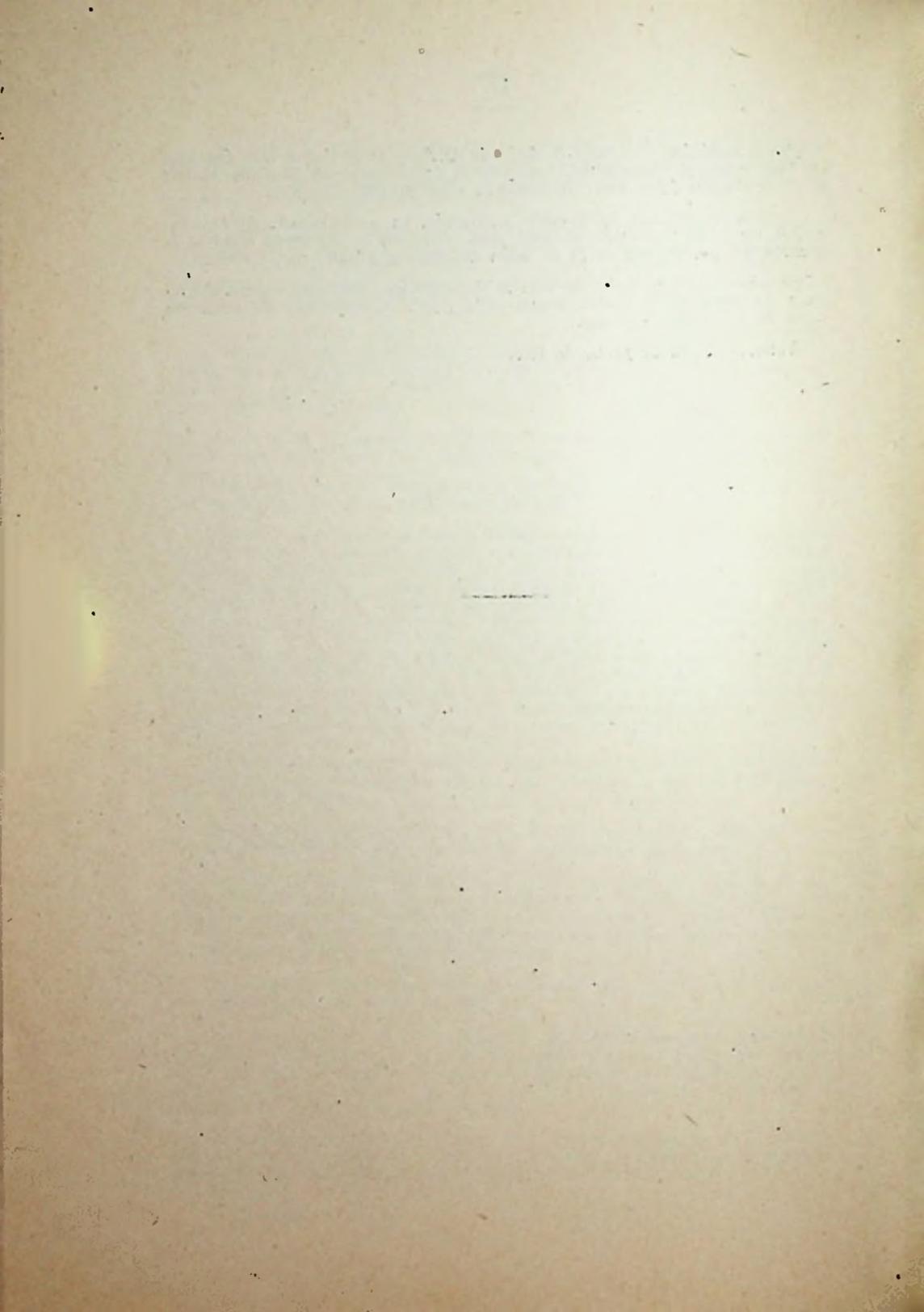
Os successos politicos que se desenvolveram com a abdicção de D. Pedro I, trouxeram grande alteração no pessoal administrativo, ficando por isso muitos d'aquelles que exerciam funções n'aquella epocha afastados de seus cargos.

Nova comissão só teve o chefe de Divisão João Bernardino Gonzaga em 1836, pois por Decreto de 25 e Portaria do Conselho do Supremo Militar de 29 de Agosto desse anno foi nomeado vogal do dito Conselho.

Com a organização do Exercito e Armada, na conformidade do Decreto n. 260, de 1 de Dezembro de 1841, que organisou o respectivo quadro da Armada, foi por decreto de 20 de Julho de 1842 classificado na 3.ª classe.

Por aviso de 10 de Julho de 1843 se lhe participou que fôra reformado no posto de chefe de Esquadra, continuando porém no exercicio do cargo de vogal do Conselho Supremo.

Falleceo em 15 de Junho de 1853.



Felis Joaquim dos Santos Cassão

CHEFE DE ESQUADRA

Nasceu em 1789 em Lisboa, filho do Chefe de Esquadra José Joaquim dos Santos Cassão e d. Felicia Joaquina Honoria dos Santos e Silva.

Disponha o Regulamento da Academia de Marinha de Lisboa, que para ser admittido na Companhia de Guardas Marinhas, creada por Decreto de 14 de Dezembro de 1782, tornava-se preciso ter o curso escolar de tres annos e ter fôro de fidalgo ou sido aspirante á Guarda Marinha, o que se podia obter, então, sendo filho de Capitão de Mar e Guerra, Chefe de Divisão, Coronel ou Brigadeiro.

N'essas circumstancias estava Felis Joaquim dos Santos Cassão e por isso, como Guarda Marinha foi mandado assentar praça em 14 de Outubro de 1800, e no anno seguinte a 22 de Julho mandado embarcar na fragata *Princesa da Beira*, de cujo navio passou para o bergantim *Voador* em 15 de Novembro de 1804. Promovido no dia 15 de Agosto de 1805 ao posto de Segundo Tenente, um anno justo depois embarcou na não *Conde D. Henrique*, até que foi nomeado em 3 de Maio do anno seguinte, ajudante do Major General da Esquadra do Estreito, á bordo da não *Rainha*.

Dada a invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão e a consequente fuga da familia real para o Brasil, continuou a prestar com os officiaes filhos do Brasil os irmãos Antonio e Tristão Pio dos Santos, e Barroso Pereira assignalados serviços á sua patria no Algarve, onde commandou por ordem do barão de Arruda uma barca canhoneira que ali se armára e depois, uma outra, a n. 2 desde 26 de Junho de 1810, em Villa Real e que fazia parte da esquadrilla, do Guadiana. Em 7 de Setembro de 1813 passou a commandar um cahique que tambem na costa do Algarve fazia parte da esquadrilla, empregado no serviço de vigilancia.

Embarcou no bergantim *Lebre* em 51 de Abril de 1815, sendo promovido ao posto de Primeiro Tenente em 13 do mez seguinte. N'esse navio veio para o Brasil. Promovido a 1º Tenente em 13 de Maio desse mesmo anno.

Livre Portugal da invasão franceza, seus arrogantes officiaes que até então não desdenhavam dos filhos da colonia e que com elles privavam, achavam agora que não eram dignos de consideração, porque não lhes corriam nas veias o sangue de avita nobreza e que portanto não os podiam igualar; temendo ainda mais que com a elevação do Brasil a reino, desappareceriam as prerogativas que em grão de superioridade possuíam sobre ellas, não descaçavam em menosprezal-os. As affrontas não duraram muito, pois a reacção veio; deu-se ella em Pernambuco e tão violenta que obrigou a ser adiada a cerimonia da coroação do rei.

Pelo proprio governador de Pernambuco, Cactano Pinto de Miranda Montenegro, enviado para o Rio de Janeiro, em um escuna, arvorando bandeira adoptada pelos republicanos, e que entrou no porto a 25 de Março, teve D. João a confirmação do modo de proceder dos filhos da colonia.

Era aviso de que nessa parte do reino a idéa separatista não se faria muito esperar.

Para castigar tanta ousadia, mandou-se preparar forças navaes e terrestres; ia mostrar-se aos filhos do Brasil como seriam castigados aquelles que assim tão abertamente se manifestavam.

A 2 de Abril partia do Rio o Chefe de Esquadra graduado Rodrigo José Ferreira Lobo commandando os seguintes navios: corveta *Benjamin*, commandada pelo Capitão de Fragata João Felix Pereira de Campos e escuna *Maria Theresza*, commandante Capitão Tenente D. Nuno José de Souza Manoel de Mello.

Na corveta *Benjamin* desde 10 de Fevereiro que se achava embarcado o Primeiro Tenente Santos Cassão.

Outros navios de guerra e transportes cheios de tropas foram mandados para aquella Capitania.

A 24 de Maio abateram armas os revolucionarios e então o que foi praticado contra elles, já nos referimos na biographia do Almirante Rodrigo Lobo. Guardam os filhos do Brasil a lembrança das atrocidades commettidas e d'ellas não se esquecerão, porque foram o prenuncio de outras, até o feliz dia de nossa independencia.

Na fragata *Thetis* em 25 de Agosto embarcou o Primeiro Tenente Santos Cassão, de cujo navio desembarcou em 6 de Setembro. Pelos serviços prestados em Pernambuco, foi promovido ao posto de Capitão Tenente em 12 de Outubro desse anno; recompensa essa, constituida por um posto de accesso a todos que tomaram parte na suffocação da revolta.

Os consecutivos auxilios fornecidos pelo governo das Provincias Unidas do Prata aos revolucionarios que na Cisplatina operavam por conta propria e dos portenhos, uns para a libertação e independencia, outros para annexal-a á Confederação Platina, levaram o nosso governo a mandar forças navaes e terrestres em maior numero para os portos de Montevidéo e Colonia do Sacramento.

Emquanto seguiam os navios para a campanha que ia ser iniciada, considerando-se o Primeiro Tenente Santos Cassão pertencente á esquadra de Portugal, ficava no Rio de Janeiro. Por fim por aviso de 3 de Setembro foi mandado considerar como pertencente ao Departamento da Marinha de Côte, no Brasil, abonando-se-lhe os vencimentos de embarcado, desde que desembarcou do brigue *Lebre*. Continuou desembarcado até 10 de Fevereiro de 1817.

Dada a retirada da familia real para Portugal e posteriormente feita a nossa independencia, não sabemos em que commissão esteve o Capitão Tenente Santos Cassão.

Na fragata *Thetis*, estacionada em Montevidéo foi mandado embarcar em 3 de Fevereiro de 1825.

O governo do Brasil, agora nas mãos dos adhesistas, ou melhor dos partidarios do reino-unido, ferrenhos inimigos dos Andradas, tratou logo de substituir todos os chefes que haviam mostrado decidida sympathia pela Patria que haviam adoptado de coração e não pelo interesse.

Para recompensar o Vice-Almirante Rodrigo Lobo do seu proceder em Pernambuco, estava no poder Villela Barbosa, e assim foi elle nomeado para substituir o Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Nunes, no commando das nossas forças no Rio da Prata.

Para secretario da esquadra, foi nomeado então por proposta do commandante d'ella em 21 de Maio de 1825 o Capitão Tenente Santos Cassão.

No dia 11 de Junho chegou aquelle chefe a Montevidéu, no brigue *Caboclo* e no dia seguinte as galeras *Gertrudes*, *Elisabeth* e *Guilhermina* e no immediato a charruta *Jurujuba* e a 17 o brigue *Triton*; n'estes navios vinham 1.200 homens com o segundo commandante do exercito General Francisco de Paula Maggessi Tavares, posteriormente Barão da Villa Bella.

Em vista do que se passava em Buenos Ayres, onde nosso consulado havia sido apedrejado, teve ordem o Vice-Almirante Rodrigo Lobo de seguir para aquelle porto, e apoiado na esquadra pedir explicações áquelle governo sobre tão isolito proceder não só protegendo abertamente o movimento revolucionario que agitava a Cisplatina, fornecendo-lhe armas munições e permitindo que em seus portos se armassem corsarios, como ainda offendendo a nossa nacionalidade na pessoa de seu representante.

A 5 de Julho chegou áquelle porto, começando deste então o secretario da esquadra ao serviço de redacção de notas trocadas entre o governo argentino e o nosso Almirante, cujas nenhum resultado deram, Naquelle caso mais rapidamente se resolveria a questão com um golpe de espada do que com as mais brilhantes pennadas de quantos diplomatas versados em controversias internacionaes, apparecessem. A guerra entre o Brasil e as Provincias Unidas do Prata era uma fatalidade historica.

Preparada, devido aos attritos entre Portugal e Castella, coube aos herdeiros na America, liquidar a contenda.

A 10 de Dezembro de 1825 foi elle declarada.

Entregues as nossas forças navaes ás mãos de incompetente chefe, já conhecido por seu proceder anterior, mas acobertado pela protecção imperial, não produziram em começo, e quando era necessario, o resultado que era de esperar. Não tinha aquelle chefe espirito de iniciativa; em vez de iniciar uma energica offensiva, calmamente e cheio de prudencia entregava-se a uma missão puramente defensiva. Esse proceder fez com que o inimigo pudesse se preparar, começando por conceder carta de corso a quem bem quizesse.

Sem as qualidades necessarias para missão tão espinhosa, o resultado da campanha foi nullo. Independentemente da falta de requisitos teve contra a si a condescendencia dos nossos ministros que pouco a pouco foram annuindo com as exigencias americanas, francezas e inglezas sobre o bloqueio, o que o tornou improficuo.

Taes foram os desacertos por elle commettidos que julgou o nosso governo não mais conserval-o no commando das nossas forças navaes, substituindo-o pelo Almirante Rodrigo Pinto Guedes.

Promovido a Capitão de Fragata em 31 de Janeiro de 1826, deixou o lugar de secretario da esquadra Felix dos Santos Cassão em 28 de Junho, quando d'ella desembarcou. Na charrua *Jurujuba* embarcou de passagem no porto de Montevidéu, em 29 de Julho acompanhando seu chefe que recolhia-se ao Rio de Janeiro, afim de responder a conselho de guerra.

Por aviso de 26 de Agosto lhe foi concedida licença para fazer diversos passeios afim de se restabelecer de saúde.

Em 7 de Setembro de 1837 foi promovido ao posto de Capitão de Mar e Guerra, contando antiguidade de 22 de Outubro do anno anterior. Nomeado para exercer interinamente o logar de Director da Cordoaria em 27 de Setembro de 1838, o foi effectivo depois. Por decreto de 10 de Novembro de 1840 obteve uma tença annual de 200\$000. Por decreto de 20 de Julho passou para 3.^a classe. Voltando a actividade por decreto de 20 de Agosto de 1845 foi promovido a Chefe de Divisão graduado em 14 de Março de 1847. Teve o habito da Ordem de S. Bento de Aviz por decreto de 16 de Dezembro de 1825; Cruz de Condecoração pelas Campanhas da Peninsula que lhe foi concedida pela Real Determinação de 8 de Junho de 1821. Pela Resolução de 31 de Dezembro de 1850, tomada em Consulta do Conselho Supremo Militar de 8 de Julho do mesmo anno foi reformado no posto de Chefe de Esquadra, falleceu no Rio de Janeiro a 5 de Janeiro de 1857.

Augusto Wenceslão da Silva Lisboa

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Lisboa em 8 de Novembro de 1803. Filho de José Wenceslão da Silva Lisboa e de D. Gertrudes Carlota Moreira Lisboa.

Muito jovem veio para o Brasil, donde eram oriundos seus progenitores. Sentindo verdadeira vocação para a vida do mar, conseguiu matricular-se na Academia de Marinha do Rio de Janeiro em dez de Abril de 1819, onde se lhe mandou assentar praça de aspirante á Guarda Marinha por Aviso de dous de Setembro de 1820, o que se realizou no dia onze do mesmo mez e anno.

A agitação que se operava então no Brasil com a partida da familia real deixando como regente o principe D. Pedro, trazia os espiritos suspensos e desorientados. No Brasil ficára a Academia de Marinha, como assentadas ficaram as numerosas repartições transplantadas. Queriam as Côrtes Portuguezas que voltasse o Brasil ao antigo systema e contra tal proceder não só protestavam todos os filhos do paiz, como a elles se uniram em maioria os reinões, cujos empregos, vantagens que usufruiam e vinculos de familia os tornavam affeiçãoados ao paiz, onde haviam obtido bens de raiz e outros. Não é de estranhar pois, que Silva Lisboa se deixasse ficar no Brasil, tanta mais que accidentalmente havia nascido em Portugal.

Promovido á Guarda Marinha pelo Aviso de 1º de Fevereiro de 1821, continuou o curso da respectiva Academia, concluindo-o em 18 de Dezembro do mesmo anno.

A 12 de Fevereiro de 1822, foi mandado o Guarda Marinha Silva Lisboa embarcar na corveta *Maria da Gloria*.

Acabava de chegar ao Rio de Janeiro, no dia 9 de Dezembro de 1821, ás 3 horas da tarde o brigue *Infante D. Sebastião*, commandado pelo Primeiro Tenente José da Costa Couto, trazendo os Decretos das Côrtes Lusitanas, supprimindo a Academia de Marinha e os Tribunaes do Rio de Janeiro, desligando as Provincias da autoridade do Principe e ordem para que D. Pedro regressasse á Europa, afim de percorrer os paizes do velho continente e n'elles beber ensinamentos para bem administrar os povos; era isto pretexto para fazel-o arredar do Brasil que ia passar novamente á Colonia.

Reagio a alma nacional contra taes Decretos; disposto estava o Principe a submeter-se, mas os patriotas asseguraram-lhe que a fragata *União*, que se preparava para transportal-o á Lisboa só o faria arvorando a bandeira de nossa independencia.

Accedeo o Príncipe á vontade dos brasilienses e a sua causa esposou. Postos em cerco as forças do General Avilez, que se fortificára no morro do Castello, tiveram de entregar-se e de accordo com o combinado deveriam passar á Nichteroy donde se embarcariam para a Europa.

Uma vez na cidade fronteira negaram-se ao embarque; bloqueados por alguns navios, tiveram que sujeitar-se, passando para os transportes *S. José Americano*, *Despique*, *Duarte Pacheco*, *Industria*, *Tres Corações*, *Constituição*, *Verdadeiros Amigos*. E no dia 15 de Fevereiro, comboiados pelas corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal*, fizeram-se de vela, deixando as plagas brasilienses.

A corveta *Maria da Gloria*, sob o commando do Capitão de Mar e Guerra Diogo Jorge de Brito, havia chegado de seu cruzeiro e desde logo posta ao nosso serviço, tomára parte no bloqueio. Dous dias depois de sua chegada, isto é, a 12 de Fevereiro, nella teve embarque o guarda-marinha Wenceslau Lisboa.

Levavam ambos os navios instrucções para não abandonarem os transportes senão depois de dobrado o cabo de S. Roque. Na altura dos Abrolhos illudindo os transportes *S. José Americano* e *Verdadeiros Amigos* a vigilancia das corvetas, fizeram rumo á Bahia. Ordenou o commandante Diogo de Brito que a *Liberal* os caçasse; depois de alcançados, o commandante do *Liberal*, porém, conveniente com elles, deixou-os escapar, á pretexto de que seu navio estava com o mastro da gata rendido. Foram elles ter á Bahia.

Depois de quarenta dias de viagem, na altura de Pernambuco supprio o commandante Diogo de Brito, os transportes de mantimentos pedidos e os despedio, excepção do *Tres Corações*, impossibilitado por se terem estregado os recebidos no Rio de Janeiro. Providenciado sobre o assumpto seguiu a *Tres Corações*, enquanto a *Maria da Gloria* se ia abastecer no Recife, onde entrou a 26 de Março; depois de 40 horas fez-se de novo ao mar, indo até ás costas de Parahyba, annunciar o proposito dos brasilienses. A *Liberal* havia regressado da altura de Alagoas. De novo voltou ao Recife donde seguiu até ás costas da Bahia afim de enviar intimações á Junta para que fizesse embarcar as tropas portuguezas existentes n'aquella provincia. Ali teve conhecimento Wenceslau Lisboa do que se havia passado nos dias 17 e 18 de Fevereiro, nos quaes a sanha da soldadesca lusitana cevou-se contra os brasilienses, com o assassinio, incendio, roubo e outras atrocidades. Duzentos delles haviam pago o seu amor á terra natal que queriam vel-a livre. Nesses negros dias ao mesmo tempo que cahia victima sorôr Joanna Angelica, abadessa do convento do Carmo, por não querer dar dinheiro á soldadesca, era varado o capellão Daniel da Silva Lisboa, seu tio que acudira e tudo por serem ambos brasilienses.

A 19 de Abril de 1822, regressava a *Maria da Gloria* ao Rio de Janeiro e portanto o Guarda-Marinha Wenceslau da Silva Lisboa.

Ao preparar-se a divisão que sob ás ordens do Chefe de Divisão Rodrigo de Lamare deveria ir bloquear o porto e levar soccorro de tropas aos brasilienses na Bahia, passou em 22 de Junho para o brigue *Reino Unido* que fazia parte da mesma divisão, commandado pelo Capitão-Tenente D. Francisco de Souza Coutinho, tropas-essas commandadas pelo General Pedro Labatut, valente official de Napoleão que abraçara a causa do Brasil.

Nessa viagem accidentada, partilhou Wenceslau da Silva Lisboa dos cuidados que tiveram os officiaes em conter a guarnição, na quasi totalidade portugueza, no seu mal escondido desejo de entregar-se ás forças do General luzitano Madeira que dominava pelo terror na Bahia. Dê-o a biographia do Chefe de Divisão Rodrigo Antonio de Moraes de Lamare o succedido.

Sahido a 14 de Julho do Rio de Janeiro, em consequencia do máo tempo a 26 estava no paralelo de Santa Catharina, procurando ganhar barlavento, quando então virou de bordo, indo ter á Bahia.

As difficuldades em que se vio o chefe de Lamare, fizeram com que o desembarque das tropas fosse feito em Alagoas e não em Garcia d'Avila, como pretendia.

No serviço do desembarque das tropas muito trabalhou o Guarda Marinha Wenceslau Lisboa.

De regresso a expedição, depois de ter ido a Pernambuco, sem ter levado a effeito o bloqueio da Bahia, e por pouco fracassada, chegou ao Rio de Janeiro a 20 de Setembro.

Promovido ao posto de Segundo Tenente por Decreto de seis de Outubro, em oito do mesmo mez regressou para a *Maria da Gloria*, da qual desembarcou no dia 25, em vista de entrar em reparos este navio. Tres dias depois teve embarque na fragata *Real Carolina*, navio esse que havia ficado no Brasil, fazendo parte da esquadra mandada de Portugal para obrigar D. Pedro a cumprir as ordens das Côrtes, para se recolher á Lisboa.

A 2 de Abril, vespera da partida da esquadra brasiliense que sob ás ordens de Lord Cochrane, ia levar a liberdade aos bahianos expulsando de lá as tropas portuguezas, passou da *Real Carolina*, já denominada *Paraguassú*, para commandar a escuna *Catharina*. N'esse navio teve ordem de ir reunir-se á esquadra na Bahia: na mesma occasião que o fazia, na escuna *Leopoldina* seguia o Capitão Tenente Antonio Rabello da Gama, levando a charrua *Luiza* commandada pelo Primeiro Tenente Francisco Bibiano de Castro e dous brulotes.

Depois do memoravel combate, no dia 4 de Maio, em o qual se mediram os nossos navios com os da esquadra portugueza, teve necessidade Lord Cochrane de melhor preparar os seus navios e retirar d'elles o elemento pernicioso que a enfraquecia, que era o pessoal luitano n'elles embarcados. Para esse fim dirigio-se no dia 5 para o morro de S. Paulo, onde já encontrou as escunas *Leopoldina*, charrua *Luiza* e os dous brulotes, como a escuna *Catharina*.

Empregado nos serviços a que se impuzera Lord Cochrane para tornar o porto do Morro de S. Paulo em uma base de operações, achando-se doente passou para bordo da *Ipyranga* em 5 de Junho afim de restabelecer-se. Os apressos da esquadra para entrar em combate, fizeram com que o Tenente Wencesláo Lisboa fosse nomeado para commandar o brulote *Luiza*, nomeação esta que teve lugar quatro dias depois de sua passagem para a *Ipyranga*.

Não havendo mais necessidade dos brulotes, em vista de ter o nosso Almirante tido conhecimento de que o General Madeira não mais podendo se sustentar na cidade, accosado no reconcavo pela frotilha do intemerato João das Bottas, em terra pelas forças dos patriotas e pelo bloqueio da esquadra, ia abandonal-a, no dia 2 de Julho, passou o Segundo Tenente para a fragata *Nietheroy*, ao mando do bravo Capitão de Fragata João Taylor. E desse dia em diante, começou a ter o jovem official para mestre o arrojado official que ousou perseguir a esquadra portugueza desde as costas da Bahia até a foz do Tejo. Assim presenciou a 7 de Agosto o aprisionamento do transporte *Gão Pará*, com 270 soldados, e a 26 o hiate *Alegria*.

Necessitando o commandante Taylor mandar communicações ao nosso governo, determinou que Wencesláo Lisboa assumisse o commando da dita presa e nella seguisse para o Rio de Janeiro.

No dia 29 do mesmo mez, revoltou-se a guarnição do hiate e depois de breve lucta e ferido o Tenente Lisboa, fizeram rumo á Portugal, alcançando o porto de Vianna. Entregue ao governo portuguez o nosso official, foi elle mandado encarcerar á bordo da fragata *S. Sebastião*, onde para sua alimentação só lhe davam ração do porão.

Por intermedio de nossos agentes em Londres, soccorreo-o o nosso governo para que não morresse de inanição, por falta de alimentos.

Promovido a Primeiro Tenente por Decreto de 9 de Agosto de 1824, depois de ter obtido a liberdade, apresentou-se ao Quartel Central, vindo de Lisboa em 16 de Outubro do mesmo anno. Nomeado em 17 de Novembro para embarcar novamente na fragata *Nitherohy*, então sob o commando do Capitão de Fragata James Norton, fazendo parte da divisão do chefe de divisão David Jenett, operando no norte, contra os revolucionarios pernambucanos que haviam proclamado a Republica do Equador.

Da fragata *Nitherohy* destacou em 11 de Julho de 1825 para a não *Pedro I*, da qual regressou para o seu navio a 28 de Agosto.

Coube-lhe pelo Decreto de 17 de Agosto de 1825 a medalha de distincção, creada pelo Decreto de 2 de Julho desse anno, para premiar aquelles que tivessem feito toda a campanha para expulsar as tropas portuguezas do Brasil.

A guerra que rebentára entre o Brasil e as Provincias Unidas do Prata chamára ao sul os nossos navios. Para Montevidéo fora mandada a *Nitherohy*, nella seguindo o 1º Tenente Wencesláo Lisboa.

Essa fragata, era o navio capitanea da divisão composta das escunas *Conceição*, de 4 canhões, *Itaparica*, de um, *Maria da Gloria*, de um, e *Maria Theresa*, de quatro e se achava no porto de Montevidéo, sob ás ordens do Chefe de Divisão Pedro Antonio Nunes, que substitutira o de igual patente Diogo Jorge de Brito; achava-se o Vice-Almirante Rodrigo José Ferreira Lobo na linha do bloqueio na Punta del Indio.

Tendo deixado o Almirante argentino Brown a cruzar entre o porto de Colonia e o de S. Juan os brigues *Independencia*, *Balcarce*, escuna *Sarandi*, arvorando a bandeira franceza, foi o brigue postar-se em frente á Montevidéo, com a corveta 25 de Mayo e brigues *Republica* e *Congresso*, com o fim de, usando dessa solercia, apresiar os nossos navios que lhe passassem ao alcance.

No dia 11 de Abril, desmascarou-se o inimigo, pois perseguindo uma escuna mercante, por demais approximou-se do porto e por essa razão foi reconhecido. Batiam onze horas da manhã quando isso se deu; sem demora velejaram os navios, a *Nitherohy* á frente.

Dispersos estavam os inimigos, esperando assim attrahir as nossas escunas. O commandante Norton porém que não era homem de esperar occasião para o ataque, pois tinha por certo, que quem primeiro ataca sempre se torna superior, não podia sujeitar o andar de navio ao das escunas.

Mandou largar todo o panno para aproveitar a fraca brisa de leste que então soprava, rumo a 25 de Mayo. Isto vendo Brown, que só tinha a combater um navio, arriou a bandeira franceza e içou argentina e fez signal de reunião ao *Congresso* e *Republica*.

No fim de tres horas de porfiada caça alcançaram os canhões da *Nitherohy* o inimigo; tão violento foi o fogo que o *Congresso* para esquivar-se delle, procurou abrigar-se na fuga, deixando o seu capitanea com o *Republica*, ás voltas com a *Nitherohy*. A's 6 horas, isto é, depois de tres horas de con-

tinuado fogo, de ambas as partes, pretende o inimigo deixar o campo de acção, e por essa razão manobrou arribando. Executando a manobra pensava enfiar a *Nitherohy*; Norton, porém, attento ao menor movimento do rumo que levava o inimigo, havia comprehendido a sua intenção e na mesma occasião executou identica manobra o que lhe deu a vantagem de despejar-lhe bandas inteiras de certos tiros.

Não descansou mais a *Nitherohy* em castigar a velhacaria do inimigo e até fechar-se a noite o levou de corrida. Teve a capitanea inimiga 9 mortos e 15 feridos, o mastaréo grande partido e graves avarias no costado e aparelho. O *Republica* teve um morto e dous feridos e diversas avarias.

Tivemos neste arduo combate cinco mortos e nove feridos entre estes o Primeiro Tenente João da Silva Lisboa.

Substituiu o Almirante Pinto Guedes ao Vice-Almirante Rodrigo Lobo, chamado ao Rio, para responder pelos desacertos commettidos na direcção das operações navaes. Ao organizar a nossa esquadra em quatro divisões, deu o commando da escuna *Providencia*, armada com tres canhões, e que fazia parte da 2.ª divisão, ao Primeiro Tenente Wenceslau Lisboa, em 14 de Maio de 1826.

No ataque levado por Norton ao porto de Buenos Ayres, no dia 11 de Junho, em o qual se não fosse o atraso das pequenas escunas e hiates que não chegaram a tempo de tomar parte n'elle e se não fosse o pequeno alcance de nossas caronadas, que raramente podiam embecciar os navios inimigos fundeados por detraz do banco situado ao nordeste da cidade, umas tres ou quatro milhas, certamente n'aquelle dia, como 39 annos depois o fôra a paraguaya no Riachuelo, teria sido destruido o poder maritimo do inimigo.

Inuteis as caronadas (195 na nossa esquadra e 38 na argentina), só era possivel o emprego de peças, e essas mesmo, com a maxima elevação, tornando portanto incertas as pontarias. Dessas tinham o inimigo 88 e nós 77, contando com as dos navios distanciados e que não entraram no combate. Dentro do porto contava o inimigo 17 navios; ao todo eramos 31, porém excluida a *Nitherohy*, *Maria da Gloria*, *Macció*, *Liberal*, *Itaparica*, brigues *Pirajá* 29 de Agosto, *Independencia ou Morte*, que devido a calado, longe ficaram, a escunas *Itapoan*, *Liberdade do Sul*, hiates *9 de Janeiro*, *7 de Setembro*, *12 de Outubro* e *1.º de Dezembro* que ficavam sotaventados, vê-se que houve arrojio de nossa parte e tanto assim foi, que Norton conseguiu retirar do porto a escuna *Isabel Muria*, tomada por Brown, dous mezes antes:

Os navios que mais se aproximaram foram: as escunas *D. Paula*, onde estavam os dous chefes Norton e Senna Pereira, brigue *Cabocto*, brigue escuna *Januaria*, escuna *Itaparica* e *Providencia*, do commando de Wenceslau Lisboa.

No intuito de obstar as constantes remessas de tropas que fazia a Argentina para a Cisplatina, atravez do rio Uruguay, tardiamente foi lembrada a remessa de navios afim de percorrel-o.

Para isso deu ordem o Almirante Pinto Guedes á 3.ª divisão de sua esquadra para se preparar. Mas até que se aprestasse, muito tempo foi gasto; então commandada pelo Capitão de Fragata Senna Pereira e como ainda hoje, nenhuma reserva foi tomada, e mesmo que o fosse, seria desde logo posta a publico.

O irmão de Brown que em Montevidéo fazia o serviço de espionagem não precisava de muito apuro para conhecer de muitos dos pormenores do serviço militar e naval. Sobre este assumpto diz o Dr. Alcides Lima, na sua "Historia de guerra de 1825 a 1828 entre o Brasil e as Provincias Unidas, do Rio da Prata".

O General inimigo achava-se em constante e secreta correspondencia com as praças de Montevideo e Colonia, informando-se de todas as medidas e resoluções tomadas pelo quartel general brasileiro, por intermedio de des-
 envoltas senhoras orientaes que conviviam intimamente com as familias con-
 terraneas, em que havia casado uma infinidade de officiaes Brasileiros, quer
 de terra quer de mar e de todas as patentes. Não podia ter sido mais fatal
 á sorte das armas imperiaes essa cordialidade das tropas do Brasil com a
 sociedade montevideana.

Todos os documentos da época insistem na inconveniencia dessa galan-
 teria; porque, acobertada por ella, a traição campeava impunemente. Ar-
 mitage, o profundo observador, escreveu neste sentido periodos de uma frescura
 e vida, que ainda podem ser lidos com curiosidades e interesse "As suas ma-
 neiras (das Argentinas e das Uruguayas) são encantadoras e ainda que
 imperfeitamente educadas, a sua conversação é cheia de espirito e de variedade.
 Não é portanto, de admirar, que este contraste tanto preponderasse sobre os
 officiaes brasileiros; acharam nas senhoras hespanholas muitos attractivos e
 mais accessivel sociabilidade do que jámais haviam experimentado nas suas
 patricias. (*Histo. do Bras.* pag. 164, Rio, 1837).

O grave e velho Almirante Rodrigo Lobo, da prisão em que se achava na
 leza de Santa Cruz, escrevia em 3 de Agosto de 1862 ao Ministro da
 nha Villela Barbosa (Visconde de Paranaguá), defendendo-se de uma
 ação; aborda o mesmo assumpto e sobre elle faz vivas considerações. (2).

2) "Bem sabe V. Ex., pela experiencia de haver servido no corpo da
 nha, quanto a proximidade dos dous sexos da sociedade hespanhola per-
 galanteios, que a entretém, e não soffre aquella separação que uma bar-
 ottomana quasi ainda conserva entre os sexos da sociedade portugueza...
 quem souber que um commandante de esquadra do Rio da Prata, mór-
 e revestido da minha graduação, representa alli de alguma cousa, não
 nhará que eu entrasse a gozar as sociedades mais decentes do paiz..."

Originalissima era essa fórmula, a um só tempo cordial e perfida, por que
 raído o Brasil!

) certo foi que já no dia seguinte áquelle em que a frota nacional zarpu
 Colonia, veio ao conhecimento do chefe que em Buenos Aires estava
 ompta a levantar ferro, com o fim de cortar a retaguarda da expedição bra-
 sileira, uma esquadra inimiga numerando dezoito embarcações. Tal foi a
 importante noticia adquirida na caça dada á escuna argentina "Rio". E tendo
 regressado ao porto de partida, afim de deixar a presa, Senna Pereira novamente
 volvia ao Uruguay, na firme convicção de que ficava com a retaguarda gara-
 ntida pela divisão de Norton, a sustentar o bloqueio de Buenos Aires, mal
 cuidava que Brown, com a sua bem equipada frota (brigue "Balcarce", de
 14 canhões; escunas "Sarandi", de 7; "Maldonado", de 8; "Guanaco", de
 8; "Union", de 10; "Pepa", de 2 e "Uruguay", de 7, e o resto de lanchões-
 canhoneiras) rumava nas suas aguas, tambem Uruguay acima, até que na al-
 tura da barra do rio Negro foi alcançado e por elle enfrentado.

Opportuno para a refrega pareceu o momento, e os belligerantes esco-
 lheram posição; houve mesmo breve troca de tiros. Entretanto, sem nenhuma
 -justificação, Brown enviou como parlamentar á capitanea brasileira o Ca-
 pitão Coe, Commandante da "Sarandi", com a intimação a que Senna Pereira
 e os seus se rendessem. O chefe brasileiro não se dignou dar resposta e deteve
 a bordo do seu navio o parlamentar. (3)

Brown ou porque desanimasse, em razão da sólida formatura da linha
 brasileira, ou porque o vento o não favorecesse, depois de ter esperado em
 vão o regresso do seu official, deu pópa ao inimigo e já derivava aguas
 abaixo quando encalharam, tres milhas além, as suas melhores embarcações

— . “Balcarce”, a “Sarandi”, a “Maldonado” e a “Uruguay”. As demais não attenderam ao accidente, que teria sido de gravissimas consequencias se a divisão brasileira tem salteado, aproveitando a precaria contingencia de Brown; fugiram a todo pauno. (4)

Ainda nesse mesmo dia, Brow logrou safar e correu a Buenos Aires, a pôr mãos á obra de um plano que concebera. Consistia elle em obter nessa metropole o necessario material bellico e gente para fortificar a esteril e arenosa ilha de Martin Garcia, aliás importantissima posição estrategica completamente abandonada, desde que nos primeiros mezes de 1826 Rodrigo Lobo commettera a inepecia de lhe retirar a guarnição e armamento, sob o pretexto da muita arca que a tornava inhabitavel. (4). Brown confiou a empresa ao seu bravo subordinado Thomás Espora, o mais valoroso dos capitães inimigos, o qual sem demora fez levantar o forte “Constitucion”, sufficientemente artilhado e provido.

Avaliando Pinto Guedes o quanto assim se engravecia a situação da terceira divisão da esquadra, agora com a retirada completamente tomada pelo adversario, considerou a conveniencia de enviar soccorro a ella; e uma flotilha sob o arbitrio do Capitão de Fragata Frederico Mariath foi logo em auxilio de Senna Pereira.

Acosada pelo temporal, apenas emprehendida a viagem a corveta “Maceió” (capitanea) e a escuna “Dous de Dezembro” adiantaram-se por demais dos outros navios, distanciados em luta aberta contra a tormenta que os assoberbava e atrasava. Em 18 de Janeiro aquellas duas embarcações, nas proximidades de Martin Garcia affrontavam-se com os vasos de Brown.

O brigue “Balcarce”, a barca “Paulistana”, (tomada aos nossos em Maldonado), as escunas “Peça”, “Sarandi”, “Union” e duas sumacas, embarcações de muito menos calado que a “Maceió”, acercaram-se della que arrasavam a cada momento, e contra a mesma assestaram baterias, começando por damnificar-lhe o apparelho, que soffreu as maiores avarias; comtudo Mariath mantinha calado a sua artilharia. Foi deixando o inimigo approximar-se até ficar quasi prolongado; trôa inopinadamente neste em meio o canhão, que desde o momento começa a levar o desapontamento nas linhas oppostas. Ha grande perda de gente de uma e de outra parte. Como decisivo esforço, Brown tenta uma abordagem e destaca do bordo dos seus navios cinco lanchas devidamente equipadas para tão temeraria operação. Mariath novamente silencia, e espera com carga de metralha. Brown ousadamente tem affrontado e está apenas ao alcance de tiro de pistola; bruscamente, porém, da “Maceió” dispara a mortifera banda, que maltratando cruelmente os assaltantes, os obriga a ignominiosa e tulmutuosa retirada, sanguinosamente dizimados, já pela lanterna, já pela espingardaria do contingente de infantes que traz a bordo.

Assim terminou essa terrivel jornada cujas aguas, desamparadas pelo general inimigo, ficaram occupadas por Mariath, o qual, deixando de seguir em auxilio do ponto ameaçado em que se encontrava Senna Pereira, permaneceu inerte, insulado por sua vez, naquella desabrida estancia.

A Senna Pereira, á sazão em Sandú, era positiva a certeza da sua critica contingencia: Martin Garcia por onde fatalmente tinha de cruzar, fortificada e sustentada pela esquadra argentina; a unica sahida, portanto, tomada pelo inimigo, que do mesmo modo era senhor de ambas as margens do Uruguay. Tambem, sua missão — apoiar o Exercito brasileiro — estava cumprida; este já havia deixado Sant’Anna do Livramento e se internado no coração do Rio Grande do Sul; hostilizar o argentino? Mas este seguia no encaço daquelle...

Urgia portanto, custasse o que custasse, romper aquelle circulo de ferro e descer de retorno, já não podendo evitar o choque concertado por Brown. E delle Senna Pereira tinha tanta certeza que prevenio a todos que o esperado recontro deveria verificar-se em 8 de Fevereiro, e largou amarras, Uruguay abaixo, com a companhia á meia razão. (5)

A 7 foram convocados em conselho á bordo da almiranta, os commandantes das diversas unidades, e o commando geral indagou se a passagem em Martin Garcia deveria effectuar-se pelo canal de leste ou pelo de oeste. Opinou a maioria que fosse pelo de oeste, como franco.

Na altura das Higueritas, póvoa de pobres habitações, sobre a Punta Gorda amanheceu o dia 8; a esquadilha achava-se fundeada, porque durante a noite amainara totalmente o vento.

E' exactamente nessa estancia que principia o estuario do Prata; dahi para o sul alarga consideravelmente: é quasi um mar; logo abaixo da Punta Gorda já mede cerca de legua e meia de largo. é baixa, rasa, desabrigada. desarporecida; immensamente alongada, como é a orla argentina, qualquer viração fresca que sopra do occidente ou do sul, mesmo no verão, agita e revolta impetuosamente as aguas. Desfeito o temporal, ha sempre perigo, porque o canal é estreito e o numero de parceis não tem conta.

O inimigo andava perto; passára a noite a observar porque ao pintar d'alva foram vistas algumas velas, que, impellidas pelo vento N., cutão soprador, corriam a abrigar-se na sua linha principal.

Favoravel, pois era o vento, a capitanea deu signal de suspender, e a frota avançou. Pouco depois encalha a escuna "Oriental", e emquanto não desencalha faz perder as melhores horas de vento favoravel, até que safando, o vento tem serenado de todo; as unidades dão fundo.

Achava-se a Armada brasileira nas proximidades da linha inimiga. Decoreu uma hora; logo após o meio-dia rondou o vento e a brisa veio por SSE., portanto favoravel ao inimigo, o qual, aproveitando a feição atirou-se ao ataque, resolutamente recebido pelos brasileiros. O brigue "Januaria" orçou contra o atacante e logo se viu empenhado em viva refrega contra o "Balcarce" e "Sarandi" e tres lanchões canhoneiras. Nesse momento encalha a escuna nacional "Liberdade do Sul", do commando de um official, cujo animo e pericia não têm abono em uma memoria escripta pelo commandante do "Januaria" (6) ficando muito exposta ás hostilidades do contrario; e o que valeu, em passo tão apertado, foi o vento ter cahido de NE. permittindo assim que a esquadilha passasse a barlavento do inimigo; todavia essa posição favoravel não deu tempo a que pudesse ser tirado o minimo partido. Logo por força de uma forte trovoada de S., seguida de temporal, cessou o fogo de ambas as parte. Tão impetuosa era a tormenta que lançou a confusão entre os navios brasileiros; alguns correram risco de sossobrar, outros tiveram de ficar a duas amarras, fundeando todos a sotavento dos argentinos, a insignificante distancia delles. De feito, no estuario do Prata os vendavaes desencadeiam, mesmo de verão rijos e alarmantes; os pegões arrancam desordenadamente o ar, engrossando as ondas que sobem e enfuriam em tanta maneira que embarcações pequenas, como escunas, hiates e lanchas podem ser victimadas dos enormes rolos de agua proprios do mar alto. Ao entardecer abonançou o tempo, e a divisão brasileira recebeu ordem de fazer-se á vela, porém ainda uma vez mais, á vista do inimigo, a manobra foi pessimamente feita: as unidades fundeadas a um só ferro o suspenderam com a devida presteza e adiantaram-se; mas as que o estavam a dous, consumiram tamanho discurso na suspensão delles que as primeiras tomaram enorme dianteira. A escuna "Doze de Outubro" quasi foi salteada pelo adversario, e estaria perdida se não fóra o prompto auxilio prestado pela "Bertioga" e pelo "Januaria".

Já por noite, á volta das 11 horas, é que toda a Armada se reunio e fundeou proxima da ilha Sola (que fica acima da Dos Hermanas) á milha e meia da divisão platina, tendo ancorado as embarcações "como cada commandante quiz". (7)

Não tendo sido tomada nenhuma ordem ou disposição, não admira que houvesse cahido presa do inimigo, nessa noite, a escuna armada em hospital fluctuante o que ficara muito atraz, no sitio onde o máo tempo surpreendera a acção, e ahí lançara ferro; a seu bordo estava detido o commandante Coe, o tal parlamentario suspeito. Ora, elle que tinha visitado quasi todas as embarcações brasileiras e tomado nota de tudo, o que não teria relatado aos seus, como producto de proveitosa espionagem, quando logrou volver á regaça daquelles?

Tambem Brown pernitoiu sobre amarras, e ao amanhecer de 9 apresentava posição em forma de cunha. Não era satisfactoria a formação brasileira, e mais a engravecia a circumstancia de ter o Almirante inimigo sabido aproveitar-se do canal de navegação para nelle fazer operar os seus navios de maior calado.

(5) Lê-se numa relação coeva que a varios commandantes fóra mostrada uma carta escripta de Entre Rios por pessoa de assignalado destaque, na qual se assegurava ao Capitão brasileiro que dada a emergencia de algum revez, elle e os seus achariam efficaz refugio naquella provincia, tida como inimiga

Posteriores acontecimentos confirmaram praticamente o humanitario procedimento das autoridades entre-rianas, traduzindo o aviso do enigmatico amigo do Brasil, o que no Prata até hoje não se perdôa como testemunha a moderna obra do Capitão Baldrich.

(6) Chamava-se Augusto Wencesláo Lisboa e era 1° Tenente. Bom amigo da dança, elogiava o salão da sua escuna como espaçoso e apropriado a tal exercicio.

(7) Em 1829 uma testemunha ocular referindo-se a este episodio, commenta assim: "Reinou em toda a noite um silencio sepulcral que parecia que todos tinham morrido; não houve uma só ordem ou disposição. Um commandante me disse que tendo ido ás 11 1/2 da noite á bordo do chefe pedir uma vela grande por ter perdido a sua no combate antecedente, atracou a bordo sem ter sido sentido, e que quando o viram estava em cima da tolda; que encontrou o commandante na sua camara deitado, e que lhe disse estava com muitas dôres de cabeça".

No dia 9 de Fevereiro, suspenderam as duas esquadrihas, empenhando-se em formidavel combate, em o qual Senna Pereira e Jorge Broom dão a mais brilhante demonstração de valor e estoicismo, não infelizmente seguido pela maioria de seus commandados.

Bem alto, elevaram elles, um na escuna *Oriental* e o outro no *Bertioga* o nome do Brasil enquanto outros o arrastavam rio acima em vergonhosa fuga.

O que foi este tremendo combate onde os rasgos de heroismo tiveram em cortejo como os de cobardia, para mais alevantarem aquelles, já dissemos na biographia do chefe Senna Pereira.

De Wencesláo Lisboa, diremos que incendiou seu navio o *Liberdade do Sul*, no que foi imitado pelo do *Itapoa*.

As restantes embarcações da 3ª Divisão que haviam desanimosamente abandonado o campo de honra, subiram o rio; algumas procuraram o braço Guazú e outros o Gualaguaychu.

Em 14 de Fevereiro o governador da Colonia, dando parte ao Chefe de Divisão Pedro Antonio Nunes do desastre do Juncal, dizia que se haviam apresentado 6 marinheiros da escuna *Oriental* no dia 12, das 3 para 4 horas da tarde e que ao meio dia lá havia chegado o Primeiro Tenente Carvalho, commandante da *D. Januaria* com toda a sua tripulação (12 homens) "Que o Primeiro Tenente Aranha, (da *Itapoan*) consultou os Commandantes sobre o que se devia deliberar, e estes eram de parecer, que tomaram, queimando as embarcações maiores, porém que particularmente o consul Romão influio, para que fossem para Gualaguaychú que podia ser alli achassem hospitalidade, inda mesmo não chamando-a, queimavam as embarcações e se entregavam prisioneiros; mas elles firmes no seu projecto, quando se fizeram á vela o puzeram em pratica. Observaram, que queimaram as tres Escunas *Itapoan*, *Liberdade do Sul* e *Sete de Março*. recebendo a gente para as 5 barcas que lhes ficaram, seguiram aquelle destino; as 2 Barcas que tinham entrado para o Guazú com a *Brocoió* foram prisioneiras depois de todas fazerem resistencia. Luiz Cypriano morreu de um tiro de artilharia."

Feito prisioneiro Wencesláu Lisboa, foi conduzido com os demais para Gualaguaychú, donde evadio-se para Montevidéo, sendo de novo aprisionado.

Novamente soffreo Wencesláu Lisboa máos tratamentos como prisioneiro de guerra, pois tinha para seu sustento apenas cinco reales.

Só depois de terminada a guerra, foi trocado por outros prisioneiros.

No dia 16 de Outubro de 1828, apresentou-se ao Almirante commandante em chefe da Esquadra no porto de Montevidéo; foi então mandado embarcar na escuna *Maria Isabel*.

Desse navio passou para bordo da corveta *Carioca* em 1 de Novembro e n'ella seguiu para o Rio de Janeiro, onde chegou e d'ella desembarcou em 5 de Janeiro de 1829.

Por nomeação de 31 de Janeiro de 1830, tomou o commando da náó *D. Pedro*, que se achava desarmada até que na mesma cathegoria passou para o paquete *Imperial Pedro* em 4 de Dezembro do mesmo anno.

Em 20 de Dezembro de 1832, desembarcou desse navio.

Para commandar o paquete *Jacuipe* foi nomeado por Aviso de 20 de Abril de 1833, do qual passou por troca, como lhe permittio o Aviso de 2 de Maio do mesmo anno, para commandar a Barca á vapor *Corrcio Brasileiro*.

Por Decreto de 14 de Setembro de 1835 foi nomeado Feitor Stereometra da Alfandega da Bahia, pelo que desembarcou da *Corrcio Brasileiro*, sendo empossado do emprego em 27 de Janeiro de 1836.

Promovido a Capitão Tenente por Decreto de 7 de Abril de 1837, contando antiguidade de 22 de Outubro do anno anterior; em virtude de um outro de 15 do mesmo mez de Abril, continuou no mesmo emprego, quando por Decreto de 15 de Setembro do mesmo anno foi nomeado Ajudante da Inspecção do Arsenal da Bahia.

No exercicio desse cargo se achava quando deu-se a explosão do movimento republicano conhecido pela *Sabinada*.

Os revolucionarios auxiliados por quarenta soldados de artilharia, corpo de permanentes e outros batalhões de linha, proclamaram a republica, durante a menoridade do imperador.

Devido a esse facto as autoridades legaes embarcaram nos brigues *Tres de Maio* e *29 de Agosto*, que foram fundear em frente á ilha de Itaparica. Nesse mesmo dia 7 de Novembro de 1837, embarcou-se Wencesláu Lisboa com

o intendente de marinha, depois de auxiliar o embarque de algumas familias e da 1.^a companhia de marinheiros fixos que havia desembarcado na noite anterior.

No dia 11 de Novembro havendo os revolucionarios bahianos se apoderado do paquete *Brazilia*, procedente de Pernambuco, obrigando o seu commandante a fundear junto ao arsenal, a desenvergar todo o pauco e desembarcar a guarnição, excepto os officiaes da lotação e passageiros militares, officiaes de marinha, os capitães tenentes Joaquim Marques Lisboa, o futuro Almirante marquez de Tamandaré, e João Maria Wandenkolk, futuro Almirante barão de Araguay, 1.^o Tenentes Felippe José Pereira Leal e Hermenegildo da Cunha Barbosa que haviam prestado inestimaveis serviços no Pará no julgamento do movimento revolucionario d'aquella provincia e que doentes se recolhiam ao Rio de Janeiro.

Sabedor o illustre e bravo Marques Lisboa que em terra e por ordem do commandante da força naval se achava o 1.^o Tenente José Moreira Guerra, sem poder recolher-se á bordo dos navios legaes, por coacção dos revolucionarios, com elle combinou tomarem os dous, conta da canhoneira n. 1 e leval-a para Itaparica.

Acceito, dirigio-se Marques Lisboa para bordo da canhoneira que montava dous redizios e guarnecida por 60 homens. Com tal imperio e sangue frio se houve Marques Lisboa que sem encontrar a menor resistencia e desconfiança, assumio o commando do navio. Pouco depois atracava o 1.^o Tenente Moreira Guerra e logo em seguida suspendeo a canhoneira. Ao passar junto ao forte do Mar, tambem de posse dos rebeldes, intimada ao que ia, teve em resposta que á serviço de policia por ordem do presidente eleito João Carneiro da Silva Rego. Fundeou sem o menor obstaculo a canhoneira em frente a Itaparica, entregando-a Marques Lisboa, visto não querer o Presidente iniciar o ataque á cidade sem a reunião de maiores elementos, por se aggravavam seus padecimentos passou o commmando, por ordem d'aquella autoridade em 19 de Novembro ao Capitão Tenente Wencesláu da Silva Lisboa, em cujo commando se conservou até 28 de Dezembro, desembarcando então para continuar no exercicio do cargo.

Nomeado a 14 de Fevereiro de 1838 para exercer na ilha de Itaparica o logar de Intendente, onde provisoriamente se acha installada a sede do governo legal nessa commissão se conservou até 17 de Março, quando d'ella foi exonerado.

Restabelecida a ordem na Bahia, em 16 de Março de 1838 passou a servir no respectivo arsenal, onde exerceo as funcções de Inspector, desde 29 de Janeiro de 1840 até 16 de Maio do mesmo anno, em consequencia do impedimento do Capitão de Fragata Pedro Ferreira de Oliveira.

Em 17 de Junho foi nomeado pelo presidente da Provincia para reger interinamente a cadeira de geometria applicada ás artes e officios em cuja regencia se conservou até 23 de Março do anno seguinte.

O Decreto de 19 de Novembro de 1840 fez-lhe mercê do habito de Aviz tendo obtido antes a medalha da Honra da Restauração da Bahia, concedida pelo Decreto de dezeseite de Agosto de 1825 á Esquadra bloqueadora, quando commandante da escuna *Catharina*.

Pela resolução da Consulta do Conselho Supremo Militar de 18 de Setembro de 1840, foi-lhe mandado contar tempo de serviço de dez de Abril de 1819, dia em que se matriculou na Academia de Marinha.

Por Decreto de 20 de Julho de 1842 foi classificado na 3.^a classe do Quadro dos officiaes da Armada.

Dando-se o fallecimento do Intendente de Marinha da Bahia o chefe de divisão Francisco Bibiano de Castro a 14 de Novembro de 1844, por ordem do presidente da Provincia assumio o Capitão Tenente Wencesláu da Silva Lisboa, interinamente aquelle lugar, exercendo-o até 20 de Fevereiro de 1845, quando d'elle foi dispensado.

Tendo passado por Decreto de 21 do mesmo anno para a 1.^a classe do Quadro dos officiaes da Armada, continuou na Bahia, quando por ordem do Governo de 31 de Dezembro ao Presidente da Provincia, teve que se apresentar com brevidade ao Quartel General da Marinha, sendo exonerado do lugar de ajudante de Inspeção do referido arsenal por Decreto de 24 de Janeiro de 1846, e communicado por aviso de 15 de Fevereiro. Dispensado do serviço a 17 de Fevereiro, apresentou-se á bordo da corveta *7 de Abril* no mesmo dia. A' 3 de Março chegou ao Rio de Janeiro apresentando-se ao Quartel General da Marinha.

Por aviso de 14 de Abril do mesmo anno foi novamente nomeado, porém interinamente, ajudante da Inspectoria do Arsenal de Marinha da Bahia.

Promovido a Capitão de Fragata por Decreto de 14 de Março de 1849 continuou no exercicio do mesmo cargo, até que veio o aviso de 20 de Maio de 1850 trazer ao conhecimento de que por Decreto de 20 de Fevereiro d'aquelle anno o havia nomeado Capitão dos Portos da Provincia das Alagoas, cargo esse de que tomou posse em 2 de Setembro do mesmo anno. Sendo exonerado d'elle passou para a Bahia, como ajudante do arsenal, donde passou a exercer o cargo de Capitão do Porto.

Graduado em Capitão de Mar e Guerra por Decreto de 16 de Novembro de 1859, apresentou titulo de official da Rosa datado de 16 de Maio do anno seguinte. Promovido a effectividade do posto em 2 de Dezembro desse mesmo anno, pediu e obteve a sua reforma a qual lhe foi concedida por Decreto de 31 de Dezembro de 1861 no posto de Chefe de Divisão.

Falleceo em 2 de Janeiro de 1867, exercendo o cargo de Capitão do Porto da Bahia.

Francisco Maria Telles

VICE ALMIRANTE

Nasceo em Portugal.

A' visão esclarecida de alguns homens do governo de Portugal não escapou que o Brasil não levaria muito em procurar libertar-se do atroz jugo a que o haviam sujeitado. Emquanto, para satisfação da cobiça dos metropolitanos, eram extinctos no Brasil todas as industrias pelo fechamento de fabricas, lojas, demolição de engenhos, forjas, teares, sequestro de ferramentas de trabalho e consequente assentamento de praça nos mestres e aprendizes brasilienses, eram nomeados para cargos publicos em Portugal, notadamente entre o clero, os filhos da colonia, para que deste modo não levassem á terra de nascimento idéas de liberdade.

Defeso como era aos *engeitadas* serem possuidores de navios e serem marinheiros, nesse ramo de actividade, mais do que nenhum outro, se lhes fechava a porta.

A' nobre carreira das armas quasi não podiam concorrer os filhos do Brasil; se não podiam no exercito ir além do posto de Capitão, a não ser que provassem ser descendente de nobres em quatro gerações. isto mesmo muitas vezes preteridos por cabos de esquadra, ordenanças dos governadores, que por estes eram feitos Tenentes e Capitães, muito menos na marinha, onde para ser aspirante á Guarda Marinha, era preciso que seus pais fossem Brigadeiro ou Chefe de Divisão, ou pelo menos Coronel ou Capitão de Mar e Guerra.

Embora transportada a Real Companhia de Guardas Marinhas, para o Brasil, na occasião em que vergonhosamente abandonou a familia real o seu sólo em Portugal, entregando a defesa do reino á Inglaterra e aos esforços dos verdadeiros portuguezes e filhos do Brasil que lá occupavam posições de destaque, continuou a prevalecer o estatuido.

Succedeo porém a isso, que quando houve necessidade de officiaes subalternos, teve-se de recorrer aos Capitães mercantes e mestres de navios, os quaes fizeram então valer os seus serviços nos transportes de generos alimenticios e outros conduzidos á metropole para minorar os effeitos da fome, depois de evacuada pelas tropas francezas. A elles foram dadas honras de Primeiros e Segundos Tenentes, quando chamados para prestarem serviços na suffocação da revolução pernambucana e na conquista da Cisplatina.

Ao dar-se a nossa independencia, não foram sómente estes, nem tão pouco os jovens que frequentavam a Academia os primeiros a ella adherirem, quasi todos os officiaes deixaram-se ficar sem o menor constrangimento; o *ubi bene ubi patria*, n'elles predominou para todos os direitos, não porém para os deveres, a não ser que estes dissessem respeito ao proseguinto da mesma po-

litica depois novamente posta em acção pelo primeiro imperador quando entendeu pôr o seu interesse acima dos da nacionalidade que havia, por interesse, adoptado.

Entre os officiaes já avançados em postos que com D. João vieram para o Brasil, acha-se Francisco Maria Telles; era elle Capitão de Fragata.

Alumno da Academia de Marinha de Lisboa, desde 24 de Dezembro de 1789, com praça de aspirante á Guarda Marinha, em 24 de Janeiro de 1793 foi promovido a Guarda Marinha e no mesmo anno a 16 de Dezembro, promovido a Segundo Tenente, obrigado, no entretanto a continuar os estudos academicos e da Companhia de Guardas Marinhas.

Findos os estudos embarcou na não *D. Henrique* em 14 de Abril de 1794, de cujo navio passou para a não *Vasco da Gama* em 10 de Setembro do anno seguinte, sendo seis dias depois promovido ao posto de Primeiro Tenente.

Não levou muito a que novo avançamento na carreira tivesse, pois ainda embarcado na mesma não a 20 de Outubro de 1796 foi promovido a Capitão Tenente; passou então no mez seguinte para a não *Medusa* e em seguida para a fragata *Thetis*, desde 24 de Fevereiro até 30 de Outubro de 1798, quando voltou para a não *Vasco da Gama*.

Nomeado para commandar o bergantim *Minerva* em 26 de Janeiro de 1799, poucos dias depois passou ao commando do de igual classe *Boa Ventura*. Desse navio passou a ter embarque na fragata *Fenix* em 16 de Maio de 1801, até 20 de Julho quando lhe foi dado commandar a fragata *Princesa da Beira*.

Tendo sido nomeado para commandar a fragata *Fenix* em 4 de Junho de 1802, ficou essa nomeação sem effeito, passando em vez a commandar o bergantim *Gaiivota* em 13 de Agosto do mesmo anno.

No anno seguinte teve o commando da fragata *Real Voador*, isto em 5 de Julho e em 3 de Novembro de 1804, assumio o do bergantim *Voador*, de cujo navio passou a ter embarque na não *Vasco da Gama*, em 30 de Março de 1805, sendo porém empregado na Companhia de Guardas Marinhas. Em 23 de Junho, ficou aggregado á dita Companhia, percebendo soldo de embarcado.

Promovido a Capitão de Fragata em 17 de Dezembro de 1806 continuou no exercicio do mesmo cargo até 4 de Setembro de 1807, quando foi nomeado para commandar o brigue *Lebre*, nomeação essa que se não tornou effectiva em consequencia dos successos que se deram com a invasão de Portugal pelos francezes e consequente retirada da familia real.

Na não *Princesa Real*, em cujo navio veio a Companhia de Guardas Marinhas, contou-se esse official, o qual ao chegar ao Rio de Janeiro foi promovido em 8 de Março de 1808 ao posto de Capitão de Mar e Guerra. Em consequencia dessa promoção desembarcou no dia 20 do mesmo mez e anno e dois dias depois a Companhia com o seu commandante, o chefe de divisão José Maria Dantas Pereira, seus lentes e professores.

No anno seguinte a 4 de Março foi o Capitão de Mar e Guerra Francisco Maria Telles mandado considerar como embarcado, com exercicio de immediato ao chefe de divisão commandante da Companhia de Guardas Marinhas José Maria Dantas Pereira, estando installada em terra, no mosteiro de S. Bento.

Chefe de Divisão graduado em 15 de Novembro de 1817. Tendo o chefe de divisão Dantas Pereira, deixado o cargo por ter sido nomeado para em Portugal assumir o commando de uma esquadra, a 23 de Novembro de 1817, foi substituído em 22 de Janeiro de 1820 no commando, por Francisco Maria Telles, promovido a Chefe de Divisão effectivo.

Contava n'esse tempo a marinha portugueza 43 officiaes generaes para um quadro de 595 officiaes.

Os successos que deram em resultado a independencia do Brasil, encontraram-n'o no exercicio do mesmo cargo.

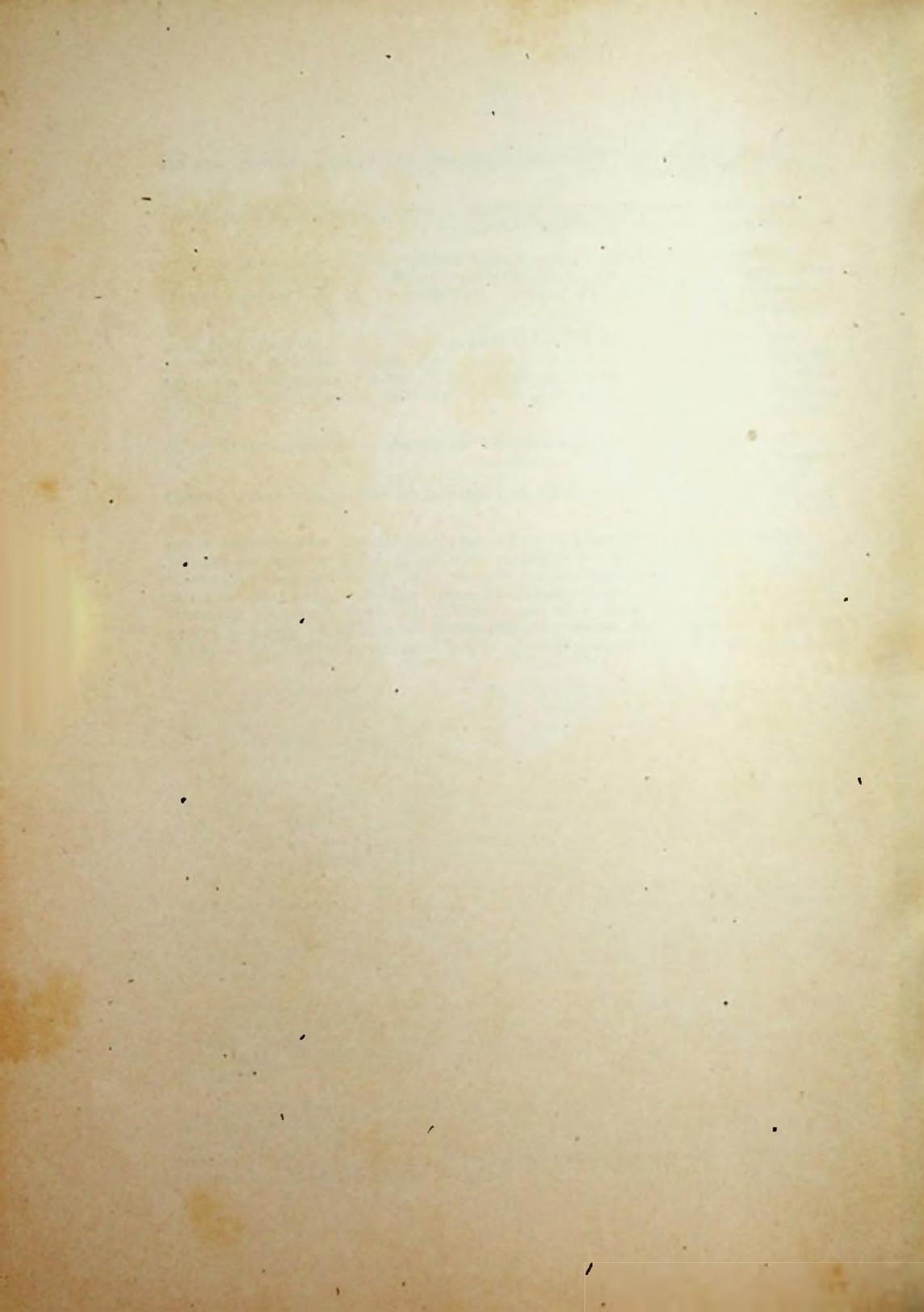
Acceptando desde logo a nossa nacionalidade, foi nomeado vogal do Conselho Supremo Militar em 24 de Fevereiro de 1823, continuando porém no Commando da Companhia de Guardas Marinhas, até 29 de Outubro, quando foi dispensado d'elle.

Promovido a Chefe de Esquadra graduado em 9 de Agosto de 1824 para commandante do Porto do Rio de Janeiro, foi nomeado em 13 de Janeiro de 1826, arvorando seu pavilhão á bordo da náó *Pedro I*; d'ella desembarcou em Abril do mesmo anno. Antes a 22 de Janeiro fôra nomeado Conselheiro do Conselho Supremo Militar.

Chefe de Esquadra effectivo em 12 de Outubro de 1827, continuou no Conselho Militar.

Em virtude da resolução de 28 de Fevereiro de 1834 reformou-se no posto de Vice-Almirante.

Falleceo sem ter prestado o menor serviço a Patria que adoptou, como aconteceu a innumerous outros officiaes cujo inicio foi o de servirem de figurantes nas recepções imperiaes nos dias de gala. Alheios dos movimentos progressistas da nação, contribuíram na quasi totalidade para que a nossa marinha, nascida com pujança da comprehensão que tinha o povo de seu papel futuro, não tivesse nos meios governamentaes o necessario apoio e bafejo quotidiano para o seu engradecimento e por consequencia do novo imperio.





Francisco Bibiano de Castro

Chefe de Divisão

Francisco Bibiano de Castro

Filho de Diogo de Castro Guimarães e d. . .

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 10
de Janeiro de 1789. Falleceu na Bahia em
14 de Novembro de 1844.

A vinda da familia real portugueza para o Brasil e o consequente estabelecimento de Escolas Superiores no Rio de Janeiro veio alargar os horizontes dos filhos da colonia na conquista de carreiras liberaes e outras militares que a distancia e o dispendio alheavam ou tornavam impossiveis.

Para a Academia de Marinha começavam desde a sua installação a concorrer muitos filhos do paiz, na maior das vezes preteridos pelos dos metropolitanos, que sobre elles tinham a primazia.

Assentou praça de voluntario Francisco Bibiano de Castro, como lhe fôra permitido em 2 de Março de 1831. Tendo feito o curso academico com distincção, assentou praça de Guarda Marinha extraordinario em 18 de Agosto de 1814, sendo mandado embarcar no bergantim *Mercurio* a 18 de Outubro do mesmo anno, depois dos exames regulamentares. Contava então 25 annos de idade. Do bergantim *Mercurio*, onde pouco se demorou, passou a ter embarque no brigue *Gavião* em 15 de Novembro do mesmo anno.

Promovido a Segundo Tenente em 17 de Dezembro de 1815, nesse navio servio sob ás ordens do Capitão Tenente Diogo Jorge de Brito na Bahia, fazendo diversos cruzeiros.

A 27 de Outubro de 1817 desembarcou desse navio.

Promovido a Primeiro Tenente em 15 de Novembro de 1817, passou a embarcar na fragata *Thetis* em 2 de Dezembro do mesmo anno, navio esse capitanea da divisão que sob o mando do chefe de divisão Antonio Manoel de Noronha, havia partido a 17 de Novembro desse anno para o Rio da Prata.

Em 20 de Dezembro do mesmo anno passou a embarcar na fragata *D. Pedro*, em cujo navio se conservou até 5 de Dezembro do anno seguinte, e do qual passou para commandar a escuna, *Maria Emilia*, armada com 4 canhões, em substituição do Segundo Tenente Manoel Pedro de Carvalho, que embora pertencente á esquadra sob o mando do chefe de esquadra Rodrigo Lobo que operava no Rio da Prata, se achava em commissão no Rio de Janeiro.

A partida de D. João para a Europa, deixando como regente seu filho D. Pedro, não satisfazia a vesania das Côrtes Portuguezas em querer transformar novamente o Brasil em colonia.

Os manes, porém, dos justicados em Minas em 1791 e em Pernambuco em 1817, iam mostrar que estavam attentos. A cada golpe desferido pelo odio das Côrtes Lusitanas, mais se tornaram compactas as massas que iam quebrar de vez os elos que nos agemavam á metropole.

Embora tivessem espalhado as Côrtes por todo o Brasil seus executores, não temia o sentimento nativista.

Comprehendo D. Pedro que devia acompanhar os brasilienses na sua gloriosa missão. A affronta de Jorge de Avilez, o general portuguez encarregado no Rio de Janeiro de pôr em pratica as ordens das Côrtes, dizendo que *pelas orelhas agarraria o Principe para obrigar-o a scquir para a Europa*, na fragata *União*, prompta para isso, respondeo o povo do Rio de Janeiro, unindo-se á tropa nacional, encurralando-o no morro do Castello, onde capitulou.

Transportadas as forças portuguezas para Nictheroy á espera de transporte que deveria conduzi-las a Portugal. Intimando o general a embarcar com sua divisão, não quiz obedecer, pelo que o proprio D. Pedro transportando-se no dia 9 de Fevereiro para bordo da fragata *União*, de 52 peças, que junto com a corveta *Liberal*, escuna *Leopoldina* do commando do 1.º Tenente Bibiano de Castro que em 2 de Janeiro havia deixado o commando da *Maria Emilia* e tres barcas canhoneiras, uma das quaes barca á vapor *Bragança*, estabeleceo o bloqueio desde a ponta da Amarração até Boa Viagem. Nesse mesmo dia teve para auxilial-o a corveta *Maria da Gloria* sob o commando do Capitão de Mar e Guerra Diogo Jorge de Brito que acabava de chegar de um cruzeiro.

Deante da firmeza de D. Pedro e dos canhões dos navios da incipiente esquadra brasiliense cedeo D. Jorge de Avilez, embarcando-se com suas tropas em sete transportes deixando as nossas plagas, comboiando pelas corvetas *Liberal* e *Maria da Gloria*.

Em 13 de Agosto de 1822 passou Francisco Bibiano de Castro a commandar o brigue *Azevedo*.

Ao dar-se a nossa independencia, logo em seguida, tendo necessidade o governo de organizar uma marinha com que podesse contar em todas as occasiões, principalmente n'aquelles difficeis momentos em que se jogava o futuro da nossa patria, determinou á commissão nomeada para tratar dos diversos assumptos referentes á sua organização, que todos os officiaes adhe-sistas affirmassem por escripto o seu desejo de permanecerem e trabalharem pela causa do Brasil.

O 1.º Tenente Francisco Bibiano de Castro assim fez conhecer as suas intenções: "Em consequencia da Participação que recebi do Ajudante de Ordens de V. Ex., datado de 20 do corrente tenho a honra de levar á presença de V. Ex. que, nascido, casado e com tres filhos no Brasil, parecia ocioso perguntar-se-me se eu seguiria a Causa do meu Paiz; mas para cumprir com a Ordem de Sua Magestade Imperial, affirmo a V. Ex. que de bom grado adhiro á Causa de minha Patria, prompto a fazer toda a sorte de sacrificios pela defesa della. Bordo do Bergantim *Azevedo*, em 23 de Dezembro de 1822".

Ao preparar-se a esquadra que, sob ás ordens de Lord Cochrane, deveria bloquear o porto da Bahia e fazer com que as forças de terra e mar portuguezas abandonassem a capital e porto d'aquella provincia, coube-lhe o o commando da charruta *Luiza* em 19 de Março de 1823. Não podendo sahir na mesma occasião que a esquadra fel-o depois, indo surgir no morro de S. Paulo, onde havia Lord Cochrane feito a sua base de operações.

Da charrua *Luíza*, por ordem de Lord Cochrane assumio o commando da escuna *Leopoldina* a 27 de Maio, e n'esse navio com a corveta *Liberal* e a fragata *Ipyranga*, velejou para o Rio de Janeiro, levando os marinheiros portuguezes substituidos por nacionaes e inglezes em vista do d'aquelles proceder pondo em risco a nossa esquadra.

Confiado sómente em brasilienses, deu o commando da *Ipyranga* ao Capitão de Fragata Pereira Pinto.

Chegou ao Rio de Janeiro a 17 de Julho, trazendo a confirmação do abandono da Bahia pelas tropas portuguezas, pois a primeira noticia chegada ao Rio de Janeiro foi dada por um proprio no dia 9 de Julho, vindo de Campos; a segunda foi dada pela sumaca *S. José Triunphante*, chegada a 16, depois de 14 dias de viagem.

Promovido a Capitão Tenente por Decreto de 12 de Outubro de 1823, continuou Francisco Bibiano de Castro no commando da escuna *Leopoldina*.

Expulsos os portuguezes do norte do Brasil restava obrigar-os a deixar o extremo sul, onde se queriam perpetuar em Montevidéo, sob o pretexto de que a Banda Oriental era conquista portugueza. Não se queriam lembrar de que ao esforço brasiliense, que mais concorreo, se devia a posse d'aquelle territorio.

Apesar das refegas que haviam soffrido em *Puntas de Toledo* e em *Las Piedras* em 17 e 18 de Março de 1823, continuavam firmes as tropas de D. Alvaro de Macedo, a esperar que produzisse effeito as perversas machinações de seu chefe o qual cheio de odio aos brasilienses, resolveo entrar em accôrd com Rivadavia para entregar-lhe a provincia, em vez de deixal-a ao Brasil.

Foi então necessario mandar a Montevidéo uma força naval para pôr em bloqueio aquelle porto, estando por terra sitiada a cidade por nossos soldados.

A 12 de Agosto partio o brigue *Cacique*, a 14 a corveta *Liberal* e a 16 o brigue *Guarany* e as escunas *Leopoldina* e *Seis de Fevereiro*.

O General portuguez com os transportes que conseguira revoltar, chamando-os ao seu gremio, aprestou uma força naval para romper o bloqueio, força essa constituida pelas corvetas *Conde de Arcos*, de 26 canhões, *General Lecôr* de 16, brigue *Liguri* de 16, escuna *Maria Thereza* de 14.

Em frente ao porto, sob ás ordens do Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Nunes, estavam a corveta *Liberal*, de 24 canhões, brigues *Cacique*, de 18; *Guarany*, de 16, *Real Pedro*, de 14 e escunas *Leopoldina*, de 12, sob o commando de Bibiano de Castro, *Seis de Fevereiro* e *Cossaca*, de um rodizio cada uma.

Veio o dia 21 de Outubro; ao raiar a aurora, viram os nossos largar do porto a divisão inimiga; sem mais detença ordenou o chefe Pedro Nunes largar as amarras sobre boias, velejassem os navios para o largo, no intuito de ganhar parlavento e se postarem fóra do alcance das baterias de terra. A' distancia conveniente fez signal para que virassem por d'avante e em bordos contrarios empenhou-se o combate.

Acudio a população de Montevidéo ás praias, assotéas e aos pontos elevados da cidade para contemplar o duello que em frente á cidade ia travar-se, decidindo de seus destinos.

Saudou a *Liberal* em primeiro lugar o capitanea luzitano com uma banda. recebendo em contestação o fogo conjugado dos vasos luzitanos. Desarvorou do mastro da gata, cortado por uma bala, empanhando-lhe os cabos a manobra, o que a obrigou momentaneamente a sahir da formatura.

Para seu contendor escolheu a *Rcal Pedro a Conde de Arcos*, por não consentir o fumo que tudo envolvia, saber o que mais convinha e assim galhardamente sustentavam seus 16 canhões e pesada metralha dos 26 do inimigo, e de mais dous, o *Lecór* e o *Liguri*, o primeiro por barlavento e o segundo pela alheta, que vieram mais lhe afogar. Sustentado porém pelo *Lcopoldina*, pelo *Cacique* e *Guarany*, houve-se de tal maneira, que fez o inimigo abandonar a empresa ás 4 horas da tarde, e á força de vela recolher-se ao porto, levando á D. Alvaro a noticia da derrota sofrida.

A' vista e ao largo conservou-se a nossa divisão, mas não se acharam com coragem de se fazerem ao mar os navios luzitanos que no dia seguinte se puzeram á vela dentro do porto.

A 18 de Novembro. entregou-se o brigadeiro D. Alvaro da Costa e a praça sitiada.

Apesar da entrega da praça de Montevidéo, por todos os meios protellava D. Alvaro o embarque de suas tropas, fazendo exigencias de toda a especie Diante de tal proceder, não mais quiz contemporisar o general Lecór; officiou ao commandante Pedro Nunes para que puzesses de promptidão a divisão sob suas ordens em frente ao porto de Montevidéo e que evitasse a partida da corveta *Maria da Gloria*, chegada do Rio com uma missão secreta.

A 8 de Março de 1824, finalmente escoltadas pelos brigues *Cacique* e *Guarany* e escunas *Lcopoldina* e *Rio da Prata*, fizeram-se a vela os transportes em os quaes foi embarcada a Divisão de Voluntarios Reaes d'El-rei, rumo de Lisboa. Tinham instrucções os brigues para acompanhal-os até a altura do Rio de Janeiro, enquanto as escunas deveriam fazel-o até depois de montado o cabo de Santo Agostinho. Levaram ordem estes navios para apresarem os navios portuguezes que por acaso encontrassem.

De regresso ao Rio de Janeiro passou o Capitão Tenente Bibiano de Castro a commandar o brigue *Cacique*, isto em 17 de Abril de 1824.

Em Pernambuco continuava cada vez mais aguda a crise politica cujo desfecho foi o apparecimento da Confederação do Equador. Para jugular-a havia mandado o governo central navios de guerra e forças de desembarque, as quaes julgadas insufficientes, tiveram para augmental-as uma divisão composta das fragatas *Ipyranga* (capitanea), *Nietherohy*, brigue *Cacique*, sob o commando do Capitão Tenente Francisco Bibiano de Castro e da charrua *Animo Grande*, com tropas e petrechos bellicos.

Sob o commando do chefe de divisão David Jewett, partio no dia 25 de Agosto de 1824 para o Recife, onde pouco antes de chegar determinou por signal ao *Cacique*, que seguisse para Alagoas como encarregado do serviço de bloqueio d'aquella costa, tendo ás suas ordens a charrua *Animo Grande*.

No serviço do bloqueio, como tambem na descarga do material bellico trazido e das forças, houve-se o Capitão Tenente Bibiano de Castro com todo o zelo e empenho, serviço esse que foi patenteado por Lord Cochrane que da Bahia, na *Pedro I*, para o Recife tocara na ilha do Aleixo, ali encontrando o *Cacique* e o *Maranhão*.

Com o ataque á cidade do Recife pelas tropas do general Lima e Silva auxiliado pelas desembarcadas dos navios, capitularam os revolucionarios; em vista do que resolveo Lord Cochrane fazer-se de vela para o norte, afim de assegurar a completa pacificação das demais Provincias.

E' bem sabido que Lord Cochrane procurou conseguir a pacificação da provincia sem o emprego da força; ainda mais, desgostoso com o papel secundario a que o queriam submitter, fazendo como que elle almirante, ficasse

subordinado a um general de brigada a quem fôra commettido o commando em chefe das operações não se empenhou pessoalmente. E' essa a razão de se ter afastado do porto do Recife, deixando a força naval entregue a David Jewett.

A 10 de Outubro, com a *Pedro I*, *Ipyranga*, os brigues *Cacique* e *Atlante* fez-se ao mar; ao chegar a altura do Rio Grande do Norte, dois dias depois de sua sahida, tendo sciencia pelas informações collidas por Bibiano de Castro de que tudo estava normalisado n'aquella provincia, continuou viagem em demanda do Ceará.

Em ali chegando, com o desembarque feito de alguma tropa sob ás ordens de David Jewett, que organisou diversos batalhões, e por meio de proclamações, conseguiu a submissão dos grupos que ainda se achavam em armas.

A 9 de Novembro chegava ao Maranhão onde campeava a anarchia. Para pôr aquella provincia em ordem necessitava-se de pessoa de bastante energia e desligada dos grupos que se degladiavam. Conhecendo que o então presidente governava com o grupo da facção portugueza, depô-lo da administração, substituindo-o por Manoel Telles da Silva Lobo.

Nesse interim chegou o Tenente Coronel José da Costa Barros, nomeado presidente do Maranhão, e como não estivesse de accôrdo com as imposições de Lord Cochrane, para que fossem liquidadas as quotas que cabiam á esquadra pelo valor das prezas feitas anteriormente, acabou o almirante por prendel-o e deportal-o para o Pará.

Para isso nomeou o commandante Jorge Manson, do Maranhão para o *Cacique* e deste para aquelle o Capitão Tenente Bibiano de Castro, isto em 11 de Março de 1825.

Regressou por fim ao Rio de Janeiro.

O Decreto de 2 de Julho de 1825 havia creado uma medalha para premiar o Exercito por ter repellido as tropas portuguezas do Brasil; a Bibiano de Castro coube-lhe a de prata pelo decreto de 17 de Agosto, quando se tornou extensiva aos officiaes da esquadra.

Promovido ao posto de Capitão de Fragata em 31 de Janeiro de 1826, estava na Bahia. Entrou em Conselho de guerra em 13 de Julho de 1826 pelo mallogrado da commissão de que foi encarregado como commandante da fragata *Thetis*, motivado pelas faltas que tinha a mesma fragata, e que deram lugar a arribada ao Porto do Rio de Janeiro, tendo sahido da Bahia para se unir a esquadra ao Rio da Prata e por sentença do Conselho Supremo Militar Militar e de Justiça de 7 de Março de 1827 foi absolvido por mostrar plenamente não lhe ser imputavel o não ter satisfeito a commissão por sobrevir causas que o obrigaram a fazer a arribada, tendo elle desempenhado quanto lhe incumbia.

Seguiu logo depois para Montevidéo afim de ter embarque na esquadra que ia entrar em operações de guerra contra as Provincias Unidas do Prata.

Em Montevidéo passou a commandar desde 17 de Março a fragata *Thetis*, navio capitanea da esquadra sob ás ordens do Vice-Almirante Rodrigo Lobo, velho navio cujo unico serviço poderia prestar, era o de fazer honras ao porto.

Trouxe este commando grande desgosto a Bibiano de Castro, pois emquanto o Almirante se achava fôra do porto, a seu cargo estava a vigilancia do porto de Montevidéo.

O Almirante inimigo que não podia perdoar ao Capitão de Fragata James Norton o tel-o corrido defronte de Montevidéo, concebeo o plano de atacar mesmo dentro do porto seu navio, a *Nitherohy* e aprisional-a.

Se o atrevimento do Almirante Brown foi rasgo de audácia, veio esse facto pôr em destaque dous pontos; um, a pouca vigilância exercida dentro do porto pela esquadra, cujo Almirante não era homem talhado para a missão que lhe fôra confiada; outro, o heroico proceder de um official filho do Brasil de bem merecedor da admiração e respeito de seus condidadães que no entretanto espera lhe seja feita justiça e que das paginas de livros pouco lidos sejam seus feitos e personalidade estampados no bronze para pasto de olhares curiosos, raros embora, porque, os dos indifferentes pouco se lhes dá de que possuem n'elles; seus olhares offuscados, pelo interesse são opacos

Transcrevendo o que disse o Capitão Tenente Lucas Boiteux, na sua obra. "*A Marinha de Guerra Brasileira nos reinados de D. João I^o e Pedro I (1807-1831)*", publicada na Imprensa Naval, sobre o assumpto, vemos que: "A 26 de Abril, sahio elle (Brown) de Buenos Aires com seis dos seus melhores navios e foi fundear no banco Ortiz para adestrar o pessoal e levar a cabo o seu temerario intento. Vestio as guarnições com camiseta branca, para distinguil-a das nossas; armou o pessoal das gaveas com pistolas e granadas de mão, e designou caldeireiros e carpinteiros para cortar as amarras e pregar as escotilhas dos nossos navios, logo que se dêsse a abordagem. A senha para a execução de seu audaz plano era *Santa Maria*".

"Nada esqueceu o chefe argentino. Pelas duas horas da tarde do dia seguinte, 27, fez-se de vela a esquadilha inimiga e veio se avisinhando lentamente do Cêrro, onde parou, esperando o cahir da noite e o apparecimento do luar. A's 11 horas e meia navegou para dentro do porto e sem ser presentido pelos nossos, cortou a linha dos navios. O Cabo de quarto da fragata *imperatriz*, notando a chegada daquelles navios, participou ao official de de serviço, Primeiro Tenente Lucio de Araujo. Notando, porém que nenhum movimento se manifestava nos demais navios da esquadra, não deu grande attenção ao caso. Por fortuna havia á bordo um esquadro argentino de nome Ivadjsh, feito prisioneiro na Colonia, que reconheceu logo os navios de sua patria."

Brown, ao avisinhar-se da *Imperatriz*, pensou que ella fosse a fragata norte-americana *Doris*, que já havia partido, e, para certificar-se, fallou-lhe em inglez perguntando pela *Nichterohy*".

"O voluntario Roquellas, com grande calma, respondeu-lhe no mesmo idioma, apontando-lhe a corveta ingleza *Tweed*".

"Brown acompanhado pelos seus, aprou para ella, mas reconhecendo a burla, vira de bordo e ataca a *Imperatriz* pela pópa com tremenda descarga. Os nossos já se achavam todos a postos de combate. O commandante, o bravo Capitão de Fragata Luiz Barroso Pereira, começou a dar as suas ordens e providencias para a defesa. O grande heroe tinha um funesto presentimento, pois muitos marujos ouviram-no dizer ao Immediato, estas palavras: — "*Cuidado com a bateria; mas de vez em quando olhae para cima. Hei de começar o combate, mas não terminal-o.*" — E, serenamente, subio para o catavento afim de manobrar, pois pretendia receber o inimigo á vela; infelizmente, porém, ás primeiras descargas do inimigo os cabos de laborar são cortados e as velas furadas, exceptuando-se sómente a bujarrona e a mezena que são caçadas com presteza. Generalisa-se o combate".

"O *Independencia* esforça-se para abordar a fragata pela prôa, mas graças ás guinadas successivas desta, tem o intento burlado.

"A capitanea buenairense consegue enfiar o gurupés pela almeida da pópa da *Imperatriz*, tentando despejar-lhe no tombadilha a sua gente de abordagem, mas os nossos valentes marujos, abrindo terrivel fogo com os guardas leme, contêm o entusiasmo inimigo. A lucta é titanica; de ambos

os lados a bravura não tem limites. Vendo a 25 de Mayo a impossibilidade de praticar a abordagem procura afastar-se; mas o gageiro da gata do nosso valente navio não o deixa partir, passando o chicote do braço grande pelo gurupês, accorrentando-a, enquanto os nossos marujos a castigam furiosamente em descargas cerradas."

"De repente, porém cahe ferido de morte o bravo Barroso Pereira."

"Uma bala despedida do cesto da gavea da corveta inimiga atravessa-lhe o mamelão esquerdo e elle cahe desfallecido nos braços de Moreira da Rocha, que dirigia os homens do leme."

"Reanima-se um instante, levanta-se ainda e grita, n'um ultimo esforço, aos bravos que o cercam: — *Não se assustem camaradas não foi nada!*" Levantando-se logo para a camara, sendo substituido no commando pelo Immediato, o Capitão Tenente Francisco Rabello da Gama."

"Os nossos marujos, que dedicavam verdadeira adoração pelo denodado commandante, atiraram-se com maior ardor á peleja, para vingal-o."

O Segundo Tenente Antonio Lopes da Silva, Commandante da abordagem, não descança e leva a todos os pontos do navio o exemplo de bravura e de entusiasmo."

"Lucio de Araujo, de pé na mesa do traquete, com uma calma heroica, affronta a furia do inimigo audaz."

"O *Independencia* tenta ainda executar a ordem do seu chefe, mas é repellido. Os outros navios inimigos, acobardados, não secundam Brown e afastam-se celeramente ao primeiro movimento da nossa esquadra para socorrer a *Imperatrix*."

"A *Nitheroy* é a primeira a correr em auxilio da heroica fragata mas, infelizmente, chegou quando o inimigo já se havia declarado em retirada. Do costado da *Imperatrix* partiu a ultima banda, e tão bem dirigida foi que desarvorou o brigue inimigo do mastaréu de jonete de proa."

"Tivemos além do commandante, 3 mortos e 10 feridos n'esta renhida defesa, que durou uma hora e um quarto."

"Os argentinos esconderam, certamente, as perdas experimentadas na realidade, pois não crivel que, tentando uma abordagem tivessem apenas 3 mortos e varios feridos."

"A fragata *Imperatrix*, armada com 62 canhões, tendo regressado de uma viagem a Maldonado, fundeára distante dos demais navios da esquadra para refrescar o apparelho."

"Além dos officiaes citados, tomaram parte no combate os Primeiros Tenentes Candido Caetano dos Reis e Luiz Caetano de Almeida, Segundo Tenente Carvalho e um Guarda Marinha."

O Capitão de Fragata Luiz Barroso Pereira, nasceu na villa do Tijuco hoje Diamantina, em Minas Geraes. Entrou para a marinha portugueza em 1802. Commandante de uma das barcas canhoneiras que bloqueavam Santarem, occupada então pelos francezes ás ordens de Massena, muito se distinguio. Promovido a 1º Tenente em Março de 1815, veio para o Brasil sua patria em 1816, com a divisão de Voluntarios Reaes. Capitão Tenente em 12 de Outubro de 1817, seguiu na esquadra mandada a Cisplatina onde deu provas de valor no ataque a Maldonado.

Pelos seus conhecimentos foi escolhido para ir a Buenos Ayres como agente politico a convencer aquelle governo das reaes intenções do governo portuguez sobre a Banda Oriental. Preso pelo governo argentino, em 20 de Fevereiro

reiro de 1819, foi posto incommunicavel: soito a 4 de Março. Nomeado secretario do Almirante Rodrigo Lobo, logo que se deu a Independencia veio ao Rio de Janeiro a pôr seus serviços a Patria. Nomeado immediato da *Nietherohy*, sob ás ordens do bravo Taylor, tomou parte no combate naval que livrou a Bahia das tropas portuguezas e no seu navio isolado fez a perseguição da frota inimiga até a foz do Tejo, de cuja façanha deixou bella e patriótica narrativa.

De regresso, foi no mesmo navio para Pernambuco, muito concorrendo para que se acalmasse o espirito de revolta que campeava no Norte. Sua alma de patriota protestou contra o proceder do tribunal de presas, composto na sua maioria de portuguezes, contra a iniqua sentença dada contra o commandante Taylor por haver aprisionado navios inimigos durante a perseguição a elle feita. Capitão de Fragata em 12 de Outubro de 1823.

Teve importante commissão qual a de informar o governo do que se passava no norte do Brasil muito especialmente quanto ás Guyanas.

"Emfim, toda a sua carreira militar foi um exemplo de character, patriotismo, disciplina e abnegação".

"E esse grande heroe dorme o seu eterno no sombrio cemiterio brasileiro de Montevidéo, num tumulto ignorado."

"A patria brasileira tem esquecido o valente marujo, pois até hoje não se viu, nem mesmo na pópa de um modesto rebocador o nome illustre de —Barroso Pereira, quando uma serie de nomes sem significação na nossa historia naval allí figuram indelevelmente."

Ficou bem patente que culpado era o Almirante Rodrigo Lobo o qual avisado embora do que pretendia Brown sair ao corso deixou-se ficar em frente a Ponta del Indio. Não se percebeo por isso da sahida do inimigo, que, depois de reparados os estragos soffridos no ataque á Colonia do Sacramento, deixou a crusar entre o porto da mesma e o de S. Juan, o *Independência*, *Balcarse* e *Sarandi* e com a *25 de Mayo*, *Republica* e *Congresso*, dirigio-se para frente de Montevidéo.

Cuidaram os nossos navios que os de Brown fossem alguns da esquadra de Rodrigo Lobo que se recolhiam ao porto. Foi esse um dos ultimos successos que motivaram a retirada do Vice-Almirante Lobo do commando da esquadra, por elle tão mal dirigida e que servio de accusação para ser submettido a conselho de guerra.

Em 2 de Abril de 1827, embarcou o Capitão de Fragata Bibiano de Castro na fragata *Principe Imperial*, cujo commando assumio, passando pouco depois a 27 do mesmo mez ao commando da não *Pedro I*, no porto do Rio de Janeiro, por suppressão do logar de chefe do porto e passagem do deposito de recrutas que se achava á bordo, para o Arsenal de Marinha.

A 19 de Maio de 1828 desembarcou da não *Pedro I* para exercer o cargo de Ajudante de Ordens do Ministro da Marinha e Encargado do Expediente, conforme nomeação de 26 de Abril do mez anterior.

Foi esse o primeiro official que exerceo estas funcções. Promovido a Capitão de Mar e Guerra em 18 de Outubro de 1829, foi dispensado do exercicio do cargo em 2 de Janeiro de 1830, entregando-o a 4 do mesmo mez ao chefe de divisão Tristão Pio dos Santos.

Foi neste triste periodo de mais preocupação imperial do que da nacional que soffremos uma affronta do governo francez. D. Pedro I que havia sido por morte de D. João acclamado rei em Portugal, na impossibilidade de governar os dous paizes, abolio em Portugal o absolutismo e abdicou em favor de sua filha D. Maria da Gloria. Para harmonisar tudo de forma a não

trazer difficuldades á sua iilha ainda menor, alcançou D. Pedro, que seu irmão D. Miguel que se achava exilado em Vienna, jurasse a Constituição autorgada e o reconhecesse como legitimo successor de D. João VI, e desposasse sua sobrinha logo que chegasse á maioridade. Para recompensal-o desse prova de lealdade e affecto fraterno nomeou-o em Janeiro de 1827, seu Logar Tenente no reino. Não contou, porém, D. Pedro com a solercia do irmão, que pouco tempo depois de assumir o governo, declarou-se rei absoluto, fedifrago a seu juramento publicamente feito.

Ao reconhecimento de tal facto mandou D. Pedro preparar uma expedição, na qual deveria partir sua filha.

A 5 de Julho de 1822, no mesmo dia que se faziam de vela com destino a Europa as fragatas *D. Francisca* e *Imperatriz*, sob o commando do Almirante Conde de Souzel, levando a rainha de Portugal, acompanhada pelo marquez de Barbacena, seguindo-as a não ingleza *Ganges*, entrava no porto do Rio de Janeiro o Almirante Roussim, chefiando uma forte esquadra, constituída pelos seguintes navios: *Jean Bart*, não capitanea, e *Iena* de 74 canhões; fragatas *Terpsychore*, de 60 peças, *Nympha*, *Arctuse* e *Magicienne* de 44 peças, corvetas *Isis*, *Railleuse* e *Lysbia* e os avisos *Iris* e *Cigne*, afim de apoiar as reclamações do ministro francez, marquez de Gabraci sobre o facto de terem sido apesados diversos forçadores de bloqueio, consequencia da fraqueza com que se houve o marquez de Queluz quando ministro dos estrangeiros. Dizem varios dos nossos historiadores que havia entrado o Almirante francez de morrões accesos, á postos de combate, embora seja o facto contestado pelo illustrado barão do Rio Branco.

Para reagir contra esta esquadra só haviam no porto a não *Pedro I*, fragata *Principe Imperial*, corveta *Carioca*, brigues *Pampeiro* e *Pirajá*, e a canhoneira *Despique Paulistano*.

Nomeado para commandar a divisão estacionada no Rio da Prata em 16 de Janeiro do mesmo anno, içou o seu pavilhão no brigue *Duqueza de Goyaz*.

A lucta entre as idéas liberaes dos nacionaes e os resaios absolutistas postos em pratica pelo imperador que nascido e criado n'aquelles principios, não admittia freio ao seu genio violento, arrebatado, prepotente e temerario, até a imprudencia, havia infelizmente levado os nossos politicos a tudo esquecer. Os interesses pessoasos sobrepujaram os nacionaes.

Se dentro do paiz ardia a chamma que nos deveria devorar, que importavam as labaredas que no exterior consumiam os principios em que repousavam os nossos direitos de soberania

Dessa anarchia aproveitavam-se os nossos inimigos para maior proveito seu.

Devido a sua faqueza fomos compellidos a abrir mão da Cisplatina e della ainda se iam aproveitar os nossos emulos para tecer a trama que no Rio Grande ia enrodilhar o nosso prestigio, durante dez annos, salvo graças ao patriotismo, d'aquelles mesmos que estavam sendo instrumentos da intriga e que em tempos o comprehenderam.

No commando da divisão no Rio da Prata estava alerta o Capitão de Mar e Guerra Bibiano de Castro; pelos seus talentos e conhecimento dos homens que dirigiam a politica do Uruguay, punha o nosso governo ao facto do que ali se passava; porém, em nenhuma conta. Seus avisos eram tomados porque os ministerios se succedendo continuadamente, cada qual com orientação opposta refletida na propria politica externa, nenhuma sequencia se observava

nas questões internacionaes. D'ali os convenios de occasião celebrados sem attenção aos antecedentes historicos nem tão pouco fundados em conveniencias fundamentaes.

No dia 18 de Abril fez entrega o Capitão de Mar e Guerra Senna Pereira do cargo de commandante da estação naval no Rio da Prata ao Capitão de Mar e Guerra Bibiano Francisco de Castro.

Segundo as instrucções continuou a informar o nosso governo do movimento politico que se operava tanto na Argentina, como no Estado Oriental. Ao saber que em Buenos Ayres se esperava o rompimento de hostilidades entre *federacs* e *unitarios*, fez seguir para aquelle porto a escuna *Rio da Prata*; quanto ao Uruguay suppunha que o socego não seria por muito tempo em vista do que se estava a passar. De um lado, Fructuoso Ribeiro reunia gente e impunha contribuições tanto em dinheiro como em gados, como se havia dado em Paysandú. O fito d'este era dissolver a Assembléa e installar outro governo. Lavallega, por seu lado, menos forte que o seu antagonista, pois emquanto o primeiro contava com toda a campanha, elle só tinha a seu favor a gente da cidade, procurava apoio para satisfação de sua ambição. Não se tendo dado o rompimento em Buenos Ayres, como se esperava, parece que esse facto se reflectio no Uruguay, pois com a chegada da Constituição approvada pelo nosso governo, entre Lavallega e Fructuoso Ribeiro foi feita uma convenção que veio desvanecer os surtos de anarchia esperados.

Jurada a Constituição a 18 de Julho, houve nesse dia grande entusiasmo e contentamento; não se esqueceram os orientaes no meio de sua alegria de apresentarem as provas mais positivas d'amizade á Nação Brasileira e de gratidão, vivendo o Imperador Protector do Estado Oriental, de forma que o partido á favor da União ao Imperio augmentára extraordinariamente.

Ao receber ordens para que fizesse regressar alguns navios, dizia não convir a partida de Montevideo emquanto não passasse a borrasca politica de que estava ameaçada a cidade, para o dia um de Agosto, marcado para as eleições, visto receiar-se algumas desordens entre os tres partidos que disputavam a Presidencia; um favoravel a Giró, então ministro do exterior, outro a Lavallega, e o terceiro a Fructuoso Ribeiro.

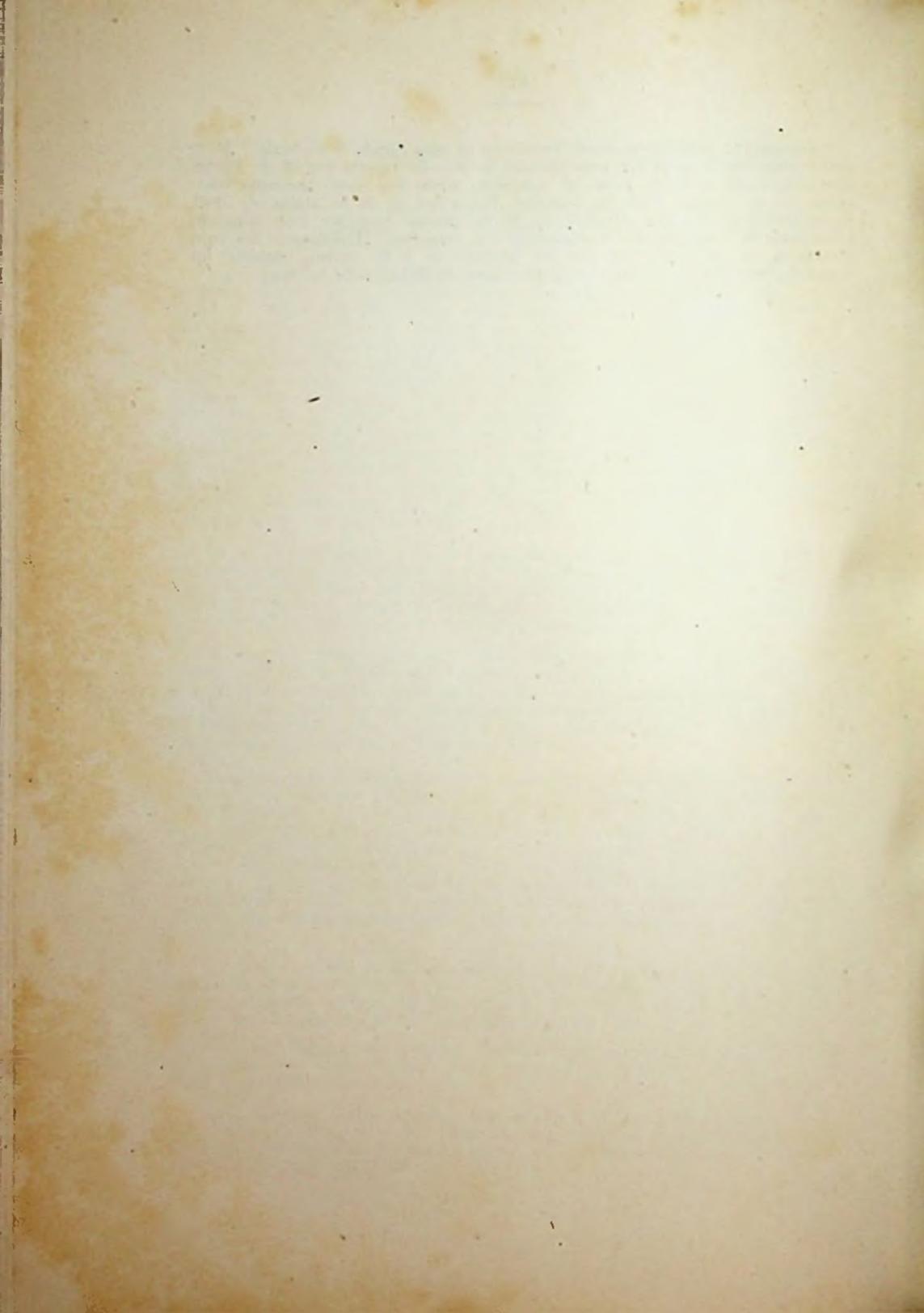
Julgava o commandante da divisão naval que a victoria caberia a Fructuoso Ribeiro, como de facto foi, pois foi reconhecido eleito a 24 de Outubro, pelos votos da campanha e da força armada que tinha sob seu commando: os outros só o tinham da cidade que compravam a todo o custo. Pessoas de confiança de Rivera lhe haviam affirmado que pela força ou pelo direito elle havia de obter a presidencia, sendo o seu plano fazer depois todos os esforços para que o Uruguay se tornasse federado ao Brasil, sem o que julgava não ser possivel constituir-se de facto o paiz. Lavallega que havia perdido todo o prestigio dizia a seus amigos que pretendia retirar-se para a França, no caso de sahir do governo.

Em 9 de Outubro de 1831 regressou ao Rio de Janeiro, assumindo o commando da fragata *Imperatriz*; d'esse navio desembarcou no dia 15 do mesmo mez para exercer o cargo de Intendente de Marinha, passando a Inspector da mesma por Decreto de 17 de Novembro do mesmo anno.

No anno seguinte foi nomeado interinamente encarregado do Expediente do Quartel General da Marinha, por aviso de 14 de Dezembro de 1832 e nesse lugar se conservou até 30 de Julho de 1836.

Veio a politica tiral-o do cargo que exercia com toda a proficiencia e onde tinha revelado qualidades de administrador criterioso e consciencioso para governar a Provincia do Maranhão, nesse cargo se manteve desde 3 de Maio de 1837 a 3 de Março de 1838.

Entregou a presidencia desta Provincia na data citada e no hiate "28 de Julho embarcou-se para ser transpassado ao Rio de Janeiro em 28 de Junho, apresentando-se a 30 de Julho do sobredito anno. Foi então nomeado commandante da fragata *Princesa Imperial*. Por aviso de 28 de Março de 1840, se communicou que por Decreto de 26 do mesmo mez, ter sido nomeado Commandante Superior das Companhias dos Imperiaes Marinheiros, em cujo commando se conservou até que por Decreto de 5 de Agosto seguinte foi nomeado Intendente de Marinha da Provincia da Bahia, onde falleceo.





Jorge Broom
Chefe de Divisão

Jorge Broom

CHEFE DE DIVISÃO

Filho de João Broom e de d. Maria Broom, nasceu em Poole, Dorsetshire, na Inglaterra em 21 de Janeiro de 1797. Falleceu a 26 de Novembro de 1860.

No numeroso grupo de officiaes fornecidos á nossa Marinha pela Inglaterra, quando deu-se a nossa independencia, conta-se Jorge Broom, então guarda-marinha da armada ingleza. Por Decreto de 30 de Dezembro de 1823 foi elle admittido ao serviço da Armada Nacional com o posto de Segundo Tenente; ia desde então revelar suas qualidades, que foram brilhantes e demonstradas nas diversas acções em que se empenhou.

Por nomeação de onze de Outubro do mesmo anno foi nomeado para embarcar na fragata *Ipyranga*, a antiga *União*, em cujo navio se conservou até 24 de Janeiro do anno seguinte, quando passou a ter embarque na fragata *Nitherohy*, surta então no porto do Rio de Janeiro, vinda do brilhante cruzeiro sob o mando de João Taylor perseguindo, em unidade, a esquadra portugueza desde ás costas da Bahia até a fóz do Tejo.

Teve n'esse navio occasião de prestar os primeiros serviços que mereceram desde logo a attenção do governo. Como de uso então, havia destacados á bordo dos navios, contingentes de soldados de infantaria de marinha para serviços de guardas e guarnição das baterias. Estas praças se julgavam superiores os marinheiros; por isso de seus alojamentos não cuidavam, pretendendo que o serviço de limpeza e acio dos mesmos fossem executados por aquelles. Contra tal modo de ver e com toda a justiça, determinou o commandante da *Nitherohy* que cabiam aos soldados, auxiliar os marinheiros tanto na baldeação, como nas manobras de bordas á baixo, visto serem todos praças de pret. Sublevaram-se por esta razão os soldados; graças porém á energia de Jorge Broom, que se achava de quarto, pôde-se conter e desarmar o destacamento rebellado.

Sobre taes soldados, já Lord Cochrane, quando assumira o commando da nossa esquadra, em carta reservada a José Bonifacio dissera: Os soldados de marinha não entendem o exercicio de peça e uso da espingarda e espada, comtudo têm tão alta opinião de si mesmos que, nem assistem a baldeação da tolda, nem mesmo limpam seus proprios alojamentos; mas estão sentados e a olhar emquanto estas operações são executadas pelos marinheiros, e assim sem serem de alguma utilidade como soldados, privam o Imperio do que deve ser um viveiro para marinheiros, por converter todos aquelles que devem estar aprendendo os seus deveres nas vergas, em varredores e lavadeiros."

“Não tenho preferido alterar este injurioso costume do meu proprio arbitrio; primeiro, porque penso que taes alterações ou instrucções, como tambem a reforma da antiga pratica de serviço, devem provir do Governo; segundo, porque neste momento, se eu parecesse autor de tão importante alteração, poderia crear desgostos e dissensões mais prejudiciaes ao serviço do que mesmo o mal em questão.”

Mal haviam sido expulsos do Brasil os portuguezes, deixando cheios de odios a antiga colonia, agora ufana, pois soubera transformar-se com verdadeiro pasmo dos denominadores, em nação consciente de seus direitos, que D. Pedro I, aclamado seu defensor perpetuo, voltara face aos seus compromissos para com os filhos do paiz, para, no interesse de familia, associar-se aos antigos conselheiros e voltar ao antigo systema.

Dissolvida a Constituinte por D. Pedro, provocou este acto fundas desconfianças de que se preparava nova união com Portugal; em Pernambuco mais se accentuou este pensar. A 13 de Dezembro de 1823, Francisco Paes Barreto, morgado do Cabo, que havia sido eleito presidente da Junta do governo n'aquella provincia em substituição a Gomes dos Santos, que por sua vez havia sido eleito, devido a uma reacção: em lugar de Gervasio Pires dos Santos, renunciou expontaneamente o cargo que exercia, sob o pretexto de eminente guerra civil.

Começava o dominio fatal das ochlocracias, que tão funesto ia ser ao Brasil. Pelos eleitores foi escolhido Manoel de Carvalho Paes de Andrade e por elles enviada uma representação ao imperante, pedindo a ractificação da sua escolha, como o unico homem capaz de conciliar a opinião publica. Por esse tempo recebia o morgado do Cabo a nomeação de presidente da provincia. Paes de Andrade não dispunha de sympathias de D. Pedro, por não se mostrar affeccionado ao monarcha, pois presente tinha o que haviam commettido os luzitanos no Recife em 1817, e demonstrado como intendente de marinha quando ali aportou a esquadra ao mando do chefe de Lamare.

Do que se passava em Pernambuco teve conhecimento Lord Cochrane, por communicações que lhe fizera o Capitão-Tenente Bartholomeu Hayden, commandante do brigue *Bahia*, ali estacionado, conforme determinação do almirante.

O facto das forças militares ou navaes estacionadas nas provincias ficarem *ipso facto*, sob as directas ordens dos presidentes e d'ahi o bom ou máo emprego d'ellas, trouxe para o Brasil as maiores desvantagens; n'elle residio a causa do nosso enfraquecimento militar e n'elle se encontra a explicação dos innumerados motins em que se envolveo a mesma força publica. Fazia-se da força militar um apoio politico pessoal e não uma base social.

Acontecia ainda, na maioria das vezes, que as autoridades sobre as ordens de quem estavam, educadas na escola dos Capitães-Generaes, só sabiam haurir na prepotencia os preceitos de governo, e por isso não se poderia dizer que tremiam os bons quando a lei se calava e os máos quando ella fallava.

Não estava disposto o Capitão-Tenente Hayden a servir aos designios do presidente eleito de Pernambuco: em vista do que premeditou aquella autoridade á força tomar o navio do seu commando.

O Almirante Lord Cochrane ao ter sciencia do exposto pelo seu subordinado, sem mais demora informou o governo do que se estava a passar em Pernambuco e logo depois scientificou de que a Junta Pernambucana se havia apossado do brigue *Independencia* ou *Morte* e substituido o seu commandante, ameaçando tratar ao mesmo tempo o commandante do *Bahia* como pirata.

Havendo os partidarios de Paes Barreto, auxiliados pela força publica, conseguido maioria, no dia 20 de Março aprisionaram a Paes de Andrade e o encarceraram no forte do Brum. Diante dessa violencia os partidarios de Car-

valho, os *carvalhistas*, com o auxilio da guarnição do alludido forte, o puzeram em liberdade e novamente á frente do governo. Retirou-se Paes Barreto para Barra Grande, perto de Alagoas á espera de auxilios do governo central.

De facto, para o Recife enviou o Governo Imperial, ás ordens do Capitão de Mar e Guerra João Taylor, uma divisão naval composta da fragata *Nitherohy*, capitanea. fragata *Ipyranga*, sob o commando do Capitão de Fragata James Norton e da charrua *Gentil Americana*, com ordem de repôr o futuro marquez do Recife, o morgado do Cabo.

Na fragata *Nitherohy* seguiu o Segundo Tenente Jorge Broom.

Nada tendo conseguido o Capitão de Mar e Guerra Taylor, apesar de todos os esforços empregados para harmonisar os partidos em bem do socego tão necessario naquella occasião á nossa nacionalidade, e diante da resolução do conselho ochlocratico reunido para discutir sobre a acceitação ou não do morgado do Cabo como presidente, declarou, em vista da recusa, em 8 de Abril, bloqueado o porto do Recife. Foi o bloqueio reforçado com os brigues *Cacique*, *Guarany* e escuna *Leopoldina*, navios estes que acabavam de comboiar as forças portuguezas que haviam sido obrigadas a deixar a Cisplatina.

Mais se azedaram os animos e maior incremento tomou o espirito revolucionario, que se estendeo pelas provincias limitrophes, agora em ideal republicano.

A *Nitherohy* que havia regressado ao Rio de Janeiro, depois que Lord Cochrane, commandando uma parte da esquadra chegára ao porto de Recife, de novo para ali voltára, fazendo parte da divisão naval sob o mando do chefe de divisão David Jewett, tendo por capitanea a *Ipyranga* e mais o brigue *Cacique* e charrua *Animo Grande*, em reforços.

A 12 de Setembro ouvindo aquelle chefe descargas de artilharia pelas proximidades da cidade, pôz-se em disposições de ataque, ignorante, como estava, do movimento do exercito imperial ás ordens do General Lima e Silva.

Tendo recebido na madrugada seguinte pedido d'aquelle General para que se approximasse com seus navios e iniciasse o bombardeio contra as forças revolucionarias n'ella entrincheirados, ordenou o chefe David Jewett que a *Ipyranga* e a *Nitherohy* se avisinhassem o mais possivel do porto e abrissem fogo contra as embarcações artilhadas que dentro d'elle se achavam.

Continuou o fogo no dia seguinte e emquanto proseguia o bombardeio, ganhavam terreno as tropas do General Lima e Silva. A 16 de Setembro, resolvido um desembarque, iniciaram novo bombardeio os navios, desde ás 4 horas da tarde até meia noite.

A essa hora 300 marinheiros dirigidos pelo Capitão de Fragata Norton, levando sob suas ordens o Tenente Jorge Broom, tomaram as embarcações miudas adredes preparadas e foram desembarcar junto á Alfandega.

Debaixo de incessante fogo, auxiliados pelas tropas do exercito, com extraordinaria galhardia conseguiram tomar posse da cidade, isto pelas oito horas da manhã.

Nesse ataque em que com brilhantismo se distinguiu o Tenente Broom, foi elle ferido.

Promovido a Primeiro Tenente por Decreto de 9 de Agosto de 1824, desembarcou a 17 de Novembro desse mesmo anno.

Para galardoal-o foi condecorado com o habito de cavalheiro da ordem Cruzeiro, pelo Decreto de 24 de Setembro e teve a medalha creada pelo Decreto de 20 de Outubro do mesmo anno, denominada da Divisão Cooperadora da Boa Ordem em Pernambuco.

Por nomeação de 4 de Dezembro do mesmo anno embarcou na fragata *Imperatriz*, então commandada interinamente pelo Capitão de Fragata Francisco Rodrigues de Lima Pinto, de cujo navio passou para o brigue *Pirajá* em 4 de Março de 1825, n'elle seguindo para o Rio da Prata.

A herança deixada por Portugal ao Brasil para liquidar na America, as contendas que tinha na Europa com a Hespanha, ia entrar em disputa.

D. Alvaro de Castro havia semeado a discordia entre brasilienses e orientaes, uma vez que não pudera conseguir para a sua patria a Banda Oriental; para maior vingança entrou em ajustes com Rivadavia, governador de Buenos Ayres, para que o territorio annexado ao Brasil fosse entregue á Argentina.

Para reclamar do Brasil o ajuste, ainda mesmo com indemnisação, foi nomeado D. Valentim Gomes; certo estava o governo argentino de obter o que pretendia, em consequencia das difficuldades em que se achava o governo imperial em firmar a independencia nacional.

A formal recusa que teve o emissario levou o governo platino a preparar-se para havel-a pela força e pela astucia.

Começou desde então uma lucta surda; para atear-a mais abertamente, encontrou o governo argentino farto elemento no Coronel oriental João Antonio Lavallega, que por Buenos Ayres perambulava, expulso do nosso exercito por indisciplinado. Fel-o seu instrumento para ver se conseguia arrancar a Cisplatina das nossas mãos para entregal-a áquelle paiz. Deram-lhe para isto a pomposa patente de *Brigadeiro-General*, tornando-se elle o director de uma sociedade secreta que tinha por fim angariar meios para a revolução.

Lavallega, tinha no entretanto outro fim, mais patriótico sem duvida: transformar seu territorio de nascimento em nação independente.

Os soccorros que de Buenos Ayres eram enviadas a Lavallega e a seus sequazes, fizeram com que o nosso governo reclamasse do argentino contra taes actos de ostensiva protecção aos revolucionarios.

Cada vez mais abertas se foram tornando as manifestações em favor dos revolucionarios, como hostis e offensivas á nossa soberania.

Obrigado o nosso agente diplomatico a retirar-se de Buenos-Ayres, foi por fim declarada a guerra a 10 de Dezembro de 1825, e desde então á proporção que se iam preparando, velejavam os navios aptos para a navegação do estuario do Prata, a reunirem-se a outros, que bem pouco valiam e que havia mais de oito annos, estacionavam no rio Uruguay.

Sob o commando do Capitão-Tenente Bartholomeu Hayden se achava o *Pirajá* e em serviço de caça aos corsarios que infestavam a nossa costa com cartas de marca assignadas por D. Rivadavia.

A 12 de Fevereiro de 1826 entrava elle no porto de Montevideo trazendo capturado, apoz ligeiro combate o corsario argentino *Libertad del Sud*. Commandava-o o corsario Diego Velez, que foi feito prisioneiro. Depois de julgado boa presa e reparado das avarias, foi incorporado á nossa esquadra com o nome de *Liberdade do Sul* e confiado o seu commando, a 23 de Junho, a Jorge Broom em recompensa ao seu brilhante proceder no ataque ao mesmo.

Desse navio passou a commandar o brigue *Liguri*, desde 30 de Setembro até 16 de Dezembro desse anno, quando então assumio o do brigue *Emprehendedor*, commando esse só exercido durante tres dias, pois novamente voltou ao *Liguri*, no qual se conservou até 4 de Janeiro de 1826. Ao commando do brigue *Caboclo* passou do *Liguri*, no qual se conservou apenas cinco dias.

Desgostoso o nosso governo do modo pelo qual o Almirante Rodrigo José Ferreira Lobo levava a guerra naval, bem identica infelizmente a que se desenvolveia nos campos, resolveo dar-lhe substituto na pessoa do Almirante Rodrigo Pinto Guedes, posteriormente Barão do Rio da Prata.

O 1.º Tenente Jorge Broom que desde 30 de Janeiro se achava embarcado na fragata *Ipyranga*, capitanea da divisão que levou o Almirante Pinto Guedes Rio da Prata, foi nomeado para commandar a barca *Bertioga*, construida no Arsenal de Marinha de Santos e armada com oito canhões.

Na *Ipyranga*, fez a viagem á Bahia, fazendo parte da divisão que levou o imperador áquella provincia em visita ao theatro augusto da lucta da independencia. Dera de vela a 2 de Fevereiro e chegára a Bahia a 27 do mesmo mez.

Logo que chegou o Almirante Pinto Guedes a Montevideo, dous dias depois, a 14 de Maio deu nova organização á esquadra, dividindo-a em quatro divisões: fazendo parte da 3.ª ficou a *Bertioga*.

A esta terceira divisão, sob ás ordens do Capitão de Fragata Jacintho Roque de Senna Pereira, coube por determinação do Almirante, não só acudir a defesa da Colonia do Sacramento como policiar os rios Uruguay e Paraná e portanto vigiar a ilha de Martin Garcia, tão desastradamente mandada desoccupar e desguarnecer pelo Almirante Ferreira Lobo pouco antes, e depois, por culpa do Conde de Lages, ministro da guerra, cuja curta visão, não attendendo os reiteirados pedidos do nosso Almirante, deixou que continuasse no mesmo estado, até que os argentinos d'ella se apossaram; ali se fizeram fortes, assenhoreando-se desde então da chave do systema potamographico que nasce do coração do Brasil.

A desidia nossa nesse ponto, como se vae ver, deu em resultado um fatal desastre no anno seguinte.

A obsecção pela marinha á vela por sua vez, não deixou vislumbiar no espirito dos dirigentes o valor de um elemento que o Marquez de Barbacena fôra o primeiro a introduzir entre nós, o navio á vapor.

Dous d'elles já possuímos, um desde os meados de 1825, a barca a vapor *Hibernia*, que tomára o nome de *Correio Imperial* e depois no anno seguinte o *Britannia*, baptisado com o nome de *Correio Brasileiro*.

Esse poderoso factor de uma rapida victoria foi totalmente posto de parte e nem sequer pensou-se em applical-o.

Os navios que compunham a 3.ª divisão, na maioria, só de guerra tinham o nome, pois não passavam de escunas, hiates e barcaças, velhos e sem valor militar algum, muitos delles commandados por sargentos de mar que se haviam feito não no mar, mas sim nas aguas do Uruguay, onde por muitos annos estacionaram.

Era capitanea a escuna *Oriental*, de 11 canhões; seguiam-se a *Bertioga*, de 8 canhões. *D. Paula*, de 4 canhões; *Liberdade do Sul*, de um canhão; *Itapuan*, de um canhão e os hiates *9 de Janeiro*, *7 de Setembro*, *19 de Outubro* e *Um de Dezembro*.

No dia 6 de Junho de 1826 havendo sahido do porto de Buenos Ayres a esquadra inimiga a comboiar alguns transportes para a Banda Oriental, estava no dia seguinte em frente á ilha de Hormos, seis milhas á barlavento da nossa 2.ª divisão naval. Jacyntho Roque de Senna Pereira, que se achava na Colonia isto vendo, deixou a defesa do porto entregue a Jorge Broom e seguiu com os demais navios ao encontro do inimigo; contava elle mettel-o entre dous fogos. Percebendo o Almirante argentino o plano dos nossos, fugio declarando "que este grande numero de brigues se havia concertado para algum intento decisivo, resolveo prudentemente entrar a Los Pozos.

Não pôde Jorge Broom tomar parte no ataque feito á esquadra argentina diante de Buenos Ayres, em vista de se achar, não só o seu navio como as demais escunas atrazadas e sotaventeadas, em consequencia das más qualidades nauticas d'ellas. Nem lhe foi dado tambem participar do brilhante combate de *Lara Quilmes* no qual perdeu o inimigo a sua capitanea *25 de Mayo*.

Coube á 3.^a divisão depois da tremenda lição que recebeu o inimigo em *Lara Quilmes* a policia da parte do estuario do Prata comprehendido entre o parallelo de Buenos Ayres e Colonia da parte superior. Nessa missão nos dias 5 e 8 de Agosto perseguio Jorge Broom e avariou a pequena escuna *9 de Fevereiro*, ao mando do intrepido official Rosales, que se havia aventurado a sahir de Buenos Ayres e concorreo para o desembarque de um destacamento de 65 marinheiros, na povoação inimiga de *Atalaya*, occupada pelo caudilho *Paulo Munoz*, causando enormes perdas aos sublevados.

Nas aguas defendidas pela 3.^a divisão apparecera o atrevido corsario *Fournier* na escuna *Profeta Bandarra*, guarnecida por varios officiaes e 47 marinheiros; vinha de regresso de suas proveitosas arriadas, procurando forçar o bloqueio. Perseguido tenazmente pela *Leal Paulistana* e mais quatro escunas, entre ellas a *Bertioga*, vio-se perdido e obrigado a encalhar junto á Colonia do Sacramento, onde foi apresada a escuna: seus tripolantes conseguiram salvar-se.

A 26 de Setembro entrou no porto da Colonia, Jorge Broom, trazendo como presa o brigue *Coquito*, navio esse que ficou á serviço de nossa esquadra.

Corria frouxa a guerra; em vez de aproveitarem os nossos politicos do enfraquecimento do inimigo, parece, que de accordo com elles estavam: tudo faziam para tornar imbellé o nosso fervor no sentido de, com brilho e honra, levar a termo a guerra encetada. Sombrios dias procuravam á nossa patria os interessados na continuacão da politica portugueza; como ainda hoje, muitos pensavam que outra trilha não deveriam seguir na nossa politica internacional, senão a seguida até então por aquella. Concessões sobre concessões aos reclamos dos grupos politicos faziam deliquescer o sentir geral da nacionalidade, sempre posto á margem, para gaudio dos que se arvoravam mentores d'ella.

A forte opposição que soffria *D. Pedro I*, com razão embora, reflectia-se nas operações terrestres e navaes, porque estava no consenso que a guerra quer terrestre ou naval, bem como a diplomacia devia ser feita de accordo com a côr politica do grupo dominante na occasião.

Assim a mesma soluçào de continuidade em tudo. Considerada por muitos, como ante patriótica a guerra que sustentávamos, servio para em ambas as casas do Parlamento, declamarem os politicos suas verrinas destruidoras do sentimento nacional. Para muitos delles que importava chorar a Patria quando lhes sorrisse a fortuna da popularidade, conquistada embora com o villipendio d'ella.

Havia-se aprendido e se estava convencido de que os nascidos n'essa abençoada terra não eram dignos de ter Patria. Fora a terra encontrada e não descoberta, por isso tirar d'ella todo o proveito, sem o minimo sacrificio, ou recompensa, era a lei natural.

A nação não podia comprehender o que se passava, porque a maioria d'ella, até do brio tinha sido expoliada pelos alvarás e cartas regias que a prepararam para isso.

Quiz *D. Pedro* ir pessoalmente ao campo da lucta, para com a sua presenca dar mais vigor ás operações; não conseguiu porém realizar totalmente o seu intento; pois em meio da viagem teve de regressar, devido á morte da infeliz e chorada Imperatriz, victima, segundo se disse, da brutalidade do proprio marido. Perdêra o Brasil n'aquella illustre princeza uma das mais fervorosas alliadas como apoio que teve *José Bonifacio* na sua obra redemptora.

Tendo o commandante em chefe das nossas forças em terra, o Marquez de Barbacena pedido ao nosso Almirante que enviasse ao rio Uruguay uma força naval para impedir as communicações de Alvear com as provincias de Entre Rios e Corrientes, cujo fito era a invasão do Rio Grande, emquanto se correspondiam sobre o assumpto o Almirante com o ministro da marinha, este com o da guerra, o Conde de Lages e por sua vez este com o Marquez de Barbacena, para finalmente dizer que não tinha tropas para guarnecer novamente, Martim Garcia e Gorritti, passaram-se bem uns quatro mezes.

Por intermedio de seu irmão que vivia em Montevidéo, sabia o Almirante Brown de tudo que ali se passava. Todas as medidas e resoluções das proprias conversas sobre assumptos da guerra eram transmittidas a Buenos Ayres. Campeava a traição consciente e inconscientemente por meio das familias orientaes ligadas por laços exponsalicios aos officiaes de terra e mar, que em graudissimo numero havia casado, a começar pelo Barão de Laguna.

Brown que espreitava a occasião de esmagar a terceira divisão e azada era ella, havia mandado a escuna *Rio de la Plata*, armada com um rodizio de calibre 12, como esculca, vigiar e avaliar da força que seguia. A 21 de Dezembro, na altura de S. Juan, foi ella aprisionada e levada para a Colonia. No apresamento deste navio, tomou parte Jorge Broom; não era outro senão a *Araçatuba*, construida em Santa Catharina e armada em 3 de Agosto de 1825, com os dinheiros ali conseguidos ali por subscrição e que fora apresada em 20 de Janeiro quando procedente de Martim Garcia, comboiando algumas embarcações mercantes, ao mando do Segundo Tenente Antonio Gomes.

Pelo que soube Senna Pereira pelo depoimento dos prisioneiros, estava o Almirante inimigo prompto a seguir-lhe a retaguarda com dezoito embarcações. Disso deu conhecimento ao Almirante Barão do Rio da Prata para que providenciasse.

No dia 26 de Dezembro fez-se de vela Senna Pereira da Colonia em desempenho da sua commissão; na sua retaguarda rumava o Almirante Brown, levando o brigue *Baltarce* de 14 canhões: escunas *Sarandi*, de 7; *Maldonado*, de 8; *Guanaco*, de 8; *Union*, de 10; *Pepa*, de 2; sumaca *Uruguay*, de 7; o oito barcas e canhoneiras de uma peça cada uma, de calibres 18 e 24.

No dia 29 chegava ao Jaguary, na altura da barra do rio Negro affluente do rio Uruguay, avistando a nossa flotilha.

Compunha-se ella das escunas: *Oriental* (capitanea), de 11 canhões commandada pelo Capitão de Fragata Jacintho Roque de Senna Pereira; *D. Januaria*, de 14 canhões, sob o commando do Primeiro Tenente Antonio Pedro de Carvalho; *Bertioga*, de 8 canhões, commandante o Primeiro Tenente Jorge Broom; *D. Paula*, de 4 canhões, sob o commando do Primeiro Tenente Antonio Leocadio de Oliveira; *Liberdade do Sul*, de um canhão, do commando do Primeiro Tenente Augusto Wenceslão da Silva Lisboa, *Sete de Março*, de tres canhões, commandante o Primeiro Tenente da Brigada de Marinha, Luiz Cypriano Gonçalves; escuna *Itapuan*, commandada pelo Primeiro Tenente Germano Maximo de Souza Aranha; barcas canhoneiras *Brocojó*, de um canhão, commandante Francisco de Paula Osorio; *Victoria da Colonia*, de um canhão, commandada pelo Segundo Tenente Antonio Velloso; *D. Sebastião*, de um canhão (?) N. 3 de um canhão, commandada pelo 2º Tenente Francisco da Silva Lobão; *Luiz Camões* de 6 canhões (?): hiates *9 de Janeiro*: 12 de Outubro e 1º de Dezembro, de 2 canhões cada um, cutter *7 de Setembro*, de um canhão, e laucha *Atrevida*, de um canhão.

Sem guarnições idoneas, no geral os pequenos navios commandados por um unico official ou sargento de mar, um mestre e um commandante de destacamento de soldados do exercito, sargento ou furriel, sem habitos nauticos, não era de esperar no conjuncto unidade de acção.

Contando além de tudo Brown com a superioridade de seus navios e de sua artilharia de muito maior alcance, rompeo immediatamente fogo cerrado de sobre os nossos navios que durante uma hora não deixaram de responder com galhardia e com vantagem. Brown, que era homem de recursos e so-lerte, usou logo de sua predilecta estrategia: mandou um parlamentar a Senna Pereira, intimando-o à rendição. Dava-lhe tempo este meio de recompôr melhor a formatura de seus navios.

Tendo cahido na occasião violento pampeiro, não pôde o parlamentar, que era John Coé regressar à bordo de seu navio a *Sarandi*, o que fez suppôr a Brown que o haviam aprisionado. Confessou de facto Senna Pereira, quando prisioneiro dos argentinos, em officio a Brown que o motivo da detenção foi a suspeita de falsidade da firma d'aquelle Almirante, contida na intimação, além de que o official inimigo não se havia feito annunciar como parlamentar que vinha a conferir.

Furioso fez Brown rebocar as canhoneiras, e de novo atacou a frotilha brasiliense com desusado vigor. Ainda desta vez porém não levou a melhor: desapontado teve de retirar-se, não desalentado, muito ao contrario, cheio de persistencia na consecução do seu plano. Rio à baixo com suas embarcações tres milhas além encalharam a *Balcarce*, a *Sarandi*, *Maldonado* e *Uruguay*; as demais a todo o panno seguiram adiante.

Lê-se em uma relação da epoca: "Houve grande enthusiasmo na tripulação brasileira de todas as guarnições, principalmente quando Senna Pereira fez signal para largar regeiras: geral foi a alegria julgando-se ir atacar o inimigo, immediatamente deu ordem para espiar Uruguay arribha contra o vento e corrente, deixando o inimigo encalhado à sotavento na distancia de tres milhas. Que fatalidade! Naquelle occasião o Commandante em chefe perdeu a confiança das guarnições". Veremos no entretanto que foi elle um dos poucos que não fraquearam e com honra souberam cumprir o seu dever.

Brown, deixando o commando da esquadriha ao mando do audaz Thomaz Espôra, depois de ter montado uma bateria de quatro peças na parte mais estreita do rio, na volta denominada Ponta Gorda, seguiu na *Sarandi* em busca de novos auxilios, não só para reforçal-a, como para artilhar a ilha de Martim Garcia, a pedra angular da defesa do Uruguay, criminosamente mandada abandonar pelo Almirante Rodrigo Lobo, e ainda mais criminosamente desprezadas as sollicitações do Almirante Barão do Rio da Prata, feitas ao ministro da guerra, Conde de Lages, para que lhe fossem fornecidas tropas para reoccupal-a.

Com os elementos que já se achavam promptos em Buenos-Ayres, pois o governo do paiz não esperava que os pedissem, os tinha sempre promptos poz-se Brown em caminho; não esperava porém encontrar com a divisão que sob ás ordens de Mariath havia mandado o Almirante Pinto Guedes em protecção de Senna Pereira.

O impecilho anteposto não fez com que Brown voltasse atraz; reuniu-se aos seus e foi dar combate a Mariath, pensando batel-o; foi porém batido. A lucta travada no dia 18 de Janeiro de 1827, com furia tremenda, foi fatal a Brown, pois dizimou-lhe muitos dos seus combatentes. Ainda assim o resultado desse combate, conhecido pelos argentinos pelo nome de *Cerro de S. Juan ou Canal de Martim Garcia*, e entre nós pela *Defesa da Corveta Macció*, não arrefeceu o animo de Brown, o qual aproveitando-se da inercia de Mariath, foi reparar as avarias soffridas e continuar a fortificação de Martin Garcia. Tinha Brown realisado uma parte de seu projecto.

Em principios de Fevereiro, terminada assim a missão de Senna Pereira qual a de apoiar o exercito nacional, pois este havia deixado Sant'Anna do Livramento e achando-se em difficuldades para abastecer seus navios, pois as

populações ribeirinhas lhe eram adversas, resolveo descer o rio, já a meia razão o que ia fazendo não sem entreter escaramuças com as populações, até que chegou a Ponta Gorda, transpondo a viva força.

Resolvido no dia 7 em conselho, qual dos canaes deveria tomar a frotilha se, o de SW ou de SE da ilha de Martim Garcia, pelo segundo, por ser mais desembaraçado, foi a opinião dominante.

No dia seguinte chegou a frotilha á altura da Nueva Palmyra ou Higuieritas, avistando o inimigo ao romper d'alva. Desde pela manhã que soprava vento norte, ameaçando pampeiro; com elle suspenderam os nossos, certos de que nesse dia travar-se-ia combate, como previra Senna Pereira ao suspender do Uruguay, onde se achava. Não muito havia andado o capitanea, quando encaihou, até que safasse perdeo bastante tempo: só por volta de meio dia é que foi fundear entre as ilhas do Juncal e Dos Hermanas, proximo do inimigo, isto por se ter tornado bonançoso vento. Pelas treis horas começou a soprar SSE; aproveitaram-se então os nossos para entrar em acção. Com falta de munições estava a frotilha, pois as de guerra e de bocca envidadas pelo Almirante por intermedio da escuna mercante, *S. José Americano* haviam cahido em mãos do inimigo; o mestre desse navio, Martinez oriental ou argentino, propositalmente se sotaventeára para esse fim, no dia 24 de Janeiro.

Empenhado o combate, desenvolvia-se elle com ardor de ambas as partes, procurando Brown com seus 64 canhões fazer calar os 61 da frotilha de Senna Pereira.

Já durava a acção uma hora e tres quartos, quando foi interrompida pelo impetuoso pampeiro e furiosa trovoada de S. Lançou a tormenta a confusão entre os nossos navios, os quaes improprios para aquella navegação, pelo seu porte e pouco calado, mal tripulados e alguns delles peiormente commandados, foram fundear a sotavento dos navios argentinos, a insignificante distancia d'elles.

Devido a essa circumstancia, se não fosse o auxilio prestado por Jorge Broom, na *Bertioga* e o Tenente Carvalho na *D. Januaria*, teria sido presa do inimigo a escuna *12 de Outubro*, na occasião de suspender ao signal feito pelo capitanea depois que amainou o temporal; ainda assim por muita distancia foi apresado uma escuna que servia de hospital á frotilha, e na qual se achava preso John Coe.

Só pelas onze horas da noite conseguiu o chefe Senna Pereira ter os navios reunidos, devido á difficuldade que muitos delles tiveram de suspender suas ancoras, isto mesmo sem ordem ou formatura, indo todos fundear junto á pequena ilha de Solís, situada ao NNW e distante quatro milhas da ilha maior Hermanas. Assim passaram a noite.

Deu no dia seguinte Jorge Broom as mais acentuadas provas de extraordinaria valentia e de verdadeiro militar de brio. Bem alto levantou o nome de nossa patria, batendo-se com galhardia, secundando os inauditos esforços do seu chefe, que vio perdida a esperanza de realisar o que havia manifestado em carta de 16 de Dezembro:

"Se cumprirmos com o nosso dever, só una fatalidade nos ocasionará reveses".

Sobre o combate do Juncal, assim conhecido o de 9 de Fevereiro, descripto na biographia do Chefe de Divisão Senna Pereira, diremos que mal manobrados os nossos navios, verdadeiramente só entraram em acção a *Oriental*, *Bertioga*, *D. Januaria* e *Sete de Março*.

Empenhados por ultimo os tres primeiros, que ficaram a barlavento na tremenda liça sustentaram com honra e gloria o embate do inimigo.

"Cahido gravemente ferido por um estilhaço de metralha o chefe da esquadrilla, havia no entretanto communicado sua herocidade a seus companheiros de gloria e de infortunio, que com isto não se apagou, Suffocam-o, tambem, porque o navio estava já demasiadamente fraco para sustentar o peso das balas inimigas mas os animos estavam ainda muito fortes e pouco dispostos a aceitar uma humilhação. Não havia um só homem que ousasse arriar a bandeira nacional, mesmo estando o chefe desaccordado na camara e preferiram todos continuar a bater-se... até que um marinheiro estrangeiro cortou a adriça da bandeira que cahio ao chão e pouco depois foi a escuna abordada, como foi antes a *Bertioga*, cujo bravo commandante (Jorge Broom) pregára, com suas proprias mãos, a bandeira no mastro que lhe havia cahido dentro, empachando-lhe a artilharia, e impedindo-lhe a manobra".

Batiam-se de facto com ardor: a *D. Januaria*, depois de duas horas de insana peleja achou-se impossibilitada de continuar a combater, na opinião de seu commandante, por ter perdido o mastaréo do velacho, rendida a verga do traquete e diversos rombos.

Vendo-a n'aquelle estado ordenou Senna Pereira que a *Victoria da Colonia*, a rebocasse para fóra do campo de acção. Percebendo isto o inimigo convergiu seus fogos contra ambas na occasião que esta passava o cabo de reboque, cortando com certa bala o virador, em vista do que covardemente não se atreveo a de novo executar a manobra, fugindo rio acima: acompanhou-o o commandante da *D. Januaria* com sua guarnição embarcado em suas lanchas.

Presenciando tal vergonha, Senna Pereira, affrontando todo o fogo inimigo foi collocar-se á popa da *D. Januaria*, emquanto Jorge Broom, na *Bertioga*, com serenidade sem igual, procurou executar a manobra de que fora encarregado o Tenente Velozo. Nesse inteirim, uma planqueta inimiga dando em cheio no mastro grande da *Bertioga*, desavorara-a por completo, empachando-lhe o convéz e fazendo quasi ir á pique o seu navio.

Atravez dos pelouros e metralhas que não cessaram de ser despejadas sobre o seu navio cheio de rombos, com suas proprias mãos, subindo pelas enxarcias, por duas vezes pregou o sagrado pavilhão que jurára defender, até a morte. Preso ao mastro esteve o pendão de honra até que exaustão de munições, cercado de onze mortos e muitos feridos, foi abordado pelo inimigo e feito prisioneiro com o resto de sua brava guarnição.

Levado para Buenos Ayres, dali foi enviado para o interior onde permaneceu por espaço de sete mezes, cautelosamente guardado á vista e barbaramente tratado por ter regeitado a offerta do governo argentino de dar-lhe lugar na sua esquadra e haver resistido a outras insinuações tendentes a afastal-o do serviço do Brasil, que havia tomado por Patria adoptiva.

O jornal inglez "British Packet", publicado em Buenos Ayres, de 17 de Fevereiro de 1827 publicou a seguinte carta: "A carta que se segue foi dada pelo Almirante Brown ao official brasiliense Capitão Jorge Broom, Sabemos que o Almirante falla nos termos mais satisfactorios da galharda conducta de Broom (oxalá fóra uma causa mais nobre) e que se havia disposto o conveniente para melhorar seu captiveiro; pelo que o Capitão Broom manifestou ao Almirante a maior gratidão, e é a pedido expresso do dito Capitão que se insere este reconhecimento e carta: *Balcarce*, em frente a ilha de Juncal, 11 de Fevereiro de 1827. Estimadissimo Sr. Permitta-me apresentar a V. o portador Capitão Broom, official brasiliense de bravura e merito. Defendeo seu navio com galhardia: porem a fortuna da guerra se decido em nosso favor, o obriga a soffrer as vicissitudes da vida em um paiz

completamente estranho a elle. Se chegar a necessitar auxilio pecuniario, até o recebimento de algumas remessas que se lhe fizerem agradecerei a Vce. o suppra e carregue a conta de seu seguro servidor. *Guilherme Brown*. Ao Sr. D. Roberto Jackson, B. Ayres.

Tendo conseguido escapar-se de seu presidio apresentou-se em Montevideo ao nosso almirante em 12 de Setembro do mesmo anno.

Sua brilhante conducta na batalha do Juncal, seus soffrimentos como prisioneiro, valeram-lhe a promoção ao posto de Capitão Tenente por Decreto de 12 de Outubro desse mesmo anno.

Quiz dar-lhe o nosso governo mais uma prova de distincção dando-lhe o commandante da corveta *Bertioga*, navio esse, a ex-galera mercante portuguesa *Aristides*, comprada para augmentar a nossa esquadra e armada no arsenal de marinha.

Ao lhe ser feito a entrega do commando desse navio se lhe fez sentir o motivo honroso desta especial denominação e escolha.

Para o bloqueio do Rio da Prata, no commando da *Bertioga* regressou o Capitão-Tenente Jorge Broom, levando em comboy cincoenta e uma velas, seis das quaes para Santa Catharina e quarenta e cinco para o Rio Grande do Sul, onde as deixou a salvo. .

Ao chegar a Montevideo passou ao commando da bombardeira 19 de Outubro em 1 de Novembro. d'ella desembarcando em 5 do mesmo mez, voltando a commandar a corveta *Bertioga* em 27 desse mesmo mez.

Disse Sabino Eloy Pessoa: Si os bellos feitos de nossa marinha de guerra estivessem consignados na historia, como existem perpetuadas as grandes façanhas com que se tem illustrado outras marinhas, a propria nação brasileira comprehenderia melhor o valor immenso desse poderoso elemento de ordem que, em prejuizo della, muitos governantes tem procurado aniquillar pela mais culpavel indifferença, sinão por errados calculos de politica.

Muitas e muitas são as brilhantes façanhas praticadas por essa marinha: desde sua formação, sempre ascendente em seus feitos gloriosos, chegou a firmar-se entre as primeiras do mundo com o estupendo feito do Riachuelo e ahi espera para quando, por qualquer eventualidade, fôr chamada a cumprir novamente o seu dever, a maior apice levar a sua trajectoria.

Na lucta em que nos empenhamos com as Provincias Unidas do Prata, se não fossem as agitações politicas que sempre assoberbaram a nossa Patria, raras em proveito d'ella, e que só serviam para enfraquecer o prestigio dos chefes encarregados de levar a termo as operações de guerra necessarias para podermos dictar a paz, certamente já teria tido fim.

Assim não acontecia: Depois de dous annos de lucta tendo a nossa marinha conseguido quasi aniquillar o poder maritimo do inimigo, pelo incendio, destruição ou tomada de seus navios, tornando-o impotente para offerecer-nos novos combates com probabilidade de exito, na phrase de um escriptor argentino (*Carranza*, *Companãs navales de la Republica Argentina*), a nossa politica, pela sua fraqueza, veio trazer-lhe indirectamente um novo elemento.

A concessão feita aos inglezes, americanos e francezes para que seus navios se approximassem dos nossos que bloqueavam os portos platinos para saberem se ainda continuava esta operação de guerra, (apezar de notificados desde a sua declaração), veio contribuir não sómente para que apparecessem os forçadores do dito bloqueio, que a se sahirem bem, lucros avultadissimos obtinham

como também para venda de munições de guerra propositalmente trazidas; como serviço de meio seguro, para que os corsários armados dentro do porto de Buenos Ayres, se aproveitassem das ocasiões em que os bloqueadores se afastavam em perseguição d'aquelles, para livremente se fazerem ao mar.

Deste modo conseguiram os platinos continuar a guerra e trazer o nosso commercio marítimo em sobresalto: ainda mais armando as presas que faziam, e tendo livre o mar para nos portos americanos armarem outros corsários, aumentando deste modo o seu material naval.

Combates isolados se travaram em nossa costa entre taes filibusteiros e os navios mandados em sua perseguição.

Cirulavam boatos de paz devido a mediação ingleza; querendo Brown, o Almirante argentino, fazer acreditar no vigor da força que commandava para deste modo demonstrar que a paz não era desejada pelos seus, ordenou a sahida de uma divisão com o fim de piratear pela nossa costa.

No dia 14 de Agosto, de facto, protegidos pela restante força de Brown, sahiram de Buenos Ayres o brigue *General Rondeau*, antes *Alistar*, commandado por John Coé, a escuna *Argentina*, a antiga *Hydra*, commandada pelo Tenente Coronel graduado Granville e a corveta *General Dorrego*, anteriormente a galera franceza *Maudarin*, sob o commando de Soleil, commandantes estes, de nomeada, pois em corso pela nossa costa, já haviam demonstrado o seu valor e atrevimento.

Chegando ao conhecimento do barão do Rio da Prata, nosso Almirante, tal empreza, duvidou á principio; procurou no entretanto tomar as providencias necessarias para evitar a realisação dessa tentativa. Foi fundear a Il. do banco Chico, de modo a não ser apercebido de dentro do porto.

Desceram os navios argentinos o rio, até a enseada onde deviam separar-se; para prestar-lhe soccorro, caso se tornassem necessarios, ficaram os demais navios de Brown em Punta de Lara.

Cercada a nossa esquadra por navios ligeiros encarregados de rondar as sahdas do canal, esperava o que adviesse.

No dia 23, pelas 7 horas da noute a escuna *Bella Maria* do commando do então Segundo Tenente Marques Lisboa, o futuro marquez do Tamandaré, fez signal por meio de foguetão que os navios inimigos deixaram o fundeadouro.

Ordenou então o nosso Almirante que toda a esquadra suspendesse e se fizesse ao rumo de SES.

Pela madrugada do dia 24 foram avistados á barlavento, ameaçando porém forte pampeiro, cujos prenuncios desde á vespera se desenhavam.

A *Bella Maria* que desde a vespera não largára mais a perseguição do inimigo, indicando constantemente a sua posição, os seguia de perto, enquanto muitos dos nossos commandantes na impossibilidade de forçar de vela pelo calado de seus navios se conservavam á distancia.

O pampeiro que cahira com violencia, levantava agora grossas e alterosas vagas que mais faziam comprometter os navios de maior tonelagem.

A fragata *Ipyranga*, capitanea da esquadra, passára doze horas arrastando-se sobre o banco, com todo o panno largo, inclusive cutellos e varredouras: apezar do vento rijo, não andava mais do que 4.5 milhas por hora arrastando-se pelos baixios; assim as demais.

Continuava a *Bella Maria* na sua arrojada empreitada, quando conseguiram approximar-se a *Bertioga*, sob o commando do Capitão Tenente Jorge Broom e o brigue *Caboclo*, do commando do Capitão Tenente James Inglis.

Impellidos todos pelo pampeiro, seguiram em carreira vertiginosa, uns forçando de vela para se escaparem, os outros para que as presas não lhes fugissem.

E trocando tiros, cujas pontarias muito prejudicadas pelos balanços que as altas vagas faziam dar, em furiosa carreira iam os nossos sobre o inimigo.

Dezesseis horas durou o combate, sustentado com valor por ambos os lados; Jorge Broom, na sua veloz corveta adiantando-se aos demais foi encostar portaló com portaló e durante quinze minutos não cessou o fogo de mosquetaria do golpe de gente de abordagem lançado sobre o navio inimigo: vendo-se porém em unidade o commandante da *General Dorrego*, o valente e audaz Soleil, emulo de Fournier, que seus companheiros haviam abandonado vergonhosamente e compreendendo que não mais podia lutar devido ao estado em que se achava, com avarias na mastreação, rôtos os cabos de laborar e a maior parte da guarnição ferida, resolveo arriar bandeira.

As 4 horas da tarde foi obrigado a mandar despregar a bandeira que fizera fixar no tópe do mastro; enquanto durou tal operação teve que supportar o embate da *Bertioga*.

Teve Jorge Broom a gloria de fazer içar a nossa bandeira no *General Dorrego* e receber a espada do valente commandante Soleil.

Foi essa victoria que fechou o cyclo glorioso da nossa marinha n'aquella prolongada guerra. Pouco depois foi assignada a paz.

Este feito glorioso de Jorge Broom, accrescentou-lhe no entretanto fundos dissabores. Accusado de se ter apossado de alguns objectos do corsario para uso seu e do navio, deixou o commando da *Bertioga*, passando por baldeação para a corveta *Animo Grande*. Por ordem do almirante, que não lhe perdoára de ter reclamado contra a sua substituição no commando da *Bertioga* logo que chegára a Montevideo, foi preso e mandado recolher á bordo da fragata *Nitherohy* em 5 de Setembro de 1828, afim de responder ao conselho de guerra, em consequencia de falta de execução de ordens; e de haver subtrahido objectos da corveta argentina *General Dorrego*, quando a apresou.

Desembarcou em Montevideo em 25 de Outubro do mesmo anno; tendo entrado em Conselho e por sentença de 19 de Novembro foi condemnado nas penas dos artigos 7º e 16º e 26º do de Guerra: Pela Sentença do Conselho Supremo Militar de 11 de Fevereiro de 1829 foi confirmada aquella sentença na parte em que condemnou o réo na determinação do artigo 16º por não ter applicação os outros artigos, á vista das provas dos autos, sendo o réo recommendado á Clemencia Imperial em attenção aos seus revelantes e distinctos serviços prestados em diversos logares durante a guerra. Em consequencia do que, e por Decreto de 7 de Julho do mesmo anno lhe foram perdoadas as penas impostas, em attenção aos relevantes e distinctos serviços prestados no Rio da Prata, continuando no exercicio do seu posto.

Logo em seguida a isto, desgostoso e adoentado, pediu licença para ir a Inglaterra a qual lhe foi concedida com meio soldo em 29 do mesmo mez. De regresso apresentou-se em 5 de Setembro de 1830.

Foi então servir no Arsenal de Marinha.

A agitação politica que se apoderou de todo o Brasil e que teve por epilogo a abdicção de D. Pedro I, não arrefeceu depois deste facto. Os partidarios do Imperador resignatario não descançaram, nem tão pouco os exaltados. Instigada por alguns officiaes revoltou-se a artilharia de Marinha aquartellada na Ilha das Cobras no dia 6 de Outubro de 1831.

Graças ao 1.º Tenente Joaquim José Ignacio, o futuro Almirante Visconde de Inhauma, que do seu navio a escuna *Jacuhye*, percebendo o movimento, deu aviso ao arsenal de Marinha, houve tempo de tomar providencias. Ao toque

de rebate guarneceram os guardas nacionaes o arsenal e as praias. Foi o Capitão Tenente Jorge Broom commandar uma canhoneira, muito auxiliando o desembarque da columna que atacou aquella ilha no dia 7 do mesmo mez.

Por Decreto de 5 de Novembro de 1831 sancionando a Resolução da Assembléa Legislativa, foi julgado comprehendido na excepção do artigo 10 da Carta de Lei de 24 de Novembro de 1830. Esta lei referia-se á demissão de todos os militares que não haviam adherido a nossa nacionalidade. Continou, pois o Capitão Tenente Jorge Broom, no goso de seu posto. Como fez publico o Aviso de 2 de Março de 1832. foi nomeado para commandar o brigue barca *Olinda*, em cujo navio se conservou até 22 de Setembro do mesmo anno. No commando deste navio, muito apreciados foram seus serviços nos successos de 3 de Abril de 1832 quando deu-se a sublevação da fortaleza de Villegagnon, levada a effeito por presos politicos n'ella recolhidos

O movimento republicano que campeava no Rio Grande do Sul estendera-se á Santa Catharina. onde haviam os *farrapos*, assim chamados os partidarios do systema, se apossado da villa da Laguna e do seu porto, proclamando ali a republica e constituindo a capital provisoria do *Estado Catharinense*. Sabedor o governo que pretendiam elles sahir ao corso com os navios ali armados determinou a partida de officiaes para aquella Provincia. Por nomeação de 10 de Agosto de 1839 foi mandado servir em Santa Catharina o Capitão Tenente Jorge Broom, que, em ali chegando a 24 de Agosto, assumio o commando do patacho *Desterro*, sendo-lhe confiada a missão de dirigir o bloqueio do porto da Laguna, impedindo a sahida de corsarios. Devido a um temporal o brigue *Andorinha*, por ter perdido um ferro perto da barra da Laguna e a escuna *Pirajá*, bastante avariada e por ter tambem perdido ferros, regressaram a 29 de Outubro ao porto do Desterro.

Havia o Capitão Tenente Jorge Broom sahido no dia 15 de Outubro para o serviço do bloqueio; a 19 estava fundeado junto a ilha dos Lobos e a 20 foi fundear em frente á barra da Laguna.

Garibaldi, para afastar das proximidades da barra o bloqueador usou do seguinte estratagemia; aproveitando-se do vento do sul fresco que soprava deixou sahir uma sumaca, despachada para os portos do norte, quando seu verdadeiro destino era o do Desterro. Vendo o Capitão Tenente Broom sahir tal navio immediatamente fez-se de vela, perseguindo-a, até que a registrou e como o vento continuasse forte do sul bordejou toda a noite por não poder ancorar: pela manhã estava na altutra da Barra do Sul, o que lhe fez procurar abrigo na ilha do Campeche, donde só poude velejar no dia 25 á tarde.

Aproveitou-se dessa circumstancia Garibaldi para fazer-se ao mar no dia 20 á noite, sahindo com tres navios bem armados e enquanto o commandante do *Desterro*, em frente da Laguna esperava o inimigo, este a todo o panno corria para o norte em demanda do porto de Santos, onde estava certo de ter boas presas.

No dia 28 novamente teve o Capitão Tenente de velejar, em consequencia de forte vento de Oeste, rumo sul até ás 11 horas da noute quando novo e tremendo temporal sobreveio, obrigando-o a correr e no dia seguinte procurando abrigo em Imbituba, teve que sustentar fogo contra varios grupos de cavallaria inimiga ali postado. A's 7 horas da noute fez-se ao mar.

Devido a estes factos que suspenderam o bloqueio, em 3 de Novembro recebeu Jorge Broom um officio datado de 28 de Outubro, ordenando-lhe entregar a direcção do bloqueio ao Capitão de Fragata Romano da Silva e recolher-se ao porto do Desterro, e no dia seguinte suspenso do commando do navio em que se achava, e remettido no dia 15 para o Rio de Janeiro na escuna *Pirajá*, onde chegou em 22 de Novembro. Por aviso de 26 do mesmo mez foi mandado regressar no mesmo navio para Santa Catharina afim de responder ali o Conselho de Guerra pelo seu comportamento na direcção do bloqueio da Laguna.

Depois de ali ter respondido a conselho, regressou no vapor *Bahiana*, por doente, apresentando-se ao Quartel General de Marinha em 20 de Março, deu-se por prompto a 24 de Maio de 1840. Por aviso de 25 de Maio do mesmo anno se participou que o Conselho de Investigação não achou materia para accusação.

Por nomeação de 21 de Outubro de 1840 foi mandado servir na Divisão Naval do Rio Grande do Sul, para onde seguiu tres dias depois. Por doente regressou d'aquella Provincia no vapor *Maranhão* em dous de Janeiro de 1841, até que em 15 de Novembro desse mesmo foi nomeado para embarcar na fragata *Paraguassú*; desse navio desembarcou em 24 de Janeiro de 1842.

Assumio o commando do brigue *Tres de Maio*, em 31 desse anno.

A revolução que se declarou em S. Paulo fez com que o governo imperial concentrasse no porto de Santos alguns navios de guerra e nesse tempo esteve Jorge Broom em serviço n'aquelle porto. Promovido a Capitão de Fragata em 23 de Julho, passou para a 1.ª classe do Quadro da Armada; estava em cruzeiro quando em dez de Outubro de 1842 coube-lhe trazer de Macahé, duas embarcações apreadas, que se entregaram ao trafico de escravos e na mesma occasião trouxe á reboque uma baleeira americana que havia desarvorado em frente á ilha de Santa Anna. A não ser o soccorro prestado pelo Capitão de Fragata Broom ter-se-ia despedaçado de encontro ao costão.

Tendo se dado a facto de exigir á força, um official inglez, de um dos nossos navios a entrega de dous marinheiros, apresentou-se immediatamente Jorge Broom com o seu navio, e fez fogo entre a Fortaleza de Santa Cruz e Rasa contra o cutter da fragata que ali se achava. Esse activo proceder obrigou a que o commandante da fragata viesse dar plena satisfação pelo insulto feito ao nosso pavilhão. Tendo tido baixa o *Tres de Maio* em 1843, desembarcou Jorge Broom, licenciado para ir a Santos em 24 de Fevereiro de 1844 apresentou-se em dezoito de Março: foi depois disso com licença de dous mezes ao Rio Grande do Sul; regressando em dous de Julho de 1847, continuou com parte de doente. Deu parte de prompto em 23 de Novembro de 1849.

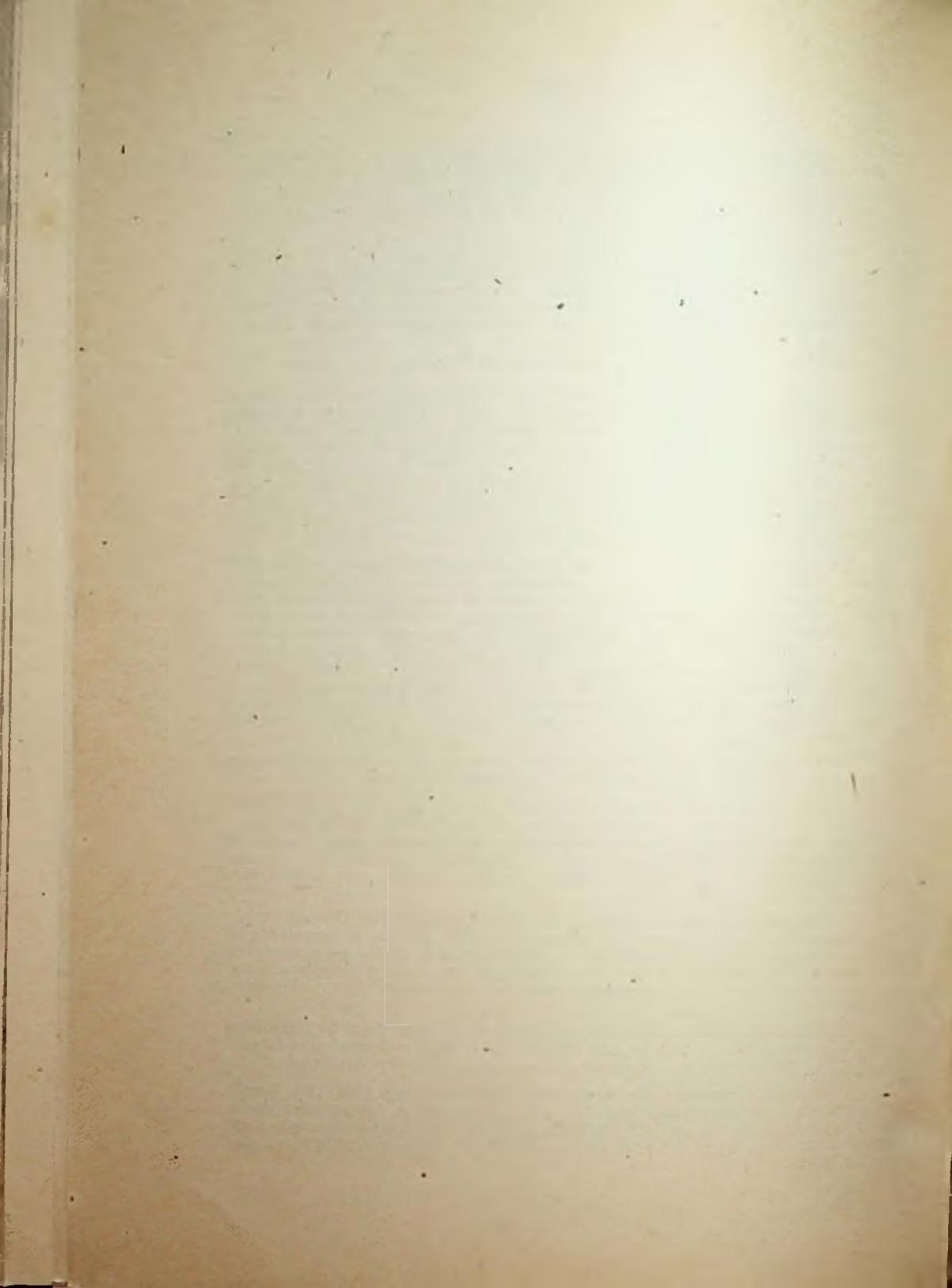
Pela Resolução de Consulta de 10 de Julho de 1850, contou antiguidade do posto de Capitão de Fragata de 22 de Outubro de 1836.

Por aviso de 29 de Novembro de 1850, foi nomeado para commandar a Corveta *D. Francisca*, pertencente a estação naval do Rio da Prata. Nova licença obteve em Fevereiro de 1852 para tratamento de saude. Nomeado para membro da commissão de exame de madeiras por aviso de 5 de Fevereiro de 1853 e pelo de 27 de Outubro do anno seguinte para commandar a corveta *D. Francisca*, em fabrico.

Promovido ao posto de Capitão de Mar e Guerra por Decreto de 2 de Dezembro de 1854, tendo em Novembro anterior passado a commandar a corveta *Dous de Julho*, em fabrico, continuando porém na mesma commissão de exame de madeiras. O aviso de 11 de Janeiro de 1855 despensou-o do commando da *Dous de Julho*, para nomeal-o commandante dos navios desarmados.

Promovido a Chefe de Divisão Graduado por Decreto de 2 de Dezembro de 1856, obteve licença para ir a Montevidéu tratar do restabelecimento de sua saúde, d'onde de regresso, reassumio o commando dos navios desarmados.

O illustre marinheiro que tanto havia trabalhado pela gloria do Brasil, alquebrado por molestias adquiridas em serviço, pouco tempo sobreviveo, pois a 25 de Novembro de 1860 falleceu no Rio de Janeiro. Condecorado com o grão de Cavalheiro do Cruzeiro e medalha da Divisão Cooperadora da Boa Ordem.



José Joaquim Raposo

CHEFE DE ESQUADRA

Filho de João Raposo e de D. Thereza de Jesus Raposo. Nasceu em Lisboa em 3 de Junho de 1785.

No estuario do Amazonas, onde desde muito jovem começou a mourejar, adquirio José Joaquim Raposo os conhecimentos da arte de marinheiro que mais tarde o faria eximio na profissão.

Na afanosa missão de pilotear navios que demandavam o porto do Pará, em companhia de seu pae, se encontrava quando logo apoz á chegada de D. João ao Brasil, teve que participar de mais trabalhosa empreitada.

Depois dos amargurados dias precedidos ao da decisão tomada de refugiar-se no Brasil, vio-se D. João, no meio de apparatuso sequito militar onde só se discutia e fallava de feitos guerreiros; seguido por numerosa frota, em que cada commandante de navio procurava mais se salientar na execução das manobras; chegado primeiro á Bahia, onde tropas regulares e os auxiliares formaram numerosas, o mesmo acontecendo no Rio de Janeiro, em maior numero se apresentaram para recebê-lo e festejar o acontecimento, lembrou-se o regente de declarar guerra á França, o que foi feito pelo decreto de 10 de Junho de 1809.

Ainda assim não levara a guerra áquella nação na Europa; contentou-se em ordenar a invasão da Guyana.

Teve em todo caso este gesto do soberano, para nós brasilienses, a grande vantagem de evitar que os inglezes mais ampliassem os seus dominios á nossa custa, se por elles fosse emprehendida a conquista d'aquelle territorio.

Para levar a effeito semelhante empresa foi ordenado ao Capitão General da Capitania do Grão Pará que organisasse uma expedição, empregando as tropas do paiz para occupar militarmente as margens do Oyapock.

Exhausta a capitania de recursos pecuniarios, sem ter recebido o minimo auxilio material, para dar cumprimento á ordem recebida, teve o Capitão General de recorrer, como de costume, a uma subscrição publica; assim quatro annos antes havia feito o proprio D. João, recorrendo á liberalidade dos filhos do Brasil, para prover as difficuldades da côrte, em vista das criticas condições de penuria em que se encontrava; assim ainda, para fazer a conquista da Cisplatina, se procedeo no Rio Grande do Sul, para pagamento dos soldados e manciamento dos soldados denominados voluntarios reaes de El Rei, vindos de Portugal sob o commando do brigadeiro Frederico Lecór.

Acenando aos negociantes com commendas de ordens honorificas e collocação d'elles debaixo das vistas da sua real pessoa para empregos e honrarias, os attrahia.

Com os recursos conseguidos aprestou o Capitão General quatrocentos homens, incluindo as companhias de granadeiros e caçadores dos tres Regimentos de linha, uma bateria de quatro peças e doze obuzeiros de calibre 8.

Ao mesmo tempo que organisava a força de occupação, preparava a de transporte e a naval. Compunha-se esta de pequenas embarcações que de guerra só tinham o nome.

A capitanea era uma escuna, pomposamente baptisada com o nome de *General Magalhães*, homenagem ao Tenente General José Narciso Magalhães de Menezes, Capitão General; era a unica commandada por pessoa que conhecia alguma cousa de navegação. Seguiam-se o cutter *Vingança*, armado com oito peças de pequeno calibre, commandado pelo Patrão-Mór do Pará; o cutter *Leão*, do mesmo porte e armamento que o anterior, tendo para commandante o sargento José Antonio de Barros; tres barcas canhoneiras, armadas cada uma com uma peça de calibre 18, em rodizio: escuna *Nympha*, com dois obuzeiros, porém desmontados e finalmente hiate *Santo Antonio* e lancha *S. Narciso*.

Quatro mezes justos depois de declarada a guerra, do porto de Belem largaram para a villa de Chaves os navios, onde deveriam receber o contingente do 2.º Regimento; dali partiram para o igarapé de Obussutuba para se refazerem de cabos de laborar e outros que de outros não podiam obter senão de *imbira*, de *imbê* e *bêta*. Só a 2 de Novembro, fez-se ao mar a expedição conseguindo montar o cabo *Norte* tão sómente a 12 e com grande temporal.

Por falta de conhecimentos nauticos de quem patroava a canhoneira numero tres, onde vinha a maior parte das munições de artilharia, desgarrou e passados dias foi ter a Surinam, onde imprestavel teve que ser vendida.

Por felicidade desta expedição, encontrou ella a corveta ingleza *Confiance*, e brigues portuguezes *Voador* e *Infante D. Pedro*, procedentes do Pará com uma outra expedição de 300 homens. Estes brigues tinham vindo do Rio de Janeiro e posto ás ordens do conunando inglez Yeo, da *Confiance*.

Feita a conquista da Cayenna, depois de diversos combates nos quaes muito se distinguiram os filhos do Pará, começou José Joaquim Raposo, as suas viagens entre os Portos de Belem e Cayenna a desempenhar constantes commissões.

Pelos serviços prestados foi nomeado Segundo Tenente graduado em 13 de Maio de 1820, e no anno seguinte, na mesma data teve um anno de licença sem vencimento de soldo, para ir a Asia, commandando o navio *Conde de Arcos*.

Em junho de 1809, mais 800 homens seguiram do Pará, comboidos pela corveta *Andorinha*, para substituir soldados de occupação em Cayenna. Restituida essa possessão em 1817 aos francezes pela convenção reunida em Paris em 28 de Agosto desse mesmo anno, regressaram ao Pará bem desfalcados por morte em combate e por molestias os filhos daquela provincia; desalentados pelo modo desigual com que eram tratados, por isso quando o espirito liberal acordou em Portugal, explodindo no Porto em 24 de Agosto de 1820, as tropas da guarnição adheriram aos principios proclamados e tomaram a si iniciar o anno de 1821 regendo-se pelos novos conceitos.

A 1 de Janeiro foi derribado o governo do Conde de Villa-Flôr e nomeada uma junta governativa e posta a Capitania sob as leis das côrtes em Lisboa.

Em Junho de 1822 havia ali chegado a escuna *Maria da Gloria* com officios á Junta para que procedesse a eleição dos deputados á constituinte convocada por D. Pedro, que havia abraçado a causa dos brasilienses.

Levantou-se o espirito nacional com o que se passava no sul e a primeira manifestação em favor da nossa independencia deu-se a 13 de Abril de 1823.

Infelizmente dominados os soldados nacionaes, foi suffocado o movimento e presos 271 d'elles; condemnados a principio á morte, foram depois mettidos nos porões da *Andorinha do Tejo*, commandada pelo 1.º Tenente João Gonçalves Corrêa, e ferropcados mandados para Lisboa, onde chegaram a 15 de Setembro os sobreviventes á grande mortandade soffrida durante a penosa viagem sendo recolhidos ás enxovias de S. Julião e outras.

Os patriotas do Maranhão tinham sido mandados para os Algarves.

Os metropolitanos, cheios de rancor contra os filhos da colonia, para demonstrar seu intenso regosijo ao receberem a tropa mandada contra os patriotas que de regresso os conduziam prisioneiros, o fizeram armando nas ruas de Belem, por onde deviam passar, arcos de murta e flores e ornaram as suas casas com palmatorias, vergalhos e chicotes dependurados ás portas e ás janelas, patenteando deste modo que com aquelles instrumentos aviltantes seriam castigados os filhos da colonia contrarios ao dominio portuguez.

Coroada de pleno exito havia sido a commissão confiada por Lord Cochrane n'aquelle mesmo mez ao Capitão Tenente João Grenfell; conseguira elle fazer proclamar a independencia no Pará.

Pagaram posteriormente ainda os brasilienses o seu desabafo pelos excessos commettidos em Outubro, pois 256 delles recolhidos aos porões do brigue *Palhaço* foram victimas dos algozes de todos os tempos.

Certo, as affrontas eram pagas do mesmo modo. Vamos nos referir a uma dellas. Na então villa do Cameté onde mais agitou-se o sentimento patrio, tendo conhecimento seus habitantes que muitos portuguezes na esperança sem duvida de submetterem a ex-provincia ao dominio luzitano, tramaram contra as instituições juradas, reuniram-se a Camara Municipal e mais autoridades foi decidido que se desse demissão aos funcionarios publicos portuguezes ou brasilienses hostis ao novo regimen.

Dessa reunião foi lavrada uma acta, assignada por cento e dezeseis pessoas. Nesta acta destacava-se *in fine* a declaração — de que era vontade das pessoas principaes, que se achavam presentes, assignassem como representantes do dito povo o presente termo, pelo qual declararam tambem que todo aquelle, ou fosse europeu ou brasiliense que montar o cavallo intitulado *brasileiro*, ficaria preso ao arbitrio do juiz e pagaria de cadeia 20\$000 rs. para despezas da justiça".

Esta menção na acta que de certo causará estranheza é esclarecida pelo Dr. Domingos Rayol em, seu livro *Motins Políticos da Provincia do Pará*.

Diz elle: "Este cavallo era de Antonio José Pereira Braga um dos portuguezes que mais escarneceram dos nossos regozijos pela independencia. E foi por escarneio, que elle deu o nome de *brasileiro* ao seu cavallo, accresceitando que estava fazendo uma estrada para o brasileiro puchar o seu carrinho. Conta-se porém, que depois de jurada a independencia os cametaenses, encontrando-o, conduziram-n'o para um dos logares mais publicos de Cameté e ahí no meio de numerozo concurso de povo fizeram-n'o curvar-se e metter os labios um dedo abaixo da cauda do celebre cavallo *brasileiro*, que tambem para o mesmo lugar fora conduzido, ordenando-se-lhe que lhe desse um abraço e um osculo *fraternal* por girar nas veias do *brasileiro* o mesmo sangue *portugues*. Por fim foi levado á praia, obrigaram-no a lavar o cavallo e passar-lhe a carta de manumissão e dar uma avultada quantia para sustento e estrebearia do mesmo. E foi para isentar este cavallo de todo o serviço e com o fim de inutilisal-o completamente para o trabalho, que a camara municipal estabeleceu a multa e prisão de que trata esta acta".

De regresso de sua viagem a Asia, já encontrou José Joaquim Raposo independente o Brasil e abraçando decididamente a sua causa, foi nomeado para commandar o transporte *Animo Grande* em 16 de Abril de 1823. O *Conde de Arcos* havia sido requisitado pelo governo e como transporte mandado a Montevideo com outros para n'elles embarcarem as tropas de occupação da Capitania, facto esse que não se deu.

Sob ás ordens de Lord Cochrane havia partido, no dia 3 de Abril grande parte da nossa esquadra para obrigar as tropas portuguezas acastelladas na Bahia a deixar aquella provincia protegidas como estavam por poderosa força naval

Depois do combate naval de 4 de Maio, em que mediram-se as duas esquadras e em que desde então ficou a esquadra portugueza completamente bloqueiada, recolheo-se o nosso Almirante a sua base de operações no Morro de S. Paulo.

Emquanto isso se dava continuava o governo a remetter elementos ao nosso Almirante. Assim ao seguir a fragata *Carolina*, em sua companhia foram o brigue escuna *Rio da Prata*, charrua *Luconia* e transporte *Animo Grande* sob o commando de José Joaquim Raposo, por nomeação de 6 de Abril de 1823.

Os serviços prestados na gloriosa expulsão dos portuguezes da Bahia valeram-lhe a promoção a Segundo Tenente em 9 de Julho de 1823 e o commando da presa *Leul Portuguez*, feita pela nossa esquadra. Passou ao Commando da presa *Triumpho da Inveja*, depois para a presa *Príncipe Real* em 28 de Agosto, na qual se achavam, 700 soldados.

Mal haviam sido expulsas as tropas portuguezas do Brasil que a politica começou a scindir os proceres da independencia. Da lucta estabelecida desde logo se aproveitaram os adhesistas, chamando a si o proprio D. Pedro, cuja versalidade de caracter era traço definido de seu moral, e com isto estabeleceram o predomínio.

O mesmo impulsivo arrojo com que rompeo com seus, voltou-o agora contra os que o haviam amparado.

A constituição em discussão foi o pómo de discordia entre o imperador e os liberaes. A 12 de novembro, foi dissolvida a constituinte e presos os egregios filhos do Brasil, os Andradas e outros Deputados, os quaes foram recolhidos ao Arsenal de Marinha e d'ali levados para os infectos porões da fortaleza da Lage.

Tinham elles que pagar o desassombro com que haviam elevdo a alma brasiliense, mostrando ao mundo que os povos reunidos momentaneamente de baixo do mesmo sceptro tinham missão social muito differente.

Ainda mais seus inimigos estavam de alcatéa e não lhes perdoaram a acção proeminente tida na constituinte e nas côrtes luzitanas, onde nunca consentio o menor menoscabo á sua terra de nascimento. Resolvido o desterro de tão conspicuos patriotas foi a 15 de Novembro assignado o decreto de deportação e para isso mandado preparar a charrua *Luconia*, que os deveria transportar ao Havre. Esse navio que era commandado pelo Primeiro Tenente Antonio dos Santos Cruz, filho do Brasil, teve para novo commandante o Segundo Tenente Joaquim Estasnilau Barbosa, portuguez de nascimento, conhecido por seu máo comportamento, isto á pedido de Fernando Carneiro Leão. Para immediato foi nomeado a 19 de Novembro José Joaquim Raposo. Resavam as instrucções escriptas, que os presos politicos deveriam ser desembarcados no Havre, no entretanto, verbal e particularmente, tinha ordens o commandante para que arribasse a Lisboa. Essa traição, dizem, não eram estranhos os ministros, entre elles Francisco Villela Barbosa e Nogueira da Gama.

Do primeiro que havia occupado altas posições em Portugal e depois eleito membro da representação fluminense a côrtes portuguezas, em principio infenso á nossa independencia a ponto de manifestar-se em um discurso "que tinha vergonha de ter nascido no Brasil e que tal era a sua raiva, que estava prompto, posto que velho, a marchar, ainda que fosse com a espada na boca, para castigar os degenerados brasileiros que queriam a separação, e obrigar a voltar á salutar união com Portugal."

Esse adversario de José Bonifacio só veio para o seu paiz "de que tinha vergonha de ser filho", em Julho de 1823, para ser conselheiro de D. Pedro, depois foi ministro da Marinha, Exterior, Conselheiro de Estado, Senador do Imperio e Marquez de Paranaguá. Não o quiz Portugal; por fim despresou-o o proprio Imperador.

A 17 de Novembro assumira o cargo de ministro da marinha.

Não havendo da parte dos ministros nenhum que tivesse a coragem de assumir a responsabilidade da infamia que se ia praticar, disso foi encarregado o commandante da charrua, em quem se achava embotado todo e qualquer sentimento de dignidade. Sob pretexto de ir ao Imperador agradecer a nomeação, o servil commandante, em conversa sobre a sua commissão, lembrou o machavelico plano, dizendo: — *Se V. M. consente n'isso eu prometto fazel-o de modo que salve a responsabilidade de todos*."

A tão baixa proposta, D. Pedro, sentio que tamanha indignidade não devia ter assentimento e respondendo-lhe. — *Não! não consinto, que isto é uma perfidia*" e voltou-lhe bruscamente as costas.

Se não estava de accordo o Imperador o estavam os inimigos de José Bonifacio para entregal-o á sanha dos portuguezes

Transportado José Bonifacio da fortaleza Lage para a charrua durante a noute, no dia 24 de Novembro fez-se de vela.

O perfidio e embotado commandante durante a viagem procurava fazer sua rota, approximando-se quanto possivel das costas portuguezas, e prolongando-a propositalmente para dar logar a algum encontro com embarcações luzitanas.

Comprehendendo o immediato o 2º Tenente José Joaquim Raposo quaes eram as intenções do commandante, energicamente protestou contra tão negra acção, e desde então tomou a si a salvação dos patriotas que se achavam á bordo. Todas as vezes que lhe tocava fazer quartos, á noute, mudava de rumo, afastando-se da costa. Graças a este proceder, depois de tres mezes de penosa viagem, arribou a charrua ao porto de Vigo, na Hespanha.

O governo portuguez sabelor da arribada da *Luconia* áquelle porto hespanhol, mandou sahir a corveta *Lealdade*, bem como o brigue *Tejo* reclamar do governo a entrega do navio brasiliense. Negou-se o governo hespanhol determinando porem que deixasse o porto a *Luconia*.

No porto de Vigo se achava a corveta luzitana *Lealdade*, a cujo commandante deu o seu governo ordens para que suspendesse apparentando seguir para Lisboa e fora da barra cruzasse afim de aprisionar a *Luconia*. Rezavam as instrucções: "Tendo o governo de S. M. Catholica, allegado motivos attendiveis para não entregar a Vm. a charrua *Luconia*, que ahí entrou *com bandeira do governo rebelde do Rio de Janeiro*, torna-se sem objecto a estada da corveta *Lealdade*, que Vm. commanda nesse porto; portanto ordena S. Magestade que immediatamente á receber este Aviso Regio, e sem perda alguma de tempo, Vm. se faça de vela para sahir desse porto, publicando tanto á gente de sua corveta, como a todo o publico dessa cidade que recebeu ordem para voltar ao porto de Lisboa; entretanto, bem longe de Vm. assim fazer, praticará o con-

trario, e navegará de maneira que fazendo persuadir aos de terra que sê faz na volta de Portugal, se conserve em alcance quanto possível fôr de cair sobre a charrua *Luconia* aprezal-a e trazel-a a este porto *com todos os seus passageiros CONFORME o QUE LHE ESTÁ DETERMINADO*, empregando Vm. toda a sua habilidade para não inspirar desconfiança á charrua *Luconia* a qual, não poderá deixar de sahir para o Havre da Graça, *pois o governo hespanhol á fará sahir logo que não haja suspeita das ordens que Vm. agora recebe*. S. M. ha por muitô recommendado a Vm. toda a sagacidade na execução, *afim de que se não inalogre esta diligencia*. Deus Guarde a Vm. Palacio de Bemposta, 7 de Março de 1824. *Conde de Subsera*. Sr. João Pedro Nolasco da Cunha, Capitão de Fragata, Commandante da Corveta *Lealdade*.

Tendo o Governo hespanhol exigido a sahida da *Luconia*, ao executar-se a ordem, os Deputados brasilienses, reconhecendo que lhes preparavam uma cilada, apoderaram-se da praça d'armas do navio, auxiliados pelos marinheiros nacionaes e dirigidos pelo immediato, obrigaram o commandante e os demais inferiores a obedecer-lhes.

Em vista de ter sido despachada a *Luconia* para o Havre, pediu José Bonifacio a intervenção do consul francez o qual foi á bordo e depois de longa conferencia com elle, deu-se a intervenção do ministro inglez Canning, sendo todos postos em liberdade, seguindo para a França por terra.

A *Luconia* arriou bandeira, e lhe foi retirado o leme. Não tardou que de novo entrasse ao porto a corveta *Lealdade* e fosse fundear junto a *Luconia*, cujo commandante, sem o menor pejo fosse a bordo daquelle navio em visita.

Por ser demasiada velha a charrua foi condemnada; mandou o nosso governo vendel-a em hasta publica.

O seu commandante voltou ao Rio de Janeiro; e chegando respondeu a conselho de guerra por ser delapidador dos dinheiros publicos. Dado ao vicio da embriaguez falleceo no Rio de Janeiro, sendo commandante das galeotas.

Em uma navio inglez tomou passagem com a guarnição o 1º Tenente Raposo, já promovido desde 6 de Dezembro de 1823, contando antiguidade de 12 de Outubro, apresentando-se em 4 de Outubro de 1824, e no dia seguinte assumio o commando do correio *General Lecór*, em cujo navio esteve durante um anno. Em 10 de Novembro tomou o commando da charrua *Harmonia*.

Promovido a Capitão Tenente em 31 de Janeiro de 1826, passou da charrua *Harmonia* a embarcar na fragata *Imperatriz*, em 19 de Maio desse anno, em cujo navio se conservou até 21 de Fevereiro de 1827, quando passou a commandar o brigue *Vinte Nove de Agosto*, devido a morte de seu commandante o 1º Tenente Rafael José de Carvalho no combate da Encenada, commando esse exercido até 7 de Março, quando passou a commandar a corveta *Macció*, que posteriormente deixou.

Promovido a Capitão de Fragata pelo Almirante Barão do Rio da Prata, commandante em chefe da esquadra em operações contra as Provincias Unidas do Prata em 6 de Abril de 1828, confirmado por Decreto de 12 de Maio, embarcou na fragata *Imperatriz* em 30 de Maio e desta para a fragata *Ipyranga* em 29 de Fevereiro de 1829, de cujo navio desembarcou por desarmamento em 23 de Abril.

Nomeado commandante da fragata *Principe Imperial* em 3 de Janeiro de 1830, passou ao commando da corveta *Maria Isabel*, que depois se denominou *Regeneração* em 9 de Fevereiro.

Em 1833, ás 4 horas e meia da tarde os presos politicos que se achavam no Forte do Mar, na Bahia, tendo conseguido revoltar o destacamento que os guar-

davam, apossaram-se de uma escuna e durante toda a noite se conservavam em attitude hostil, e pela manhã içando uma bandeira azul e branca iniciaram fogo contra a cidade.

Em vista disto aproximou-se a corveta *Regeneração* que auxiliada por um batalhão de artilharia e algumas praças collocadas no Arsenal de Marinha, respondeu ao bombardeio do forte, só interrompido à noite, para recommear ao amanhecer do dia seguinte. Só no dia 29 depois de novo bombardeio é que se entregaram.

Achando-se no Maranhão, no commando da *Regeneração*, no dia 12 de Setembro pelas nove e meia horas da noite, soube pelo Primeiro Tenente Antonio José Portella, que viera de terra, se havia tocado rebate na cidade e que toda a tropa se achava em armas no Quartel, bem como muito povo armado, ignorando no entretanto a causa. Em vista de semelhante facto mandou, por precaução, carregar a artilharia alternadamente com bala e metralha, e assim esteve até o dia 13 à tarde, quando recebeu ordem do Presidente para receber à bordo os individuos que lhe fossem enviados pelos juizes de paz e pelo commandante das armas, em consequencia das requisições, das tropas e do povo, e a que havia accedido o Conselho da Provincia.

Depois de consultados os officiaes, em conselho, foi decidido que se descarregasse a artilharia, o que foi feito ao anouteccr.

Durante a noite, conduzidos pelo delegado do juiz de paz da freguezia de Victoria chegaram á bordo o guardião e quatro religiosos de Santo Antonio tendo antes vindo se entregar outro religioso e o coronel graduado de milicias Joaquim Raymundo Marques. No dia seguinte pelo delegado foi apresentado João Crispim Alves de Lima e vieram se entregar Marcellino José de Azevedo Perdigão, major Manoel Abranches Paes e o vigario da Conceição José Pinto Ferreira.

Com surpresa no dia 15, ás 8h,40m. da noite, apresentou-se á bordo o presidente da provincia em companhia do conselheiro Joaquim Raymundo Pereira Machado com o fim de certificar-se de que a corveta estava em socego, pois contava em terra que havia intenções da parte de sua guarnição de fazer um desembarque.

Para tiral-o de duvidas mandou o commandante Raposo, apitar mostra geral e lhe fez percorrer todo o navio. Disse-lhe então o presidente que estava certificado de que á bordo da corveta não se dava o mesmo que nos Quartéis em os quaes se movia a tropa sem que o commandante das armas soubesse. Respondeo-lhe que a bordo do seu navio só se encontravam ordens emanadas daquella autoridade.

No dia 19 foram mandados passar para o paquete *Patagonia*, afim de seguirem deportados para o Pará os padres de Santo Antonio, e padre João Rodrigues de Almeida, o major Manoel de Abranches Paes, Marcellino José de Azevedo Perdigão, ficando á bordo mais tres para serem posteriormente deportados. Além desses foram demittidos de todos os empregos os brasileiros adptivos e alguns desembarcadores brasilienses natos.

Devido a estes factos, suppõe-se, o destacamento que existia á bordo o qual havia sempre dado provas da maior subordinação, no dia 18, deixou de mantel-a influenciado sem duvida pelos presos.

Logo que terminou a mostra que aos domingos costumava passar o commandante, ao ser dada ordem para debandar, continuou firme o destacamento: repetida a ordem, a mesma desobediencia continuou. Indagado do motivo disseram que tinham que representar contra o sargento do destacamento, ao que lhes respondeo o Tenente que em fórma não admittia representações e

que depois de destroçados os attenderia o que immediatamente fizeram. Ouvidos, vóz ativa se queixaram do sargento castigal-o com chibatadas em excesso quando no Rio de Janeiro já não se dava semelhaute castigo, nem tão pouco no batalhão 23 d'aquella cidade.

Julgou o commandante de melhor aviso, do que se passava na cidade annunciar aos soldados que não mais seriam castigados com chibata e que quando algum delinquisse seria castigado de accordo com o regulamento vigente. A isto responderam os soldados que estavam promptos a receber os castigos que merecessem, mas que não mais admittiam o sargento, rompendo em vivas ao imperador D. Pedro II, ao commandante, e ao commandante do destacamento e dando alguns morras ao sargento.

Para que não houvesse conhecimento na cidade de que uma parte do destacamento da corveta se havia insubordinado, visto ser este navio o unico apoio que tinha o Presidente em ultimo caso, julgou de bom alvitre mandar o sargento José dos Passos Machado, com boa informação, para o Rio de Janeiro e esperou occasião opportuna para proceder contra os cabeças do motim.

O espirito de revolta não estava porem extincto; ao contrario ia se generalisar subornado na sua maioria o destacamento pelos revolucionarios de terra para fazerem um levante á bordo, afim de entregarem o navio; não mais occultavam os seus designios, quer á bordo, quer em terra; claramente manifestavam depois do dia 13, quando a tropa e o povo se haviam posto em armas para fazer requisições: era vóz geral que queriam tornar a provincia independente, para o que seria tomada a corveta; para assim poderem pôr em pratica os seus planos. Diziam sem reбуços os soldados que muito brevemente a maior parte da guarnição seria amarrada, entrando no numero o commandante e officiaes.

Em vista de tão graves circumstancias no dia 20 de Novembro reunio o commandante os seus officiaes, communicou-lhes o que lhe tinha chegado ao conhecimento e expôz-lhes as medidas que ia tomar, começando pela prisão dos cabeças do motim anterior. Para isso, mandou tocar a postos geraes para exercicios. Contando com a taifa e reforço que saham de cada peça, composto de marinheiros armados, com elles prende-os todos no momento em que se julgavam senhores da situação, sendo desde logo ferropcados os dez que no dia 18 haviam desobedecido ás ordens.

Os demais soldados, excepto seis, n'esta occasião declararam que tambem queriam ser presos á ferros para terem a mesma sorte de seus camaradas.

Tres mais foram ferropcados. Para terra foram remettidos 31, ficando os ferropcados a bordo.

Pelo depoimento do cabo de esquadra Pedro Nunes de Mello, disse que o soldado Domingos dos Santos, ao vel-o, dissera em altas vózes que a escravidão já tinha acabado, mas como ainda continuava, elles a acabariam á força de armas e reunindo-se a elle outros soldados, apoiaram-no ficando accordes que em breve acabaria a dita escravidão. Houve proposta para que n'aquelle momento chegassem á fôrma para sabereim em que lei viviam.

Era o fructo do Regulamento do Conde de Lippe, transportado de Portugal para o Brasil, onde o ignomioso castigo da chibata imperou com desapiedada dureza nos quartéis e nas fazendas. Souberam os homens de governo dissolver as forças armadas, mas não se sentiram com coragem para arrancar dos codigos os preceitos que mandam respeitar os fóros do homem, tanto mais que muitos dos levantados nas forças armadas foram consequencia da applicação dos castigos corporaes, muitas vezes ao capricho e arrebatamento dos chefes.

Da corveta *Regeneração* desembarcou em 7 de Fevereiro de 1834 na Bahia e por aviso de 7 de Março embarcou na fragata *Príncipe Imperial*, sob ás ordens do chefe João Taylor, apresentando-se em 6 de Abril. Por aviso de 20 de Setembro se determinou que logo que chegasse a Bahia assumisse o commando da corveta *Regeneração*, o que se verificou. A 19 de Junho chegou ao Pará, fazendo parte das forças navaes em operações naquella provincia. Da *Regeneração* passou ao commando da fragata *Imperatrix* naquella provincia em 28 de Setembro. Havia no commando deste navio tomado parte no bombardeio á cidade atacada pelos revoltosos.

De regresso do Pará desembarcou no Rio de Janeiro em 3 de Fevereiro de 1836, sendo nomeado em 9 de Março para tomar o commando das barcas de soccorro naval e a direcção do pharol da Rasa, de cujo cargo foi exonerado em 29 de Abril para assumir o commando da corveta *Dous de Julho*, n'ella seguindo viagem para a Europa.

De regresso desembarcou na Bahia em 11 de Março de 1837, d'ali vindo em virtude do aviso de 15 de Fevereiro de 1836, foi nomeado a charrua *Trinta de Agosto*, apresentando-se em 30 de Abril, a fim de prestar contas, como commandante da *Dous de Julho*, durante a commissão que desempenhára. Para commandar a *Regeneração* foi nomeado em 15 de Fevereiro de 1838. Em 4 de Setembro de 1839 foi nomeado para ir em commissão ao Rio Grande do Sul, no commando de um vapor, sem contudo deixar o da corveta, da qual ao depois desembarcou por aviso de 22 de Agosto, para assumir o da fragata *Paraguassu*.

Promovido a Capitão de Mar e Guerra em 2 de Dezembro de 1839 contando antiguidade de 22 de Outubro de 1836, foi nomeado a 31 de Janeiro do anno seguinte para commandar a fragata *Príncipe Imperial*, estacionada na Bahia. Em 9 de Outubro passou a commandar a corveta *Regeneração*, em virtude do aviso de 6 de Julho desse mesmo anno. No commando das forças navaes estacionadas na Bahia se conservou desde 4 de Agosto de 1841 até 29 de Outubro de 1842, apresentando-se no Rio de Janeiro em 2 de Dezembro, tendo vindo de passagem no brigue escuna *Pirajá* e pouco depois de sua chegada foi nomeado commandante da fragata *Príncipe Imperial* e do Corpo de Imperiaes Marinheiros n'ella aquartellado. Exerceo este cargo até 21 de Novembro de 1843, fazendo parte da Commissão de Exames das Derrotas dos navios da Armada desde Maio desse anno.

Tendo sido nomeado para commandar as forças navaes no Rio Grande do Sul por aviso de 3 de Abril de 1844, para aquella provincia seguiu á bordo do *Paquete do Sul* em 3 Maio, assumindo o commando em 25 do mesmo mez.

A Bahia porém o attrahia; o decreto de 5 de Dezembro desse anno nomeou-o Intendente de Marinha daquella provincia; entregue o commando d'aquella força em 7 de Janeiro de 1845 e tomando passagem no vapor *Paranapitanga* apresentou-se ao Quartel General da Marinha em 20 do mesmo mez.

No brigue *Pirajá*, de passagem, seguiu o seu destino em 2 de Fevereiro, assumindo o seu posto e dezoito dias depois empossava-se do cargo, em cujo exercicio foi graduado no posto de Chefe de Divisão, por decreto de 14 de Março de 1847.

Dous annos justos depois foi promovido a Chefe de Divisão effectivo, continuando no mesmo cargo até 22 de Novembro, quando foi d'elle exonerado: continuou porém na Bahia em consequencia de licença que obteve para tratamento de saúde, isto em 15 de Maio de 1850.

Regressando ao Rio de Janeiro, por aviso de 1 de Junho de 1852 foi nomeado membro da Commissão de Exame do Armamento da Repartição de Marinha, de cuja commissão passou em 5 de Janeiro de 1853 para o de Exames de Derrotas.

Para comandar a estação naval da Bahia foi nomeado em 29 de Dezembro, seguindo no vapor *Golphinho*; assumio o commando em 3 de Fevereiro de 1854.

Chefe de esquadra em 2 de Dezembro de 1854, chegava o digno official que tanto se distinguira como valente e perito marinheiro, ao termo de sua carreira, pois a 28 de Outubro de 1856 fallecia na terra em que constituiria familia e que considerava como sua.

No honrado peito do chefe de esquadra José Joaquim Raposo ostentavam-se as seguintes condecorações: officialato da ordem do Cruzeiro, concedida em 18 de Julho de 1841; da Rosa, em 25 de Março de 1846. Possuia ainda as medallas da Campanha do Rio da Prata, da Independencia.

Joaquim Martins

CHEFE DE DIVISÃO

Nasceu em Angra do Heroismo, Ilha Terceira, archipelago dos Açores. Filho legitimo de João Martins e de d. Maria Rosa. Falleceu em Cabo Frio em 23 de Junho de 1850.

As considerações que temos feito no correr das biographias já escriptas sobre o grande numero de officiaes oriundos da ex-metropole que se deixaram ficar no Brasil, accitando a nossa nacionalidade na occasião mesma da lucta por ella, não com decidido amor de bem servil-a, se não com o'fito de não perderem os proventos dos cargos, exercidos em maioria na burocracia applica-se mais uma vez ao caso presente.

De certo modo o proceder é explicavel: passado á pessoa da familia real portugueza o imperio do Brasil, julgaram os filhos da metropole que a transmissão dos publicos serviços, organisados e providos como estavam era direito adquirido e pois deveriam continuar como dantes. E assim foi feito, com verdadeiro pasmo dos filhos do paiz, que, por fim, tiveram como sobrecarga não só todos os desmandos, desperdicios, indemnisações e malversações de toda a especie, praticadas anteriormente a sua emancipação, como a supportar a enorme classe de inactivos deixada pela côrte que se havia ido.

De Joaquim Martins, fallecido em Cabo Frio, sabemos que fôra cadete, tendo assentado praça em Lisboa e que depois passára a servir na Marinha. Como Piloto da Armada e dos navios de transportes para a India, esteve embarcado na esquadra que ás ordens de Mac Duall operára no Brasil desde 1763 a 1777, quando foi tomada a Ilha de Santa Catharina por D. Pedro Cevallos.

Em attenção ao seu proceder no combate que sustentou contra uma fragata franceza em 31 de Março de 1796 foi promovido a Segundo Tenente. Foi a India em um navio de guerra levar cadetes que haviam feito desordens.

Promovido ao posto de Primeiro Tenente em 6 de Abril do anno seguinte, passou a commandar a charrua *Polifemo* e nesse anno em 18 de Outubro, foi graduado no posto de Capitão Tenente, sendo nomeado Intendente de Marinha na Parahyba.

Tendo sido supprimida tal repartição de Marinha, embarcou na fragata *Minerva* em 13 de Novembro de 1798, apresentando-se no Rio de Janeiro em 24 de Janeiro do anno seguinte.

Promovido a Capitão Tenente effectivo em 22 de Outubro de 1805.

Nomeado commandante da escuna *Furão* em 28 de Agosto de 1807 d'ella desembarcou em 25 de Março de 1808, por ter sido promovido ao posto de Capitão de Fragata, em 13 desse mesmo mez, em virtude da promoção geral feita por D. João ao chegar ao Brasil, dando um posto de accesso a todos os officiaes.

A carreira de embarque desse official finalisou-se n'este posto, pois que sendo nomeado para ser empregado nos côrtes de madeira em Cabo Frio em 23 de Dezembro de 1808; nesse emprego foi promovido á Capitão de Mar e Guerra graduado em 13 de Maio de 1818 a effectivo a 9 de Agosto de 1824.

Reformou-se a 18 de Outubro de 1829 no posto de Chefe de Divisão. Falleceo em Cabo Frio em 23 de Junho de 1850, na avançada idade de 117 annos, tendo de residencia no logar 42 annos.



David Jewell

Chefe de Divisão

2^o VOLUME

Alister de la...
OK 07/02/04



